



**UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte**  
**CCHLA – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes**  
**PPgEL – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem**  
**Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva**  
**Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Rocha Martins**

***NARA JUSCELY MINERVINO DE CARVALHO MARCELINO***

**SENTENÇAS DE NEGAÇÃO COM**  
***É RUIM e NEM A PAU***  
**NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

**Natal, julho de 2018.**

**NARA JUSCELY MINERVINO DE CARVALHO MARCELINO**

**SENTENÇAS DE NEGAÇÃO COM  
*É RUIM* e *NEM A PAU*  
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Tese submetida ao PPgEL – *Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem* –, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Doutora em Linguística Teórica e Descritiva.

**Orientador:** Prof. Dr. Marco Antonio Rocha Martins.

**Natal, julho de 2018.**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN  
Sistema de Bibliotecas - SISBI  
Catalogação de Publicação na Fonte.  
UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Marcelino, Nara Juscely Minervino de Carvalho.

Sentenças de Negação com É ruim e Nem a pau no Português Brasileiro / Nara Juscely Minervino de Carvalho Marcelino. - Natal, 2018.  
183f.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Natal, RN, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Rocha Martins.

1. Sentenças de Negação - Tese. 2. É ruim - Tese. 3. Nem a pau - Tese. I. Martins, Marco Antonio Rocha. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 81'367



*Universidade Federal do Rio Grande do Norte*  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

ATA Nº 213

Aos trinta dias do mês de julho de 2018, às 9 horas, no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, foi instalada a comissão examinadora responsável pela avaliação da Tese de Doutorado intitulada: SENTENÇAS DE NEGAÇÃO COM É RUIM E NEM A PAU EM PORTUGUÊS BRASILEIRO, apresentada pela doutoranda NARA JUSCELY MINERVINO DE CARVALHO MARCELINO, ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, como parte dos requisitos para obtenção do título de DOUTOR EM ESTUDOS DA LINGUAGEM, área de concentração Estudos em Linguística Teórica e Descritiva. A comissão examinadora foi presidida pelo professor orientador doutor Marco Antonio Rocha Martins (UFRN) e contou com a participação dos professores doutores José Romerito Silva (UFRN), Maria Alice Tavares (UFRN), Ana Maria Martins (ULISBOA) e Rerisson Cavalcante de Araújo (UFBA), na qualidade de examinadores. A sessão teve duração de 3h 30 e a comissão examinadora emitiu o seguinte parecer: A tese trata de um tema de grande interesse descritivo e teórico, trazendo novos e relevantes dados sobre o detalhamento do tópico da negação metalinguística em português. Há consistência e coerência entre o enquadramento teórico-metodológico e a análise.

---

**Dr. ANA MARIA MARTINS, ULISBOA**  
Examinador Externo à Instituição

---

**Dr. RERISSON CAVALCANTE DE ARAÚJO, UFBA**  
Examinador Externo à Instituição

---

**Dr. JOSE ROMERITO SILVA, UFRN**  
Examinador Interno

---

**Dr. MARIA ALICE TAVARES, UFRN**  
Examinador Interno

---

**MARCO ANTONIO ROCHA MARTINS, UFSC**  
Presidente

---

**NARA JUSCELY MINERVINO DE CARVALHO MARCELINO**  
Doutorando

# DEDICATÓRIA

Ao meu marido, Márcio Marcelino de Oliveira,  
com quem compartilho o título, porque sempre foram  
inesgotáveis a sua força e o seu incentivo. Estou certa  
de que sem ele eu não teria o privilégio de estar fazendo  
uma dedicatória neste trabalho de grande relevância acadêmica.

# AGRADECIMENTOS

A DEUS, primeiramente, que é o PAI de todas as pessoas e de todas as decisões.

Ao meu marido, que, por incontáveis razões, não poderia deixar de saber que a ele sou muito e eternamente grata. Muito obrigada, amor! Devo a você tudo o que me ensinou a ser.

Aos meus filhos, Laura Marcelino e Guilherme Marcelino, pela paciência em esperar pelo meu tempo disponível; pelas vezes em que me chamaram, e eu não pude estar por perto; pela ajuda e participação criteriosa no “fazer silêncio absoluto”, para que eu pudesse estar entregue à minha produção escrita; pelas vezes em que me viram chorar e disseram: “calma, mainha. Vai acabar”. Amo vocês!

Ao meu Orientador, Professor Doutor Marco Antonio Rocha Martins, por seu constante empenho em não me deixar sem seus ensinamentos, ainda que à distância; pela sua preocupação em encontrar na sua agenda, sempre tão cheia, espaços disponíveis e me oferecer; por nunca me deixar só. Ao senhor, professor, o meu “muito obrigada!”.

À minha advogada, Doutora Ivana Barros, pela competência absoluta e evidente; por ter conseguido o meu afastamento legal e remunerado das atividades profissionais que desenvolvo, para que eu pudesse me dedicar, exclusivamente, ao desenvolvimento deste trabalho que hoje se encerra. Só eu sei o quanto seria difícil sem essa conquista. Obrigada, Doutora!

Às minhas cunhadas, Edene Fernandes de Oliveira e Ildérica Holanda, porque entenderam a minha renúncia em dividir nossos compromissos semanais, porque já era hora de me entregar à fase da escrita, tão exigente. Amo vocês!

Ao colega Lúcio Flávio Lemos, especialista em Tecnologia da Informação, que descobriu o melhor programa de *internet* para elaboração das árvores sintáticas; por ter me atendido, tantas vezes, para tirar dúvidas sobre “onde abrir colchetes” ou “fechar colchetes”, de modo que eu viesse a ter um constituinte argumento ou um constituinte adjunto. Obrigada, Lúcio!

Às minhas sobrinhas trigêmeas, Maria Clara, Maria Luíza e Maria Verônica, pelas tantas vezes em que compartilharam das minhas ideias, ouvindo-me, muitas vezes, sem entenderem

o que eu dizia (risos), mas sendo parceiras, porque queriam me ver amadurecer o meu conhecimento. A elas que, no dia da Defesa, estiveram comigo todo o tempo, sendo o meu apoio e as pessoas da minha mais extrema confiança, dedico o resultado desta jornada. Obrigada, Marias! Amo-as demais!

À minha colega de profissão e competente professora de língua inglesa, Tamy Souza Cirilo Simões, pela correção do *abstract* e das citações em inglês deste trabalho.

Aos meus colegas e profissionais da Escola Municipal Ferreira Itajubá, pelas vezes em que me apoiaram e me ouviram, sem questionarem qualquer necessária ausência.

A todos os que me acompanharam, que por mim torceram, que me incentivaram e auxiliaram de alguma forma; aos que me viram chorar e me acalmaram, sem me deixar desestimular. A todos esses que não só me desejaram sorte nessa jornada que aqui se encerra, como estiveram ao meu lado em diferentes circunstâncias, o meu mais profundo “muito obrigada”.

## RESUMO

Esta Tese se propõe a analisar a configuração sintática e a compatibilidade semântica entre as Sentenças de Negação do Português Brasileiro (PB) realizadas com os marcadores *é ruim* e *nem a pau* e o contexto em que essas sentenças são inseridas, considerando, entre outros, os pressupostos da Gramática Gerativa. No PB, as sentenças de negação são divididas em *Sentenças de Negação Proposicional* (SNP), *Sentenças de Negação Regular* (SNR), *Sentenças de Negação Metalinguística* (SNM), *Sentenças de Negação Enfática* (SNE) e *Sentenças de Negação Anafórica* (SNA). As sentenças com *é ruim* e *nem a pau* são, em sua maioria, *Sentenças de Negação Metalinguística*, uma vez que, só podendo ser efetivadas mediante uma pressuposição concretamente efetivada, estabelecem contraste ao conteúdo proposicional da pressuposição, de modo a retificar alguma variável do seu valor de verdade. Tendo em vista a projeção sintática de uma sentença, o *é ruim* é projetado sempre em *Complementizer Phrase* (CP), uma vez que é estabelecido numa sentença de *Inflectional Phrase* (IP) pleno, cujo verbo principal aparece no Indicativo, com núcleo e argumentos ocupando, devidamente, suas posições. O *nem a pau*, por sua vez, ora aparece em CP, ora em *Adverbial Phrase* (AdvP), como constituinte adjunto. Apesar de serem constituintes que estabelecem negação, esses marcadores podem ser originados em posições distintas, o que depende de eles serem constituintes periféricos ou adjuntos. Se periféricos, sofrem *merge externo* em CP, onde também se realizam; se adjuntos, são adjungidos a alguma projeção máxima, sobre a qual insere seu escopo. Dentre esses marcadores, o *é ruim* é sempre um *Marcador de Negação Metalinguística* (MNM) periférico, gerado e realizado diretamente em CP. O *nem a pau*, no entanto, é um constituinte periférico ou adjunto. Sendo assim, dependendo da posição em que se realize, se acima ou abaixo do verbo, e da pressuposição que o anteceda, se uma sentença de afirmação ou de negação, o *nem a pau* pode ser um MNM, um MNR ou um IPN. Se a pressuposição é uma sentença de afirmação, ele é um MNM ou um MNR apenas se estiver acima do verbo. Se estiver abaixo do verbo, ele é um Item de Polaridade Negativa (IPN) que estabelece relação com o *não* que nega a afirmação da *mesa* pressuposta. Em todos os casos, o *nem a pau* é um marcador periférico. Se a pressuposição é uma sentença de negação, o *nem a pau* também tem leitura de MNM, de MNR ou de IPN, sendo que ele é um MNM ou um MNR, portanto, marcador periférico, se aparecer acima do verbo. Se estiver abaixo, ele é um IPN que nega a negação na pressuposição, sendo gerado em posição de adjunto.

**Palavras-chave:** Sentença de Negação; sintaxe; *é ruim*, *nem a pau*.



# ABSTRACT

This thesis proposes to analyze the syntactic configuration and the semantic compatibility between the Sentences of Denial of Brazilian Portuguese (*PB*) carried out with the markers *é ruim* and *nem a pau* and the context in which these sentences are inserted, considering, among others, the assumptions of Generative Grammar. In *PB*, denial sentences are divided into *Propositional Negation Sentences (PNS)*, *Regular Negation Sentences (RNS)*, *Metalinguistic Negation Sentences (MNS)*, *Emphatic Negation Sentences (ENS)* and *Anaphoric Negation Sentences (ANS)*. Sentences with *é ruim* and *nem a pau* are, mostly, *Metalinguistic Negation Sentences*, once they can only be effected through the existence of a presupposition concretely realized, establishing contrast to the propositional content of the presupposition, so as to rectify some variable of its truth value. In view of the syntactic projection of a sentence, the *é ruim* is always projected in *Complementizer Phrase (CP)* since is established in a full *Inflectional Phrase (IP)* whose main verb appears in the Indicative, with nucleus and arguments properly occupying their positions. The *nem a pau*, in turn, now it appears in *CP*, now in *Adverbial Phrase (AdvP)*, as an adjunct constituent. Although they are constituents that establish negation, these markers can originate in distinct positions, which depend on whether they are peripheral constituents or adjunct. If peripherals, they suffer *external merge* in *CP*, where they also occur. If adjunct, they are attached to some maximum projection, upon which it inserts its scope. Among these markers, the *é ruim* is always a peripheral Metalinguistic Negation Marker (*MNM*), generated and performed directly in *CP*. The *nem a pau*, however, is a peripheral or adjunct constituent. Therefore, depending on the position in which it takes place, whether above or below the verb, and the presupposition that precedes it, if an affirmation or negation sentence, the *nem a pau* can be an *MNM*, an *MNR* or an *IPN*. If the presupposition is a sentence of affirmation, it is an *MNM* or an *MNR* only if it is above the verb. If it is below the verb, it is a *Negative Polarity Item (IPN)* that relates to the “no” that denies the assertion of the assumed table. In all cases, the *nem a pau* is a peripheral marker. If the presupposition is a negation sentence, the *nem a pau* also has an *MNM*, *MNR*, or *IPN* reading, however it is an *MNM* or an *MNR* if it appears above the verb, hence it is a peripheral marker. If it is below the verb, it is an *IPN* that denies the negation in the assumption, generated in the adjunct position.

**Key words:** Negation Sentence; Syntax; *é ruim* and *nem a pau*.

## SIGLAS E ABREVIATURAS

<i>cg</i>	– <i>Common Ground</i>	(Terreno Comum)
<i>CP</i>	– <i>Complementizer Phrase</i>	(Sintagma Complementizador)
<i>FocP</i>	– <i>Focalizer Phrase</i>	(Sintagma de Focalização)
<i>HMC</i>	– <i>Head Movement Constraints</i>	(Restrição de Movimento de Núcleo)
<i>IP</i>	– <i>Inflectional Phrase</i>	(Sintagma de Flexão)
<i>MNM</i>	– <i>Metalinguistic Negational Marker</i>	(Marcador Negação Metalinguística - <i>MNM</i> )
<i>PNM</i>	– <i>Propositinal Negational Marker</i>	(Marcador Negação Proposicional – <i>MNP</i> )
<i>MNS</i>	– <i>Metalinguistic Negational Sentence</i>	(Sentença Negação Metalinguística – <i>SNM</i> )
<i>NC</i>	– <i>Negative Concorde</i>	(Concordância Negativa)
<i>NegP</i>	– <i>Negational Phrase</i>	(Sintagma de Negação)
<i>PB</i>	– <i>Português Brasileiro</i>	
<i>PE</i>	– <i>Português Europeu</i>	
<i>PNS</i>	– <i>Propositional Negational Sentence</i>	(Sentença de Negação Proposicional – <i>SNP</i> )
<i>RNM</i>	– <i>Regular Negational Marker</i>	(Marcador de Negação Regular – <i>MNR</i> )
<i>RNS</i>	– <i>Regular Negational Sentence</i>	(Sentença de Negação Regular – <i>SNR</i> )
<i>TopP</i>	– <i>Topicalizer Phrase</i>	(Sintagma de Topicalização)
<i>VP</i>	– <i>Verbal Phrase</i>	(Sintagma Verbal)
$\Sigma P$	– <i>Sigma Phrase</i>	(Sintagma de Polaridade)

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	12
PRESSUPOSTOS BASILARES SOBRE AS SENTENÇAS ESTUDADAS	15
QUESTIONAMENTOS	18
HIPÓTESES	19
OBJETIVOS	20
PRINCIPAL	20
ESPECÍFICOS	21
ORGANIZAÇÃO DA TESE	21

## SEÇÃO 1 DAS SENTENÇAS DE NEGAÇÃO EM PORTUGUÊS

INTRODUÇÃO	23
1.1. As Sentenças de Negação	24
1.1.1. Sentenças de Negação e o Contexto Prévio	26
1.2. Marcadores de Negação em Português	30
1.3. Tipos de Negação em Português	35
1.3.1. Negação Proposicional – <i>SNP</i>	36
1.3.2. Negação Regular – <i>SNR</i>	37
1.3.3. Negação Metalinguística – <i>SNM</i>	39
1.3.4. Negação Enfática – <i>SNE</i>	41
RESUMO DO CAPÍTULO	42

## SEÇÃO 2 ESTATUTO TEÓRICO DAS SENTENÇAS DE NEGAÇÃO EM PORTUGUÊS

INTRODUÇÃO	45
2.1. Tipos de sentenças (Farkas e Bruce (2010))	45
2.1.1. O Conceito de Asserções Comuns	46
2.1.2. O Conceito de Asserções Responsivas	48
2.1.3. O Conceito de Interrogativas Polares	50
2.1.4. O Conceito de Polaridade	54
2.1.4.1. Polaridade Absoluta	55
2.1.4.2. Polaridade Relativa	57
2.2. Sentenças de Negação Metalinguística	61
2.2.1. Negação Metalinguística e a Ambiguidade da Sentença	65
2.2.2. Testes para Identificação de uma Sentença de Negação Metalinguística	67
2.2.2.1. Obrigatoriedade de Legitimação Discursiva	67
2.2.2.2. Compatibilidade com Itens de Polaridade Positiva	68
2.2.2.3. Incompatibilidade com Itens de Polaridade Negativa	69
2.2.2.4. Incompatibilidade com Sentenças Encaixadas	71

2.2.3.	Testes para Distinção dos Marcadores de Negação Metalinguística	73
2.2.3.1.	Posição na Frase	73
2.2.3.2.	Ocorrência Isolada ou com Fragmentos Nominais	74
2.2.3.3.	Interação com a Negação	74
2.2.3.4.	Compatibilidade com Advérbios Enfáticos que precedem o verbo	75
2.2.3.5.	Compatibilidade com Expressões Idiomáticas	76
2.2.3.6.	Compatibilidade com Estruturas Coordenadas	76
2.2.3.7.	Compatibilidade com <i>Elipse</i> do VP	77
2.2.4.	O Conceito de Polaridade nas <i>SNM</i> (Martins (2010, 2012, 2014))	78
2.3.	Sentenças de Negação Anafórica	81
2.3.1.	Testes para Identificação de uma Sentença de Negação Anafórica	83
2.3.1.1.	Contexto de Resposta	83
2.3.1.2.	Contextos de Ordem Negativa	84
2.3.1.3.	Contextos de Perguntas Polares	85
2.3.1.4.	Incompatibilidade com Interrogativas-QU	85
2.3.1.5.	Incompatibilidade com Subordinadas	86
RESUMO DO CAPÍTULO		88

### SEÇÃO 3

## DOS MARCADORES *É RUIM* E *NEM A PAU* DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

INTRODUÇÃO		90
3.1.	Das Sentenças com <i>É ruim</i>	90
3.1.1.	<i>É ruim</i> : Expressão Fixa e Cristalizada	93
3.1.2.	<i>É ruim</i> : Escopo da Negação	95
3.1.3.	Testes para as Sentenças de Negação Metalinguística	96
3.1.3.1.	<i>É ruim</i> e a Obrigatoriedade de Legitimação Discursiva	96
3.1.3.1.1.	Resposta a uma Sentença Declarativa	97
3.1.3.1.2.	Resposta a uma Sentença Interrogativa	98
3.1.3.2.	<i>É ruim</i> : Polaridade da Sentença	99
3.1.3.2.1.	Polaridade Absoluta	100
3.1.3.2.2.	Polaridade Relativa	100
3.1.3.3.	<i>É ruim</i> : Compatibilidade com Itens de Polaridade Positiva	102
3.1.3.4.	<i>É ruim</i> : Incompatibilidade com Itens de Polaridade Negativa	103
3.1.3.5.	<i>É ruim</i> : Incompatibilidade com Sentenças Encaixadas	104
3.1.4.	Testes para Distinção entre Marcadores Periféricos e Internos	105
3.1.4.1.	<i>É ruim</i> : Posição na Frase	105
3.1.4.2.	<i>É ruim</i> : Ocorrência Isolada ou com Fragmentos Nominais	106
3.1.4.3.	<i>É ruim</i> : Compatibilidade com Advérbios Enfáticos	107
3.1.4.4.	<i>É ruim</i> : Interação com a Negação	107
3.1.4.5.	<i>É ruim</i> : Compatibilidade com Expressões Idiomáticas	109
3.1.4.6.	<i>É ruim</i> : Compatibilidade com Estruturas de Coordenação	110
3.1.4.7.	<i>É ruim</i> : Compatibilidade com <i>Elipse</i> do VP	110
3.2.	Das Sentenças com <i>Nem a pau</i>	112
3.2.1.	<i>Nem a pau</i> : Expressão Cristalizada	113

3.2.2.	<i>Nem a pau</i> : Escopo da Negação	115
3.2.3.	Testes para Identificação das <i>SNM</i> e Classificação dos <i>MNM</i>	117
3.2.3.1.	<i>Nem a pau</i> : Obrigatoriedade de Legitimação discursiva	117
3.2.3.1.1.	Resposta a uma Declarativa de Afirmação	120
3.2.3.1.2.	Resposta a uma Declarativa de Negação	121
3.2.3.1.3.	Resposta a uma Interrogativa de Afirmação	122
3.2.3.1.4.	Resposta a uma Interrogativa de Negação	123
3.2.3.2.	<i>Nem a pau</i> : Polaridade da Sentença	124
3.2.3.2.1.	Polaridade Absoluta	124
3.2.3.2.2.	Polaridade Relativa	126
3.2.3.3.	<i>Nem a pau</i> : Compatibilidade com Itens de Polaridade Positiva	129
3.2.3.4.	<i>Nem a pau</i> : Incompatibilidade com Itens de Polaridade Negativa	129
3.2.3.5.	<i>Nem a pau</i> : Incompatibilidade com Sentenças Encaixadas	130
3.2.4.	Testes para Distinção dos <i>MNM</i> Periféricos dos Internos	131
3.2.4.1.	<i>Nem a pau</i> : Posição na frase	132
3.2.4.2.	<i>Nem a pau</i> : Ocorrência Isolada ou com Fragmentos Nominais	133
3.2.4.3.	<i>Nem a pau</i> : Compatibilidade com Advérbios Enfáticos	134
3.2.4.4.	<i>Nem a pau</i> : Interação com a Negação	134
3.2.4.5.	<i>Nem a pau</i> : Compatibilidade com Expressões Idiomáticas	135
3.2.4.6.	<i>Nem a pau</i> : Compatibilidade com Estruturas de Coordenação	135
3.2.4.7.	<i>Nem a pau</i> : Compatibilidade com <i>Elipse</i> do VP	136
3.2.5.	Testes para Identificação das Sentenças de Negação Anafórica, com <i>É ruim</i> e <i>Nem a pau</i>	137
3.2.5.1.	Contexto de Resposta	137
3.2.5.2.	Contexto de Ordem Negativa	138
3.2.5.3.	Contexto de Perguntas Polares	138
3.2.5.4.	Incompatibilidade com Interrogativas-QU	139
3.2.5.5.	Incompatibilidade com Sentenças Subordinadas	140
RESUMO DO CAPÍTULO		141

## SEÇÃO 4

# CONFIGURAÇÃO SINTÁTICA DAS SENTENÇAS COM *É RUIM* E *NEM A PAU* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

INTRODUÇÃO		144
4.1.	Sintaxe das Sentenças de Negação no Português	145
4.2.	Dos Marcadores de Negação no <i>PB</i>	146
4.2.1.	O Marcador de Negação Comum – <i>Não</i>	147
4.2.2.	Os Marcadores de Negação Metalinguística	150
4.3.	Projeção Sintática dos Marcadores <i>É ruim</i> e <i>Nem a pau</i>	153
4.3.1.	Do Marcador <i>É ruim</i>	154
4.3.2.	Do Marcador <i>Nem a pau</i>	158
4.3.2.1.	Com Sentenças de Afirmação	160
4.3.2.2.	Com Sentenças de Negação	164

RESUMO DO CAPÍTULO	169
CONCLUSÕES DO TRABALHO	172
BIBLIOGRAFIA	177
ANEXOS	182

## INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

O Português Brasileiro (deste ponto em diante, *PB*), assim como outras línguas naturais, dispõe de recursos linguísticos para negar uma afirmação, sem que, necessariamente, o marcador de negação por excelência, *não*, seja realizado. Nesta Tese, propomo-nos a analisar sentenças de negação que não possuem o marcador *não* como constituinte da negação, mas os marcadores *é ruim* e *nem a pau*, recorrentes na oralidade do *PB*.

Inicialmente, antes de considerarmos sentenças com *é ruim* e com *nem a pau*, observemos algumas proposições de negação possíveis no *PB*, tanto com marcador *não* quanto com marcadores diferentes do *não*:

(1) *Ana pediu dinheiro ao pai dela.*

a. *Ana NÃO pediu dinheiro ao pai (dela). Ela pediu à mãe (dela).*

b. *Ana pediu dinheiro ao pai (dela) NADA! Ela pediu à mãe (dela).*

c. *DE JEITO NENHUM Ana pediu dinheiro ao pai (dela). Ela pediu à mãe (dela).*

d. *Ana pediu dinheiro ao pai (dela) UMA OVA. Ela pediu à mãe (dela).*

As sentenças entre (1a) e (1d), com marcadores distintos em posições também distintas, se opõem à afirmação *Ana pediu dinheiro ao pai dela*, de modo que corrige o seu conteúdo proposicional, substituindo-o por *o dinheiro foi pedido à mãe, não ao pai*. Nesse contexto, as sentenças de negação entre (1a) e (1d), independente do tipo de marcador, são bem aceitas.

Atentemos, agora, para a situação comunicacional em (2), na qual o conteúdo proposicional negado está implícito, não concretamente realizado:

(2) *Ana chega de viagem amanhã.*

a. *Não mesmo. Ela NÃO encontrou o seu passaporte.*

b. *Não mesmo. ?Ela encontrou o seu passaporte NADA!*

c. *Não mesmo. ?DE JEITO NENHUM ela encontrou o seu passaporte!*

d. *Não mesmo. ?Ela encontrou o seu passaporte UMA OVA!*

Em (2), as sentenças de negação não retificam a proposição prévia, mas uma informação nela implícita. Ou seja, se na proposição está claro que *determinada pessoa chegará de viagem*, e essa viagem é *para o exterior*, os participantes dessa *mesa discursiva* pressupõem que *esse Alguém deve estar com seu passaporte em mãos*, para o que elaboram as sentenças de negação entre (2a) e (2d). No entanto, apesar de as sentenças de negação entre

(2a) e (2d) apresentarem a mesma configuração das sentenças de negação entre (1a) e (1d), somente a sentença em (2a) é adequada, haja vista que aquelas entre (2b) e (2d) não conseguem anular ou corrigir uma proposição que não tenha sido foneticamente realizada.

Diante de (1) e de (2), constatamos que há sentenças de negação que podem ser realizadas sob qualquer situação comunicativa, como aquelas com o marcador *não*, enquanto outras precisam de um contexto em que a pressuposição negada tenha sido efetivamente realizada, como aquelas com um marcador diferente do *não*. Assim, a efetivação ou ausência de uma pressuposição diferencia as sentenças de negação realizadas com o *não* daquelas realizadas com marcadores diferentes do *não*.

Além da relação *sentença de negação/contexto precedente*, as sentenças de negação se distinguem entre aquelas que anulam o conteúdo proposicional de uma proposição, substituindo-o por seu oposto, e aquelas que corrigem esse conteúdo, alterando apenas uma variável de sua configuração. Desse modo, em (3), abaixo, exibimos essa diferença:

(3) *Ana saiu com o Luiz.*

a. *Não. Ela não saiu.*

b. *Não. Ela saiu sozinha.*

Enquanto (3a) anulou o conteúdo proposicional da pressuposição, de que *Ana havia saído em companhia de alguém*, a sentença (3b) corrigiu uma variável dessa assertiva, alterando, assim, a pressuposição de que *Ana saiu em companhia de alguém* para a afirmação de que *Ana saiu, mas o fizera sozinha*. Ambas as sentenças, (3a) e (3b), são realizadas pelo mesmo marcador *não*, o que corrobora que sentenças de negação se relacionam com o contexto precedente, de modo a anulá-lo, tornando falsa uma proposição prévia, ou a corrigi-lo, retificando parte de seu conteúdo proposicional.

Além do tipo de relação que sentenças de negação estabelecem com o contexto prévio, se anuladora ou retificadora do conteúdo proposicional, as sentenças de negação podem ser analisadas conforme a maneira em que surgem numa *mesa discursiva*<sup>1</sup>, se estabelecendo mudança ou inserindo novo tópico à conversa. Observemos (4), abaixo:

(4) *José convidou Ana para sair.*

a. *Ana NÃO fez a lição de casa. Portanto, ela não pode ir.*

b. *?Ana fez a lição de casa NADA! Portanto, ela não pode ir.*

---

<sup>1</sup> Utilizaremos *mesa discursiva* para nos referirmos ao “*Pano de fundo*” (como mostraremos adiante), apontado por Farkas e Bruce (2010), sobre o qual são inseridas todas as asserções que vão estabelecendo a pressuposição dos contextos discursivos.



- c. ?*DE JEITO NENHUM* Ana fez a lição de casa! Portanto, ela não pode ir.
- d. ?Ana fez a lição de casa *UMA OVA*! Portanto, ela não pode ir.

Todas as sentenças de negação entre (4a) e (4d) são estabelecidas de modo a inserirem um novo tópico à *mesa discursiva*, mas não para se relacionar diretamente com o conteúdo proposicional da asserção prévia, uma vez que elas carregam a ideia de que *alguém não fez a lição de casa*, que não pode ser inteiramente relacionada àquela da asserção primeira, ou seja, a de que *um alguém convidou outro para sair*. Como é possível constatar, as sentenças de negação entre (4a) e (4d) são, sintaticamente, bem realizadas, mas apenas aquela com o marcador *não* parece aceitável nesse tipo de *mesa*.

A inadequação das sentenças com *nada*, *de jeito nenhum* e *uma ova*, em (4), constitui-se no fato de que esses marcadores parecem atribuir negação enfática. Portanto, dependem da efetivação de uma sentença cujo conteúdo proposicional seja explícito, para que possa recair sobre ele o escopo dessa negação enfática.

Conforme o que apontamos, sentenças de negação do *PB* podem ser realizadas com o marcador *não* ou com outros marcadores, como *nada*, *de jeito nenhum*, *uma ova*, *nem morta* – estes últimos também presentes do Português Europeu (doravante, *PE*), como mostram estudos de Martins (2010, 2012, 2014). No entanto, alguns desses marcadores apresentam restrições de realização.

Dentre os marcadores de negação do *PB*, há dois constituintes frequentes na oralidade dos falantes dessa língua, quais sejam: *é ruim* e *nem a pau*, objetos de estudo deste trabalho, sobre o qual propomo-nos mostrar, entre outros, aspectos sintáticos que motivam a realização desses constituintes.

A fim de entendermos como se dá a realização de sentenças de negação com esses constituintes, observemos a situação em (5), abaixo:

- (5) *Ana comprou um celular novo.*
  - a. *É RUIM* que comprou (um celular novo)! Ela recebeu-o de presente!
  - b. *NEM A PAU* comprou (um celular novo)! Ela recebeu-o de presente.

Sentenças com *é ruim* e *nem a pau*, como mostram (5a) e (5b), são asserções de negação realizadas pelos marcadores de negação *é ruim* e *nem a pau*, e não pelo canônico marcador *não*. O uso desses constituintes leva-nos a afirmar que negações com esses constituintes possuem uma configuração sintática específica, cujas leituras semânticas não são

equivalentes àquela disparada pela sentença de negação com *não*, uma vez que, embora sejam de negação, essas sentenças não representam uma sentença de negação comum/padrão no *PB*.

Ao longo desta tese, apresentaremos dados e informações que vão corroborando que sentenças com *é ruim* e *nem a pau* são legítimas sentenças de negação do *PB* realizadas sem o marcador *não*. Acastelaremos que elas são sentenças que dependem da realização de um contexto precedente, de modo que não podem estabelecer início ou mudança de tópico do que está posto sobre uma *mesa discursiva*. Além disso, mostraremos algumas mudanças, tanto sintáticas quanto semânticas, que são estabelecidas, quando o constituinte *é ruim* e o *nem a pau* ocupam diferentes posições na estrutura configuracional da sentença.

## **PRESSUPOSTOS BASILARES SOBRE AS SENTENÇAS ESTUDADAS**

Conforme a teoria de Princípios e Parâmetros da Gramática Gerativa, cujas bases fundamentarão este nosso trabalho, as línguas possuem Princípios Universais, comuns a qualquer sistema linguístico, e Parâmetros específicos, que distinguem as gramáticas particulares de cada língua.

Peres (2013), considerando as sentenças de negação, diz que

O conhecimento humano em geral e a faculdade da linguagem em particular incorporam [...] a capacidade que consiste em, perante uma dada propriedade conhecida, verificar [...] se uma entidade possui ou não essa propriedade [...]. [...] conhecer uma entidade é saber a que conjuntos ela pertence (e, decorrentemente, a quais não pertence) (PERES, 2013, p. 461-462).

Com base no autor, todo falante relaciona as sentenças como pertencentes ou não a determinado conjunto de propriedades comuns, incluindo-as ou excluindo-as, conforme as variáveis de cada asserção, desse conjunto. Desse modo, se o falante aceita um valor *X* como correspondente a outro valor *Y*, pertencente ao conjunto de propriedades de *Y*, ele elabora sentenças de afirmação, ao passo que, se ele não aceita que determinado valor *X* é correspondente ao conjunto de propriedades de *Y*, ele elabora sentenças de negação.

Conforme Peres (2013), portanto, sentenças de negação são incluídas no grupo de “não pertença” a determinado conjunto de propriedades comuns, podendo anular o valor de verdade da proposição, configurando uma negação plena, ou retificar alguma variável dessa proposição, representando uma negação parcial. A marca “não pertença” é registrada na asserção pelos marcadores de negação, normalmente realizadas pelo constituinte *não*.

De um modo geral, sentenças são asserções que se estabelecem com base numa parte de conhecimento comum, chamada de pressuposição, e numa parte de conhecimento não compartilhado, equivalente à informação nova, chamada de foco.

Nesse contexto, Zanfeliz (2000) afirma que

Toda sentença [...] veicula uma carga informacional que pode estar organizada em duas partes: uma que expressa a informação nova e outra que expressa a informação velha. [...] O foco é a parte da sentença que corresponde à informação nova, não partilhada pelos interlocutores. A pressuposição responde pela informação velha, compartilhada pelos interlocutores (ZANFELIZ, 2000, p. 01).

Quando a autora se refere à informação nova, à qual chama de foco, não quer dizer que necessariamente haja uma projeção de foco, na configuração sintática das sentenças, para receber constituintes focais. A expressão foco, apontada pela autora, está associada a uma das partes da sentença, que sempre se divide em duas: (i) uma parte de conhecimento comum aos interlocutores, chamada de pressuposição, e (ii) outra parte não comum, ou informação nova, que corresponde ao foco.

Considerando as sentenças de negação, quando associadas a uma proposição prévia, explícita ou implícita na *mesa discursiva*, elas também se dividem em duas partes: a informação comum e a informação nova. Enquanto a primeira é realizada nos constituintes que retomam a afirmação primeira, a segunda, ou foco, é identificada, normalmente, no marcador de negação, que exclui do conjunto verdade X, conforme Peres (2013), o valor Y.

Diante da informação de que há duas informações básicas na sentença, uma nova e outra comum, acastelamos que nas asserções de negação em (3), a pressuposição, ou informação comum, corresponde a *Ana saiu*. Por sua vez, a informação nova, com base em Zanfeliz (2000), é identificada na variável *sozinha*, que substitui outra variável, *com o Luiz*. Desse modo, as sentenças em (3) não anulam a pressuposição, mas retificam parte de sua proposição, realizando, portanto, uma negação parcial.

Em sentenças de negação do *PB*, realizadas com *é ruim* e *nem a pau*, também há os constituintes que marcam a informação comum, e outros que registram a informação nova. Os constituintes *é ruim* e *nem a pau*, assim como o *não*, estão associados à informação nova. Contudo, diferente do *não*, que é o marcador padrão de negação, o *é ruim* e o *nem a pau* são foneticamente marcados, recebendo, portanto, destaque entonacional.

Mesmo que constituintes com destaque entonacional possam ser realizados em posição *in situ*, acreditamos que, na projeção sintática, o *é ruim* e o *nem a pau* ocupam a

periferia da sentença, como os *focos contrastivos*, que se realizam em *CP*. Para corroborar essa ideia, apresentamos algumas características comuns a esses marcadores e aos constituintes focais:

01. *Há uma elevação sonora que recai sobre o é ruim e o nem a pau, equivalente ao que acontece com os constituintes focais, que têm destaque entonacional sobre eles. Os focos se realizam na periferia da sentença.*
02. *Tanto o é ruim quanto o nem a pau retificam, de forma enfática, a afirmação que os precede. Focos Contrastivos também retificam, de maneira enfática, a pressuposição. Para Marcelino (2011),*

[...] Foco Contrastivo, [...] traço discursivo [...] de contraste, correção, tendo em vista ser um constituinte que nega uma afirmação precedente, feita concomitantemente com pressuposição, e insere contraste ou correção a ela (MARCELINO, 2011, p. 49).

03. *Os focos se realizam sempre em CP, numa projeção disponível para eles, definida como FocP. Os marcadores é ruim e nem a pau também são realizados em CP, embora não ocupem a projeção FocP.*

Tanto o *é ruim* quanto o *nem a pau*, como vimos, apresentam características de constituintes que se realizam em *CP*, como o constituinte foco, o que nos permite afirmar que eles também, apesar de serem constituintes que marcam a negação, também são realizados nessa projeção periférica.

Como afirmamos, as sentenças de negação se dividem entre aquelas que dependem da realização de um contexto precedente e aquelas que independem, razão que permite que elas sejam classificadas em tipologias distintas. As sentenças de negação com *é ruim* e *nem a pau*, como aquelas com *de jeito nenhum*, *nada* e *uma ova*, inicialmente apresentadas, são sentenças que só podem ser realizadas se submetidas numa *mesa discursiva* em que tenha sido efetivada a pressuposição, sobre a qual os marcadores possam incidir sua negação.

Pelo fato de dependerem de uma relação direta com uma pressuposição, da qual retifiquem uma variável qualquer, sentenças de negação com *é ruim* e *nem a pau* se assemelham às sentenças de negação metalinguística. Além disso, por estabelecerem clara objeção à proposição, haja vista sua recusa sobre uma parte da proposição, são sentenças que têm características de sentenças de negação exclamativa. Pereira (2010) assegura que Drozd (2001) defende que as expressões idiomáticas se apresentam em negações exclamativas. Logo, como as negações metalinguísticas são realizadas com expressões idiomáticas, elas são, também, tipos de negações exclamativas.

As sentenças de negação desta pesquisa são constituídas por expressões idiomáticas que dependem da efetivação de uma proposição, sobre a qual corrigem, de maneira enfática, qualquer variável. Sendo assim, são semelhantes às Sentenças de Negação Metalinguística, quando corrigem uma variável qualquer da proposição prévia, quanto às sentenças de Negação Exclamativa, como apontou *Drozdz* (2001), quando realizam correção enfática.

Outra característica comum entre as Sentenças de Negação Metalinguística e as sentenças com *é ruim* e *nem a pau*, além do caráter exclamativo, é que elas carregam traços de polaridade relativa [*objection*], como apontou *Martins* (2012) para a polaridade relativa das Sentenças de Negação Metalinguística do *PE*.

Diante do que expomos, alguns questionamentos instigam nossa pesquisa

## QUESTIONAMENTOS

Tendo em vista que há no *PB* sentenças de negação que, independentes do marcador *não*, são realizadas com *é ruim* e *nem a pau*, as quais são frequentemente encontradas na oralidade<sup>2</sup> dos falantes do *PB*, alguns questionamentos nos fazemos, com base nos quais fundamentamos nossas hipóteses, considerando os aspectos sintático e semântico que essas sentenças representam:

- 1) *Quais projeções sintáticas e leituras semânticas essas sentenças do PB disparam?*
- 2) *Como a projeção NegP aparece – se aparece – na configuração sintática dessas sentenças?*
- 3) *Em que mesas discursivas ou contextos prévios sentenças com esses marcadores são licenciadas?*
- 4) *Quais desses marcadores são exclusivamente periféricos ou internos? E quais deles podem ser, ao mesmo tempo, periférico e interno?*
- 5) *Quantos desses marcadores, sendo internos, são realizados na periferia à esquerda?*
- 6) *Quais projeções ocupam o é ruim e o nem a pau, sejam eles periféricos e/ou internos?*
- 7) *Em qual galho de qual projeção é ruim e nem a pau se realizam: no especificador ou no núcleo?*
- 8) *Quantas periferias existem, se os marcadores estão à direita ou à esquerda?*

---

<sup>2</sup> Apesar de serem identificadas duas letras de música com a expressão *é ruim*: *É ruim que doi ficar sem o teu amor*, de César Menotti e Fabiano, e *É ruim que cê me pega*, de Gizely Dell, apresentadas nos anexos deste trabalho

- 9) *Quais desses constituintes são gerados na posição de base e quais passam por processo de movimento de constituinte?*
- 10) *De que maneira sentenças com é ruim e o nem a pau se relacionam com uma proposição de negação?*

Diante dessas indagações e da proposta que nos fizemos, ou seja, mostrar que sentenças de negação com *é ruim* e *nem a pau* são sentenças de negação metalinguística com marcadores de negação projetados e realizados em *CP*, algumas hipóteses, que expomos abaixo, conjecturamos.

## HIPÓTESES

Sentenças de negação com *é ruim* e *nem a pau* trazem a informação nova nesses marcadores da negação, haja vista o interlocutor da proposição prévia esperar, inclusive, por uma resposta de negação, mas tem em mente que ela terá o marcador *não* como constituinte da contra-afirmação.

Considerando que o *é ruim* e o *nem a pau* são marcadores de negação realizados numa sentença de projeção sintática plena, cujas posições nucleares e argumentais estão saturadas por seus respectivos constituintes, defendemos que esses marcadores são projetados na periferia da sentença, vindo a estabelecer contraste a uma variável da proposição que está sobre a *mesa discursiva*. Sendo assim, algumas hipóteses levantamos:

- (I) *O marcador é ruim, embora ocupe, muitas vezes, a última posição da sentença, é um constituinte da periferia à esquerda, considerando seu “status” sintático e a abrangência do seu escopo.*

Nesta hipótese, conjecturamos que o marcador *é ruim* aparece, exclusivamente, em posições periféricas, ocupando a periferia à esquerda da sentença, mesmo que seja, também, foneticamente concretizado no final da sentença, onde aparece acompanhado do marcador discursivo *heim*.

- (II) *O marcador nem a pau, que aparece ora em posição mais externa da sentença, ora antes ou depois do verbo, é um marcador que pode ser periférico ou adjunto, considerando a configuração sintática da sentença principal.*

Conforme esta hipótese “II”, o *nem a pau* pode ser realizado antes ou depois da sentença, sendo, portanto, um marcador periférico. Ainda, ele pode ser realizado antes ou

depois do verbo, sendo um adjunto. Independente de ser periférico ou adjunto, o *nem a pau* se estabelece sobre uma sentença plena de constituintes.

- (III) *É ruim e nem a pau* não passam por qualquer tipo de movimento, haja vista eles serem realizados diretamente em CP, ainda que *nem a pau* possa estar em adjacência ao verbo.

Tendo em vista que o *é ruim* e o *nem a pau* são projetados numa sentença plena de constituintes, eles não ocupam nenhuma projeção no IP, porque são gerados no CP. Ainda que o *nem a pau* possa, superficialmente, estar em adjacência ao verbo, ele também é um constituinte do CP, quando não ocupar posição adjunta.

Como mostramos, as sentenças analisadas neste trabalho se assemelham às sentenças de negação metalinguística, uma vez que são estabelecidas sobre uma *mesa discursiva* com pressuposição concretamente efetivada, sobre quem estabelecem contraste a alguma variável da proposição. Além disso, ambas as configurações têm traços de polaridade relativa [*objection*], própria das sentenças de negação metalinguística.

Para validar nossas hipóteses, alguns objetivos propomos para a nossa pesquisa, os quais apresentamos a partir de agora.

## OBJETIVOS

- **OBJETIVO PRINCIPAL**

*ANALISAR a configuração sintática e os traços semânticos das sentenças de negação com os marcadores é ruim e nem a pau no PB.*

O objetivo principal desta pesquisa é analisar a estrutura sintática dos constituintes das sentenças de negação com *é ruim* e *nem a pau*, no PB, de modo a evidenciar que esses marcadores de negação são projetados em posição periférica, dentro do CP, vindo a estabelecer contraste aos constituintes que estão dentro de um IP saturado. Nesse contexto, mostraremos se na estrutura sintática dessas sentenças há alguma projeção *Negational Phrase* (doravante, *NegP*<sup>3</sup>), presente nas sentenças de negação comum, bem como evidenciaremos como se dá a relação entre essas sentenças de negação e uma sentença de negação prévia.

---

<sup>3</sup> Sintagma Negativo

Além da análise sintática, consideraremos a relação semântica entre essas sentenças de negação e as pressuposições que as antecipam, de modo a confirmar se elas realmente são sentenças de negação no *PB* e, assim sendo, se se comportam como sentenças de negação metalinguística, como afirmamos. Para o alcance desse objetivo, consideraremos os contextos em que sentenças com *é ruim* e *nem a pau* podem ser realizadas, de modo a evidenciar se eles são relevantes, indispensáveis e/ou decisivos para a realização delas.

## • OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- (I) *MOSTRAR que tanto o é ruim quanto o nem a pau, independente de este ser, também, realizado em adjacência ao verbo, são gerados diretamente em CP, não passando por qualquer processo de movimento.*

Nosso propósito é revelar que os marcadores *é ruim* e *nem a pau* não são derivados de movimento, pois não são exigidos pela sintaxe em si, mas são projetados para atribuírem leitura contrastiva sobre uma asserção previamente proferida. Com base neste objetivo, o surgimento e a projeção desses constituintes na sintaxe, de modo a mostrar que eles são gerados diretamente em *CP*. Explanaremos, ainda, que essa ausência de movimento se dá porque constituintes periféricos têm mais autonomias de realização e interpretação, ao passo que os internos são solicitados por um constituinte específico.

- (II) *EVIDENCIAR que, quando os marcadores é ruim e nem a pau são realizados em posições abaixo do verbo, os demais constituintes da sentença sofrem movimento para a periferia, de onde estabelecem relação com esses marcadores de negação.*

Além de apresentarmos as origem e projeção do *é ruim* e do *nem a pau*, mostraremos que, quando eles são realizados abaixo do verbo, os demais constituintes da sentença são gerados em suas posições de origem e sobem para o *CP*, onde ocupam projeções específicas, vindo a estabelecer relação com os marcadores de negação.

## ORGANIZAÇÃO DA TESE

Esta tese está dividida em quatro seções, assim organizadas: a seção 1 aborda as sentenças de negação no português. Nesse capítulo, serão apresentados os tipos de negação em português e os marcadores de negação possíveis, a classificação das tipologias das



sentenças de negação, conforme o contexto prévio e a (in)dependência que elas têm ou não desse contexto prévio. Além disso, a seção mostra como se dá a relação entre distintas sentenças de negação.

A seção 2 traz uma revisão da literatura sobre os conceitos de asserção, asserção responsiva, perguntas polares e polaridade, subdividida em polaridades absoluta e relativa, conceitos esses que corroboram para o entendimento da classificação das sentenças deste trabalho em *sentenças-resposta*. Desse modo, nessa seção evidenciamos o porquê sentenças com *é ruim* e *nem a pau* são *sentenças-resposta*. Além disso, a seção traz o tipo de relação estabelecida entre as sentenças deste trabalho e a pressuposição.

A seção 3 aborda, especificamente, as sentenças com *é ruim* e *nem a pau* no *PB*. Nessa seção, apresentamos o papel semântico dos marcadores *é ruim* e *nem a pau*, como trazemos testes de Martins (2010, 2012, 2014) para as sentenças de negação metalinguística no PE, de modo que eles possam ratificar que as sentenças deste trabalho são legítimas sentenças de negação metalinguística no *PB*, independente do tipo de marcador e da posição que este ocupe. Além dos testes de Martins (2010, 2012, 2014) para as sentenças de negação metalinguística, a seção 3 disponibiliza testes de Cavalcante (2012) para as sentenças de negação anafórica, sob os quais as sentenças com *é ruim* e *nem a pau* são submetidas, a fim de verificar se essas sentenças, além de *SNM*, podem ser *SNA*.

A seção 4, última deste trabalho, expõe a análise sintática das sentenças com *é ruim* e *nem a pau*, de modo que apresenta as posições em que esses constituintes são gerados e realizados, vindo a corroborar que tudo acontece em *CP*. Nessa seção, apresentamos as projeções sintáticas em colchetes e em árvores sintáticas.

Por fim, faremos as devidas conclusões da pesquisa.

# SEÇÃO 1

## DAS SENTENÇAS DE NEGAÇÃO EM PORTUGUÊS

### INTRODUÇÃO

Esta seção visa a conceituar sentenças de negação, de modo a distingui-las e classificá-las em tipologias distintas. Nela, mostramos que os tipos de sentenças de negação estão associados a alguns fatores condicionantes, tais como: 1) relação com o contexto precedente, se este deve ser concretizado ou pode estar implícito; 2) posição dos marcadores na sentença; 3) ênfase que (não) recebem os constituintes marcadores da negação.

A seção está dividida em três subseções, a saber, “1.1”, “1.2” e “1.3”, distribuídas conforme o que apresentamos abaixo:

Na subseção 1.1, conceituamos as sentenças de negação, mostrando que são sentenças que se contrapõem a uma asserção prévia, ainda que implícita. Em 1.1.1, explanamos sobre a relação entre as sentenças de negação e o contexto prévio, realizado concretamente sobre uma *mesa discursiva* ou recuperável pelos participantes da conversa, uma vez que, apesar de implícito, tem um conteúdo proposicional comum a todos.

Na subseção 1.2, tratamos dos marcadores de negação em português, além do próprio marcador canônico do *PB*, o *não*. Nessa subseção, expomos as posições, disponíveis na sintaxe, em que marcadores de negação podem ser realizados, inclusive marcadores diferentes do *não*, no *PB*.

Em 1.3, trazemos os diferentes tipos de sentenças de negação no português, das quais algumas são classificadas conforme a configuração sintática dos constituintes e a relação que estabelecem com o contexto prévio, e outra é marcada pela ênfase prosódica que recai sobre a negação. Além da análise sobre a sintaxe e/ou sobre a ênfase, a subseção revela o tipo de negação estabelecida sobre a proposição prévia, ou seja, se anula toda a proposição prévia ou se corrige, apenas, algum dos seus constituintes.

Por fim, fazemos um resumo de tudo o que foi exposto na seção, além de darmos novos encaminhamentos ao trabalho desta tese apresentada.

## 1.1. AS SENTENÇAS DE NEGAÇÃO

Farkas e Bruce (2010, p. 81-82) afirmam que “*discourse unfolds against an everchanging background made up of a set of propositions already confirmed by the discourse participants, the common ground (cg), whose intersection is the context set (cs)*”<sup>4</sup>. A conversação, portanto, se realiza sobre uma *mesa discursiva* em que são colocadas diferentes asserções que vão estabelecendo as pressuposições, as quais os autores chamam de *common ground (cg)*. As sentenças lançadas sobre essa *mesa* podem ser de aceitação ou de rejeição.

Muitas das proposições lançadas sobre uma *mesa* visam, conforme os autores,

[...] proposing additions to the *cg*, rather than actually changing it is necessary in order to make room for the large variety of conversational moves that react to assertions signaling, for instance, confirmation, rejection or the need for further discussion [...]”<sup>5</sup> (FARKAS e BRUCE, 2010, p 82).

Considerando a definição de “pano de fundo”, apresentada em Farkas e Bruce (2010), assumimos que sobre uma *mesa discursiva* sentenças de negação são estabelecidas, das quais os conteúdos proposicionais visam a anular ou a corrigir um pressuposto qualquer, foneticamente realizado ou apenas implícito.

Observemos (6), abaixo:

- (6) *O Pedro fez a prova ontem.*  
a. *O Pedro **não** fez a prova.*  
b. *O Pedro fez **não** (a prova).*  
c. *O Pedro **não/num** fez a prova **não**.*

Em (6), temos, como *mesa discursiva*, a asserção *o Pedro fez a prova*, cujo valor de verdade é *alguém fez determinada prova*. As sentenças de negação entre (6a) e (6c), lançadas nessa *mesa*, anulam esse valor de verdade, retirando-o de um conjunto de propriedades comuns.

---

<sup>4</sup> O discurso se desenrola sobre um “pano de fundo” constante, composto por um conjunto de proposições já confirmadas pelo discurso dos participantes, o “terreno comum”, cuja interseção é um contexto definido. (TRADUÇÃO MINHA)

<sup>5</sup> [...] propor adições à pressuposição, ao invés de mudar o assunto, é necessário para estabelecer maior variedade de movimentos conversacionais que reagem à sinalização de asserções de confirmação, de rejeição ou pela necessidade de inserção de um discurso adicional. (TRADUÇÃO MINHA)

Outra análise que podemos fazer sobre as sentenças é que elas são constituídas de traços de polaridade, que podem ser identificados nelas mesmas, configurando a polaridade absoluta, ou identificados na relação entre sentenças, perfazendo a polaridade relativa. Assim, uma asserção de afirmação tem polaridade absoluta positiva, que se opõe a uma asserção de negação, cuja polaridade absoluta é negativa<sup>6</sup>.

As sentenças de negação entre (6a) e (6c) têm um valor de verdade oposto ao valor da sentença prévia, que está sobre a *mesa discursiva*. Sendo assim, representam uma negação sentencial. Conforme Cavalcante (2012, p. 35), “Negação sentencial é uma operação que toma uma proposição afirmativa ‘*p*’ e inverte-lhe a polaridade, ou o valor de verdade, resultando em ‘*-p*’”, o que indica que a negação sentencial substitui a polaridade de uma sentença por sua polaridade oposta. Em (6), a asserção de polaridade absoluta positiva *o Pedro fez a prova* foi substituída pelas sentenças de polaridades absolutas negativas *o Pedro não fez a prova*, equivalendo, portanto, à substituição de “*p*” por “*-p*”.

Em se tratando da capacidade de inserir asserções numa *mesa discursiva*, Peres (2013, p. 461)<sup>7</sup> afirma que “o conhecimento [...] e a faculdade da linguagem [...] incorporam [...] a capacidade que consiste em, perante uma dada propriedade conhecida, verificar [...] se uma entidade possui ou não essa propriedade”. Como essa “propriedade conhecida” corresponde ao que é tomado como valor de verdade da proposição, para cada nova sentença lançada numa mesma *mesa*, o falante, mediante as variáveis dessas proposições, as incluem ou excluem de determinado conjunto verdade, estabelecendo correspondência entre os seus valores de verdade e aquele valor da sentença prévia. Quando há correspondência entre valores, e o processo de inclusão é ativado, o falante elabora sentenças de afirmação. Por sua vez, quando não há correspondência, e é acionado o processo de exclusão, são elaboradas sentenças de negação, como sentenças de recusa.

Peres (2013) afirma que

A atividade mental de inclusão e exclusão [...] de entidade em relação a conjuntos exprime-se nas línguas naturais por meio de um sistema de **dois valores opostos**, cada um deles associado a construções próprias: o **valor positivo**, que corresponde à pertença a um conjunto, e o **valor negativo** (ou **negação**), que corresponde a não pertença a um conjunto [...] (PERES, 2013, p. 462)<sup>8</sup>.

<sup>6</sup> Sobre “Polaridade” trataremos mais adiante.

<sup>7</sup> Cf. Raposo (2013).

<sup>8</sup> O autor faz analogia da linguagem com a Teoria de Conjuntos da matemática. Sendo assim, para ele, a língua é como um conjunto de propriedades particulares, cujos elementos que devem constituir determinado conjunto

Em (6), a propriedade conhecida de que *alguém fez uma prova* não foi aceita como compatível com a propriedade de que *o Pedro* tenha sido essa pessoa, razão pela qual foram elaboradas sentenças de negação, que as excluem do grupo da outra propriedade.

Em outras palavras, Matos (2006) afirma que

[...] negação nas línguas naturais [é] uma operação que [...] permite denotar quer a inexistência da situação ou entidade originariamente reportada por essa unidade, quer o valor oposto da propriedade ou quantidade por ela designadas” (MATOS, 2006, p.769).

Como vemos, os falantes dispõem de mecanismos linguísticos para incluir, ou excluir, determinada proposição num conjunto de propriedades conhecidas, organizado conforme os valores de verdade dessas proposições e da proposição previamente estabelecida no *cg* de uma *mesa discursiva*. Nesse contexto, o conhecimento do conteúdo que está sobre *mesa* é relevante para que se possa estabelecer essa atividade de inclusão ou de exclusão de sentenças num mesmo conjunto verdade.

### 1.1.1. SENTENÇAS DE NEGAÇÃO E O CONTEXTO PRÉVIO

Autenticando a ideia de que uma sentença de negação precisa estar inserida num contexto antecipado por outro enunciado, Cavalcante (2012) afirma que

Uma sentença negativa só é usada em contextos em que a contraparte afirmativa tenha sido efetivamente levantada no discurso ou, alternativamente, se o falante [...] assume que o ouvinte crê e tem familiaridade com a proposição afirmativa em questão (CAVALCANTE, 2012, p. 36).

Nesse caso, pressuposição corresponde à versão afirmativa de uma sentença de negação. De acordo com Cavalcante, “é aquilo apresentado como necessariamente verdadeiro” (Exposição Oral, 2018). Essa pressuposição pode não ser realizada, mas estar apenas na expectativa que o falante tem do conhecimento prévio do seu ouvinte. Assim, se uma proposição de negação B não mantiver uma relação com a pressuposição de uma

---

devem ser selecionados pela relação de pertencimento ou não a esse conjunto. “Na linguagem matemática da Teoria dos Conjuntos, diz-se que uma entidade é membro de um conjunto (ou não é membro de um conjunto) – ou pertence a um conjunto (ou não pertence a um conjunto) [...]” (PERES, 2013, p. 461, nota de rodapé).

proposição A qualquer, ainda que uma pressuposição implícita, a sentença não será compreendida.

Segundo Cavalcante (2012), uma sentença de negação “-p” depende da existência de uma pressuposição “p”, ainda que esta esteja apenas no campo das ideias e não tenha sido efetivada. No entanto, se a negação não se relaciona com uma pressuposição concretamente realizada, é indispensável que ela satisfaça uma propriedade qualquer do *cg*, inserido na *mesa discursiva*.

Considerando a pressuposição e as sentenças de negação, Cavalcante (2012) diz que

[...] não seria contraditório considerar que [...] toda sentença pressupõe uma afirmação, e [...] as sentenças negativas com o *não final* têm a função de negação de pressuposições prévias. [...] A afirmação pressuposta é a base positiva para a possibilidade de enunciar [...] sentença negativa, e a pressuposição negada é apenas a contraparte afirmativa da sentença negativa (CAVALCANTE, 2012, p. 43).

Para entender, analisemos, em (7), essa característica comum às sentenças de negação:

- (7) *Amanhã vai ter show do Skank. Vai ser muito bom!*  
a. *Eu não vou ao show. Preciso estudar.*

O *cg*, nos termos de Farkas e Bruce (2010), de (7) tem como pressuposição afirmativa o valor de verdade *determinado show será muito bom*. A sentença de negação, em (7a), não anula nem corrige esse valor, pois estabelece mudança de tópico dessa *mesa*, uma vez que transporta o valor de verdade de que *alguém não pode ir a esse determinado show*.

A propriedade de mudar o tópico da conversa corresponde ao que Farkas e Bruce (2010, p. 82) apontam como o estabelecimento de “maior variedade de movimentos conversacionais”. Apesar de não negar uma proposição nem qualquer uma de suas variáveis, a sentença de negação em (7a) alcançou seu propósito, uma vez que estabeleceu relação com a pressuposição da sentença de afirmação. Conforme (7), pois, sentenças de negação também podem estabelecer novo tópico de conversa, desde que este alcance a pressuposição ou o que possa ser inferível dela.

Atentemos, agora, para a *mesa discursiva* em (8), abaixo:

- (8) *Amanhã vai ter show do Skank. Vai ser muito bom!*  
a. *?Eu não vou à praia. Preciso estudar.*

O valor “-p”, de (8a), não corresponde ao valor “p”, de (8), nem alcança o que se pode pressupor dela, que *no dia seguinte haverá determinado show*. Por isso, a sentença em (8a) perde sua função informacional na situação comunicativa, uma vez que não estabelece nenhum tipo de vínculo com a pressuposição, diferente do que aconteceu em (7a).

Além de a pressuposição equivaler ao que é verdadeiro numa sentença, ela também pode ser definida como uma, de duas, parte informacional da sentença. Assim, toda sentença se divide em duas partes informacionais: uma que corresponde ao que é de conhecimento comum entre os interlocutores, e outra que equivale a um tema de conhecimento novo para, pelo menos, um dos participantes do discurso. Segundo Zanfêl (2000, p. 01), “toda sentença [...] veicula uma carga informacional que pode estar organizada em duas partes: uma que expressa a informação nova e outra que expressa a informação velha”.

As sentenças de negação, além daquela pressuposição “obrigatória”, pois corresponde ao valor afirmativo da sentença de negação, também apresentam essa subdivisão informacional. Nesse caso, as sentenças de negação têm, em sua parte afirmativa, a informação velha, ou pressuposta, enquanto no próprio marcador da negação é identificada a informação nova. Essa informação nova é quem exclui do conjunto de propriedades comuns do *cg* a asserção.

Diante do exposto, observemos a *mesa* em (9), abaixo:

(9) *Ana comprou um celular novo.*

a. *Ana não comprou um celular novo. Ela ganhou-o de presente.*

b. *Ana não comprou um celular novo. Ela continua sem celular.*

Considerando os dois tipos de pressuposição, aquela relacionada ao valor verdadeiro de uma proposição, e aquela associada à dicotomia *informação velha/informação nova*, a relação das sentenças de negação (9a) e (9b) e a sentença de afirmação prévia, em (9), pode ser estabelecida, portanto, sob dois aspectos distintos.

Numa primeira análise, sabendo que a sentença de afirmação do *cg* tem, como pressuposição, o valor de verdade *Ana tinha um celular antigo*, as sentenças de negação, em (9a) e (9b), se relacionam com essa pressuposição de duas maneiras distintas: em (9a), a sentença de negação substitui a variável *comprar* por *ganhar*, vindo a anular a pressuposição, substituindo-a por *Ana não tem mais um celular antigo*; em (9b), a sentença de negação não retifica uma variável da afirmação prévia, mas anula toda essa sentença do *cg*. Nesse caso, a pressuposição passa a *Ana continua com um celular antigo*.

Tendo a vista as partes informacionais da sentença, tanto em (9a) quanto em (9b) a informação velha é marcada pelos constituintes que retomam a asserção de afirmação prévia. Assim, em *Ana não comprou um celular novo*, a informação velha, ou pressuposta, está nos constituintes *Ana comprou um celular novo*, enquanto a informação nova está, exatamente, no marcador *não*.

Diante do exposto, sentenças de negação são associadas, sempre, a uma contraparte afirmativa, mesmo que não realizada, a qual corresponde à pressuposição negada. Ao negar, a sentença de negação pode anular ou manter o valor de verdade dessa pressuposição. De outro modo, os constituintes das sentenças de negação transportam dois tipos de conteúdo informacional: um de conhecimento comum, e outro, novo. O conteúdo de conhecimento comum equivale à *informação velha* da sentença e está nos constituintes que retomam a afirmação. O conteúdo novo equivale à *informação nova* e é identificado no marcador de negação.

Atentemos, agora, para a *mesa discursiva* apresentado em (10):

(10) *Eu não vou à escola hoje.*

Fazendo uso daquela atividade de inclusão ou exclusão, apontado por Peres (2013), o interlocutor, antes de enunciar uma asserção de polaridade negativa “-p”, como em (10), reconhece que os seus interlocutores identificam a qual pressuposição “p” ele estabelece oposição, razão pela qual ele inicia a *mesa discursiva* com essa sentença. Sendo assim, ao efetivar a sentença de negação em (10), ele sabe que todos os participantes do discurso reconhecem que o valor de verdade da pressuposição negada é o de que *alguém deveria ir à escola*.

Como mostramos em (10), as sentenças de negação podem ser realizadas, ainda, de modo a abrirem uma nova *mesa discursiva*. Logo, podem ser efetivadas destituídas de qualquer contexto que as anteceda. No entanto, isso só é possível se o enunciador da sentença estiver ciente de que os seus interlocutores (re)conhecem qual pressuposição vem sendo negada. Nessas situações, apesar de a *mesa discursiva* ser aberta por uma sentença de negação, é indispensável que sobre o *cg* exista um valor positivo qualquer, que corresponda à pressuposição negada, conforme Cavalcante (2012).



## 1.2. MARCADORES DE NEGAÇÃO EM PORTUGUÊS

Nos parágrafos anteriores, definimos as sentenças de negação e afirmamos que elas apresentam, pelo menos, um marcador de negação, que atribui um valor negativo “-p” a um valor positivo “p”, presente na pressuposição ou inferível pela proposição. Sendo originariamente elaboradas para indeferir, as sentenças de negação podem estar desprovidas de contexto precedente, desde que uma pressuposição afirmativa qualquer possa ser recuperada.

Como sentenças de negação dependem da existência de um constituinte que marque sua polaridade absoluta negativa, todas elas apresentam, pelo menos, um marcador de negação. Dentre os marcadores, o canônico é o *não*, negador por excelência.

Conforme Peres (2013, p. 771), que analisa os marcadores de negação no Português Europeu (doravante, *PE*), “o *não* é o marcador de negação mais generalizado: para além de ser o marcador prototípico da negação frásica, pode negar sintagmas ou itens lexicais”. Desse modo, o alcance da negação do *não* tanto pode ser amplo como estreito, recaindo, portanto, sobre um constituinte ou sobre toda a sentença.

Além de ser o marcador canônico, o *não* tem a particularidade de poder ocupar diferentes posições na sentença, sendo realizado em posições *pré-verbal*, *pós-verbal* ou *final*, além de poderem ser realizados duplamente ou sozinhos na frase.

Vejamos em (11), abaixo, algumas sentenças de negação no português:

- (11) *O Pedro fez a prova ontem.*  
a. *O Pedro não fez a prova.* [Neg V]  
b. *?O Pedro fez não (a prova).* [V Neg]  
c. *O Pedro fez a prova não.* [VP Neg]  
d. *O Pedro não fez não a prova.* [Neg V Neg]  
e. *O Pedro não fez a prova não.* [Neg VP Neg]

Em (11), o *não* é um marcador único da negação entre (11a) e (11c). Por sua vez, é duplamente realizado em (11d) e (11e). Nas sentenças de dupla negação, o primeiro marcador ocupa sempre a posição *pré-verbal*, e o segundo pode ser realização em posições *pós-verbal* ou *pós-sentença*<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Apesar da “flexibilidade” de pouso do *não*, não há, no PB, dupla negação com os marcadores em duas posições *pós*: *pós-verbal* e *pós-sentença*, como em *\*O Pedro fez não a prova não*. Igualmente, não há sentenças em que o marcador *não* ocupe uma posição *pré-sentencial*, como em *\*Não o Pedro fez a prova*. A agramaticalidade de

As sentenças entre (11a) e (11c) representam, para nós, uma sentença de negação simples, porque são realizadas por um único marcador de negação, apesar de este ocupar posições distintas. Por sua vez, entre (11d) e (11e), a negação não é simples porque, além de dois marcadores de negação, o segundo marcador parece atribuir ênfase à negação realizada pelo primeiro marcador.

Cavalcante (2012), que estuda os papéis do *não/num*, em posição *pré-verbal*, e do *não*, em posição *final*, ou *pós-VP*, assegura que

[...] Há duas partículas distintas [...] responsáveis pela expressão da negação sentencial: a primeira, realizada como *não*, ou mais frequentemente como *num*, ocorre sempre em posição *pré-verbal*, enquanto a segunda, realizada sempre com o *não*, aparece em posição *pós-VP* ou final da sentença (CAVALCANTE, 2012, p. 28).

De acordo com Cavalcante (2012), os marcadores *não* em posição *pré*, mesmo que realizados como *num*, aparecem em estreita adjacência ao verbo, de modo que entre ele e o verbo não pode aparecer outro constituinte. Além disso, tendo em vista a prosódia dos dois marcadores de negação, *pré-verbal* e *final*, Cavalcante (2012) afirma que o marcador final *não* é um marcador de negação “forte” e defende a tese de que o *não*, nessa posição, nega com mais força o valor de verdade da contraparte afirmativa da negação, ou a pressuposição, que já vem sendo negada pelo *não pré-verbal*. Segundo Cavalcante (2012), o *não final* é um marcador de negação “forte”, mas não é realizado para inserir negação de reforço, como apontam alguns pesquisadores.

Nas perspectiva de Cavalcante (2012), portanto, em (11e), o *não final* não insere reforço sobre a negação realizada pelo marcador *pré-verbal*, mas atribui negação “forte”, ou enfática, sobre o valor de verdade da pressuposição negada: *o Pedro fez a prova*.

Apesar de Cavalcante (2012) não considerar o *não final* um marcador de reforço da negação, defendemos que o segundo marcador de negação é um constituinte que reforça a negação realizada pelo marcador *pré-verbal*, uma vez que a contraparte afirmativa da negação, ou a pressuposição, é negada, primeiramente, através da negação simples, e, ao ser realizado esse segundo marcador de negação, ele aparece de modo que o seu escopo alcança a negação primeira, e não a contraparte afirmativa da negação. Ou seja, o *não final* não nega uma pressuposição, mas corrobora a negação feita pelo *não pré-verbal*, razão pela qual é, para nós, um constituinte de reforço.

---

ambas as sentenças pode ser explicada pela sintaxe e constitui objeto de futuras pesquisas acadêmicas. Não trataremos, neste trabalho, dessa (im)possibilidade de realização no PB.

Sentenças de negação com o marcador *não* podem ser acompanhadas de um contexto precedente, como em (6), ou destituídas deste, como em (10), na qual a sentença de negação iniciou o tópico da conversa. Em ambas as situações, o valor de verdade de uma pressuposição afirmativa qualquer precisa ser compartilhado entre os falantes, conforme a linha de Givón (1978), quando afirma que

[...] negatives are uttered in a context where the corresponding affirmatives have already been discussed, or else where the speaker assumes the hearer's belief in – and thus familiarity with – the corresponding affirmative<sup>10</sup> (GIVÓN, 1978, p. 109).

Como a existência de um contexto prévio não é condição *sine qua non*, as sentenças com o *não* são adequadas para qualquer situação comunicativa, enquanto sentenças com outros marcadores de negação, como o *nada*, o *nunca* e o *jamais*, por exemplo, sofrem restrições de realização, pois dependem da efetivação de um contexto.

Atentemos para as sentenças em (12), abaixo:

(12) *Ana está calma!*

- a. *Ana não está calma. Ela está reflexiva.*
- b. *Ana está calma nada! Ela está reflexiva.*
- c. *Ana jamais está calma! Ela está reflexiva.*
- d. *Ana nunca está calma! Ela está reflexiva.*

A pressuposição da proposição *Ana está muito calma*, em (12), tem como valor de verdade a ideia de que *Ana está mais calma do que o normal*, para o qual as sentenças de negação entre (12a) e (12d) são produzidas. Portanto, esse valor de verdade equivale ao valor “*p*” da proposição.

Apesar de a contraparte afirmativa ser a mesma para todas as sentenças de negação elaboradas, as negativas, realizadas com constituintes diferentes, não têm o mesmo valor “*p*”: em (12a), por exemplo, “*-p*” equivale ao oposto de “*p*”, ou seja, *Ana não está calma*; em (12b), com o *nada* em posição final, o “*-p*” também é oposto ao “*p*”, equivalendo igualmente a *Ana não está calma*. Contudo, a negação de (12b) é enfática e expressa reação do interlocutor à versão afirmativa; em (12c) e (12d), respectivamente, os valores “*-p*” são análogos a *Ana nunca fica calma*. Assim, diferente do que ocorreu com (12a) e (12b), cujos

---

<sup>10</sup> “[...] negativas são expressas em contextos onde as afirmações correspondentes já foram discutidas, ou então, quando o falante assume a crença de que o ouvinte tem familiaridade com as afirmativas correspondentes”. [TRADUÇÃO MINHA]

marcadores são o *não* e o *nada*, respectivamente, que negam temporariamente a pressuposição, os marcadores *jamais* e *nunca* atribuem negação permanente ao “*p*”.

Na *mesa* em (12), as sentenças de negação se efetivaram sobre um contexto precedente. Sendo assim, não estabeleceram início ou mudança de tópico de conversa, mas se opuseram a uma pressuposição concreta. analisemos, agora, sentenças de negação que estabelecem início ou mudança de tópico de uma conversa, em (13), abaixo:

(13) *Ah, que dia lindo!*

- a. *É. Lindo mesmo! Contudo, eu não posso ir a praia hoje.*
- b. *É. Lindo mesmo! Contudo, ?eu não posso ir a praia hoje nada!*
- c. *É. Lindo mesmo! Contudo, ?eu jamais posso ir a praia hoje.*
- d. *É. Lindo mesmo! Contudo, ?eu nunca posso ir a praia hoje.*

As sentenças de negação em (13) mudam o tópico da conversa, pois não se opõem a nenhuma pressuposição “*p*” anteriormente anunciada. Assim, *a possibilidade de ir à praia*, apesar de poder ser inferida pela proposição previamente anunciada, sequer está implícita na pressuposição. Nesse caso, o valor negativo “*-p*”, *a impossibilidade de ir à praia*, não está associada a nenhum contexto prévio.

Diante dessa *mesa* em (13), a sentença em (13a) é aceitável, uma vez que o *não*, em posição canônica, pode iniciar ou mudar o tópico de uma conversação. A sentença (13b), por sua vez, que traz o *nada* como segundo marcador de negação, é inadequada, porque o *nada*, sendo um marcador enfático, expressa reação à determinada proposição “*p*”, que deve ser concretamente efetivada. A ausência desta, portanto, não permite que o *nada* alcance o seu propósito: negar e expressar reação a uma pressuposição, respectivamente. Nesse caso, o valor “*p*”, sobre quem “*-p*” reage, não pode ser recuperado pelos interlocutores. Retomando Farkas e Bruce (2011) sobre o *common ground* (*cg*), sentenças de negação com o *nada* devem trazer, no *cg*, uma pressuposição claramente realizada, não estando no campo da implicitude.

De acordo com Pinto (2010), que estuda as sentenças de negação com *nada*, no PE,

[...] a negação com *nada* exige legitimação discursiva, pelo que, face à ausência do discurso prévio, não é possível fazer uso deste tipo de estrutura. [...] uma asserção com *nada* tem de ocorrer, obrigatoriamente, na sequência de um enunciado anterior. [...] *nada* expressa necessariamente a contradição de uma asserção prévia [...]. [...] sempre que não exista uma asserção passível de ser negada, [...] a estratégia de negação com *nada* não pode ocorrer (PINTO, 2010, p. 15).

Pinto (2010) evidencia que a negação com *nada* só pode ocorrer mediante um contexto prévio, ao qual a autora se refere como enunciado anterior. A dependência desse contexto prévio se faz indispensável porque o marcador *nada* expressa negação de reação, portanto, enfática<sup>11</sup>. Para tanto, é preciso que essa reação se dê sobre uma proposição disponível no *cg*, não podendo estar apenas implícita na *mesa discursiva* em questão.

As sentenças entre (13c) e (13d), realizadas com *jamais* e *nunca*, são inadequadas à situação porque os dois marcadores, nesse contexto, sugerem negação permanente, o que não é coerente com a situação em si, que trata de um tempo determinado. Nesse caso, a incompatibilidade se dá por fatores meramente semânticos.

Para corroborar o que dissemos acerca do imprescindível estabelecimento de relação entre uma sentença de negação e uma pressuposição, esta equivalente ao que Cavalcante (2012) chamou de “contraparte afirmativa”, ainda que esta seja apenas recuperada no contexto, observemos as sentenças em (14), abaixo:

(14) *Maria não foi à praia com Ana.*

a. *Ela nunca pode ir à praia, quando Ana convida.*

b. *Ela jamais pode ir à praia, quando Ana convida.*

As sentenças de negação em (14), também realizadas com *nunca* e *jamais*, não são inadequadas à situação comunicativa, porque o valor “-*p*”, presente em ambas as negativas, pôde ser correspondido a um valor “*p*” qualquer, implantado na asserção de afirmação. Assim, esse valor “*p*” pode ser interpretado como *Maria não quis ir à praia com Ana*, foi substituído pelo valor “-*p*”, *ela sempre recusa, quando convidada*.

Tratamos, nesta subseção, de alguns dos diferentes marcadores de negação em português, inclusive o *não*. Além disso, afirmamos que todas as sentenças de negação são dependentes de uma pressuposição, a qual foi definida por Cavalcante (2012) como a “contraparte afirmativa” da negação, podendo esta ser efetivamente realizada ou estar implícita na proposição que antecede a negação numa *mesa discursiva*.

Mesmo com a possibilidade de uma pressuposição subentendida, nem todos os marcadores admitem esse contexto implícito, em particular, os contextos em que ocorre a negação enfática, ou negação de reação, porque essas sentenças não podem iniciar nem mudar

---

<sup>11</sup> “O termo negação enfática tem sido usado para designar diferentes estratégias de reforço da negação” (cf. Pinto (2010)). Para nós, a negação de reação é enfática porque, além de o marcador *nada* se comportar, também, como um marcador de reforço, a reação que ele insere sobre a proposição que nega é feita com ênfase prosódica.

o tópico de uma conversa, pela razão de configurarem *negativas-réplica*<sup>12</sup> a uma proposição precedente, obrigatoriamente, portanto, dependentes da concretude de uma pressuposição.

A realização ou não de um contexto prévio é fator condicionante para a divisão das sentenças de negação em tipologias distintas, a saber: 1) Sentença de Negação Proposicional (ou *SNP*); 2) Sentença de Negação Regular (ou *SNR*), 3) Sentença de Negação Metalinguística (ou *SNM*) e 4) Sentença de Negação Enfática (ou *SNE*), sobre as quais discorreremos a partir da próxima subseção.

### 1.3. TIPOS DE SENTENÇAS DE NEGAÇÃO EM PORTUGUÊS

Embora todas as sentenças de negação se imponham sobre o valor de verdade de uma pressuposição, elas não são iguais. Há sentenças cuja realização fonética de um contexto prévio é prerrogativa indispensável, enquanto outras, apesar de poderem dispor desse contexto, dele não dependem. Assim, retomemos em (15a), abaixo, aquela sentença em (6a):

- (15) *Vou encerrar meu diário.*  
a. *O Pedro não fez a prova.*

A sentença em (15a) é aceitável, porque, embora não tenha sido efetivada sobre uma *mesa* em que, no *cg*, há a pressuposição claramente efetivada, nele podemos encontrar duas informações: 1) *alguém encerrará um registro acadêmico* e 2) *esse encerramento se dará porque não há mais nenhuma pendência*. Como a sentença em (15a) tem como contraparte afirmativa um valor análogo a *alguém não fez a prova*, que responderia à pressuposição de *não mais haver pendência*, esse valor recai sobre a informação implícita na proposição colocada sobre essa *mesa*.

Observemos outra *mesa*, como em (16), abaixo:

- (16) *Já vou encerrar meu diário.*  
a. *?O Pedro não fez não a prova.*

Em (16a), a sentença de negação, apesar de ser semelhante, mas não equivalente, àquela em (15a), não é aceita no contexto, porque ela apresenta dupla negação. Como o segundo marcador de negação, *não*, estabelece reforço à negação realizada pelo primeiro marcador, uma vez que o seu escopo recai sobre o primeiro *não* e o *verbo*, sentenças de dupla

---

<sup>12</sup> Chamamos “negativas-réplica” as sentenças que dependem de um contexto foneticamente realizado para contestarem o seu valor de verdade.

negação devem ser realizadas sobre uma *mesa discursiva* que tenha, no *cg*, uma pressuposição efetivamente realizada, o que não acontece em (16).

A inadequação da sentença de negação em (16a) se dá porque a sua contraparte afirmativa equivale a *alguém fez determinada prova*. Logo, o escopo da negação do segundo marcador recai sobre o ato de essa avaliação específica *não ter sido feita*. No entanto, a pressuposição que antecede a negação tem como valor de verdade a ideia de que *alguém encerrará um diário escolar*, não coerente com a contraparte afirmativa da negação, razão pela qual o segundo marcador *não* é incapaz de alcançar seu alvo da negação.

Assim como há sentenças de negação que independem de um contexto foneticamente realizado, desde que este possa ser retomado entre os participantes da comunicação, há sentenças que não podem prescindir da realização dessa pressuposição.

Considerando a relação das sentenças de negação com o contexto precedente, elas se classificam em tipologias distintas, considerando estudos em *Horn* (1985) e *Martins* (2010a/2012): 1) Negação Proposicional; 2) Negação Regular; 3) Negação Metalinguística, das quais falaremos agora.

### 1.3.1. NEGAÇÃO PROPOSICIONAL – SNP

Considerando que existe uma *mesa discursiva* sobre a qual há um *common ground* (*cg*) que acumula as proposições que servem de pressuposições, *Sentença de Negação Proposicional* (de agora em diante, *SNP*) é toda sentença de negação que, lançada sobre uma *mesa* qualquer, não necessita que a pressuposição tenha sido foneticamente realizada, pois é uma sentença de negação que pode estabelecer mudança de tópico ou iniciar uma conversa, de acordo com a sentença em (15a): *o Pedro não fez a prova*.

Segundo *Martins* (2010a),

[...] produzidas numa situação de fala que inicia uma conversa (ou estabelece mudança de tópico), [...] descrevem um estado de coisas, e a negação que as integra pode apenas ser interpretada como negação proposicional (MARTINS, 2010, p. 14).

Desse modo, uma *SNP* pode ser interpretada como uma proposição de negação que, sendo necessariamente associada a uma pressuposição, que equivale à sua contraparte afirmativa, não depende da concretude dessa numa *mesa discursiva*, uma vez que ela permite que os interlocutores possam inferi-la. Como mostrou aquela sentença de negação em (15a),

ela estabeleceu mudança de tópico da conversa, sem comprometer o entendimento dos interlocutores ou a pressuposição que estava sobre a *mesa*.

Cavalcante (2012, p. 43) afirma que “[...] a pressuposição negada é apenas a contraparte afirmativa da sentença negativa”. Assim, a proposição em (15a) foi compreendida pelos participantes da comunicação, porque, mesmo sem conhecerem a pressuposição com a qual a sentença de negação estava se relacionando, puderam identificá-la e retomá-la. Logo, a sentença em (15a) é correspondente a uma *SNP*.

A sentença de negação em (7a), da *mesa* (7), é uma *SNP*, pois, uma vez que não tenha entrado no *cg* a interrogativa *você vai ao show?*, foi possível para os participantes inferirem, da pressuposição exposta, o valor de verdade implícito de que *alguém iria ao show*.

Além de poderem se opor a uma pressuposição implícita, as *SNP* são sentenças que anulam o valor de verdade de uma pressuposição, estabelecendo, portanto, a relação *valor falso/valor verdadeiro*. Desse modo, aquele valor de verdade afirmativo “*p*”, apresentado por Cavalcante (2012), de uma proposição prévia, transforma-se em seu valor oposto, “*-p*”, se a sentença é uma *SNP*. Como anulam um valor de verdade, o escopo das *SNP* é amplo, recaindo, portanto, sobre todos os constituintes da asserção.

As *SNP* apresentam algumas características comuns, sendo, a principal delas, a independência de um contexto prévio que as licencie. Assim, podem ocorrer como início de conversa ou mudança de tópico. Como é uma sentença que pode iniciar ou mudar o tópico de uma conversa, a *SNP* só pode ser efetivada com os marcadores em posição canônica. Ou seja, são realizadas com marcadores em posição *pré-verbal*, preferencialmente o marcador *não*, uma vez que outros marcadores, mesmo que *pré-verbais*, disparam negação enfática, incoerente com a ausência de contexto precedente.

### 1.3.2. NEGAÇÃO REGULAR – *SNR*

A *Sentença de Negação Regular* (daqui por diante, *SNR*) se assemelha às *SNP*, visto que ambas anulam o valor de verdade de uma pressuposição. Contudo, diferente da *SNP*, a *SNR* exige que o *cg* da *mesa discursiva* tenha claramente expressa a pressuposição, cujo valor de verdade a *SNR* inverte. Assim sendo, a pressuposição de uma *SNR* não pode ser apenas inferida pelos participantes do discurso ou está implícita na *mesa*. Ela deve ser foneticamente concretizada.

Observemos as sentenças em (17), (18) e (19), abaixo:



- (17) *Ana vai à praia conosco.* (sentença declarativa)  
 a. *Ana não vai (à praia). Ela precisa estudar.*
- (18) *Ana, você vai à praia conosco?* (sentença interrogativa)  
 a. *Eu não vou (à praia com vocês). Preciso estudar.*
- (19) *Ana, você vai à praia com seus amigos! Não discuta!* (sentença imperativa)  
 a. *Eu não vou (à praia)! Preciso estudar!*

As sentenças em (17), (18) e (19) são sentenças de negação que se opõem a três tipos de asserções: uma sentença declarativa, em (17); uma interrogativa, em (18); e uma imperativa, em (19). Independente do tipo de sentença, as *SNR* são bem aceitas, porque negam o valor de verdade de uma pressuposição realizada no *cg*.

Como dependem da existência de um contexto fonético, as *SNR* se comportam como *sentenças-resposta*, ainda que não necessariamente a uma proposição interrogativa. Assim, não podem iniciar ou mudar o tópico de uma conversa, como acontece com as *SNP*, porque as *SNP* se realizam independentemente da realização de um contexto prévio, o que não acontece com as *SNR*.

Ao se relacionarem com a pressuposição, as *SNR* anulam o seu valor de verdade, transformando em *falso* um valor apontado como *verdadeiro*, semelhante às *SNP*, que também anulam um valor de verdade, embora este possa estar implícito no *cg*. Pelo fato de anularem todo o valor de verdade, as *SNR* também são sentenças de escopo amplo, que recai sobre todos os constituintes da proposição prévia.

Tendo em vista a variedade de constituintes responsáveis pela negação no *PB*, uma *SNR* pode ser realizada com diferentes marcadores, além do canônico *não*, em diversas posições, acima ou abaixo do verbo, porque são sentenças que podem, concomitantemente, realizar negação enfática, haja vista serem inseridas numa *mesa discursiva* com pressuposição concreta, condição indispensável que viabiliza essa negação enfática.

Diante disso, vejamos as sentenças de negação na *mesa* (20), abaixo:

- (20) *O Pedro fez a prova hoje.*  
 a. *O Pedro fez a prova nada! Ele faltou à aula.*  
 b. *O Pedro não fez prova de jeito nenhum! Ele faltou à aula.*

A proposição que antecipa a sentença de negação apresenta o valor de verdade *alguém fez uma prova*, do qual as negativas em (20a) e (20b) anulam o valor de verdade, sendo a negação realizada pelos marcadores *nada* e *de jeito nenhum*, marcadores de negação enfática. Ambas as sentenças, portanto, são *SNR*, porque não só são dependentes de um

contexto previamente efetivado, como anulam o valor de verdade de uma proposição. No caso, o valor *alguém fez a prova*, da pressuposição, foi substituído pelo valor oposto *o Pedro não fez a prova*.

### 1.3.3. NEGAÇÃO METALINGÜÍSTICA - *SNM*

*Sentença de Negação Metalingüística* (de agora em diante, *SNM*) é uma sentença que, também dependente da efetivação fonética de uma pressuposição, tem um conteúdo proposicional que não estabelece relação do tipo *valor falso/valor verdadeiro* com o conteúdo proposicional da pressuposição, porque não o anula, como as *SNP* e *SNR*. As *SNM* se relacionam com essa pressuposição explícita de modo a retificar alguma variável sua. Ou seja, como toda sentença de negação tem, obrigatoriamente, uma contraparte afirmativa pressuposta, as *SNM*, ao se relacionarem com essa contraparte afirmativa, não o anulam, mas se opõem a alguma variável nela inserida.

Como as *SNR*, a *SNM* é uma asserção de negação que só pode acontecer se submetida a um contexto prévio, lançado no *cg*, que não pode estar no campo da inferência. Ausente desse contexto previamente ativado, a *SNM* compromete o entendimento dos participantes da *mesa discursiva*.

Segundo Pereira (2010),

[...] ao contrário da negação regular, a negação metalingüística não implica, necessariamente, a falsidade da proposição sobre a qual estabelece um comentário. Mesmo assumindo-se que essa situação pode acontecer, a negação metalingüística registra, sobretudo, uma objecção relativamente à assertibilidade de uma asserção (PEREIRA, 2010, p. 7).

Como *SNM* e *SNR* são sentenças que devem ser estabelecidas numa *mesa discursiva* em que a pressuposição tenha sido ativada no *cg*, elas se distinguem, entre si, quanto ao tipo de negação que realizam sobre o valor de verdade dessa pressuposição. Considerando que todas as sentenças de negação se relacionam com uma contraparte afirmativa qualquer, enquanto a *SNR* substitui o valor de verdade da pressuposição por seu valor oposto, implicando em *valor falso/valor verdadeiro*, a *SNM* retifica uma variável desse valor de verdade, vindo a estabelecer, portanto, relação do tipo *valor correto/valor incorreto*.

Diante do exposto, observemos a *mesa* em (21), abaixo, para distinguirmos as *SNR* das *SNM*:

- (21) *Ana comprou um celular novo.*  
a. *Ela não comprou nenhum celular. Eu falei com ela ontem.*  
b. *Ela não comprou um celular novo. Sua mãe deu um de presente.*

O valor de verdade da pressuposição do *cg* da *mesa* em (21) é o de que *alguém comprou um novo aparelho celular*. A sentença de negação em (21a) traz o valor de verdade *ninguém comprou nenhum celular*, oposto ao valor da pressuposição. Por sua vez, o valor de verdade da sentença de negação em (21b) é *alguém recebeu um novo aparelho celular*, que se opõe à pressuposição, mas não a descarta, já que houve, apenas, a substituição da variável *comprar* pela variável *receber*. Desse modo, a sentença de negação em (21a) corresponde a uma *SNR*, porque anula a pressuposição, enquanto a sentença de negação em (21b) se comporta como uma *SNM*, porque, não anulando uma pressuposição, a retifica.

Em Pinto (2010, p. 5-6) vemos que “a negação metalinguística é entendida como um tipo particular de negação que, ao contrário da negação regular, não se relaciona com os conceitos de verdade e falsidade das proposições negadas”. Conforme a autora, portanto, as *SNM* são tipos especiais de negação que submetem determinadas proposições às convicções particulares dos participantes de uma *mesa*, pois atribuem à sentença prévia um julgamento corretivo, não anulatório. Como, portanto, a relação entre a pressuposição e a *SNM* não é do tipo *falso/verdadeiro*, mas *correto/incorreto*, a *SNM* é uma sentença de negação corretiva.

Pereira (2010), por seu turno, diz que

[...] a negação metalinguística representa um uso especial de negação, que reflecte, invariavelmente, uma objecção relativamente a determinado aspecto de uma asserção anterior (sem implicar, obrigatoriamente, a sua falsidade) (PEREIRA, 2010, p. 7).

Consoante Pereira (2010), as *SNM* representam objecção não a toda uma asserção prévia, mas a uma parte dela. Ou seja, é uma sentença que expressa a não aceitação de uma pressuposição como verdadeira. Pinto (2010) diz que a *SNM* permite contestar uma afirmação pressuposta, o que não equivale a dizer que ela seja falsa. A contestação a parte da pressuposição fica clara na *mesa* em (21), quando a sentença em (21b), opondo-se à ideia da *compra* de um novo aparelho celular, afirma que esse aparelho foi *recebido*.

Como vimos, a relação da sentença de negação com o contexto prévio é um dos fatores responsáveis pela classificação das sentenças de negação em tipos distintos, o que pode, do mesmo modo, assemelhar essas sentenças ou separá-las: 1) embora *SNP* e *SNR* anulem o conteúdo proposicional de uma pressuposição, elas não são equivalentes, porque

apenas as *SNR* exigem a efetivação de uma pressuposição; 2) enquanto *SNR* e *SNM* dependem da efetivação de uma pressuposição, as *SNM* não estão associadas à veracidade ou à falsidade dessa pressuposição, enquanto as *SNR* implicam em valores *falso* ou *verdadeiro*.

A propriedade mais relevante das *SNM*, mas não a única, é que elas só podem ser realizadas sob o domínio de um contexto prévio que as licencie, uma vez que são sentenças que corrigem uma proposição, expressando objeção ao seu conteúdo proposicional. Levando em conta o contexto em que são realizadas, Pereira (2010, p. 36) afirma que “a negação metalinguística é sempre a contestação de uma asserção precedente”. Portanto, a asserção contestada precisa ter sido efetivada no *cg*, não podendo estar implícita. Referente a essa asserção prévia, foneticamente realizada, Pereira (2010, p. 39) diz que “[...] tem de ser [...] uma asserção proferida por outro falante [...]”. Ou seja, a pressuposição sobre a qual a *SNM* se impõe é sempre estabelecida por outro participante do discurso, uma vez que o enunciador da *SNM* não contesta uma afirmação que ele mesmo proferiu.

Pelo fato de negarem apenas alguma variável da proposição, o escopo das *SNM* é estreito, recaindo sobre o constituinte o qual retifica. Esse caráter estreito do escopo pode ser confirmado quando, comumente, logo após a realização de uma *SNM*, o interlocutor introduz uma asserção de afirmação, que estabelece qual parte da sentença foi retificada. Essa relação de escopo estreito do marcador de negação da *SNM* com uma variável da pressuposição pode ser confirmada em (21b), quando a *SNM* corrigiu uma parte da pressuposição, substituindo o valor de verdade, *alguém comprou um novo aparelho celular*, por *alguém recebeu um novo aparelho celular*.

Além da relação com o contexto prévio e do escopo estreito da negação, as *SNM* utilizam marcadores diferentes do *não*, como o *nada*, o *de jeito nenhum* ou o *uma ova*<sup>13</sup>, para estabelecer rejeição à proposição. Como fazem uso de constituintes de negação enfática, são sentenças que expressam, também, negação “forte”, conforme Cavalcante (2012), característica que também as tornam dependentes da realização de um contexto prévio. Por estabelecerem também negação enfática, os marcadores da *SNM* têm destaque entonacional, o que ratifica a ênfase da oposição à afirmação proposta previamente.

Cavalcante (2012, p. 136) fala da negação enfática e diz que se trata de uma “rejeição ‘mais forte’ a uma proposição”, da qual falaremos abaixo.

---

<sup>13</sup> Cf. Pereira (2010).

#### 1.3.4. NEGAÇÃO ENFÁTICA - SNE

*Sentença de Negação Enfática* (doravante, *SNE*) não é classificada conforme a relação que estabelece com um contexto precedente, mas de acordo com a efetivação fonética dos seus constituintes: se é uma negação neutra ou “forte”. Ou seja, sentenças de negação são *SNE* de acordo com a expressividade da sua elocução, que normalmente tem destaque entonacional na pronúncia, cujo alvo é o próprio marcador da negação. O que confirma também que a classificação de uma *SNE* está relacionada à prosódia dos seus constituintes se confirma no fato de que uma *SNR* ou uma *SNM* podem ser *SNE*.

Como as *SNE* são sentenças de ênfase fonética, elas podem ser tratadas como sentenças exclamativas, o que faz com que seus marcadores ocupem posições sintáticas em que recebam destaque entonacional.

Como os marcadores de negação em posições *pós* são constituintes de negação enfática que transmitem reforço à negação realizada pelo marcador *pré-verbal*, corroboramos com o *Ciclo de Jespersen* (Jespersen 1917), a partir do qual os marcadores *pré* tornaram-se foneticamente fracos, provocando a realização de constituintes *não* em posição *pós*, como uma espécie de marcadores de reforço da negação.

Cavalcante (2012), considerando o *Ciclo de Jespersen* (1917), afirma que

[...] um marcador negativo pré-verbal [...] é foneticamente fraco [...]; a fraqueza fonética [...] cria a necessidade de reforço da negação [...] a partir do uso de partículas ou expressões enfáticas [...]. Essas partículas não são inerentemente negativas, e o seu uso, a princípio, é opcional, mas, em um segundo momento, elas adquirem um traço negativo e passa a coocorrer obrigatoriamente com o marcador pré-verbal (CAVALCANTE, 2012, p. 137).

Cavalcante (2012) assegura que, consoante *Ciclo de Jespersen*, o aparecimento do segundo marcador *não* se dá devido à força elocucionária fraca do marcador canônico, o que denotaria uma negação incerta, incapaz de anular uma pressuposição. Por isso, surgiu um segundo marcador de negação, para auxiliar essa negação fraca, de modo não só a reforçá-la, mas, principalmente, de modo a transmitir-lhe ênfase fonética.

De acordo com a tese que defendemos, nas sentenças com o *não pós-VP*, seja ela de dupla negação ou não, o marcador mais à direita dá à sentença leitura enfática.

## RESUMO DO CAPÍTULO

Este capítulo conceituou as sentenças de negação em português, classificando-as em quatro tipos distintos. Dependendo da relação que estabelecem com o contexto precedente as sentenças de negação se dividem em *SNP*, *SNR* ou *SNM*. Conforme a ênfase fonética sobre os constituintes, ela é uma *SNE*.

Além dos tipos de sentenças de negação, tratamos neste capítulo do escopo dos constituintes negadores, afirmando que as sentenças que anulam o conteúdo proposicional de uma pressuposição têm escopo amplo, ao passo que aquelas que retificam alguma variável da pressuposição têm escopo estreito.

Inicialmente, afirmamos que sentenças de negação são sentenças em cujas configurações sintáticas há, pelo menos, um constituinte que nega, total ou parcialmente, o conteúdo proposicional de uma pressuposição, que pode ter sido lançada numa *mesa discursiva* – que contém um *cg* –, ou estar apenas implícita no conhecimento comum dos participantes do discurso.

Embora a pressuposição seja uma das prerrogativas para a efetivação de uma sentença de negação, mesmo que essa esteja no campo das inferências, há sentenças de negação que podem introduzir um comentário novo na *mesa* ou estabelecer mudança de tópico da conversa, afastando-se, pois, da necessidade de realização de um contexto prévio. De outro modo, há sentenças de negação que só podem ser estabelecidas sobre uma *mesa discursiva*, se nela já tiver sido efetivada uma pressuposição, não sendo possível que essa pressuposição esteja implícita no contexto.

Como há mais de um constituinte que pode ser marcador da negação, trouxemos neste capítulo alguns marcadores de negação existentes no *PB*, evidenciando que o *não*, apesar de ser o marcador canônico, não é o único que se realiza. Dentre os marcadores, afirmamos que o *não* é o único marcador que pode aparecer em diferentes posições na sentença, sendo, porém, impossível que sua realização preceda todos os demais constituintes, a não ser quando ele funciona como um constituinte realizado isoladamente, por que houve *elipse* dos constituintes que já fizeram parte da pressuposição.

Quanto aos marcadores de negação, mostramos que há sentenças de negação com um marcador único, como há aquelas que se apresentam com mais de um marcador, sendo, nesses casos, o primeiro marcador realizado, exclusivamente, em posição *pré-verbal*, e o segundo, ora em posição *pós-verbal*, ora em posição *final*. Asseguramos que, na dupla negação, não há, no *PB*, sentenças de negação com os dois marcadores em posições *pós*, *pós-verbal* e *pós-VP*,

uma vez que, nessas posições, eles são marcadores de reforço da negação, dependentes, portanto, de um marcador *pré-verbal*, sobre o qual possam inserir sua negação.

Considerando quatro tipos possíveis de sentenças de negação, cuja classificação depende, essencialmente, da relação entre a sentença de negação e a pressuposição, afirmamos que as *Sentenças de Negação Proposicional*, ou *SNP*, são aquelas que, podendo iniciar ou estabelecer mudança de tópico da conversa, porque independem da realização de uma pressuposição, elas anulam o conteúdo proposicional de uma proposição, ainda que implícita.

Semelhante às *SNP*, as *Sentenças de Negação Regular*, ou *SNR*, são sentenças que também anulam o conteúdo proposicional de uma pressuposição. No entanto, diferente das *SNP*, as *SNR* não estabelecem início de conversa ou mudam o tópico da mesma, porque dependem da efetivação de uma pressuposição.

As *Sentenças de Negação Metalinguística*, ou *SNM*, semelhante às *SNR*, são sentenças dependentes, também, de uma pressuposição concretamente efetivada no *cg* de uma *mesa discursiva*. No entanto, apenas as *SNM* interpõem oposição ou objeção a uma variável da pressuposição, fato que nos faz defender que elas retificam parcialmente o conteúdo proposicional da pressuposição, não implicando na sua falsidade. Portanto, enquanto as *SNR* contrapõem valores *falso/verdadeiro*, *SNM* estabelecem relação de valores *correto/incorreto*.

Além das *SNP*, *SNR* e *SNM*, trouxemos, ainda, neste capítulo, *Sentenças de Negação Enfática*, ou *SNE*, cuja classificação não está relacionada à relação da *SNE* com um contexto prévio, como as demais, mas com a elevação prosódica que recai sobre o constituinte marcador da negação. Pelo fato de apresentar destaque entonacional, definimos também, as *SNE* como uma sentença exclamativa.

No próximo capítulo, fazemos uma revisão da literatura linguística sobre as sentenças de negação, tanto no Português Europeu (*PE*), quanto no Português Brasileiro (*PB*). Dentre os pesquisadores, abordaremos, principalmente, estudos de Farkas e Bruce (2011) sobre os conceitos de *Asserções Responsivas*, as quais, para nós, é a base de realização das sentenças de negação com os marcadores de negação deste nosso trabalho. Além de Farkas e Bruce, trataremos da literatura que estuda as *SNM* no PE, principalmente considerando aqueles marcadores de negação metalinguística estudados por Martins (2010, 2012 e 2014).

## SEÇÃO 2

# ESTATUTO TEÓRICO DAS SENTENÇAS DE NEGAÇÃO NO PORTUGUÊS

## INTRODUÇÃO

Esta seção objetiva fazer um aprofundamento teórico sobre as sentenças de negação, tanto no *PB*, quanto no *PE*, bem como sobre as situações comunicativas em que elas frequentemente se realizam.

Na subseção 2.1, consideramos os conceitos de *asserções*, *asserções responsivas* e *perguntas polares*, fundamentais para a compreensão do contexto que precede a negação, com fundamentação em Farkas e Bruce (2010).

Na subseção 2.2, apresentamos as *Sentenças de Negação Metalinguística (SNM)* e os testes que classificam as *SNM* e os seus marcadores, conforme apontamentos de Martins (2010, 2012 e 2014).

Em 2.3, para distinguirmos e separarmos as *SNM* das *Sentenças de Negação Anafórica (SNA)*, trazemos o conceito desse tipo de sentença de negação. Na subseção, apresentamos, também, testes de Cavalcante (2012) para identificação e classificação de uma *SNA*, bem como dos seus marcadores.

Por fim, fazemos um resumo de todo o capítulo.

### 2.1. TIPOS DE SENTENÇAS (Farkas e Bruce, 2010)

Como vimos ao longo da primeira seção, sentenças de negação têm uma estrutura sintática na qual um marcador de negação – geralmente, mas não exclusivamente, o *não* – insere oposição/contraste a uma proposição prévia, esteja ela explicitamente efetivada ou implícita no *cg* de uma *mesa discursiva*. Considerando essa proposição pressuposta, quando os interlocutores elaboram as sentenças, eles relacionam os valores de verdade das proposições da *mesa*, de modo a estabelecerem uma relação de pertença ou não pertença a determinado conjunto de propriedades comuns. Sendo a sentença de negação, é identificado o valor de não pertença a esse conjunto.



Considerando Farkas e Bruce (2010), numa situação comunicativa, os participantes são inseridos num evento de interação sócio-comunicativa, no qual são expostos a diferentes asserções e sobre elas se posicionam, podendo concordar ou discordar do que é afirmado, sendo motivados a estabelecerem novas asserções.

Farkas e Bruce (2010) afirmam que

One of the cornerstones of work on discourse structure is Stanalker (1978), where it is suggested that discourse unfolds against an ever changing background made up of a set of propositions, already confirmed by the discourse participants, the common ground (*cg*), whose intersection is the context set (*cs*)<sup>14</sup> (FARKAS e BRUCE, 2011, p. 82).

Conforme Farkas e Bruce (2010), os discursos são estabelecidos sobre uma *mesa discursiva*, onde são geradas e lançadas diferentes asserções. Essa *mesa* é o que os autores chamam de “segundo plano em constante mudança”, de Stanalker (1978). Nessa *mesa discursiva*, as interlocuções vão sendo estabelecidas e vão se empilhando em novas e constantes proposições, até constituírem o *Common Ground (cg)*, que pode ter sentenças explicitamente lançadas na *mesa* ou que estão implícitas em outras proposições. Desse modo, numa *mesa discursiva* é efetivado um grupo de asserções que vão configurando as pressuposições abrigadas num *cg*. Sentenças de negação são asserções que, como todas as asserções lançadas sobre uma *mesa discursiva*, fazem parte do *cg* e se caracterizam por estabelecerem discordância daquilo que já está posto.

Sabendo que há proposições diversas sobre a *mesa discursiva*, Farkas e Bruce (2010) alertam para a distinção entre os tipos de proposições, afirmando que as asserções se dividem em *asserções comuns*, *asserções responsivas* e *interrogativas polares*, a depender da função de desempenhem na *mesa*.

Na próximas subseções, mostraremos em que consta a diferença de cada uma dessas proposições.

### 2.1.1. O CONCEITO DE ASSERÇÕES COMUNS

Em Farkas e Bruce (2010) vemos que

---

<sup>14</sup> “Um dos pilares do trabalho sobre a estrutura do discurso é Stanalker (1978), em quem é sugerido que o discurso se desenvolve em oposição a um segundo plano em constante mudança, constituído de um conjunto de proposições já confirmadas pelos participantes do discurso, ou seja, a base comum (*cg*), cuja intersecção é o contexto estabelecido (*cs*)”. (TRADUÇÃO MINHA).

The essential effect of assertions on the context in which they are made [...] is to add the content of the assertion to the *cg*, [...] there are no objections from the other participants in the conversation. Assertion, in this view, is a proposal to change the context by adding the propositional content to the asserted sentence to the *cg*<sup>15</sup> (FARKAS e BRUCE, 2011, p. 82).

*Asserções comuns*, propriamente ditas, são sentenças inseridas numa *mesa discursiva*, de modo a manterem a rotatividade da comunicação, sem a necessária pretensão de estabelecerem oposição ou dúvida ao que está já lançado no *cg*. Em outras palavras, são sentenças comuns que objetivam, apenas, manter a cadência conversacional entre os falantes.

Em relação à variedade de discursos que se estabelece com as asserções comuns, Farkas e Bruce (2010) afirmam que

Characterizing ordinary assertion as proposing additional to the *cg*, rather than actually changing it is necessary in order to make room for the large variety of conversational moves [...] to make room for the large variety of conversational moves that react to assertions signaling [...] confirmation, rejection or the need for further discussion<sup>16</sup> (FARKAS e BRUCE, 2011, p. 82).

O conceito de *asserção comum* está relacionado, portanto, à sobreposição de sentenças numa *mesa discursiva*, visando a fomentar uma ampla variedade comunicacional, trazendo, aos interlocutores, maiores possibilidades de manter o discurso ativo. Logo, a inserção de asserções comuns na *mesa* não se dá para estabelecer relação de concordância ou de discordância entre as sentenças já situadas no *cg*.

Segundo Farkas e Bruce (2010), quando o participante insere *asserções comuns* numa *mesa*, ele apenas assume, publicamente, um compromisso individual com o discurso inserido, sem necessariamente mostrar reação ao que já está posto nela. Os autores dizem que “*the main effect of uttering a declarative sentence [...] is to add its propositional content to the speaker’s list of public commitments*”<sup>17</sup> (p. 82). Ou seja, ao propor as variadas asserções, o falante assume, consigo mesmo e com os demais interlocutores, o compromisso de manter estabelecida a interação na *mesa discursiva*, sem que essa interação efetive uma discussão

---

<sup>15</sup> O efeito principal das asserções no contexto em que elas são inseridas é adicionar o conteúdo da asserção a outro participante na conversação. Asserção, neste aspecto, é uma proposta para mudar o contexto, por adição de conteúdo proposicional à sentença afirmada ao *cg*. (TRADUÇÃO MINHA).

<sup>16</sup> Caracterizar a afirmação comum como um proposto adicional ao *cg*, em vez de realmente estabelecer mudança, é necessário para abrir espaço à grande variedade de movimentos conversacionais, que sinalizam confirmação, rejeição ou necessidade de um debate adicional. (TRADUÇÃO MINHA)

<sup>17</sup> A principal característica de proferir uma declaração [...] é adicionar conteúdo proposicional à lista de assuntos públicos do falante. (TRADUÇÃO MINHA).

sobre determinado ponto da conversa ou expresse qualquer questionamento sobre o que está já colocado.

Considerando, pois, as *asserções comuns* estabelecidas na *mesa*, não há, nesse aspecto, intenção do falante em inserir resposta a algo proferido, uma vez que, não sendo essa asserção comum, propriamente dita, uma sentença de reação, ela funciona como uma maneira adicional de manter a conversação, não interrompendo-a por falta de conteúdos proposicionais a serem adicionados.

### 2.1.2. O CONCEITO DE ASSERÇÕES RESPONSIVAS

Como vimos, os participantes do discurso movimentam a comunicação de uma *mesa discursiva*, cujo *cg* retém todas as asserções proferidas, as quais, além de mostrarem que o falante assume publicamente o que fala, provocam uma variedade de discursos que se renovam constantemente, movimentando o que está sobre essa *mesa*. Assim, situações comunicativas propostas no *cg* da *mesa discursiva* estão em constante variação.

Além de *asserções comuns*, a *mesa* é composta, também, de asserções que provocam os interlocutores, levando-os a reagirem ao que é proferido. Quanto a essa “provocação e resposta”, Farkas e Bruce (2010) dizem que é estabelecida sobre a *mesa* uma *Conversational Crisis* (ou *crise conversacional*)<sup>18</sup>, que não é, necessariamente, o estabelecimento de um desentendimento entre os participantes. Antes, a *crise conversacional* é a colocação de asserções de reação sobre uma *mesa discursiva*, com intenção de expressar discordância daquilo que está assegurado. Logo, a *crise conversacional* dispara essas sentenças de reação que são definidas, em Farkas e Bruce (2010), como *asserções responsivas*.

As *asserções responsivas*, contrárias às *asserções comuns*, são *sentenças-resposta* que expressam reação a uma sentença precedente, seja ela uma afirmativa ou uma interrogativa, levando o falante a se posicionar contrariamente ao que é asseverado. Sendo assim, essas proposições que expressam reação vão movimentando, em sentido contrário, a conversação sobre a *mesa*, permitindo que outras reações sejam, também, levantadas.

Farkas e Bruce (2010) afirmam que *asserções responsivas* acrescentam duas características particulares à *mesa discursiva*:

- (i) Conversational changes that result in addition to commitments are less marked than those that result in the retraction of such commitments and (ii)

---

<sup>18</sup> Cf. Farkas e Bruce, 2010, p. 83.

raising an issue steers the conversation towards a state where the issue is resolved<sup>19</sup> (FARKAS e BRUCE, 2011, p. 83).

Ou seja, as *asserções responsivas*, pelo fato de estabelecerem reação a uma pressuposição, expressam maior comprometimento do falante em relação ao que está no *cg*, de modo que vem a assumir um papel ainda mais “arriscado” com o que está dito. Sempre que no *cg* é lançada uma *asserção responsiva*, a conversa vai se desencadeando de tal modo que os participantes se empenham em encontrar uma solução para a situação gerada sobre a *mesa*.

Farkas e Bruce (2010) distinguem dois tipos de asserções e mostram que *asserções comuns*, ou padrões, são diferentes de *asserções não comuns*, ou não-padrões:

[...] a default assertion is performed when a participant X utters a declarative sentence S with falling intonation. Some assertions are non-default even if they conform to this characterizations if they place specific demands on the input context<sup>20</sup> (FARKAS e BRUCE, 2010, p. 91).

Sendo assim, as asserções não-padrões têm uma prosódia diferente, mais marcada, do que aquelas asserções padrões, que vai tendo um decréscimo em sua enunciação.

Como as *asserções responsivas* expressam reação a uma sentença primeira, o que configura uma “demanda específica no contexto de entrada”, acastelamos que elas representam uma asserção não-padrão.

Além da diferença prosódica que Farkas e Bruce (2010) chamam de entonação decrescente, os autores dizem ainda que “A default assertion [...] it directs the conversation towards a unique resolution of that issue, namely, confirmation of the assertion. [...] is categorically biased in favour of confirmation of the asserted proposition<sup>21</sup>” (p. 92). Ou seja, as *asserções responsivas* diferem de *asserções comuns* porque são sentenças que não confirmam uma sentença primeira, estabelecida no *cg*, mas a ela reagem, inserindo objeção.

Diante do que expomos, *asserções comuns* (a partir de agora, sentenças) e *asserções responsivas* (ou *sentenças-resposta*) não são equivalentes, uma vez que, enquanto as primeiras são estabelecidas para manter ativa a conversação, sem intenções de apresentar

---

<sup>19</sup> “(i) Mudança conversacional que resulta na adição ao comprometimento do falante são menos marcadas do que aquela que resulta na retração de tal comprometimento e (ii) levantando uma questão nova, a conversa segue em direção a um estado em que a questão é resolvida”. (TRADUÇÃO MINHA)

<sup>20</sup> “[...] uma asserção padrão é realizada quando um participante X pronuncia uma sentença declarativa S com entonação decrescente. Algumas afirmações são não-padrão, mesmo que estejam de acordo com essas caracterizações, se colocarem demandas específicas no contexto de entrada”. (TRADUÇÃO MINHA).

<sup>21</sup> “Uma asserção padrão [...] direciona a conversação em direção a uma única resolução da questão, nomeadamente, confirmação da asserção, [...] é categorialmente tendenciosa em favor da confirmação da proposição afirmada”. (TRADUÇÃO MINHA).

discordância do que está colocado no *cg*, mas de acrescentar novas informações, as segundas são realizadas para contestar uma afirmação realizada primeiramente, levando os demais participantes a produzirem novas *sentenças-resposta*, até que, finalmente, se chegue a uma resolução.

### 2.1.3. CONCEITO DE INTERROGATIVAS POLARES

Além de *asserções comuns* e das *asserções responsivas*, na *mesa discursiva* também são lançadas *interrogativas* – ou questões – *polares*, que têm como intenção comunicativa obter uma, de duas, resposta possível: *sim* ou *não*. Desse modo, são asserções que, desencadeando também *sentenças-resposta*, permitem que a pressuposição, retomada na *sentença-resposta*, faça *elipse* dos seus constituintes, realizando-se apenas os constituintes novos *sim* ou *não*, o que não é permitido, se as *sentenças-resposta* forem estabelecidas para sentenças declarativas.

Toda *mesa discursiva*, como já dissemos, é movimentada por asseverações de participantes que se comprometem com os próprios discursos proferidos. Assim, a *mesa* se organiza como apontam Farkas e Bruce (2010), quando asseguram que

[...] a discourse structure  $K$  contains a (possibility empty) set of propositions  $DC_x$  for each participant  $X$  in the conversation, made up of those propositions that  $X$  has publicly committed to during the conversation up to the relevant time, and which are not shared by all the other participants. [...]  $K$  contains the set of propositions, the *cg*, whose elements are those propositions that have been confirmed by all participants in the conversation as well as a set of background propositions. The total discourse commitment of a discourse participant  $X$  is  $DC_x \cup cg$ <sup>22</sup> (FARKAS e BRUCE, 2010, p. 86).

Desse modo, o comprometimento dos falantes se fundamenta em pressuposições do *cg*, geradas a partir de um conjunto individual e próprio, o  $DC_x$ , que contém as elocuições de cada participante. Suscitadas as sentenças individuais desse conjunto  $DC_x$ , elas são lançadas num conjunto maior e coletivo, o conjunto  $K$ , que contém todas as sentenças compartilhadas.

---

<sup>22</sup> “[...] uma estrutura discursiva  $K$  contém um (possivelmente vazio) conjunto de proposições  $DC_x$  para cada participante  $X$  na conversa, formado por aquelas proposições que  $X$  tem publicamente comprometidas, durante a conversa, até o momento relevante, e que não são compartilhados por todos os outros participantes.  $K$  contém um conjunto de proposições, o *cg*, cujos elementos são aquelas proposições que têm sido confirmadas por todos os participantes na conversa, bem como um conjunto de proposições de “pano de fundo”. O total de comprometimento discursivo do participante de um discurso  $X$  é  $DC_x \cup cg$ ”. (TRADUÇÃO MINHA).

Como as *interrogativas polares* também são lançadas sobre a *mesa*, acastelamos que, nessa situação, o conjunto  $K$  aparece previamente vazio. Ou seja, a *sentença-resposta* para uma *interrogativa polar* não vem antecipada de nenhum conjunto  $K$ . Desse modo, são essas *interrogativas polares* que ativam o *cg* e preenchem o conjunto  $K$ , para, a partir de então, através das *sentenças-resposta*, irem marcando o comprometimento discursivo de cada falante, para cada proposição que ele coloca sobre a *mesa*.

Sabendo da realização do conjunto de proposições comuns, o  $K$ , e do conjunto de proposições individuais,  $DC_x$ , Farkas e Bruce (2010), sobre as *interrogativas polares*, afirmam que

The context state after a default polar question is inquisitive with respect to the denotation of the sentence radical the move has placed on the table, because the  $ps$ <sup>23</sup> contains both future common grounds to which  $p$  was added and future common grounds to which  $-p$  was added<sup>24</sup> (FARKAS e BRUCE, 2010, p. 95).

Como as *interrogativas polares* são sentenças imperativas, as *sentenças-resposta*, de certo modo, são já esperadas pelos participantes da *mesa*. Desse modo, o comprometimento do falante com sua enunciação é antecipadamente comum, ainda que seja uma resposta do tipo *sim* ou *não*. Esse compartilhamento não é verificado em *sentenças-resposta* como *asserções-responsivas*, cuja elocução, apesar de expressar reação ao que está posto, não tem o caráter impositivo da *interrogativa polar*. Portanto, não antecipa uma resposta.

Como fez com as asserções, Farkas e Bruce (2010) dividiram as *interrogativas polares* em padrões e não-padrões, assegurando que ambas, embora inseridas num contexto de imposição, se distinguem pelo comprometimento do falante com a pressuposição no *cg*.

Em suas palavras, Farkas e Bruce (2010), dizem que

Default polar questions are non-biasing in the sense that they do not commit their author to either proposition in their denotation and project an inquisitive context with respect to their sentence radical. There are, however,

---

<sup>23</sup> Do inglês *Projected Set* (Configuração Projetada). Para Farkas e Bruce (2010), o comprometimento de dois participantes, A e B, num discurso é inicialmente vazio, como também vazia é a *mesa discursiva* (*Table*). Assim a pressuposição incluirá, apenas, a configuração sentencial que for projetada. Nas palavras dos autores “[...] the discourse commitment lists of the two participants, A and B, are empty, and so is the Table. The  $ps$  of  $K_1$ , includes only  $s_1$ , the initial common ground at the start of the conversation” (p. 91).

<sup>24</sup> “O estado do contexto que segue uma pergunta polar é inquisitivo, com respeito à significação da sentença básica, cujo movimento é colocado na mesa porque o “ $ps$ ” contém ambos os futuros comuns aos quais “ $p$ ” foi adicionado e o futuro comum em que “ $-p$ ” foi adicionado”. (TRADUÇÃO MINHA).

non-default polar questions that are not impartial<sup>25</sup> (FARKAS e BRUCE, 2010, p. 96).

Em outras palavras, enquanto as *interrogativas polares padrões* constituem menor comprometimento do autor da resposta com a interrogativa polar, as *interrogativas polares não-padrão* exigem maior comprometimento do promotor da resposta para a interrogativa polar no *cg*. Logo, uma *pergunta polar padrão* não pode ficar sem resposta, o que não acontece com uma *pergunta polar não-padrão*.

Martins (2018) afirma que

As interrogativas polares não ‘default’ são as que são ‘biased’ em relação à resposta. Ou seja, quem as produz mostra que tem expectativa de resposta positiva ou, pelo contrário, negativa; pode, ainda, ter implícito um comentário em relação à resposta antecipada por quem pergunta. Assim, as interrogativas *tag* e certas interrogativas negativas (*Ele não vem jantar outra vez?*) são não ‘default’. Uma interrogativa polar ‘default’ é um pedido de informação neutro, mas a exigir resposta. [...] ‘Será que vai estar a chover todo o mês?’, [...] interrogativa [...] essencialmente uma exclamação [...] não um pedido de informação. [...] não estranha se ficar sem resposta (em orientação via *e-mail*).

De acordo com Martins (2018), as *interrogativas polares não-padrão* têm respostas previamente esperadas pelos participantes do discurso, uma vez que deve ser uma resposta do tipo *sim* ou *não*. Por outro lado, *interrogativas polares padrões* sugerem uma resposta, mas não a preveem ou esperam.

Observemos a *mesa discursiva* abaixo, em (22) e (23):

(22) *Será que o show do Skank vai ser bom?*

- a. *Talvez seja.*
- b. *Eu acho que será muito bom.*
- c. *Com certeza!*
- d. *Vai ser ruim.*

(23) *Amanhã vai ter show do Skank?*

- a. *Sim.*
- b. *Não.*

Em ambas as situações, o contexto que antecipa a *interrogativa polar* é o mesmo: *o show do Skank*. No entanto, em (22), há uma *interrogativa polar padrão*, pois é uma pergunta

---

<sup>25</sup> “Questões polares padrões não são pré-dispostas, no sentido de que elas não comprometem seu autor com nenhuma outra proposição, em seu significado literal, e projetam um contexto inquisitivo em relação à sentença principal. Há, no entanto, questões polares não-padrão que não são imparciais”. (TRADUÇÃO MINHA).

que não aumenta o comprometimento do autor da resposta com a *mesa*, já que, a questão em si, afasta o falante da obrigatoriedade de resposta. Por sua vez, em (23), há uma *interrogativa polar não-padrão*, que exige uma *sentença-resposta* do interlocutor, de modo que ele venha a se comprometer com a resposta afirmativa *sim*, ou com a resposta negativa *não*.

Assim, a diferença entre as *questões polares padrões* e *não-padrão* é marcada pelo tipo de comprometimento de resposta que a pergunta sugere ao “respondedor”: se aumenta o comprometimento da resposta com a pergunta, há uma *interrogativa polar não-padrão*; se não aumenta, temos uma *interrogativa polar padrão*.

Sobre esse comprometimento do “respondedor”, Farkas e Bruce (2010, p. 96) afirmam que “[...] *Default polar questions do not add to author commitment and project in inquisitive ps. Non-default assertion and non-default polar question can depart from their default counterparts in either property*<sup>26</sup>”. Logo, diferente das asserções, que não estão inseridas num contexto inquisitivo, as *sentenças-resposta* às *interrogativas polares não-padrão* são impostas pela pressuposição, estabelecida num conjunto *K* impositivo. As *interrogativas polares padrões* compartilham do mesmo traço das *asserções comuns*, uma vez que são lançadas numa *mesa discursiva* de propriedades comuns das sentenças do *cg*.

Farkas e Bruce (2010), comparando a relação entre *asserções padrões* e *interrogativas polares padrões* lançadas na *mesa discursiva*, afirmam que

[...] the major differences between default assertions and default (polar) question [...] are (i) default assertions upgrade their author’s commitment list while default (polar) questions do not; (ii) default assertions enter a declarative sentence on the Table, while polar questions enter an interrogative sentence; (iii) [...] default assertions result in a non-inquisitive context, whereas default questions result in an inquisitive one<sup>27</sup> (FARKAS e BRUCE, 2010, p. 97).

Diante do que expusemos, *interrogativas polares* são sentenças que desencadeiam uma resposta original, ainda que esperada, ampliando o comprometimento do falante com o que está no conjunto *K*. Assim, se as *sentenças-resposta* são para *interrogativas polares não-padrão*, elas não podem deixar de ser realizadas. Por seu turno, se as *sentenças-resposta* são

---

<sup>26</sup> “[...] questões polares padrões não aumentam o comprometimento do autor e projetam uma configuração inquisitiva *ps*. Asserções não-padrões e questões polares não-padrões podem partir de suas contrapartes padrões em qualquer propriedade”. (TRADUÇÃO MINHA).

<sup>27</sup> “As maiores diferenças entre asserções padrões e questões polares padrões são (i) asserções padrões atualizam o comprometimento dos autores, enquanto as questões polares padrões não; (ii) asserções padrões introduz uma sentença na “*mesa*”, por sua vez, as questões polares introduzem uma interrogativa; (iii) [...] asserções padrões resultam num contexto não impositivo, ao passo que as questões polares padrões resultam num inquisitivo”. (TRADUÇÃO MINHA).



para *asserções comuns* ou para *interrogativas polares padrões*, elas são concretizadas mediante um contexto prévio, mas não têm obrigatoriedade de realização.

#### 2.1.4. O CONCEITO DE POLARIDADE

Numa situação comunicacional qualquer, sentenças são lançadas numa *mesa discursiva* em que está estabelecido um *cg*, que representa as sentenças anteriores e perfazem a pressuposição. O *cg* vai sendo constituído a partir de um conjunto de sentenças individuais, o  $DC_x$ , agrupadas com outras sentenças individuais que, juntas, constituem o que Farkas e Bruce (2010) chamam de conjunto *K*, no qual estão todos os enunciados já compartilhados.

Ao serem proferidas, as sentenças transportam, em si mesmas, traços de polaridade, os quais determinam o tipo de sentença, se de afirmação ou de negação, independente de elas serem sentenças declarativas ou interrogativas. Considerando essa afirmação, em (24), abaixo, temos sentenças de polaridades distintas:

- (24) a. *O Pedro fez a prova.*  
b. *O Pedro não fez a prova.*  
c. *O Pedro fez a prova?*  
d. *O Pedro não fez a prova?*

As sentenças em (24), apesar de possuírem o mesmo conteúdo proposicional, *determinada pessoa (não) realizou determinada prova*, e representarem sentenças declarativas ou interrogativas, possuem polaridades específicas, marcadas pelos constituintes que a constituem: (24a) é uma sentença declarativa de polaridade positiva; (24b), sentença declarativa de polaridade negativa; (24c), sentença interrogativa de polaridade positiva; (24d), sentença interrogativa de polaridade negativa. Considerando as polaridades identificadas na própria sentença, Farkas e Bruce (2010) definem como *Polaridade Absoluta*.

Além da polaridade da própria sentença, existem, também, traços de polaridade estabelecidos na relação entre duas sentenças. Vejamos (25), abaixo:

- (25) a. *O Pedro fez a prova.*  
i. *Sim. Ele fez a prova*  
ii. *Não. Ele não fez a prova.*  
b. *O Pedro não fez a prova.*  
i. *Sim. Ele não fez a prova.*  
ii. *Não. Ele não fez a prova.*

- c. *O Pedro fez a prova?*
  - i. *Sim. Ele fez.*
  - ii. *Não. Ele não fez.*
- d. *O Pedro não fez a prova?*
  - i. *Sim. Ele não fez.*
  - ii. *Não. Ele fez.*

A *mesa* em (25) traz proposições que se relacionam com as outras. Em (25a), uma sentença declarativa de afirmação se relaciona com outras duas sentenças declarativas, sendo uma de afirmação e outra de negação; em (25b), a sentença declarativa de negação também se relaciona com outras duas sentenças declarativas, de afirmação e de negação. Considerando as sentenças prévias em (25c) e (25d), temos duas sentenças interrogativas que se relacionam com *sentenças-resposta* declarativas, de afirmação e de negação.

Como apresentamos, todas as sentenças impostas sobre uma *mesa discursiva*, além de apresentarem, em si mesmas, traços de polaridade própria, apresentam também traços de polaridade derivados da relação com outras sentenças, os quais Farkas e Bruce (2010) chamam de *Polaridade Relativa*.

#### 2.1.4.1. POLARIDADE ABSOLUTA

Os traços de *Polaridade Absoluta* de uma sentença são considerados quando a análise é feita sobre os constituintes da própria sentença, independente da relação que ela estabeleça com outra sentença presente no *cg*. Nesse sentido, todas as sentenças apresentam dois traços de *Polaridade Absoluta* em si mesmas, na linha de Farkas e Bruce (2010): 1) *Polaridade Absoluta Positiva*, se a sentença é de afirmação, e 2) *Polaridade Absoluta Negativa*, se a sentença é de negação.

Relembrando aquelas sentenças em (24), nas quais identificamos as polaridades inerentes a cada sentença, dizemos que (24a) e (24c) são sentenças de *Polaridade Absoluta Positiva*, ao passo que aquelas presentes em (24b) e (24d) têm *Polaridade Absoluta Negativa*. Esses traços de *Polaridade Absoluta* independem de as sentenças serem declarativas ou interrogativas. Farkas e Bruce (2010) classificam as *Polaridades Absolutas* das sentenças em [+] ou [-], respectivamente.

Segundo Farkas e Bruce (2010, p. 109), “a responding assertion that asserts a positive sentence has the absolute polarity feature [+], while a responding assertion that asserts a negative sentence has the absolute polarity feature [-]”<sup>28</sup>.

Considerando Farkas e Bruce (2010), vejamos as sentenças em (26) e (27) abaixo, extraídas dos autores:

- (26) (34) Anne: Sam is home./Is Sam home?  
Ben: Yes he is. ([Same, +])  
Connie: No, he isn't. ([Reverse, -])
- (27) (35) Anne: Sam is not home./Is Sam not home?  
Ben: Yes, he is. ([Reverse, +])  
Connie: No, he isn't. ([Same, -])

Em cada *sentença-resposta* de Ben e Connie, em (26) e (27) – respectivamente, (34) e (35), no texto original –, estão sendo apresentados os dois traços de polaridade: *absoluta* e *relativa*. O primeiro traço, *Same* ou *Reverse*, marca a *polaridade relativa*. Portanto, registra a relação da *sentença-resposta* com a asserção precedente; o segundo, [+], e [-], sinaliza a *polaridade absoluta*, intrínseca à própria sentença.

As sentenças das *mesas* em (26) e (27), independente dos traços da *polaridade relativa*, concordância (*same*) ou discordância (*reverse*), os quais a *sentença-resposta* adquire na relação com outras sentenças, seja ela declarativa ou interrogativa, mantiveram suas *polaridades absolutas* [+], quando a sentença foi uma declaração ou uma pergunta afirmativa, e sua *polaridade absoluta* [-], quando foi uma declaração ou uma questão negativa.

Diante do exposto, sentenças sobrepostas numa *mesa* apresentam polaridades em si mesmas, denominadas de *Polaridade Absoluta*. Se essa *polaridade absoluta* é *positiva*, a sentença pode ser marcada por um *constituente positivo* [+], como o *sim*, por exemplo, ou não ser marcada por nenhum constituinte específico. Por outro lado, se a *polaridade absoluta* é *negativa*, obrigatoriamente a sentença apresenta, entre os seus constituintes, um *marcador negativo* [-], como o *não*.

Sobre a realização de constituintes que marquem a *Polaridade Absoluta Positiva* [+], Farkas e Bruce (2010, p. 99) asseguram que “[...] *assertion confirmation may be left unsignalled altogether*”<sup>29</sup>. Ou seja, o marcador *sim*, das sentenças de *polaridade absoluta*

<sup>28</sup> “Uma sentença de resposta que corrobora uma sentença positiva tem a característica de polaridade absoluta [+], enquanto que uma sentença de resposta que corrobora uma sentença negativa tem a característica de polaridade absoluta [-]”. (TRADUÇÃO MINHA).

<sup>29</sup> “[...] sentenças de confirmação podem ser não sinalizadas por nenhum marcador”. (TRADUÇÃO MINHA).

*positiva*, não necessariamente precisa ser realizado, uma vez que as sentenças de afirmação não expressam nenhum tipo de reação, de modo que apenas corroboram a pressuposição. Sendo assim, o marcador da *Polaridade Absoluta Positiva* [+] pode ser suprimido, sem que o falante se afaste do comprometimento que assume com o seu enunciado.

Por sua vez, sentenças de *Polaridade Absoluta Negativa* [-] dependem da realização de um marcador da negação na sentença, porque são sentenças de negação que vão de encontro a outras, já estabelecidas no *cg* e motivadas por uma *Crise Conversacional* na *mesa*. Logo, as sentenças de negação aumentam o comprometimento do autor da proposição.

Considerando a obrigatoriedade de um marcador de negação que estabeleça a *polaridade absoluta negativa* [-] de uma sentença, Farkas e Bruce (2010, p. 100) afirmam que “[...] *denials are highly marked and therefore they must be explicit and must be signaled [...] as early as possible*”<sup>30</sup>.

Considerando as asseverações de Farkas e Bruce (2010), afirmamos que a necessidade ou não de um constituinte para marcar a *polaridade absoluta* de uma sentença está associada ao maior ou menor grau de comprometimento do falante.

Com base no que nesta subseção apresentamos, *Polaridade Absoluta* é marcada na própria sentença. Na subseção seguinte, trazemos definição e exemplos de *Polaridade Relativa*.

#### 2.1.4.2. POLARIDADE RELATIVA

Além da *Polaridade Absoluta*, as sentenças apresentam, também, traços de *Polaridade Relativa*, identificados na relação entre sentenças. Esses traços podem ser de concordância ou de discordância. Desse modo, *Polaridade Relativa* se dá de acordo com a relação que uma sentença mantém com outra, já presente no *cg*.

A *polaridade relativa* não é classificada apenas pela presença, ou não, de marcadores de afirmação ou de negação, mas pela relação de aceitação ou de rejeição a outras asserções precedentes.

Segundo Farkas e Bruce (2010),

We call here responding assertions those assertions that perform a responding move, and initiating assertions those subtypes of assertions that

---

<sup>30</sup> “[...] as negativas são altamente marcadas e, portanto, devem ser explícitas ou sinalizadas [...] o mais cedo possível”. (TRADUÇÃO MINHA).

are not responding. Since initiating assertions and polar questions place an issue on the Table in the form of a proposition-denoting sentence radical, moves that react to them can be responding and therefore confirming or reversing<sup>31</sup> (FARKAS e BRUCE, 2010, p. 106).

Como Farkas e Bruce (2010) distinguem *sentenças-resposta* de *sentenças comuns*, eles asseveram que *sentenças-resposta* expressam reação a uma asserção primeira, que pode ser uma *asserção comum* ou uma *interrogativa polar*. As *sentenças-resposta*, portanto, mantêm relação com essas asserções iniciais. Logo, são providas de *Polaridade Relativa*.

Sobre a reação dos participantes da comunicação à *asserção comum* ou à *interrogativa polar*, os autores dizem que as *sentenças-resposta* disparam dois tipos de reação: [*same*], quando o participante concorda com a sentença inicial posta no *cg*, ou [*reverse*], quando ele discorda do que está posto sobre a *mesa discursiva*.

Nesse sentido, Farkas e Bruce (2010, p. 107) propõem “[...] *to introduce two relative polarity feature, [same] and [reverse], the former marking confirming moves and the later marking reversing ones*”<sup>32</sup>. Ou seja, as *sentenças-resposta* de confirmação estabelecem traços de concordância, enquanto as *sentenças-resposta* de negação estabelecem discordância.

Farkas e Bruce (2010) dizem, ainda, que

Responding assertions can be differentiated based on three criteria: (a) whether they respond to an assertion or a polar question, (b) whether they are confirming or reversing and (c) whether the sentence they assert is positive or negative<sup>33</sup> (FARKAS e BRUCE, 2010, p. 108).

Desse modo, as *sentenças-resposta* são lançadas no *cg* sob alguns critérios, considerando a pressuposição: 1) se a pressuposição é uma declarativa ou uma interrogativa polar; 2) se a *sentença-resposta* confirma ou não a pressuposição; 3) se a pressuposição tem polaridade absoluta afirmativa ou negativa. Para cada uma das três situações, as *sentenças-resposta* seguem o mesmo critério.

Retomando, em (28), aquela *mesa* presente em (25), analisemos os traços de polaridade de cada uma das *sentenças-resposta*:

---

<sup>31</sup> “Chamamos de asserções responsivas aquelas asserções que realizam um movimento de resposta, e de asserções iniciais aqueles subtipos de asserções que não são respostas. Tanto asserções iniciais quanto questões polares lançam um problema sobre a *mesa*, em forma de sentença principal, e os movimentos que a elas reagem podem estar confirmando ou discordando”. (TRADUÇÃO MINHA).

<sup>32</sup> “[...] introduzir duas características de polaridade relativa, [*same*] e [*reverse*], sendo a primeira responsável por marcar a confirmação e a última por marcar a discordância”. (TRADUÇÃO MINHA).

<sup>33</sup> “Asserções de resposta podem ser diferenciadas baseadas em três critérios: (a) se elas respondem a uma afirmação ou a uma pergunta polar; (b) se elas estão confirmando ou revertendo; (c) se a frase que elas afirmam é positiva ou negativa”. (TRADUÇÃO MINHA).

- (28) a. *O Pedro fez a prova.*  
       i. *Sim. Ele fez a prova.* ([Same, +])  
       ii. *Não. Ele não fez a prova.* ([Reverse, -])
- b. *O Pedro não fez a prova.*  
       i. *Sim. Ele não fez a prova.* ([Same, -])  
       ii. *Não. Ele fez a prova.* ([Reverse, +])
- c. *O Pedro fez a prova?*  
       i. *Sim. Ele fez.* ([Same, +])  
       ii. *Não. Ele não fez.* ([Reverse, -])
- d. *O Pedro não fez a prova?*  
       i. *Sim. Ele não fez.* ([Same, -])  
       ii. *Não. Ele fez.* ([Reverse, +])

Em (28), há quatro tipos de sentenças que fazem a pressuposição: em (28a), uma declarativa de afirmação; em (28b), uma declarativa de negação; em (28c), uma interrogativa de afirmação e, por fim, em (28d), uma interrogativa de negação. Para se relacionarem com essas sentenças iniciais, foram lançadas *sentenças-resposta* sobre a *mesa*, de modo a concordar ou discordar do que nela está posto. Analisemos caso a caso.

Em (28a) e (28c), ambas as pressuposições são sentenças de afirmação, portanto, têm *polaridades absolutas positivas* [+], sendo que a primeira é uma declarativa, e a segunda, uma interrogativa. Considerando as *sentenças-resposta* para essas proposições primeiras, aquelas em “i”, que concordam com a pressuposição, também têm *Polaridade Absoluta* [+]. Como estabelecem concordância, suas *Polaridades Relativas* são do tipo [Same]. Por sua vez, as *sentenças-resposta* em “ii”, que expressam discordância daquilo que foi afirmado precedentemente, haja vista a presença do marcador *não*, têm *Polaridades Absolutas negativas* [-]. Por discordarem, possuem *Polaridades Relativas* do tipo [Reverse].

As sentenças iniciais em (28b) e (28d) são sentenças de *Polaridades Absolutas negativas* [-]. Portanto, sentenças de negação. As *sentenças-resposta* que com elas se relacionam são, em “i”, *sentenças-resposta* de *Polaridades Absolutas Positivas* [+], enquanto as que estão em “ii” têm *Polaridade Absoluta Negativa* [-]. Como a relação entre essas *sentenças-resposta* e uma proposição prévia de negação, a *Polaridade Relativa* [Reverse] se dá se a *sentença-resposta* tem *Polaridade Absoluta Positiva* [+], pois ela concorda com o que a pressuposição de negação. Por sua vez, a *Polaridade Relativa* [Same] é identificada, se a *sentença-resposta* tiver *Polaridade Absoluta Positiva* [-].

A relação da *Polaridade Absoluta* da pressuposição com as *Polaridades Absoluta e Relativa* das *sentenças-resposta* seguem, segundo Farkas e Bruce (2010), um padrão. Conforme os autores,

In [same] assertions, the polarity of the asserted sentence matches the polarity of the sentence radical on the top of the Table of the input context; in [reverse] assertions, the polarity of the asserted sentence is the reverse of that of the sentence radical on the top of the Table of the input context. [...] a responding assertion that asserts a positive sentence has the absolute polarity feature [+], while a responding assertion that asserts a negative sentence has the absolute polarity feature [-]. We also assume, following Horn (2001) and many others, that [+] assertions are less marked than [-] assertions<sup>34</sup> (FARKAS e BRUCE, 2010, p. 109).

Como vemos, a relação de polaridades entre a pressuposição e as *sentenças-resposta* se dá de maneira que, se as sentenças iniciais têm *Polaridade Absoluta Positiva* [+], e as *sentenças-resposta* apresentam a mesma *Polaridade Absoluta Positiva* [+], nessa *sentença-resposta* existirá *Polaridade Relativa* [Same], pois possuirá traços de concordância. Por sua vez, se a proposição inicial tem *Polaridade Absoluta Positiva* [+], e a *sentença-resposta* tem *Polaridade Absoluta Negativa* [-], essa *sentença-resposta* terá *Polaridade Relativa* [Reverse], pois apresentará traços de discordância da asserção com a qual se relaciona.

Considerando, agora, que a pressuposição é uma sentença de negação, com *Polaridade Absoluta Negativa* [-], se as *sentenças-resposta* que com ela se relacionam tiverem, em si mesmas, polaridade oposta, ou seja, *Polaridades Absolutas Positivas* [+], elas exibirão traços de *Polaridade Relativa* [Reverse], uma vez que esboçarão discordância da negação primeira. De outro modo, quando a pressuposição tem *Polaridade Absoluta Negativa* [-], e a *sentença-resposta* tem a mesma polaridade, ou seja, *Polaridade Absoluta Negativa* [-], essa *sentença-resposta* apresentará traços de *Polaridade Relativa* [Same], uma vez que concordará com a primeira negativa.

Pinto (2010), tendo em vista essa relação de *polaridade absoluta* com a *polaridade relativa*, identificada em Farkas e Bruce (2010), assevera que

Uma frase declarativa ou interrogativa com polaridade positiva, [...] é possível obter uma resposta concordante e com polaridade positiva, com os

---

<sup>34</sup> “Em sentenças [same], a polaridade da sentença é marcada pela polaridade da sentença principal, colocada no contexto de entrada. Em sentenças [reverse], a polaridade da sentença afirmada é inversa da polaridade da sentença do contexto inicial. [...] uma sentença-resposta que confirma uma sentença positiva, tem a característica de Polaridade Absoluta [+], enquanto uma sentença-resposta que corrobora uma sentença negativa tem a característica de Polaridade Absoluta [-]”. (TRADUÇÃO MINHA).

traços [*same*, +], ou discordante e com polaridade negativa, com os traços [*reverse*, -]. [...] partindo de uma frase declarativa ou interrogativa com polaridade negativa, uma resposta discordante terá polaridade positiva, apresentando os traços [*reverse*, +], enquanto uma resposta concordante terá polaridade negativa, exibindo os traços [*same*, -] (PINTO, 2010, p. 65).

Como vimos, as sentenças de uma *mesa discursiva* não são destituídas de traços de polaridade, sejam marcados pelos constituintes dela mesma ou pela relação que estabelecem com outras sentenças, já presente no *cg*. Essas polaridades podem ser: 1) *Polaridade Absoluta*, *Positiva* [+] ou *Negativa* [-], se considerados os constituintes da própria sentença; 2) *Polaridade Relativa*, com traços de *concordância* [*Same*] ou de *discordância* [*Reverse*], se considerada a relação entre sentenças. A depender do tipo de relação que as sentenças estabelecem, se de *concordância* ou de *discordância*, e do traços de *Polaridade Absoluta* da sentença proposta inicialmente, é que as *Polaridades Relativas* são marcadas.

Diante da possibilidade de este trabalho estar analisando *Sentenças de Negação Metalinguística (SNM)*, como previamente definidas na seção anterior, cujos marcadores responsáveis pela negação são os constituintes *é ruim* e *nem a pau*, trazemos, a partir de agora, conceitos de Martins (2010) sobre as *SNM*, bem como a *Polaridade Relativa* que a autora considera para essas asserções de negação.

## 2.2. SENTENÇAS DE NEGAÇÃO METALINGUÍSTICA

Numa situação comunicacional, sentenças são lançadas numa *mesa*, cujo *cg* guarda as asserções que correspondem à pressuposição. Nesse *cg*, cada nova sentença tem características distintas: i) acrescentar informações adicionais, apenas para manter dar rotatividade de temas à conversa; ii) responder a sentenças interrogativas; iii) expressar uma crise conversacional, de acordo com Farkas e Bruce (2010), efetivada pela rejeição a alguma proposição do *cg*.

A crise conversacional a que se referem Farkas e Bruce (2010) é estabelecida quando os participantes mostram reação a uma declaração e elaboram sentenças de negação para expressar essa rejeição. Quando, no entanto, as sentenças de negação são motivadas por uma sentença interrogativa, elas não são motivadas por nenhuma crise conversacional, mas surgem como uma resposta negativa a uma sentença que abre espaço para dois tipos de resposta: uma positiva e outra negativa.



Segundo Farkas e Bruce (2010, p. 110), “a [reverse] assertion in reaction to a polar question, though intrinsically more marked than a [same] assertion, does not lead to conversational crisis<sup>35</sup>”. Assim, uma vez que uma resposta negativa é dada para uma interrogativa polar, ela é já esperada. Para que haja uma crise conversacional entre os participantes do discurso sobre a *mesa*, é preciso que a sentença expresse reação, o que não acontece quando a asserção que antecede a negativa é uma interrogativa, ainda que polar.

Farkas e Bruce (2010) asseguram que

[...] [reverse] assertions that react to an assertion denials and [reverse] assertions that react to a polar question reverse answers. Denials and reverse answers share the [reverse] feature but are distinguished with respect to both their input and their output context states<sup>36</sup> (FARKAS e BRUCE, 2010, p. 110).

Diante disso, dois tipos de sentenças de negação podem ser lançadas na *mesa discursiva*: aquelas solicitadas por uma pergunta polar, a quem inserem oposição sem reação, e aquelas que refutam uma declaração de afirmação, sobre a qual, além de oposição, expressam reação. Apesar de ambas serem sentenças de negação, nesta seção trataremos daquelas que negam uma afirmação precedente, de modo a expressar reação a essa afirmação.

Como já mostramos, as sentenças de negação se dividem em: i) *Sentença de Negação Proposicional (SNP)*, que não depende, necessariamente, de um contexto prévio, uma vez que pode iniciar ou estabelecer mudança de tópico da conversa; ii) *Sentença de Negação Regular (SNR)*, que depende de um contexto prévio, do qual anula o conteúdo proposicional, ou valor de verdade; iii) *Sentença de Negação Metalinguística (SNM)*, que, também dependente de um contexto prévio, retifica alguma variável da pressuposição.

Sobre as *SNM*, Horn (1989), quem primeiro estudou essas sentenças, afirma que

[...] metalinguistic negation is a device for objecting to a previous utterance on any grounds whatever; a speaker's use of negation to signal his or her unwillingness to assert, or accept another's assertion of, a given proposition in a given way; [...] metalinguistic negation focuses not on the truth or falsity

---

<sup>35</sup> “[...] uma sentença de oposição em reação a uma questão polar, embora intrinsecamente mais marcada do que uma sentença de concordância, não estabelece crise conversacional”. (TRADUÇÃO MINHA).

<sup>36</sup> “[...] asserções [de reversão] que reagem a negativas e asserções [de reversão] que reagem a uma pergunta polar revertem as respostas. Negativas e respostas inversas compartilham o recurso [reverso], mas são distintas em relação tanto à sua entrada como aos estados do seu contexto de saída”. (TRADUÇÃO MINHA).

of a proposition, but on the assertability of an utterance<sup>37</sup> (HORN, 1989, p. 363).

Conforme Horn (1989), as SNM contestam uma afirmação precedente, de modo a evidenciar não a verdade ou a falsidade da proposição, mas a recusa em aceitar a asserção. A recusa em aceitar uma proposição está associada ao caráter parcial da negação, a que Martins (2012, p. 214) se refere sobre “*accept another’s assertion of, a given proposition in a given way*”<sup>38</sup>, ou não aceitar o que é dito da forma mesma em que é proferido.

A fim de demonstrarmos a diferença entre os três tipos de negação, observemos a situação comunicacional expressa em (29), (30) e (31), abaixo.

(29) *Eu não vou sair com essa roupa. Ela já está muito usada.*

(30) *Ana está usando a minha roupa.*

a. *Não. Aquela roupa é dela.*

b. *Não. Apenas a calça é sua.*

(31) *Ana está usando a minha roupa?*

a. *Não. Aquela roupa é dela.*

b. *Não. Apenas a calça é sua.*

Em (29), a sentença de negação abre a *mesa discursiva*. Portanto, o *cg*. Assim, independe da existência de outras sentenças que a antecedam.

As sentenças de negação em (30a) e (30b) expressam reação a uma declaração afirmativa. No entanto, elas são diferentes, não só pelos constituintes, mas, principalmente, pelo tipo de negação que estabelecem: enquanto a primeira anulou o valor de verdade *alguém está usando a roupa de outrem*, de modo a substituí-lo por seu oposto, *ninguém está usando a roupa de outrem*, a segunda apenas corrige uma variável desse valor, implicando numa recusa parcial. Assim, a pressuposição *alguém está usando a roupa de outrem*, que tem, no constituinte *roupa*, uma correção, passa a valer como *alguém está usando a calça de outrem*. Desse modo, a pressuposição foi corrigida, mas não anulada.

Por fim, em (31), as sentenças “a” e “b”, apesar de serem de negação, não expressam reação, mas respondem a uma pergunta.

---

<sup>37</sup> “[...] negação metalinguística é um dispositivo para contestar um discurso prévio, sobre qualquer que seja o motivo. Um uso de negação do falante para sinalizar sua falta de vontade de afirmar ou aceitar de outra afirmação, uma dada proposição de uma determinada maneira. Negação metalinguística focaliza não na verdade ou na falsidade de uma proposição, mas na assertibilidade de um enunciado” (TRADUÇÃO MINHA).

<sup>38</sup> “Aceitar a asserção de outra afirmação, uma dada proposição de uma determinada maneira” (TRADUÇÃO MINHA).

A análise das *mesas discursivas* entre (29) e (31) nos permite corroborar Farkas e Bruce (2010), quando afirmam que sentenças de negação só expressam reação ao se contraporem a uma afirmação, mas não ao responderem uma interrogativa polar.

Martins (2010), analisando sentenças de negação no Português Europeu (PE), afirma que *Negação Proposicional/Regular* são sentenças que implicam na falsidade de uma proposição precedente e são, essencialmente, efetivadas com o marcador da negação registrado imediatamente antes do verbo. Por sua vez, afirma que as *SNM* não implicam na *falsidade* da pressuposição, pois seu objetivo é inserir *objeção* ao que está posto sobre a *mesa*. Segundo a autora, é *SNM* é amplamente difundida no *PE* e é marcada, entre outros<sup>39</sup>, pelos constituintes *lá/cá* e *agora*, característicos da negação metalinguística e realizados em posições *pós-verbais*.

Considerando os exemplos em (30) e (31), exibidos acima, em que a negação é realizada pelo marcador *não*, a relação de cada uma dessas negações com o contexto precedente é a característica mais evidente de que, independente do marcador, a sentença pode ter leitura semântica de negação regular ou de negação metalinguística.

De acordo com Martins (2010, p. 568), no inglês “[...] o marcador de negação *not* poderia, em princípio, expressar quer negação regular quer negação metalinguística; a continuação rectificativa desfaz a ambiguidade”. Podemos afirmar que, no *PB*, o *não* se comporta como o *not*, do inglês: em (30a) e (31a), esse marcador de negação tornou *falso* o valor de verdade da pressuposição, fosse sentença declarativa ou interrogativa. Por sua vez, nas sentenças (30b) e (31b), esse mesmo marcador *não* corrigiu parte de uma proposição, não a tornando *falsa*, mas retificando-a.

Nesse aspecto, Martins (2010) afirma que

Em todas as línguas, tal como no inglês, o marcador de negação proposicional pode, num contexto apropriado, ter interpretação metalinguística. Por outro lado, as línguas dispõem, em geral, de expressões idiomáticas capazes de codificar de forma não ambígua a negação metalinguística (MARTINS, 2010, p. 568)

Corroborando Martins (2012), o marcador canônico *não*, do *PB*, classificou as sentenças de negação em que se realizou nos três tipos de negação possíveis: *SNP*, em (29); *SNR*, em (30a) e (31a); e *SNM*, em (30b) e (31b).

---

<sup>39</sup> Cf. Martins (2012).

Além do *não*, existem, no *PB*, como no *PE*, marcadores de negação responsáveis por marcar, exclusivamente, a *SNM*. Enquanto no *PE*, para Martins (2010), há os marcadores *lá/cá* e *agora* que marcam, tão somente, uma *SNM*, no *PB* nós classificamos os marcadores *é ruim* e *nem a pau* como constituintes que também marcam uma *SNM*.

### 2.2.1. NEGAÇÃO METALINGUÍSTICA E A AMBIGUIDADE DA SENTENÇA

*Horn* (1989) afirma que não há marcadores exclusivamente metalinguísticos, uma vez que as expressões idiomáticas, quando na sentença, podem provocar ambiguidade de interpretação. Portanto, para o autor, marcadores de *SNM* permitem duas leituras possíveis: 1) de *SNR*, que anula o valor de verdade da proposição estabelecida no *cg*; 2) de *SNM*, que corrige alguma variável da proposição prévia, vindo a estabelecendo oposição entre *correto/incorreto* com o valor de verdade da pressuposição do *cg*.

*Horn* (1989) assegura que

No language contains two operators corresponding exactly to descriptive and marked negation, whether the later is to be characterized as an external semantic operator or [...] a metalinguistic use of basic negation. At the same time, every language contains at least one negative morpheme which can be used either descriptively (to form a negative proposition) or metalinguistic (to reject a previous utterance) [...] <sup>40</sup> (*HORN*, 1989, p. 442).

Assim, *Horn* (1989) não defende a existência de marcadores exclusivos de *SNM*, razão pela qual, segundo afirma, algumas sentenças provocam ambiguidade de interpretação. Desse modo, mesmo que expressões idiomáticas configurem *SNM*, para *Horn* (1989), essas sentenças podem ser ambíguas.

De acordo com Martins (2012), porém, as línguas dispõem de expressões idiomáticas capazes de realizar exclusivamente negação metalinguística. Segundo a autora, o que pode acontecer é que *SNM*, ocasionalmente, podem ser realizadas também pelo marcador *não*.

Consoante Martins (2012),

---

<sup>40</sup> “Nenhuma linguagem contém dois operadores exatamente correspondentes para a descrição marcada e descritiva, se o que vem depois pode ser caracterizado como um operador semântico externo ou [...] um uso metalinguístico da negação básica. Ao mesmo tempo, cada linguagem contém, pelo menos, um morfema negativo que pode ser usado descritivamente (para formar uma proposição negativa) ou metalinguisticamente (para rejeitar uma expressão prévia)” (TRADUÇÃO MINHA).

[...] languages in general express metalinguistic negation through certain sentence-peripheral idiomatic expressions, which lexically vary from language to language (and within same language), but nonetheless display a similar syntax across languages<sup>41</sup> (MARTINS, 2012, p. 215).

Martins (2012) sustenta que expressões como *lá/cá*, *ágora* e *uma ova* são, exclusivamente, marcadores de negação metalinguística (*MNM*) e ocupam, preferencialmente, posições periféricas da sentença. Pereira (2010), por sua vez, diz que as expressões idiomáticas de negação metalinguística ocorrem, prioritariamente, na periferia à esquerda da sentença, apesar de *lá/cá*, do *PE*, poderem ocorrer também em posição medial.

Portanto, para Martins (2012) discorda de *Horn* (1989), quando este categoriza que não existem marcadores exclusivos para a negação metalinguística, uma vez que, para a autora, os marcadores *lá/cá* são exclusivos desse tipo de negação no *PE*.

Martins (2012, p. 570) afirma que “[...] *lá/cá* [...] codificam exclusivamente negação metalinguística [...]”. Logo, são marcadores de negação que não se realizam em outro tipo de negação. Segundo a autora, ainda, “as línguas dispõem, em geral, de expressões idiomáticas capazes de codificar, de forma não ambígua, a negação metalinguística” (Martins, 2010, p. 568).

Pereira (2010), considerando também que existem marcadores de negação metalinguística que são não ambíguos, afirma que

As palavras *lá/cá* funcionam, tal como essas expressões idiomáticas, como marcadores não ambíguos de negação metalinguística, sendo que *lá/cá* exibem a particularidade, aparentemente não comum na generalidade das demais línguas, de ocorrerem em posição interna à frase (PEREIRA, 2010, p. 14).

Martins (2010) diz que *uma ova* e *agora* são marcadores *periféricos* não ambíguos que só se realizam em *SNM*, o mesmo que ocorre com o *lá/cá* em posição *interna*.

Sabendo que há constituintes, como o *não*, que são sempre marcadores de negação, Martins (2014, p. 636) assevera que “[...] *those words or expressions in natural language that can express only metalinguistic negation, [...] they sit outside the realm of negative items*

---

<sup>41</sup> “[...] línguas em geral expressam negação metalinguística através de certas expressões idiomáticas na periferia da sentença, que variam, lexicamente, de língua para língua (e dentro da mesma língua), mas, não obstante, dispõem uma sintaxe semelhante em todas as línguas”. (TRADUÇÃO MINHA).

*and ordinary negation*<sup>42</sup>”. Diante do exposto, há constituintes exclusivos da *SNM*, enquanto outros, como o *não*, podem expressar qualquer tipo de negação, inclusive a *SNM*.

Para verificar o estatuto das *SNM*, Martins (2010, 2012, 2014) apresentou alguns testes padrões, que, de acordo com a autora, são irrefutáveis para distinguir uma *SNM* de outro tipo de sentença de negação, encerrando, pois, aquela ambiguidade proposta por *Horn* (1989). Segundo Martins, os principais testes para classificar uma *SNM* são:

- 1) Metalinguistic negation must be licensed by the discourse context because it is, typically, denial of the assertability of an earlier utterance<sup>43</sup>;
- 2) Metalinguistic negation does not license NPIs;
- 3) Metalinguistic negation is compatible with PPIs (MARTINS, 2010, p. 569).

Martins (2014, p. 640) afirma que “[...] *the tests provide us with unequivocal confirmation that the relevant EP words exclusively signal metalinguistic negation, not ordinary negation*<sup>44</sup>”. Pereira (2010, p. 11-12) define os principais testes de Martins (2010) como *Obrigatoriedade de Legitimação Discursiva*, *Compatibilidade com Itens de Polaridade Positiva (IPP)* e *Incapacidade de Legitimar Itens de Polaridade Negativa (IPN)*, definição que adotaremos neste trabalho.

## **2.2.2. TESTES PARA A IDENTIFICAÇÃO DE UMA SENTENÇA DE NEGAÇÃO METALINGUÍSTICA**

Como afirmamos, Martins (2010, 2012, 2014) apresenta testes que classificam e distinguem as *SNM* de outra sentença de negação. Dentre esses, três são apontados como principais, e outro como teste complementar. Apesar dessa distinção, todos são eficientes na classificação desse tipo de sentença.

### **2.2.2.1. OBRIGATORIEDADE DE LEGITIMAÇÃO DISCURSIVA**

---

<sup>42</sup> “[...] aquelas palavras ou expressões em língua natural que podem expressar apenas negação metalinguística, [...] se situam fora do reino dos itens negativos e da negação comum”. (TRADUÇÃO MINHA).

<sup>43</sup> “1) Negação metalinguística deve ser licenciada pelo contexto discursivo, porque ela é, normalmente, a negação da assertibilidade de um contexto prévio.

2) Negação metalinguística não licencia Itens de Polaridade Negativa.

Negação metalinguística é compatível com Itens de Polaridade Positiva”. (TRADUÇÃO MINHA).

<sup>44</sup> “Os testes trazem uma confirmação não equivocada de que há palavras no PE que exclusivamente sinalizam negação metalinguística, não negação regular”. (TRADUÇÃO MINHA)

O teste da *Obrigatoriedade de Legitimação Discursiva* determina que as *SNM* sejam sempre antecedidas de uma situação comunicacional prévia. Em outras palavras, é indispensável que uma *SNM* seja lançada numa *mesa discursiva* somente quando, no *cg*, já tiver estabelecida uma pressuposição, a qual terá uma de suas variáveis corrigida pela *SNM*.

Para ilustrar, observemos os exemplos em (32), abaixo<sup>45</sup>:

- (32) *Ana chegou há alguns minutos apenas.*  
a. *Ela chegou lá/cá há alguns minutos! Está aqui há mais de meia-hora.*  
b. *Ela chegou há alguns minutos uma ova! Está aqui há mais de meia-hora.*

Considerando os *MNM lá/cá* e *uma ova*, vemos que a sentença de negação com esses marcadores tanto são bem realizadas e não apresentam aquela ambiguidade apontada por Horn (1989). Essa compatibilidade se dá porque as *SNM* estão funcionando como asserções de resposta a um contexto prévio.

Diferente de (32), em (33), abaixo, não há um *cg* estabelecido sobre a *mesa*:

- (33) *Ana só chegou agora.*  
a. *Ela não estava atrasada. Logo, podia chegar agora.*  
b. *?Ela estava lá/cá atrasada! Logo, podia chegar agora.*  
c. *?Ela estava atrasada uma ova! Logo, podia chegar agora.*

Em (33), das sentenças de negação em “a”, “b” e “c”, a única que é aceita é (33a), já que as *SNM* (33b) e (33c), por não estarem associadas a nenhuma proposição prévia, não conseguem corrigir a variável de sua pressuposição, indo, portanto, de encontro ao que determina o primeiro teste de Martins (2010). Desse modo, o teste da *Obrigatoriedade de Legitimação Discursiva* permite concluir que as *SNM* dependem de uma asserção prévia, foneticamente estabelecida sobre a *mesa*, para que possa estabelecer oposição a qualquer variável dessa proposição pressuposta e efetivada.

#### **2.2.2.2. COMPATIBILIDADE COM ITENS DE POLARIDADE POSITIVA - IPP**

Outro teste apontado por Martins (2010) é a relação das *SNM* com *Itens de Polaridade Positiva*, constituintes que aparecem na sentença para reforçar uma afirmação, de

---

<sup>45</sup> Faremos uso dos *MNM lá/cá*, marcador interno, e *uma ova*, marcador periférico, do PE, apontados em Martins (2010), Pereira (2010) e Pinto (2010).

modo a lhe dar ênfase. Segundo Martins (2012, p. 218), “*the licensing of positive polarity items constitutes a robust test to set apart ordinary negation and metalinguistic negation*”<sup>46</sup>.

No *PB*, assim como identificados no *PE*, temos os *IPP* e *tanto!* e *do diabo!*<sup>47</sup>, como nas frases “*Ele é um nadador e tanto!*” e “*Tiveste uma sorte do diabo!*”<sup>48</sup>.

Consoante Peres (2013),

Se [...] uma expressão só pode ocorrer num contexto positivo, diz-se que se trata de uma expressão de polaridade positiva” e, como exemplos, ele cita expressões como *um pouco*, *pós-verbal*, como em “*Este argumento é um pouco estranho*” (PERES, 2013, p. 493).

Segundo Martins (2012), *SNM* são compatíveis com *IPP*. A autora analisa *SNM* com *lá/cá*, do *PE*, e mostra que esses constituintes podem acontecer concomitantemente.

Desse modo, observemos a situação em (34), abaixo:

(34) *Ana é uma nadadora e tanto!*

a. *Ela é lá/cá uma nadadora e tanto! Já vi nadadores melhores.*

b. *Ela é uma nadadora e tanto uma ova! Já vi nadadores melhores.*

Em (34), as *SNM* com *lá/cá* e *uma ova* são compatíveis com os *IPP* da sentença, corroborando o segundo teste de Martins (2010). Essa compatibilidade também é encontrada em *SNR*, como *Ana não é uma nadadora e tanto! Ela não tem uma boa largada.*

Martins (2014, p. 640) afirma que “*the licensing of positive polarity items constitutes a robust test to set apart ordinary negation and metalinguistic negation*”<sup>49</sup>.

### 2.2.2.3. INCAPACIDADE DE LEGITIMAR ITENS DE POLARIDADE NEGATIVA - *IPN*

O teste *Incapacidade de Legitimar Itens de Polaridade Negativa* é outro teste de Martins (2012) apontado com principal. Ele mostra que *MNM* não são compatíveis com *IPN*.

---

<sup>46</sup> “O licenciamento de itens de polaridade positiva constitui um teste robusto para separar a negação ordinária e a negação metalinguística” (TRADUÇÃO MINHA).

<sup>47</sup> No nordeste é comum ouvirmos, também, os *IPP* *da peste!* e *da moléstia!*, como em:

a. *Ô dançarina da peste!*

b. *Que dança difícil da moléstia!*

<sup>48</sup> Cf. Pereira (2012, p. 15) e Martins (2012, p. 219).

<sup>49</sup> “O licenciamento de Itens de Polaridade Positiva constitui um teste robusto para dividir as sentenças de negação comum das sentenças de negação metalinguística”. (TRADUÇÃO MINHA).



Peres (2013, p. 493) afirma que “[...] se uma expressão é sensível à presença de um valor negativo no seu contexto, apenas podendo ocorrer se ele estiver presente, diz-se que essa expressão é uma expressão (item) de polaridade negativa [...]”. Segundo o autor, expressões como *a mínima*, *o mais pequeno/o menor/o mínimo*, em posições *pós-verbais* e acompanhados de um substantivo, são *IPN*, haja vista serem sensíveis à realização de um marcador de negação que os *c-comande*, como mostra em *Não fiz o mais pequeno/o menor/o mínimo esforço* (p. 493), e *Não faço a mínima ideia do que se passa* (p. 493).

Leiamos, em (35), abaixo, exemplos extraídos de Martins (2012, p. 219):

- (35) (13) B: a. *Eu não conheço ninguém que saiba arranjar isso.*  
*I not know-1SG nobody that know fix-INF that.*  
 b. *Eu conheço lá/cá (alguém/\*ninguém) que saiba arranjar isso.*  
*I know-1SG lá/cá (somebody/\*nobody) that knows fix-INF that.*  
*‘I don’t know anyone who can fix that’*
- (14) B: a. *Eu não saio contigo nem morta.*  
*I not go-out-1SG with-you not-even dead.*  
 b. *\*Eu saio lá/cá contigo nem morta.*  
*I go-out-1SG lá/cá with-you not-even dead.*  
*‘No way I will go out with you’*

As sentenças gramaticais (13.B:a) e (14.B:a) têm o marcador *não* licenciando os *IPN* *ninguém* e *nem morta*. Contudo, o *MNM* interno *lá/cá*, em (13.B:b) e em (14.B:b) não os licencia, o que torna as sentenças agramaticais.

Aplicando essas mesmas sentenças de Martins (2012, p. 219) ao *MNM* periférico *uma ova*, em (36), veremos que ele também não licencia *IPN*.

- (36) a. *\*Eu conheço ninguém que saiba arranjar isso uma ova!*  
 b. *\*Eu saio contigo nem morta uma ova!*

Todo *IPN* deve estar sob o domínio de um marcador de negação, o que não acontece com os *IPN* *ninguém* e *nem morta*, em (36), que são realizados antes do *MNM* periférico *uma ova*, tornando a sentença agramatical. A agramaticalidade com o marcador *uma ova* é verificada também com o *MNM* interno *lá/cá*, o que corrobora que *MNM* e *IPN* são incompatíveis, haja vista que os *IPN* precisam estar sob o escopo de algum constituinte de negação em posição *pré-verbal*, o que não acontece, se eles são realizados com *MNM*.

Além dos testes irrefutáveis para identificação das *SNM*, Martins (2012) apresenta um teste adicional, aos qual define com *Incompatibilidade com Sentenças Encaixadas*, que, segundo ela, também é um teste que permite classificar uma sentença de negação como *SNM*.

#### 2.2.2.4. INCOMPATIBILIDADE COM SENTENÇAS ENCAIXADAS

Segundo Martins (2012, p. 220), “*An additional test enables us to separate metalinguistic negation expressed by lá/cá from ordinary negation. The former in contrast to the latter is confined to root clauses and excluded from embedded ones*<sup>50</sup>”. Portanto, *SNM* não são realizáveis em configurações subordinadas ou encaixadas, diferente das *SNR*, que podem ser realizadas em sentenças matrizes ou em sentenças encaixadas.

Considerando esse teste adicional, porém, Martins (2012) afirma que

This test by itself not single out metalinguistic negation sin it is also a property of emphatic negation [...], which additionally shares with metalinguistic negation the denial nature that imposes licensing by the right type of discourse context. Emphatic negation in contrast to metalinguistic negation, however, licenses NPIs [...], thus qualifying of ordinary negation<sup>51</sup> (MARTINS, 2012, p. 220. Nota de rodapé).

Como a *SNM* e a *SNE* compartilham da propriedade de ênfase, que é dada sobre o conteúdo negado, só é possível distinguir essas sentenças mediante a exposição de alguns contextos discursivos em que elas podem ou não estar inseridas. Além disso, as *SNE*, mas não as *SNM*, podem licenciar *IPN*.

Atentemos para os exemplos abaixo, também extraídos de Martins (2012, p. 220):

(37) (16) A. *O Pedro disse que vendeu o carro.*

*The Pedro said-3SG that sold-3SG the car.*

‘*Pedro said the he sold the car*’

B. a. *O Pedro disse lá/cá que vendeu o carro.*

*The Pedro said-3SG lá/cá that sold-3SG the car.*

b. *O Pedro não disse que vendeu o carro.*

---

<sup>50</sup> “Um teste adicional permite separar negação metalinguística expressa por *lá/cá* da negação ordinária. A primeira, em contraste com a última, é permitida em sentenças raízes e excluída daquelas encaixadas” (TRADUÇÃO MINHA).

<sup>51</sup> Este teste, por si mesmo, não destaca a negação metalinguística, já que também é uma propriedade da negação enfática [...], que adicionalmente compartilha com a negação metalinguística a natureza de negação que impõe o licenciamento de certo tipo de contexto discurso. Negação enfática em contraste com a negação metalinguística, entretanto, licencia *IPN* [...], sendo qualificada, portanto, como negação comum. (TRADUÇÃO MINHA).

*The Pedro not said-3SG that sold-3SG the car.*  
*'Pedro didn't say that sold the car'.*

c. *\*O Pedro disse que vendeu lá/cá o carro.*  
*The Pedro said that sold-3SG lá/cá the car.*

d. *O Pedro disse que não vendeu o carro.*  
*The Pedro said-3SG that not sold-3SG the car.*  
*'Pedro said that he didn't sell the car'.*

No teste de Martins (2012), o marcador *lá/cá* em *PE*, na sentença principal, é bem realizado, enquanto é incompatível, na encaixada. Essa diferença não é percebida no marcador canônico *não* (ou *not*, do inglês), que pode aparecer na oração principal ou na encaixada.

Se utilizarmos, entretanto, o *MNM uma ova*, periférico, veremos que a sentença é gramatical, indo de encontro ao teste de Martins (2012) que trata da *Incompatibilidade com Sentenças Encaixadas*.

Incluiremos o *MNM uma ova* nas mesmas sentenças extraídas de Martins (2012, p. 220):

- (38) A: a. *O Pedro disse uma ova que vendeu o carro!*  
b. *O Pedro disse que vendeu o carro uma ova!*

Tanto (38:A:a) quanto (38:A:b) são aceitáveis. Nesse caso, o *MNM* periférico *uma ova* se comporta de modo diferente em relação ao *MNM* interno, quando da sua realização em sentenças encaixadas. O problema identificado na aceitação desse *MNM* periférico em sentenças subordinadas é que, com a realização desse marcador em sentenças encaixadas, surge aquela ambiguidade apontada por Horn (1989), quando afirma que não há marcadores exclusivos de *SNM*. Essa ambiguidade se torna evidente porque não sabemos se a negação que o *MNM* insere sobre a proposição do *cg* é do tipo Regular, que anula o conteúdo proposicional da asserção prévia, ou Metalinguística, que corrige uma variável dessa asserção.

Para ratificar o que afirmamos no parágrafo anterior, retomemos os mesmos exemplos de (38) em (39), abaixo. No entanto, a eles postularemos afirmações adicionais, de modo a aclarar a negação:

- (39) a. *O Pedro disse que vendeu o carro uma ova! Ele não disse nada.*  
b. *O Pedro disse que vendeu o carro uma ova! Ele disse vendeu a moto.*

Tanto as sentenças “a” quanto “b” são realizáveis, como as interpretações que as segue são bem aceitas, como apresentam aquela ambiguidade apontada por Horn (1989).

Nesse caso, acreditamos essa ambiguidade se dá porque, sendo realizado em encaixadas, o escopo do *uma ova* pode recair sobre toda a sentença, ou sobre um dos seus constituintes.

Diante do exposto, o teste da *Incompatibilidade com Sentenças Encaixadas*, de Martins (2012), não é robusto para categorizar uma sentença de negação como *SNM*, uma vez que *MNM* periféricos podem ser realizados em subordinadas, permitindo que a sentença adquira duas interpretações possíveis: de *SNR* ou de *SNM*, acastelando a ambiguidade identificada em Horn (1989).

### 2.2.3. TESTES PARA DISTINÇÃO DOS MARCADORES DE NEGAÇÃO METALINGUÍSTICA

Como vimos, Martins (2010, 2012, 2014) aponta quatro testes, sendo três destes muito robustos, para identificação e classificação de *SNM*. Além deles, Martins (2010), considerando a existência de marcadores internos, como o *lá/cá*, do *PE*, e periféricos, como o *agora*, do *PE*, e o *uma ova*, do *PE* e do *PB*<sup>52</sup>, propôs, também, alguns testes para classificar e distinguir os *MNM* entre periféricos dos internos. Martins (2010a) considera como esses constituintes se comportam, quando analisados sob os seguintes aspectos em relação à sentença: a) *Posição na frase*; b) *Ocorrência isolada e em fragmentos nominais*; c) *Interação com a negação*; d) *Compatibilidade com advérbios enfáticos que precedem o verbo*; e) *Compatibilidade com expressões idiomáticas*; f) *Compatibilidade com coordenação*; g) *Compatibilidade com elipse do VP*.

Como fizemos com os outros testes para identificação das *SNM*, submeteremos os constituintes *é ruim* e *nem a pau* a esses testes.

#### 2.2.3.1. POSIÇÃO NA FRASE

Para Martins (2010, p. 572), “os marcadores *lá/cá* ocorrem, invariavelmente, em posição *pós-verbal* e em estrita adjacência ao verbo [...] enquanto os periféricos ocorrem, invariavelmente, em posição inicial ou final da frase”.

Martins (2010) apresenta os exemplos que expomos em (40), abaixo:

(40) (17) A: *Ele viveu sempre em Paris.*

---

<sup>52</sup> Grifo nosso.

- B: a. *Ele viveu lá/cá sempre em Paris.*  
 b. *\*Ele viveu sempre lá/cá em Paris.*  
 c. *\*(Lá/cá) ele viveu sempre em Paris.*

(18) A: *Ele viveu sempre em Paris.*

- B: a. *Ele viveu sempre em Paris uma ova.*  
 b. *Uma ova é que ele viveu sempre em Paris.*  
 c. *\*Ele viveu (uma ova) sempre (uma ova) em Paris (p. 572).*

As sentenças com o *lá/cá* só são gramaticais apenas quando ele ocupa a posição interna e *pós-verbal*, com quem mantém estreita adjacência. Quando ele é realizado após o constituinte adverbial ou em posição periférica, a sentença é agramatical. Por sua vez, é agramatical aquela sentença em que o *uma ova* aparece em posição interna, como (40c). No entanto, se o *uma ova* ocupa a periferia, a sentença é aceitável. Logo, gramatical.

Essas análises confirmam que *lá/cá* são marcadores *internos* e *uma ova* é um marcador periférico.

#### 2.2.3.2. OCORRÊNCIA ISOLADA OU COM FRAGMENTO NOMINAL

Conforme esse teste, o marcador periférico *uma ova* pode ocorrer isolado ou acompanhado de um fragmento nominal, enquanto o interno *lá/cá* precisa estar associado ao verbo (cf. p. 572), conforme mostramos em (41), abaixo, extraído de Martins (2010a, p. 572/573):

(41) A: *Ele pagou o jantar, não pagou?*

- B: a. *Uma ova!*  
 b. *\*Lá/cá!*

A: *Vamos comprar um carro vermelho/o vermelho.* (p. 573)

- B: a. *O vermelho uma ova!*  
 b. *\*(Lá/cá) o vermelho (lá/cá)!*

Esse teste confirma que apenas o marcador periférico *uma ova* pode ser realizado sozinho ou acompanhado de um fragmento nominal. De acordo com a análise, o *MNM lá/cá* não pode ser realizado de nenhuma dessas formas.

#### 2.2.3.3. INTERAÇÃO COM A NEGAÇÃO

Martins (2010a) acastela que não há uniformidade dos marcadores de negação metalinguística quando esta se relaciona com elementos da negação.

Enquanto *lá/cá* são incompatíveis com a negação proposicional e excluídos das frases negativas, *uma ova* [...] pode expressar discordância relativamente a uma proposição negativa (co-ocorrendo, nesse caso, com *não* e conduzindo a uma interpretação de aparente dupla negação) (MARTINS, 2010a, p. 573).

Marcadores internos não podem coocorrer com sentenças negativas, enquanto os periféricos podem provocar dupla negação, já que ele anula a negação feita pelo *não*.

Apresentamos os exemplos de Martins (2012, p. 573) em (42), abaixo:

(42) (22) A: *Ele não pode estar bêbado. Ele não bebe.*

B: a. *Não bebe uma ova.*

b. *\*Não bebe lá/cá.*

(23) A: *Eu não conheço ninguém que vá a essa festa.*

B: a. *Não conheces (ninguém) uma ova.*

b. *\*Não conheces lá/cá ninguém.*

As sentenças “B.a”, de (42), mostram que o marcador periférico interage tanto com a negação simples, *ele não bebe*, quanto com a negação com dois marcadores, *eu não conheço ninguém*, sendo o último um IPN. Já o marcador interno *lá/cá*, em “B.b”, torna as sentenças agramaticais.

#### **2.2.3.4. COMPATIBILIDADE COM ADVÉRBIOS ENFÁTICOS OU QUE PRECEDEM O VERBO**

Advérbios enfáticos são aqueles que, quando *pré-verbal*, despojam-se de seu significado original básico e se realizam na estrutura para atribuir à palavra a qual se adjunge leitura de ênfase, como acontece com o *sempre* e o *logo*. Segundo Martins (2010a), esses advérbios são compatíveis com o marcador periférico *uma ova* e incompatíveis com o interno *lá/cá*.

Observemos os exemplos abaixo, em (43), extraídos de Martins (2010a, p. 573):

(43) (24) A: *O tubarão sempre sobreviveu.*

B: a. *Sempre sobreviveu uma ova.*

b. *\*Sempre sobreviveu lá/cá.*

(25) A: *Ele logo nos paga, não te preocupes.*

B. a. *Logo nos paga uma ova.*

b. *\*Logo nos paga lá/cá. (p. 574)*

Mais uma vez, o marcador periférico *uma ova* é compatível com o teste de Martins (2012), o que não acontece com o marcador interno *lá/cá*.

### 2.2.3.5. COMPATIBILIDADE COM EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Martins (2010) afirma que expressões idiomáticas podem se articular com o marcador periférico de *SNM uma ova*, mas não com o marcador interno *lá/cá*. Observemos os exemplos em (44) e (45), abaixo, extraídos dos exemplos (26) e (27), de Martins (2010, p. 574), que utiliza as expressões idiomáticas *água sob a ponte* e *traz água no bico*:

(44) (26) A. *Já correu muita água sob a ponte.*

B. a. *Já correu muita água sob a ponte uma ova.*

b. *\*(Já) correu (lá/cá) muita água sob a ponte.*

(45) (27) A. *Isso traz água no bico.*

B. a. *Traz água no bico uma ova.*

b. *\*Traz (lá/cá) água no bico.*

O marcador interno *lá/cá* é incompatível com as expressões idiomática, porque interfere entre os seus constituintes. Contudo, essas expressões é compatíveis com o marcador periférico *uma ova*, uma vez que esse marcador aparece nas extremidades da sentença, não desfazendo a sequência fixa dos constituintes da expressão idiomática.

### 2.2.3.6. COMPATIBILIDADE COM ESTRUTURAS COORDENADAS

Estruturas de coordenação que expressam uma sequência lógica e consecutiva de eventos, como em *Ana comeu muito e passou mal* ou *Ana namorava José e se casou com ele*, segundo Martins (2010a), são compatíveis com *MNM* periféricos, como o *uma ova* e incompatíveis com internos, como o *lá/cá*, uma vez que apenas marcadores periféricos têm escopo amplo.

Considerando Martins (2010), Pereira (2010, p. 19) garante que “[...] *lá/cá*, sendo internos, não terem capacidade de negar sequência de eventos expressas por estruturas coordenadas. [...] *uma ova*, enquanto periférico, pode negar esse tipo de frase complexa”.

Apresentamos, abaixo, em (46), o exemplo expresso em Martins (2010a, p. 574):

(46) (28) A: *Eles casaram e tiveram um filho.*

B: a. *Eles casaram e tiveram um filho uma ova, eles casaram porque tiveram um filho.*

b. *\*Eles casaram (lá/cá) e tiveram um filho, eles casaram porque tiveram um filho.*

O marcador interno *lá/cá* não ocupa, para nós, uma posição interna, pois é realizado no final de um *IP* pleno, que faz parte de uma configuração complexa com outro *IP* pleno. Portanto, em “B.b”, o marcador *lá/cá* aparece em posição periférica, razão pela qual a sentença se torna agramatical. Como marcadores internos são incapazes de inserir escopo amplo sobre a sentença, a sua negação recai apenas sobre o constituinte mais próximo, *casaram*, invalidando, portanto, a sequência de eventos.

Por sua vez, o marcador periférico *uma ova*, que tem escopo amplo, alcança as duas asserções do período complexo, anulando, assim, toda a sequência de eventos.

#### 2.2.3.7. COMPATIBILIDADE COM *ELIPSE DO VP*

O último teste trata da *Elipse do VP*. Segundo Martins (2010, p. 574), “a *elipse do VP* é permitida em frases com os marcadores periféricos de negação metalinguística *agora* e *uma ova*. [...] Os marcadores de negação metalinguística *lá/cá*, pelo contrário, bloqueiam a *elipse do VP*”. Pereira (2010, p. 19) afirma, também, que “[...] as frases com *lá/cá* apenas são gramaticais se não ocorrer *elipse do VP*. Por outro lado, este fenômeno é permitido com o marcador periférico *uma ova*”.

O teste *Elipse do VP* também restringe o marcador interno, mas não o periférico.

Vejamos, em (47), como Martins (2010a, p. 575) apresenta essas sentenças:

(47) (29) A: *O João ofereceu um cão à filha.*

B: a. *\*Ofereceu lá/cá.*

b. *Ofereceu uma ova.*

c. *O João ofereceu lá/cá um cão à filha.*

(30) A: *O João tem lido todos os livros.*



- B: a. \**Tem lá/cá.*  
b. *Tem uma ova.*  
c. *O João tem lá/cá lido todos os livros.*

Nos exemplos de Martins (2010a), há dois tipos de configurações: uma sentença verbo único, *ofereceu*, e outra com um complexo verbal, *tem lido*.

De acordo com (47), o marcador *interno lá/cá* se realiza bem se o *VP* também é realizado. Se omitido, a sentença se torna agramatical. Por sua vez, o marcador periférico *uma ova* pode estar na sentença com *VP* realizado ou elíptico.

#### 2.2.4. O CONCEITO DE POLARIDADE NAS SNM (Martins, (2010, 2012, 2014))

Assim como vimos em Farkas e Bruce (2010), as sentenças colocadas numa *mesa* possuem dois tipos de polaridade: uma identificada na própria sentença, definida como *Polaridade Absoluta* de traços *positivo* [+] e *negativo* [-]; outra identificada na relação entre sentenças, definida como *Polaridade Relativa* com traços de concordância, [*same*], ou de discordância, [*reverse*], consoante Farkas e Bruce (2010).

Considerando os traços de polaridade, Martins (2010b) atribui às *SNM* os mesmos traços de *Polaridade Absoluta* [+] ou [-], identificados em sentenças de negação comum, que podem ser também marcadas pelos constituintes *sim* ou *não*. No entanto, quanto à *Polaridade Relativa*, Martins (2010b) não atribui às *SNM* os traços [*same*] e [*reverse*], associados às negativas com *sim* ou *não*, mas apresenta o traço [*objection*], devido à objeção que uma *SNM* realiza sobre o valor de verdade da sentença que necessariamente a antecede.

Pinto (2010) acastela que

O valor do traço de polaridade não é definido de acordo com o marcador que figura na frase [...]. Os marcadores metalinguísticos periféricos [...] podem exprimir discordância relativamente a uma frase afirmativa ou negativa, sendo a polaridade absoluta da frase que exprime a objecção igual a da frase antecedente (i.e., a frase que é alvo da objecção) (PINTO, 2010, p. 66).

Desse modo, a *Polaridade Absoluta* de uma sentença de negação padrão e de uma *SNM* pode coincidir. No entanto, a *Polaridade Relativa* [*objection*] das *SNM* não pode ser comparada à *Polaridade Relativa* das sentenças de negação padrão, uma vez que estas podem ser realizadas, inclusive, sem um contexto prévio e serem realizadas apenas pelos

constituintes *sim* ou *não*, enquanto o traço de [*objection*] só pode existir se a sentença for antecedida de uma pressuposição.

Como a *SNM* recusa parte de uma pressuposição, corroboramos Martins (2010) e acastelamos que a *Polaridade Relativa* intrínseca às *SNM* não pode ser associado aos traços *concordância/discordância*, mas ao traço de [*objection*] que, para nós, sugere concordância ou discordância parcial.

Pinto (2010) diz que,

Embora os marcadores de negação metalinguística se apresentem como indicadores de um dado tipo de resposta, não podem ser classificados com recurso aos traços [*same*] e [*reverse*] e polaridade [+] ou [-]. [...] Uma das principais características da negação metalinguística é precisamente o facto de expressar unicamente negação discordante, razão pela qual os traços aplicados às respostas do tipo *sim/não* não são aplicáveis (PINTO, 2010, p. 66).

Pinto (2010) assegura que as *SNM* realizam, tão somente, negação discordante, razão pela qual é necessária a aplicação traço [*objection*] em oposição aos traços *sim* ou *não*, das *sentenças-resposta*. No entanto, a autora não estabelece o quanto de discordância há nas *SNM*.

Defendemos que, sendo sempre discordante, a discordância estabelecida pelas *SNM* tem alcance parcial, tanto que a afirmação pressuposta, sempre explícita na *mesa discursiva*, tem alteração em apenas um dos constituintes que configuram a pressuposição.

Diante do exposto, ratificamos, na *mesa discursiva* abaixo, em (48), a *Polaridade Relativa* [*objection*] das *SNM*, em que utilizamos os *MNM uma ova*, de Martins (2010), e *nada*, de Pinto (2010):

(48) *Ana sugeriu que eu viajasse.*

- a. *Sugeriu uma ova! Ela determinou que você viajasse.*
- b. *Sugeriu nada! Ela determinou que você viajasse.*

Em (48), o escopo dos marcadores *uma ova* e *nada* recaem, exclusivamente, sobre o constituinte *sugerir*, que foi imediatamente substituído por *determinar*. Em ambas as negativas, o falante estabelece, portanto, discordância parcial, não plena, do que está posto no *cg*, uma vez que não invalidou a primeira asserção, mas a retificou.

Como estabelecem discordância parcial, as *SNM* implicam objeção sobre parte de uma proposição afirmativa, que, não sendo anulada, é corrigida. Nessa negação retificadora é que reconhecemos o traço de *Polaridade Relativa* [*objection*], de Martins (2010).

Sendo sentenças de negação, as asserções (48a) e (48b) não são sentenças concordantes, com *Polaridade Relativa* [*Same*], porque não confirmam o que está posto no *cg* da *mesa discursiva*. Por sua vez, não são, igual e inteiramente, sentenças discordantes, com *Polaridade Relativa* [*Reverse*], haja vista parte da proposição se manter inalterada. Por esse fato, as *SNM* cobrem-se do traço de *Polaridade Relativa* [*Objection*], que se opõe a algo, mas não o anula.

Martins (2014) assevera que

MN declaratives displaying unambiguous MN markers will be characterized as *responding assertions*, in the sense of Farkas and Bruce (2010), associated with the ‘relative polarity’ feature [*objection*] – adding to the features [*same*] and [*reverse*] postulated by Farkas and Bruce (2010)<sup>53</sup> (MARTINS, 2014, p. 636).

Como mostramos, alguns *MNM* de Martins (2014), não ambíguos, configuram-se em *sentenças-resposta* do *PE*. No entanto, aos traços de *concordância* ou de *discordância* da *Polaridade Relativa*, de Farkas e Bruce (2010), Martins adiciona o traço [*objection*], considerando a abrangência da negação realizada pelos *MNM*. Como contestam uma asserção precedente, Martins (2010, p. 650) afirma que “*MN declaratives are typically “objections” to a previous utterance, that constitute its required licensing context* (Horn 1989:363)<sup>54</sup>”.

Diante do exposto, as sentenças apresentam polaridade em relação a uma sentença prévia, daí a classificação de *Polaridade Relativa*, que se opõe à *Polaridade Absoluta*, marcada na própria sentença. Contudo, a depender do tipo de relação estabelecida entre as sentenças, essa polaridade relativa apresenta traços distintos, conforme Farkas e Bruce (2010) e Martins (2014): [*Same*], quando a *sentença-resposta* concorda com o conteúdo proposicional da sentença prévia; [*Reverse*], quando a *sentença-resposta* discorda do conteúdo proposicional da primeira sentença; [*Objection*], quando a *sentença-resposta*, não concorda nem discorda da sentença prévia, mas estabelece objeção a parte de sua afirmativa, contestando alguma variável do seu conteúdo proposicional.

Além das *SNM*, Cavalcante (2012) analisa as *Sentenças de Negação Anafórica*, que não são classificadas pela presença ou ausência de marcadores específicos da sentença, mas

---

<sup>53</sup> “Marcadores declarativos de negação metalinguística são caracterizados como *asserções de resposta*, associados aos traços de polaridade relativa [*objeção*] – somado aos traços [*same*], confirmação, [*reverse*], oposição, postulados por Farkas e Bruce (2010).

<sup>54</sup> “Declarativas de Negação Metalinguística estabelecem, tipicamente, objeção a uma asserção precedente, que constitui o contexto licenciador requerido”. (TRADUÇÃO MINHA)

pelo modo como a negação e a pressuposição do *cg* interagem entre si. Sobre as sentenças de negação anafórica comentaremos na próxima seção.

### 2.3. SENTENÇAS DE NEGAÇÃO ANAFÓRICA

Considerando que as *SNM* se estabelecem sobre um *cg* pré-existente, Cavalcante (2012), analisando, particularmente, a realização do marcador final *não*, estuda um tipo de sentença de negação que também se estabelece sobre uma *mesa* com uma proposição previamente ativada: a *Sentença de Negação Anafórica* (ou *SNA*).

Além das sentenças de negação comum, *SNP* e *SNR*, e das *SNM*, que acontecem obrigatoriamente sobre um *cg* efetivado, a *SNA* uma sentença de negação classificada pelo modo como o contexto antecedente é retomado por ela. Ou seja, a *SNA* não é marcada por nenhum constituinte, mas pelo modo como a pressuposição é (re)ativada na negação.

A *SNA* é definida por Cavalcante (2012, p. 42) como uma sentença de negação que “[...] faz referência mais ao modo de introdução da pressuposição no discurso do que ao fato de este marcador negar ou não uma pressuposição”. Ou seja, é a pressuposição a responsável pela classificação de uma *SNA*, uma vez que é o modo como ela aparece retomada na negação.

A pressuposição aqui referida é aquela que equivale, obrigatoriamente, à versão afirmativa da negação, ativada pelo conhecimento do interlocutor sobre a proposição que está sendo negada, e não aquela que equivale à dicotomia *informação velha/informação nova*. Ou seja, é aquela pressuposição inerente à sentença prévia do *cg*, com a qual o participante da *mesa* interage, e a mesma que motivou a sentença de negação. Assim, o modo como o participante relaciona o conteúdo da pressuposição do *cg* com a sentença de negação é o que determina se a negação é anafórica ou não.

Tanto *SNA* quanto *SNM* dependem de um contexto precedente, bem como têm ênfase prosódica e representam um tipo de sentença enfática ou exclamativa. Porém, segundo Cavalcante (2012), essas sentenças não podem ser confundidas, uma vez que

[...] ainda que a necessidade de legitimação discursiva por meio de uma proposição presente no contexto seja um elemento necessário para a veiculação de uma negação metalinguística, esse conceito e o de negação anafórica não podem ser considerados equivalentes. [...] não é possível reduzir os casos de negação anafórica aos de negação metalinguística nem vice-versa (CAVALCANTE, 2012, p. 60).

Ou seja, enquanto o marcador da *SNM* corrige uma variável de um valor de verdade qualquer, ou, segundo Cavalcante (2012, p. 58), “[...] não ter a função de negar a veracidade da sentença, mas uma rejeição à sua assertabilidade [...]”, as *SNA* tanto anulam quanto corrigem uma proposição. Desse modo,

Ser anafórica é uma propriedade mais básica do que ser metalinguística ou enfática. Toda negação metalinguística ou enfática tem a propriedade anafórica de negar algo dado contextualmente; mas elas têm **mais** propriedades do que apenas essa, sendo mais especializadas; por isso, ocorrem em menos contextos (CAVALCANTE, 2018, orientação via e-mail).

Desse modo, uma *SNA* é analisada apenas pela forma como retoma uma pressuposição, enquanto uma *SNM* ou *SNE*, além da relação que estabelecem com o contexto prévio, apresentam outras propriedades, por isso seu uso é mais restrito.

Cavalcante (2012), afirma que a estrutura [*VP Não*], do *PB*, só pode ser estabelecida se a negação for anafórica. Caso não, o marcador final acaba por não ser aceito. O autor diz que “[...] o requerimento de uma proposição expressa ou inferida previamente no discurso é o que caracteriza o uso do marcador negativo final em [*Num VP Não*] e [*VP Não*]” (p. 73).

Além disso, Cavalcante (2012), afirma que

O marcador negativo pós-*VP* tem um comportamento distinto do marcador pré-verbal por codificar um tipo de negação anafórica, que é dependente da presença de uma proposição ou previamente ativada no discurso ou inferível diretamente da situação comunicativa (CAVALCANTE, 2012, p. 135).

O marcador *pré-verbal* nega uma afirmação precedente – ativada ou não na comunicação – e estabelece mudança de tópico de uma conversa. O marcador *pós-VP*, presente nas *SNA*, depende da realização de um contexto que o anteceda, de modo a anular o seu valor de verdade ou a corrigir qualquer variável desta.

Comparando a configuração [*VP Não*] com [*Não VP*], Cavalcante (2012) que

[...] o marcador *não/num* pré-verbal é possível em qualquer tipo de sentença, independentemente do tipo ilocucionário (declarativa, interrogativa, imperativa) ou estatuto sintático (matriz, subordinada). [...] As sentenças com o marcador negativo final são sensíveis a certas construções que envolvem a ativação da periferia à esquerda (CAVALCANTE, 2012, p. 53).

A fim de distinguir as *SNA* das *SNM*, Cavalcante (2012) apresenta, também, alguns testes que, segundo ele, são conclusivos para classificar uma *SNA* e distingui-la de uma *SNM*.

### 2.3.1. TESTES PARA IDENTIFICAÇÃO DE UMA SENTENÇA DE NEGAÇÃO ANAFÓRICA

Conforme Cavalcante (2012), alguns testes são capazes de distinguir as *SNA* de outros tipos de sentenças de negação, como as *SNM*. Dentre os testes, apenas alguns podem ser possíveis tanto para a *SNA* quanto para a *SNM*.

#### 2.3.1.1. CONTEXTO DE RESPOSTA

Em Cavalcante (2012),

[...] o marcador negativo pós-*VP* é menos frequente que o *num* pré-verbal [...]. [...] apresenta uma distribuição mais restrita quanto aos tipos de contexto em que pode ocorrer. [...] A literatura [...] aponta que as sentenças com o *não* final ocorrem prioritariamente em contextos de respostas<sup>55</sup> (CAVALCANTE, 2012, p 32).

As sentenças de negação com *não pós-VP* ocorrem, preferencialmente, em *Contextos de Respostas*, que ativam a pressuposição, ainda que inferida, de modo que a negação rejeita-a ou a corrige.

Observando (49), abaixo, vemos como o autor exemplificou sua afirmação:

- (49) (3) A: *Você convidou João para a festa?* (interrogativa direta)  
a. B: *Num convidei (ele) não.*  
b. B: *Convidei (ele) não.* (p. 32)

De outra forma, (49) poderia ser expressa como (50), abaixo, cujo *contexto de resposta* é para uma afirmativa:

- (50) Ana convidou o João para a festa.  
Ana: A. *Num convidei (ele) não.*  
B. *Convidei (ele) não.*

---

<sup>55</sup> “O contexto de resposta deve ser entendido de modo mais amplo do que simplesmente resposta a perguntas (diretas ou indiretas), mas como qualquer réplica a algo que seja formulado como pergunta ou não” (CAVALCANTE, 2012, p. 32-33).

Tanto em (49) quanto em (50) as configurações [Não VP Não] e [VP Não] são bem realizáveis. Portanto, esse contexto de resposta serve para sentenças pressupostas declarativas ou interrogativas.

Se considerarmos o *MNM* periférico *uma ova*, de Martins (2012), veremos que ele se comporta como mostra a *mesa* (51), abaixo, readaptada de Cavalcante (2012):

- (51) *Ana convidou o João para a festa.*  
*Ana: A. \*Num convidei (ele) uma ova!*  
*B. Convidei (ele) uma ova!*

Em (51a), a configuração [*Não/num VP uma ova*] não é possível porque apresenta o *não/num* em posição *pré-verbal*. Como este está realizado entre os constituintes que compõem a informação velha (pressuposição), ele não retoma adequadamente a proposição estabelecida sobre o *cg*, que é uma sentença afirmativa, razão pela qual a sentença se torna agramatical no contexto. A sentença (51b), por sua vez, na qual há a configuração [*VP uma ova*], cujo marcador da negação é um *MNM* periférico, a sentença também é bem realizada.

Considerando o teste *Contexto de Resposta*, além das sentenças com a configuração [*VP Não*] são bem realizáveis, são também aceitas sentenças com *MNM* periféricos, como [*VP uma ova*], periférico, desde que a informação velha, retomada na negação, tenha a mesma *Polaridade Absoluta* da sentença pressuposta.

### 2.3.1.2. CONTEXTOS DE ORDEM NEGATIVA

Além do *Contexto de Resposta*, Cavalcante (2012) afirma que os marcadores finais de negação [*VP Não*], segundo E. Martins (1997:42)<sup>56</sup>, são comumente encontrados em *Contextos de Ordem Negativa*<sup>57</sup>, como em (52), extraído do exemplo de Cavalcante (2012, p. 33), em que a negação é realizada com o *não pós-VP*:

- (52) (4) *A. Acho que vou convidar João para a festa.*  
*a. B: Num convide (ele) não!*  
*b. B: Convide (ele) não!*

---

<sup>56</sup> Cf. Cavalcante, 2012, p. 33.

<sup>57</sup> “Ordem”, neste sentido, está para o fato de se estabelecer autoridade sobre aquilo que se anuncia.

Nesse teste, a *SNM* de Martins (2012) com o *MNM* periférico *uma ova*, comparando ao *não pós-VP*, que aparece na periferia, também é inadequada, como mostra a *mesa* de (52), retomada em (53), abaixo:

- (53) (4) A. *Acho que vou convidar João para a festa.*  
a. \*B: *Num convide (ele) uma ova!*  
b. \*B: *Convide (ele) uma ova!*

### 2.3.1.3. CONTEXTO DE PERGUNTAS POLARES

Outra situação adequada às sentenças com o *não pós-VP*, de acordo com Cavalcante (2012, p. 33), é o *Contexto das Perguntas Polares*, realizadas como *resposta a uma afirmação prévia*, como mostra o exemplo extraído do autor e apresentado em (54), abaixo:

- (54) (5) A: *(Acho que) João num veio para festa.*  
B: *E nem era para ele vir.*  
C: *(Num) convidou ele não? (Pensei que você tivesse convidado...)*

A interrogativa do falante “C” é uma *pergunta polar* porque faz referência a um enunciado prévio e exige uma só, de duas, resposta possível: *sim* ou *não*. Considerando esse teste de Cavalcante (2012), sentenças com [VP Não] são aceitas em *perguntas polares*.

Submetido ao teste das *perguntas polares*, o *MNM uma ova* se comporta como mostra a *mesa* em (55), abaixo, também readaptada de Cavalcante (2012, p. 33):

- (55) (5) A: *(Acho que) João num veio para festa.*  
B: *E nem era para ele vir!*  
C: *\*(Num) convidou ele uma ova?! (Pensei que você tivesse convidado...)*

Como mostra (55), o *MNM periférico uma ova* não é compatível em contextos de *perguntas polares*.

### 2.3.1.4. INCOMPATIBILIDADE COM INTERROGATIVAS-QU



Cavalcante (2012, p. 53) afirma que sentenças com a estrutura [VP Não] e [Não VP Não] são possíveis em declarativas, imperativas e perguntas polares, mas não com *perguntas-QU*, como mostramos em (56), extraído de Cavalcante (2012):

- (56) (28) a. *O que (foi que) ele fez (\*não)?*  
 b. *Por que ele saiu de casa (\*não)?*  
 c. *Que horas você está ocupado (\*não)?*  
 d. *O que (que) Maria pagou (\*não)?*

Com perguntas diretas, nas quais o *pronome-QU* é vazio de significado, e o *constituente-resposta* deve preencher esse vazio, as configurações [VP Não] e [Não VP Não] não são compatíveis, haja vista o *não pós-VP* ter leitura enfática e ser dependente de uma proposição prévia com quem se relacione, proposição essa que não existe em interrogativas-*QU*.

O *MNM periférico uma ova*, como o *não pós-VP*, também não é compatível com *perguntas-QU*, como mostra (57), abaixo:

- (57) (28) a. *\*O que (foi que) ele fez uma ova?!*  
 b. *\*Por que ele saiu de casa uma ova?!*  
 c. *\*Que horas você está ocupado uma ova?!*  
 d. *\*O que (que) Maria pagou uma ova?!*

### 2.3.1.5. INCOMPATIBILIDADE COM SUBORDINADAS

Além dos testes anteriormente apresentados, Cavalcante (2012, p. 54) analisou o *não final* em sentenças subordinadas e constatou que “[...] é inaceitável em sentenças subordinadas de qualquer tipo”, como mostramos em (58), abaixo:

- |   |                            |
|---|----------------------------|
| (58) (29) a. <i>*Ele disse que conseguiu não</i>        | (Completiva)               |
| b. <i>??Ele foi buscar o livro que Maria trouxe não</i> | (Relativa)                 |
| c. <i>*É bom pra saúde comer gordura não.</i>           | (Subjetiva <sup>58</sup> ) |

<sup>58</sup> O autor distingue sentenças subordinadas subjetivas de sentenças subordinadas completivas. Para ele, ao que parece, só são completivas as subordinadas objetivas, o que não é fato. Para nós, sentenças subordinadas completivas são quaisquer sentenças subordinada que, sintaticamente, dependam de constituintes que são “complementadas” por constituintes que estão fora do seu domínio. Assim, são completivas todas as sentenças subordinadas substantivas, sejam elas subjetivas, objetivas, predicativas, completivas nominais ou apositivas, uma vez que suas configurações sintáticas dependem de elementos argumentais externos ao seu domínio.

d. \*Se a banda tocar não, o show vai ser cancelado. (Adverbial)

Conforme (58), o *não final* agramaticaliza as subordinadas completivas, subjetivas e adverbiais, sendo parcialmente aceitas nas relativas.

Por sua vez, o *MNM uma ova*, como mostramos no exemplo adaptado do autor, em (59) abaixo, é bem realizado nas subordinadas, com exceção da subordinada adverbial:

- (59) (29) a. *Ele disse que conseguiu uma ova! Ele disse que não conseguiu.* (Ob. Direta)  
b. *Ele foi buscar o livro que Maria trouxe uma ova! Ele nem saiu do lugar.*  
(Relativa)  
c. *É bom pra saúde comer gordura uma ova! Faz é muito mal.* (Subjetiva)  
d. \**Se a banda tocar uma ova, o show vai ser cancelado!* (Adverbial)

O marcador *uma ova* é bem aceito em subordinadas, porque o escopo de sua negação não recai sobre os constituintes da subordinada, mas sobre a asserção principal.

Considerando a configuração [*Não VP Não*], ela é aceitável em todas as subordinadas, do tipo como mostramos em (60), abaixo:

- (60) a. *Ele disse que num conseguiu não.* (Ob. Direta)  
b. *Ele foi buscar o livro que Maria num trouxe não.* (Relativa)  
c. *É bom pra saúde num comer gordura não.* (Subjetiva)  
d. *Se a banda não tocar não, o show vai ser cancelado.* (Adverbial)

Todas as sentenças em (60), que tem a configuração [*Não VP não*] são aceitáveis, sendo a relativa mais aceitável com o marcador pré-verbal *não*, do que com o marcador *num*.

Em sentenças matrizes, como em (61), abaixo, a ordem [*V Não*] ou [*VP Não*] não é aceita, sendo permitida, para nós, apenas a ordem [*Não V Não*].

- (61) a. \**Ele disse não que conseguiu.*  
b. \**Ele foi buscar o livro não que Maria trouxe.*  
c. \**É bom pra saúde não comer gorduras.*  
d. \**Se a banda tocar, o show vai ser cancelado não.*

As sentenças de (61), acima, seja com a configuração [*Não V Não*] como com a configuração [*Não VP Não*] podem ser estabelecidas nas sentenças matrizes.

---

Acastelamos, portanto, que toda sentença completiva é substantiva, inclusive aquela em “29.a”, do autor, classificada como uma completiva, diferente daquela em “29.c”, também do autor, apontada como subjetiva.

## RESUMO DA SEÇÃO

Nesta seção, corroboramos que sentenças de negação são tipos de configurações que, além de apresentarem diferentes marcadores em diferentes posições, podem ser classificadas em diferentes tipos, a depender de alguns fatores determinantes.

Considerando todas as sentenças lançadas sobre uma *mesa discursiva*, na qual é estabelecido um *common ground*, mostramos a diferença entre *asserções*, que se subdividem em *asserções comuns*, *asserções responsivas*, e *interrogativas polares*, de acordo com Farkas e Bruce (2010).

Nesta seção trouxemos os conceitos de Farkas e Bruce (2010), ao assegurarem que cada sentença lançada sobre uma *mesa discursiva*, independente do seu tipo, apresenta traços de polaridade, sejam identificados na própria sentença ou na relação entre sentenças. Assim, se a análise recai sobre os constituintes que perfazem a sentença, elas têm definidos os seus traços de *Polaridade Absoluta*, sendo classificadas em sentenças de *Polaridade Absoluta Positiva* [+], se a sentença não apresenta nenhum constituinte de negação, ou em sentenças de *Polaridade Absoluta Negativa* [-], em cuja configuração sintática há qualquer constituinte marcador de negação. Já os traços de *Polaridade Relativa*, identificados na relação de uma sentença com outra, já presente no *cg*, são identificados através da *Polaridade Relativa*, que pode ser dividida entre as que estabelecem concordância, sendo, portanto, sentenças de *Polaridade Relativa* [Same], ou discordância, perfazendo a *Polaridade Relativa* [Reverse].

Martins (2014) também estabelece os traços [+] e [-] para a *Polaridade Absoluta* da sentença, corroborando Farkas e Bruce (2010). No entanto, quando se refere aos traços de *Polaridade Relativa*, que reconhece na relação da *SNM* com a proposição que a antecede, Martins (2014) afirma que, pelo fato de as *SNM* estabelecerem objeção ao conteúdo proposicional de uma sentença prévia, o traço da *Polaridade Relativa* é marcado por [*objection*], tese defendida, também, por Pinto (2010) e Pereira (2010).

Afirmamos, nesta seção, que Martins (2010, 2012 e 2014) analisa as *SNM* e as distingue de outros tipos de negação através de alguns testes específicos, os quais Martins (2012, 2014) considera capazes de classificar, indubitavelmente, a negação como *SNM*, sem que haja aquela ambiguidade de Horn (1989), que acastela que as *SNM* estabelecem dupla interpretação: de ser uma *SNR*, que anula todo o conteúdo proposicional da pressuposição, ou uma *SNM*, que retifica alguma variável do valor de verdade da proposição prévia.

Diante dessa possível ambiguidade, mostramos que Martins (2012) assegura que, no PE, marcadores como *lá/cá* e *agora* são constituintes exclusivos da *SNM*. Logo, não admitem

ambiguidade. Para corroborar sua tese, a autora apresenta alguns testes que os considera irrefutáveis, para a classificação dessas *SNM*. Conforme os testes de Martins (2012), todas as *SNM* dependem da realização de um contexto precedente. Do mesmo modo, são compatíveis com *Itens de Polaridade Positiva (IPP)* e incompatíveis com *Itens de Polaridade Negativa (IPN)*.

Como os marcadores *lá/cá* são constituintes internos, e os marcadores *agora e uma ova* são periféricos, além dos testes para classificar as *SNM* e mostrar que são não ambíguas, Martins (2012) apresentou outros testes para distinguir esses dois tipos de marcadores. Esses testes, a autora os divide em *Posição na frase*, *Ocorrência isolada ou com fragmentos nominais*, *Interação com a negação*, *Compatibilidade com advérbios enfáticos*, *expressões idiomáticas*, *estruturas coordenadas* e com a *elipse do VP*. Em todos os testes, os marcadores periféricos são compatíveis, enquanto os internos sofrem limitações na maioria deles – senão em todos.

Por fim, trouxe também o conceito de *Sentença de Negação Anafórica (SNA)*, apresentado por Cavalcante (2012), de modo a distinguir estas das *SNM*, um tipo particular de *SNA*. Apesar de ser um tipo especial de *SNA*, as *SNM* têm mais restrições do que as *SNA* propriamente ditas, uma vez que as *SNA*, dependendo de como retomem a pressuposição na negação, podem anular ou retificar o seu conteúdo proposicional, enquanto as *SNM* apenas estabelecem *oposição/contraste* a alguma variável do valor de verdade da pressuposição.

Como *SNM* e *SNA* poderiam ser tratadas como sentenças semelhantes, Cavalcante (2012) também apresentou alguns testes para distinção e classificação de ambas, de modo que uma não venha a ser confundida com a outra. Aos testes para identificação das *SNA* submetemos o marcador periférico *uma ova*, que foi incompatível em sua grande maioria.

Como vimos defendendo que os marcadores *é ruim* e *nem a pau* são *MNM* do *PB*, na seção que a esta segue trataremos, exclusivamente, destes marcadores, de modo a mostrar como se tornaram expressões fixas e cristalizadas, em quais posições podem se realizar, bem onde incidem os seus escopos.

Como há testes para classificar as *SNM* e as *SNA*, na seção dedicada aos marcadores *é ruim* e *nem a pau*, submeteremos esses constituintes a cada um dos testes apresentados.

## SEÇÃO 3

# DOS MARCADORES *É RUIM* E *NEM A PAU* NO *PB*

## INTRODUÇÃO

Ao longo desta pesquisa, apresentamos sentenças de negação cujas configurações sintáticas, que transportam marcadores específicos, e seus valores semânticos estabelecem oposição a determinado valor de verdade, inserido no *common ground* de uma *mesa discursiva*. Dentre essas sentenças de negação, acastelamos que há algumas em que os marcadores responsáveis pela negação são diferentes do canônico *não*.

Nesta seção, falaremos de dois marcadores de negação, frequentemente realizados na oralidade dos falantes do *PB*: *é ruim* e *nem a pau*, ambos realizados em posições específicas e estabelecendo relações distintas com outras sentenças que as antecedem.

Na seção 3.1, apresentamos exclusivamente o marcador *é ruim*, apontando como essa expressão foi configurada, bem como a abrangência do seu escopo e o tipo de negação que insere sobre a asserção prévia. Seguido a isso, submetemos as sentenças com esse marcador aos testes de Martins (2012), para as *SNM*, e aos de Cavalcante (2012), para a *SNA*, de modo que possamos confirmar se sentenças com *é ruim* constituem *Sentenças de Negação Metalinguística*, mais do que, apenas, *Sentenças de Negação Anafórica*.

Na seção 3.2, abordaremos, unicamente, as sentenças de negação com *nem a pau*. O objetivo da seção é mostrar que esse marcador também se configura numa *SNM*, sendo que tem mais liberdade de posição do que tem o marcador *é ruim*. Como fizemos em 3.1, em 3.2 submetermos, também, o marcador *nem a pau* aos testes de Martins (2012) e aos de Cavalcante (2012), para corroborarmos ou não que esse marcadores se realizam em *SNM*.

Por fim, fazemos o devido resumo do capítulo.

### 3.1. DAS SENTENÇAS COM *É RUIM*

No *PB* falado, é comum ouvirmos sentenças de negação realizadas sem o marcador *não*, mas por constituintes que desempenham função semelhante: negar uma asserção prévia. Dentre esses constituintes, há a expressão *é ruim*, normalmente acompanhada do marcador discursivo *heim*, que se realiza à direita do *é ruim*.

Marcelino (2014) classifica e distingue, no *PB*, dois tipos de sentenças encabeçadas pela expressão *é ruim*. Em suas palavras,

As sentenças [...] encabeçadas por *é ruim* [...] expressam, muitas vezes, respostas que contrariam ou negam o que um locutor [...] afirma ou questiona. Outras vezes, o uso dessa construção apresenta uma carga informacional cuja interpretação denota a opinião – de caráter desfavorável – do interlocutor em relação àquilo que está sendo afirmado na oração encaixada, sem, no entanto, negar essa afirmação (MARCELINO, 2014, p. 69).

Desse modo, há sentenças com *é ruim*<sup>59</sup> que são legítimas sentenças de negação, enquanto outras não são, pois constituem uma sentença que insere a opinião do interlocutor sobre o que já está posto no *cg*.

Considerando Farkas e Bruce (2010), há sentenças com *é ruim* que não são motivadas por uma *crise conversacional*, razão pela qual são meras *asserções comuns* que apresentam a opinião do falante sobre determinado tema posto no *cg*. Por sua vez, sentenças com *é ruim* motivadas por uma crise conversacional são classificadas como sentenças de negação, porque sempre se opõem ao conteúdo proposicional sobre a *mesa*.

De acordo com Marcelino (2014), sentenças de negação com *é ruim* que retificam um valor de verdade, substituindo-o por outro, são definidas por *Sentença Copular de Negação* (ou *SCN*), enquanto aquelas que expressam julgamento do falante sobre uma enunciação prévia são definidas por *Sentença Copular Clivada* (ou *SCCl*).

Apesar de parecidas, cada uma dessas sentenças com *é ruim*, de acordo com Marcelino (2014), tem uma configuração própria. A *SCN* traz o verbo principal no Modo Indicativo, por isso tem todas as posições do *IP* preenchidas, quando surge a expressão fixa *é ruim*. A *SCCl*, entretanto, apresenta o verbo principal no Modo Subjuntivo, o que faz com que a oração encaixada dependa da realização de um constituinte fora do seu domínio, para lhe servir de argumento, sendo esse constituinte o adjetivo *ruim*.

Outra diferença entre as *SCN* e as *SCCl* com *é ruim* é que, na *SCCl*, o *é ruim* não é uma expressão fixa, mas a cópula e o predador de uma *Small Clause*, de quem o sujeito é o próprio *CP*. Por serem constituintes independentes, o *é ruim* da *SCCl* pode ser entremeado por outros constituintes ou ser flexionado. Já nas *SCN*, o *é ruim* é uma expressão fixa que não pode ser flexionada ou entremeada por outros constituintes

---

<sup>59</sup> Martins, Quarezemin e Marcelino (2015) se referem à expressão “*é ruim que*”. Nesta tese, no entanto, consideraremos apenas o constituinte *é ruim*, pelo fato de o que não fazer parte da expressão cristalizada, haja vista que não segue essa expressão quando ela é realizada em posição final da sentença.

Vejamos em (62), abaixo, as diferenças entre esses dois tipos de sentença com *é ruim que*, de acordo com Marcelino (2014):

- (62) *Cuidado com Ana. Ela pode contar o teu segredo.*  
a. *É ruim que ela conte o meu segredo. Vou tomar cuidado.* (SCCI)  
b. *É ruim que ela conta o meu segredo! Ela é muito confiável.* (SCN)

As sentenças (62a) e (62b), apesar de semelhantes, não são iguais: 1) a primeira apresenta o verbo principal da oração encaixada no modo subjuntivo; na segunda, o verbo aparece no indicativo; 2) a primeira expressa subjetividade – opinião – do falante e ratifica o valor de verdade da asserção primeira; a segunda nega o valor de verdade de uma asserção no *cg*; 3) a primeira tem uma oração principal, *é ruim*, com cópula e predicator, e uma oração encaixada, encabeçada por um complementizador; a segunda tem apenas uma oração, com constituintes independentes, em que um deles é o marcadores *é ruim*; 4) a primeira não tem elevação entonacional quando pronunciada; a segunda, tem.

Diante dessas diferenças, Marcelino (2014) diz que

[...] quando usa as estruturas com *é ruim que*, o interlocutor organiza os seus constituintes de modo que possa: 1) apresentar sua apreciação sobre o que é afirmado; 2) negar o que parece ser uma afirmação, dando ênfase, nesse caso, ao constituinte “negador” (MARCELINO, 2014, p. 69).

Além dessas diferenças, Marcelino (2014) afirma que cada uma das sentenças com *é ruim que* tem leitura distinta. Conforme a autora,

[...] há [...] diferentes leituras [...] identificadas nas sentenças com *é ruim que*, cujas estruturas apresentam relações sintáticas, semânticas e prosódicas próprias, dependendo da organização dos constituintes que são/estão a elas adicionados, bem como dos papéis morfossintáticos que esses constituintes desempenham (MARCELINO, 2014, p. 69).

De acordo com Marcelino (2014), aquela sentença em (62a) é uma *SCCI*, ao passo que aquela em (62b) é uma *SCN*.

Como a análise desta tese recai sobre sentenças com *é ruim* com leitura de sentenças de negação, não trataremos mais das *SCCI*, além do que falamos até este ponto.

A fim de iniciarmos nossa análise sobre o marcador de negação *é ruim*, imaginemos a *mesa discursiva* em (63), na qual o *cg* contém uma pressuposição concretamente efetivada.

- (63) *Se amanhã fizer sol, nós vamos à praia. Você deveria ir conosco.*

- a. *Eu não posso ir (à praia). Tenho prova na segunda.*
- b. *?É ruim que eu posso ir (à praia). Tenho prova na segunda.*

Como vemos, em (63) há uma *mesa* prévia, na qual determinado falante aponta a *possibilidade de ir à praia no dia seguinte*. Para essa afirmação, duas sentenças de oposição são lançadas, sendo que a sentença em (63a) é marcada pelo constituinte *não*, enquanto aquela em (63b) traz a expressão *é ruim* como marcador de negação.

Segundo Marcelino (2014), sentenças com *é ruim* apresentam características que as afastam das sentenças de negação comum e as aproximam das sentenças de negação metalinguística e enfática, denotando negação mais robusta ou “forte”, na linha do *não pós-VP*, de Cavalcante (2012). Portanto, um dos seus traços é a necessidade de realização de uma proposição prévia. Como em (63b) o *é ruim* não insere escopo sobre nenhuma pressuposição explícita, ela acaba por causar estranhamento ao se realizar numa *mesa discursiva* ausente de uma pressuposição ativada.

Além da relação necessária com uma pressuposição, as sentenças com *é ruim* são sentenças que retificam o conteúdo proposicional de uma proposição, alterando alguma variável dentre os constituintes que são estabelecidos. Observemos a *mesa* em (64), abaixo:

- (64) *Ana não pode sair porque está doente.*
- a. *É ruim que ela está doente! Ela está de castigo.*
- b. *É ruim, heim, que ela está doente! Ela está de castigo.*

Em (64), o *é ruim* não anula o valor da proposição, mas retifica uma variável do seu conteúdo proposicional, o que pode ser confirmado com a afirmação feita imediatamente após a negação. Sendo assim, *é ruim* é um marcador de negação que corrige parte de proposição.

Como as sentenças com *é ruim* dependem da efetivação de um contexto prévio, bem como corrigem qualquer variável de um valor de verdade, defendemos que elas são *SNM* do *PB*. Portanto, o *é ruim* é um *MNM*.

A partir deste ponto, analisaremos o marcador de negação *é ruim* como um *MNM* do *PB*. Desse modo, a fim de compreendermos sua estrutura, sua realização, posições em que aparecem e sua polaridade absoluta e relativa, analisamos, a partir de agora, o marcador *é ruim*, bem como submetemos sentenças realizadas com ele aos testes de Martins (2010, 2012, 2014).

### 3.1.1. *É RUIM*: EXPRESSÃO FIXA E CRISTALIZADA



O marcador de negação *é ruim* configura uma expressão fixa e cristalizada – muitas vezes acompanhado do marcador discursivo *heim* –, conforme Marcelino (2014), que não pode ser entremeada por nenhum outro constituinte ou ter suas posições invertidas, de modo que o *ruim* anteceda o *é*. Além disso, é uma expressão fixa que sempre se realiza com o verbo cópula – *ser* – no presente do indicativo, antecedendo o predicador *ruim*, que aparece impreterivelmente no singular. Desse modo, expressões como *foram ruins* ou *será ruim*, quando realizadas, além de não caracterizarem a expressão fixa, não configuram marcadores de negação.

Observemos a *mesa discursiva* em (65), abaixo:

- (65) *A decisão tomada foi a mais errada e nos trará problema.*  
a. *É. De fato. Foram ruins essas decisões.*  
b. *É. De fato. O que foi decidido será ruim para todos nós.*  
c. *É ruim que a decisão foi a mais errada! Ela foi a mais acertada.*

Em (65), as sentenças (65a) e (65b) não são de negação, pois confirmam o que está afirmado na pressuposição do *cg*. Por outro lado, (65c) corrige o conteúdo proposicional da pressuposição, uma vez que assegura que *determinada decisão tomada foi a mais acertada*, opondo-se ao que estava previamente lançado sobre a *mesa*.

As sentenças (65a) e (65b), que não são sentenças de negação, trazem o verbo *ser* e o predicador *ruim* flexionados. Elas, na linha de Marcelino (2014), estabelecem sobre a *mesa* a opinião do falante sobre um enunciado anterior. Desse modo, a leitura do *é ruim*, flexionado, equivale à *não é bom*.

Em (65c), por sua vez, não é possível que verbo e predicador sejam flexionados, pois ambos os constituintes representam um constituinte de negação. Portanto, uma expressão fixa. Como configura um marcador de negação, os seus constituintes não podem ser alterados, seja o verbo, em tempo, modo e número; seja apenas o predicador, em número.

Além de o *é ruim*, em (65a) e (65b), poder ser flexionado, ele também pode ser entremeado por outros constituintes, diferentemente da expressão *é ruim*, em (65c), que não admite inserção de nenhum outro constituinte entre cópula e predicador. Observemos (66):

- (66) *A decisão tomada foi a mais errada e nos trará problema.*  
a. *É. De fato. Foi essa decisão muito ruim.*  
b. *É. De fato. O que foi decidido será, para todos nós, muito ruim.*  
c. *\*É a decisão ruim que foi a mais errada! Ela foi a mais acertada.*

Como vemos, em sentenças como (66a) e (66b), independente da posição que ocupa a cópula e o predicador *é ruim*, outros constituintes podem entremeá-los, sem que a sentença se torne agramatical. No entanto, a agramaticalidade foi evidenciada em (66c), porque a expressão fixa *é ruim* foi desfeita.

Diante do exposto, *é ruim*, como expressão de negação, se configura numa construção sintática fixa e cristalizada, não podendo ser invertida ou entremeada por nenhum outro constituinte, como não pode, igualmente, ser flexionada.

### 3.1.2. *É RUIM*: ESCOPO DA NEGAÇÃO

Observemos a *mesa discursiva* (67), abaixo, adaptada de exemplos anteriores:

- (67) *Amanhã vai ter show do Skank. Vai ser muito bom!*  
a. *É ruim, heim, que amanhã vai ter show do Skank! Vai ter do Jota Quest.*  
b. *É ruim, heim, que o show vai ser bom! No show deles tem muita conversa.*  
c. *É ruim, heim, que o show vai ser amanhã! Vai ser no outro final de semana.*

Em (67), há três sentenças de negação com *é ruim*, mas cada uma delas tem, como alvo da negação, constituintes diferentes da afirmação pressuposta: em (67a), o *é ruim* corrige a variável *show do Skank*, substituindo-a por *show do Jota Quest*; em (67b), nega a variável que qualifica o show, ou seja, nega o adjetivo *bom*, substituindo-o por *não é bom*; em (67c), por fim, *é ruim* alcança a variável *dia do show*, alterando-a para outra data.

Como vemos, nas negações de (67), o *MNM é ruim* nega, apenas, parte da asserção prévia, coerente com a negação das *SNM*, conforme dados de Martins (2012), que estabelece objeção a parte de uma afirmação – ou de uma negação – proferida antecipadamente.

Como retifica alguns dos constituintes da sentença, de modo a corrigi-los, o *é ruim* é um marcador de negação de escopo estreito ou específico, não anulando todo valor de verdade da proposição inserida sobre do *cg* de uma *mesa discursiva*, coerente com os *MNM* de Martins (2012), sejam eles periféricos ou internos.

Marcelino (2014) afirma que as *SCN* com *é ruim* têm leitura especificacional, considerando que o escopo do *é ruim* recai sobre parte da asserção do *cg* que a antecede. Como as *SNM* também apresentam leitura especificacional, haja vista seu escopo estreito, essa característica corrobora que *SCN* com *é ruim* são *SNM*.

### 3.1.3. TESTES PARA AS SENTENÇAS DE NEGAÇÃO METALINGUÍSTICA

Considerando os testes de Martins (2010) para identificação das *SNM*, submeteremos agora sentenças com *é ruim* aos mesmos testes, de modo a corroborar se elas se comportam como as *SNM*, de Martins (2014). Além disso, aplicaremos os testes dos *MNM*, para confirmarmos se o *é ruim* tem comportamento semelhante ao marcador interno *lá/cá* ou ao periférico *uma ova*, do *PE*.

#### 3.1.3.1. É RUIM: OBRIGATORIEDADE DE LEGITIMAÇÃO DISCURSIVA

*SNM* são sentenças que estabelecem objeção a alguma variável de uma proposição prévia, implicando, assim, numa sentença de retificação. Como altera uma variável, é uma sentença que estabelece relação do tipo *correto/incorreto*, em lugar de *falso/verdadeiro*, das sentenças de negação comum.

Como consideramos que sentenças com *é ruim* são *SNM*, a dependência de realização de um contexto prévio é uma das características dessas sentenças que mais corrobora nossa tese, uma vez que toda *SNM* só pode ser lançada sobre uma *mesa discursiva* que tenha alguma proposição primeira, a qual possa retificar seu conteúdo proposicional.

Quando submetidas ao primeiro teste de Martins (2010), apresentado em Pereira (2010) como *Obrigatoriedade de Legitimação Discursiva*, as sentenças com *é ruim* são compatíveis, tanto que, como mostrou a *mesa* em (60), a ausência desse contexto deixa a sentença incompreensível.

Para corroborar a dependência de uma proposição prévia, vejamos (68), abaixo:

- (68) *A vitória do nosso time ontem foi espetacular!*  
a. *?É ruim que você viu o jogo! Não sabe se a vitória foi espetacular.*

A sentença em (66a), apesar de gramatical, é estranha à *mesa* porque não estabelece nenhuma relação com o contexto antecedente, uma vez que não se opõe ao valor de verdade explícito nele, que é *a vitória de algum time foi espetacular*, porque tem valor equivalente a *alguém não viu o jogo*, valor esse que não está nem subentendido na pressuposição.

Atentemos, agora, para uma situação equivalente, em (69), em que a sentença com *é ruim* responde a uma interrogativa. Como em (68), a sentença não encontra nenhuma proposição para estabelecer seu escopo da negação:

- (69) *Você viu o jogo ontem?! Cara, a vitória do nosso time foi espetacular!*  
a. *Claro que eu assisti! ?É ruim que eu estava dormindo no momento do jogo!*

Em (69), a *sentença-resposta* não é coerente com a pergunta, nem com o que poderia estar implícito nela, porque não se pode inferir, pela pergunta, que *alguém estivesse dormindo*, versão afirmativa da negação com *é ruim*.

Apesar da necessária relação com uma proposição prévia, as *SNM* com *é ruim* podem se opor à implicitude do que está na proposição, como mostra (70), abaixo:

- (70) *Ontem foi o melhor show que o Skank já fez na vida.*  
b. *É ruim que ele já tenha feito algum show que não tenha sido maravilhoso!*

Em (70), a negação com *é ruim* não está corrigindo a pressuposição, mas o que está subentendido nela: *todos os shows de determinada banda são bons*. Essa realização é aceitável, o que confirma que sentenças com *é ruim* precisam encontrar escopo sobre o qual estabeleçam sua objeção, mesmo que este esteja implícito na pressuposição do *cg*.

De acordo com (68), (69) e (70), sentenças de negação com *é ruim* são concretizadas numa *mesa discursiva* de modo a inserir negação sobre alguma variável de uma proposição, mesmo que essa variável possa estar subentendida, como mostrou (70), desde que a negação com *é ruim* alcance uma variável como escopo da negação.

Considerando as polaridades absoluta e relativa das sentenças, vejamos como sentenças com *é ruim* se comportam com outras sentenças, de tipos e polaridades distintas.

### 3.1.3.1.1. RESPOSTA A UMA SENTENÇA DECLARATIVA

As sentenças com *é ruim*, como mostramos, dependem de uma pressuposição, sobre quem o marcador insere objeção, ainda que esta possa ser inferida de uma proposição prévia. Observemos a *mesa* (71), abaixo:

- (71) *Ana já fez toda a atividade.*  
a. *É ruim que ela fez (toda a atividade)! Falta responder às últimas questões.*

Em (71a), a sentença com *é ruim*, que se opõe a uma declarativa de afirmação, de *Polaridade Absoluta Positiva* [+], corrige a variável *toda*, da pressuposição *alguém fez toda a atividade*, substituindo *Ana fez a atividade* por *Ana fez parte da atividade*.

Além de serem estabelecidas com sentenças de afirmação, *SNM* com *é ruim* podem estar sobre uma *mesa discursiva* com sentença pressuposta de negação, como em (72), abaixo:

(72) *Ana não fez a atividade de casa.*

a. *É ruim que não fez (a atividade de casa)! Eu vi todas as questões respondidas.*

A sentença (72a) se realiza numa *mesa* com uma declarativa de negação, de *Polaridade Absoluta Negativa* [-]. Nessa *mesa*, o escopo do *é ruim* recai sobre o marcador *não*, anulando-o e estabelecendo valor oposto à sentença. Ou seja, o valor de verdade *alguém não fez uma atividade completa* foi substituído por *alguém fez uma atividade completa*.

Assim, de acordo com (71) e (72), sentenças com *é ruim* podem ser lançadas sobre *mesas discursivas* com declarativas de afirmação ou de negação. No entanto, o alcance do seu escopo muda, dependendo da sentença que a antecede: se a sentença é de afirmação, o *é ruim* corrige alguma variável; se a sentença é de negação, o *é ruim* anula toda a pressuposição.

### 3.1.3.1.2. RESPOSTA A UMA SENTENÇA INTERROGATIVA

Assim como podem responder a declarativas, sentenças com *é ruim* podem também ser realizadas em *mesas* cuja pressuposição seja uma sentença interrogativa, de afirmação ou de negação.

Atentemos para a *mesa discursiva* em (73), abaixo:

(73) *Você viu o jogo ontem?! Cara, a vitória do nosso time foi espetacular!*

a. *Claro que eu assisti! É ruim que eu perderia a derrota do adversário!*

Em (73) a sentença *é ruim que eu perderia a derrota do adversário* responde à interrogativa de afirmação: *você viu o jogo ontem?*, de *Polaridade Absoluta Positiva* [+]. Logo, não responde diretamente a uma pergunta, mas à pressuposição que dela pode ser inferida: *determinada pessoa poderia ter perdido o jogo*.

A negação em (73a) é aceitável porque os interlocutores compartilham do comprometimento do questionador e do comprometimento do respondedor. Portanto, embora estabeleçam relação algo implícito na pergunta, satisfazem ao teste da *Obrigatoriedade de Legitimação Discursiva*.

Atentemos agora para a *mesa* em (74), abaixo:

(74) *Você não viu o jogo ontem?! Cara, a vitória do nosso time foi espetacular!*

a. *É ruim que eu não vi (o jogo)! Assisti cada lance com um olhar técnico.*

Em (74a), a sentença *é ruim que eu não vi (o jogo)* responde a uma interrogativa de negação com *Polaridade Absoluta Negativa* [-]. Nessa mesa, o marcador *é ruim* anula a negação feita pelo marcador *não*, atribuindo à sentença prévia um valor de verdade oposto ao que fora expresso.

Diante de mesas como (71), (72), (73) e (74), *SNM* com *é ruim* podem ser realizadas em mesas com pressuposições declarativas ou interrogativas, desde que entre a proposição prévia e a sentença com *é ruim* haja o estabelecimento de valores *correto/ incorreto*, possível, apenas, em mesas com pressuposição clara, ainda que implícita.

Observemos como o *MNM* periférico *uma ova*, de Martins (2012), marcador do *PE*, mas também frequente no *PB*, se comporta numa mesa *discursiva* como (75), cujas sentenças-respostas são equivalentes aquelas em (69) e (73), com *é ruim*:

(75) *Você viu o jogo ontem?! Cara, a vitória do nosso time foi espetacular!*

a. *Claro que assisti! ?Eu estava dormindo (na hora do jogo) uma ova!*

b. *Claro que assisti! Eu perderia (a derrota do adversário) uma ova!*

A sentença (75a), como em (69), provoca estranhamento porque o marcador *uma ova* não encontra uma versão afirmativa para sua negação, ainda que implícita, não encontrando, portanto, um escopo sobre quem possa inserir negação enfática. A sentença em (75b), por sua vez, como aquela sentença-resposta em (73), é adequada, uma vez que o marcador *uma ova* nega a pressuposição que aparece implícita na interrogativa sobre a mesa.

Assim, sentenças com *é ruim* se comportam como *SNM*, na medida em que submetidas ao teste da *Obrigatoriedade de Legitimação Discursiva* são compatíveis e dependentes da existência de um contexto prévio, ainda que subentendido, sobre o qual estabelecem a objeção determinada por Martins (2012).

### 3.1.3.2. *É RUIM: POLARIDADE DA SENTENÇA*

As sentenças de negação com *é ruim*, como qualquer outra, também possuem polaridades absoluta e relativa, de acordo com Farkas e Bruce (2010) e Martins (2012), as quais se definem como mostramos a partir de agora.

### 3.1.3.2.1. POLARIDADE ABSOLUTA

De acordo com a *Polaridade Absoluta Positiva* [+] ou com a *Polaridade Absoluta Negativa* [-], identificadas nos constituintes da sentença, as sentenças com *é ruim* apresentam *Polaridade Absoluta Positiva* [-], como mostramos em (76) e (77), abaixo:

- (76) *Você me deve explicação. Estou esperando.*  
a. *É ruim que eu lhe devo (explicação)! Eu não tenho nada para lhe falar.*
- (77) *Você não me deve nenhuma explicação. Não precisa falar nada.*  
a. *É ruim que eu não lhe devo (explicação)! Devo até mais do que isso.*

As sentenças com *é ruim* em (76a) e (77a) se opõem, respectivamente, a uma declarativa de afirmação e a uma declarativa de negação. Portanto, são sentenças de negação que podem ser estabelecidas com sentenças de polaridades absolutas distintas. Independente do tipo de polaridade absoluta que se apresenta previamente na *mesa*, a sentença com o *é ruim* tem *Polaridade Absoluta Positiva* [+], haja vista não existir nenhum marcador de negação em sua configuração, mas uma expressão cristalizada, ou uma idiomática, na linha de Martins (2010, 2012, 2014), que adquiriu função negativa. Diante do exposto, portanto, *sentenças-resposta* com *é ruim* são sentenças que sempre apresentam *Polaridade Absoluta Positiva* [+], mesmo que retifiquem determinado valor de verdade.

### 3.1.3.2.2. POLARIDADE RELATIVA

Sentenças com *é ruim*, como afirmamos, sempre apresentam *Polaridade Absoluta Positiva* [+], embora se estabeleçam numa *mesa discursiva* com pressuposições de polaridades absolutas distintas. Como dependem da realização obrigatória de uma proposição prévia, elas também disparam polaridade relativa em relação a essa sentença prévia, podendo, na linha de Farkas e Bruce (2010), apresentar Polaridade Relativa com traço [*Same*], de concordância, ou com traço [*Reverse*], de discordância, além de, na linha de Martins (2012), poder apresentar o traço [*Objection*].

A fim de identificarmos qual *Polaridade Relativa* as sentenças com *é ruim* estabelece com outras sentenças, de polaridades afins ou distintas, vejamos (78) e (79), abaixo:

- (78) *Ana vai chegar daqui a meia hora.*  
a. *É ruim, heim, que ela vai demorar tudo isso! Ela está a dois quarteirões daqui.*

(79) *Não haverá mais aula nesta noite.*

a. ***É ruim, heim, que não haverá mais aula nesta noite! Lá vem o professor.***

Em (78a) e (79a), as sentenças com *é ruim* se opõem, respectivamente, a uma declarativa de afirmação, de *Polaridade Absoluta Positiva* [+], e a uma declarativa de negação, de *Polaridade Absoluta Negativa* [-]. Independente das polaridades absolutas das sentenças prévias, a *SNM* com *é ruim* apresentou *Polaridade Absoluta Positiva* [+], haja vista a não realização de nenhum marcador de negação propriamente dito, mas a realização de uma expressão idiomática que assumiu o papel de marcador de negação.

Observemos, agora, *mesas* com sentenças interrogativas distintas:

(80) *Você vai dar aula hoje?*

a. ***É ruim, heim, (que eu vou dar aula hoje)! Hoje é meu dia de planejamento.***

(81) *Você não vai dar aula hoje?*

a. ***É ruim, heim, que não (vou dar aula hoje)! Saio daqui a meia hora.***

Em (80) e (81), as sentenças com *é ruim* se opõem a afirmações que lhes antecedem. No entanto, se opõem de maneira distinta em relação ao conteúdo da *mesa*: em (80), retifica parte do que está sendo afirmado, uma vez que sua negação recai sobre uma variável da proposição. Sendo assim, apresenta *Polaridade Relativa* [*Objection*], conforme Martins (2012). Em (81), o *é ruim* anula o valor de verdade da interrogativa: *alguém não vai dar aula*. Como substitui um valor de verdade por seu oposto, em (81) apresenta traços de *Polaridade Relativa* [*Reverse*], de discordância, de Farkas e Bruce (2010).

Assim, a polaridade relativa entre a sentença com o *é ruim* e outra sentença antecedente, de tipologia e polaridade distinta, pode ser assim definida: 1) quando se relaciona com uma declarativa de *Polaridade Absoluta Positiva* [+], a *Polaridade Relativa* da sentença com *é ruim* tem traços de [*Objection*], idêntica à *Polaridade Relativa* de objeção, de Martins (2010), pois corrige alguma variável da proposição prévia; 2) quando se relaciona com uma sentença de *Polaridade Absoluta Negativa* [-], a *Polaridade Relativa* tem traço [*Reverse*], idêntica à *Polaridade Relativa* de discordância, de Farkas e Bruce (2010), pois substitui o valor de verdade da proposição primeira por seu valor oposto.

Por se tratar de uma sentença de negação com *Polaridade Absoluta Positiva* [+] e poder ser lançada numa *mesa* com crise conversacional, as sentenças com *é ruim* não apresentam *Polaridade Relativa* com traço [*Same*], de concordância, uma vez que o *é ruim*, como expressão idiomática e cristalizada, sempre estabelece oposição.



Além da dependência de um contexto prévio e dos traços de polaridade absoluta e relativa identificadas nessas *SNM*, as sentenças com *é ruim*, como as *SNM* de Martins (2012), são *Compatíveis com Itens de Polaridade Positiva (IPP)*, mas *Incompatíveis com Itens de Polaridade Negativa (IPN)*, outros testes de Martins (2012) para a classificação das *SNM*.

### 3.1.3.3. *É RUIM: COMPATIBILIDADE COM ITENS DE POLARIDADE POSITIVA (IPP)*

Como os marcadores periféricos e internos de Martins (2010, 2012, 2014), o marcador *é ruim* também pode ser realizado com *Itens de Polaridade Positiva (IPP)*, comportando-se, mais uma vez, como um *MNM* do *PB*.

Observemos a sentença (82), abaixo, extraída de Martins (2012, p. 219), á qual submeteremos a sentença de negação com *é ruim*, em (83):

(82) a. *Tiveste uma sorte do diabo.*

*Had-2SG a good-luck of-the devil*

*'So lucky you were!'*

d. *Tive lá/cá uma sorte do diabo. (as a reply to 12a.)*

*had-1SG lá/cá a good-luck of-the devil*

*'I wasn't so lucky'.*

(83) *É ruim que tiveste uma sorte do diabo! Tiveste foi muita competência.*

A sentença de negação em (83), adaptada dos exemplos de Martins (2012), para as *SNM*, como vemos, é aceitável com o *IPP sorte do diabo*, o que confirma nossa tese de que *é ruim* é um *MNM* no *PB*. De outro modo, vejamos em (84), abaixo, o *é ruim* numa sentença com o *IPP e tanto!*, à qual submeteremos também os marcadores *uma ova* e *lá/cá*, de Martins (2012):

(84) *Você fará uma prova e tanto amanhã!*

a. *É ruim, heim, que farei uma prova e tanto! Vou é tirar zero.*

b. *Farei lá/cá uma prova e tanto! Vou é tirar zero.*

c. *Farei uma prova e tanto uma ova! Vou é tirar zero.*

As sentenças (84a), (84b) e (84c) são aceitáveis tanto com o *é ruim* quanto com o *uma ova* e o *lá/cá*, já que esses marcadores de negação não invalidam os *IPP*. Desse

modo, submetido ao teste da *Compatibilidade com Itens de Polaridade Positiva*, de Martins (2012), o marcador *é ruim* é bem realizado.

#### 3.1.3.4. **É RUIM: INCOMPATIBILIDADE COM ITENS DE POLARIDADE NEGATIVA (IPN)**

O marcador *é ruim*, quando realizado em sentenças com *IPN*, como *ninguém*, pós-verbal, e o *nem morta*, por exemplo, provoca a mesma agramaticalidade que provoca o marcador *lá/cá*, de Martins (2010). A razão desta agramaticalidade está no fato de que os *IPN*, dependentes de um marcador de negação que os anteceda, não podem ser *c-comandados* por *MNM*. Além disso, *IPN* não podem ter um marcador de negação que os antecedendo, se é realizado, no final da sentença, um *MNM* como constituinte de negação.

Vejamos a *mesa* em (85), abaixo, retirada dos exemplos de Martins (2012, p. 219), a fim de compararmos as sentenças com *lá/cá* e *uma ova* com o marcador *é ruim*:

- (85) (43) (13) B: a. *Eu não conheço ninguém que saiba arranjar isso.*  
*I not know-1SG nobody that know fix-INF that.*  
b. *Eu conheço lá/cá (alguém/\*ninguém) que saiba arranjar isso.*  
*I know-1SG lá/cá (somebody/\*nobody) that knows fix-INF that.*  
*'I don't know anyone who can fix that'*  
c. *É ruim que eu conheço (alguém/\*ninguém) que saiba arranjar isso.*  
d. *\*Eu conheço (alguém/\*ninguém) que saiba arranjar isso é ruim, heim!*
- (14) B: a. *Eu não saio contigo nem morta.*  
*I not go-out-1SG with-you not-even dead.*  
b. *\*Eu saio lá/cá contigo nem morta.*  
*I go-out-1SG lá/cá with-you not-even dead.*  
c. *\*É ruim que eu saio contigo nem morta!*  
d. *\*Eu saio contigo nem morta é ruim, heim!*

As sentenças em (85.13.c), (85.13.d), (85.14.c) e (85.14.c) mostram que o *é ruim*, como o *lá/cá*, não licenciou os *IPN* *ninguém* e *nem morta*, provocando a mesma agramaticalidade que provocaram as sentenças com *lá/cá*, de Martins (2012). Logo, o teste da *Incompatibilidade com Itens de Polaridade Negativa* revela que *é ruim* é um *MNM* do *PB*.

Além dos três testes elencados acima, Martins (2012) acastela que os *MNM* são incompatíveis com sentenças encaixadas. Para compararmos as sentenças com *é ruim* com as *SNM*, apresentamos, abaixo, mais esse teste de Martins (2012), ao qual submeteremos as sentenças com o marcador *é ruim*.

### 3.1.3.5. *É RUIM: INCOMPATIBILIDADE COM SENTENÇAS ENCAIXADAS*

O teste da *Incompatibilidade com Sentenças Encaixadas*, de Martins (2012), corrobora que os marcadores *lá/cá* e *uma ova* são incompatíveis com sentenças encaixadas, mesma restrição que sofre o marcador *é ruim*.

Observemos o exemplo em (86), abaixo, extraído de Martins (2012, p. 220):

- (86) *O Pedro disse **que vendeu o carro**.*  
a. *O Pedro disse lá/cá que vendeu o carro.*  
b. *\*O Pedro disse que vendeu lá/cá o carro.*  
c. *É ruim que o Pedro disse que vendeu o carro. Ele disse que vendeu a moto.*  
d. *O Pedro disse que vendeu o carro é ruim, heim! Ele disse que vendeu a moto.*  
e. *\*O Pedro disse que é ruim que vendeu o carro! Ele disse que vendeu a moto.*

A *mesa discursiva* de (86) tem uma sentença composta por duas orações: uma matriz e outra encaixada. Como aconteceu com o *lá/cá*, em (86a) e (86b), o marcador *é ruim* foi aceitável na sentença matriz, em (86c), mas tornou a proposição agramatical, quando foi realizado na oração encaixada, em (86e).

A agramaticalidade identificada em (86e), mas não em (86c) ou (86d), confirma que o *é ruim* é um constituinte periférico, devendo, portanto, anteceder a sentença ou aparecer em posição final. Ainda que a configuração seja uma sentença composta, esse marcador deve ser realizado em posições periféricas.

Tendo em vista a possibilidade de o marcador *é ruim*, como o *lá/cá*, de Martins (2012), poder ser realizado na sentença matriz de uma proposição composta, verificamos que ele, bem como os *MNM* do *PE*, dispara aquela ambiguidade referida por Horn (1985, 1989). Ou seja, se destituídas de um contexto adequado ou de uma sentença de reforço imediatamente colocada, não é possível afirmar se a sentença de negação é *SNR*, que anula o valor de verdade da proposição prévia, ou uma *SNM*, que corrige alguma variável desse valor.

Para vermos essa ambiguidade, em (87), trazemos sentenças de negação com *é ruim* e com *uma ova* acompanhadas de uma *asserção de justificativa*:

- (87) a. *É ruim que o Pedro disse que vendeu o carro! Ele não disse nada.*  
b. *É ruim que o Pedro disse que vendeu o carro! Ele disse que vendeu a moto.*  
c. *O Pedro disse uma ova que vendeu o carro! Ele não disse nada.*  
d. *O Pedro disse uma ova que vendeu o carro! Ele disse que vendeu a moto.*

As sentenças de negação em (87a) e (87c) anulam o valor de verdade *alguém disse que algo fora vendido*, substituindo-o por seu valor oposto: *alguém não disse nada*. Por sua vez, em (87b) e (87d), o valor de verdade teve apenas uma de suas variáveis corrigidas. Ou seja, deixou de ser *alguém disse que um carro fora vendido* foi retificado para *alguém disse que uma moto fora vendida*, não um carro.

No teste da *Incompatibilidade com Sentenças Encaixadas*, o marcador *é ruim* se comporta como um *MNM*, como se comportam os marcadores *lá/cá*, interno, do *PE*, e *uma ova*, periférico, tanto do *PE* quanto do *PB*, o que confirma que *é ruim* se realiza em *SNM* do *PB*.

Os testes de Martins (2012) que classificam uma sentença de negação como *SNM*, os quais aplicamos às sentenças com *é ruim*, confirmaram que sentenças com esse marcador são sentenças de negação do tipo *SNM*. Além dos testes para a classificação das *SNM*, Martins (2010) listou outros testes para distinção dos *MNM* periféricos dos internos. A esses, já apresentados na seção anterior, também submeteremos o marcador *é ruim*, de modo a ratificar ou não que ele é um *MNM* periférico.

### **3.1.4. TESTES PARA DISTINÇÃO ENTRE OS MNM PERIFÉRICOS E INTERNOS**

Como já afirmamos, além dos testes irrefutáveis para classificação das *SNM*, Martins (2012) propõe testes que permitem distinguir o comportamento dos *MNM* periférico do comportamento dos *MNM* internos. Como defendemos que o *é ruim* é um *MNM* periférico do *PB*, utilizaremos esses testes de Martins (2012) para confirmar se essa tese se confirma.

#### **3.1.4.1. É RUIM: POSIÇÃO NA FRASE**

Como vimos acastelando, o marcador *é ruim* aparece em posições periféricas, antecedendo a sentença, que aparece encaixada no complementizador *que*, ou se realizando em posição final, obrigatoriamente acompanhado do marcador discursivo *heim*, opcional quando o *é ruim* é pré-sentencial.

Observemos (88), abaixo, retomado de (62):

- (88) *Cuidado com Ana. Ela pode contar o teu segredo.*  
a. ***É ruim*** *que Ana conta o meu segredo! Ela é muito confiável.*  
b. *(Que) Ana conta meu segredo* ***é ruim, heim!*** *Ela é muito confiável.*

Na *mesa* de (88), o *é ruim* é realizado em posição pré-sentencial, em (88a), e em posição final, em (88b). Além da mudança de posição, os constituintes da configuração sentencial também sofrem alterações. Em (88a), após o *é ruim* é imediatamente realizado o complementizador *que*, mas este não tem obrigatoriedade de realização, o que pode ser confirmado pelo fato de: 1) quando a oração que segue o *é ruim* traz o verbo no infinitivo, como em *é ruim Ana contar o meu segredo! Ela é muito confiável*, o complementizador não se realiza, se que o entendimento da sentença seja comprometido; 2) quando o *é ruim* é seguido do marcador discursivo *heim*, este entremeia o *é ruim* e o *que*, como em *é ruim, heim, que Ana conta o meu segredo! Ela é muito confiável*. Essas características confirmam que apenas o *é ruim* constitui a expressão fixa, e o *que* não tem relação adjacente a ele.

Em (88b), o *é ruim* aparece em posição final, e o complementizador *que*, encabeçando a sentença. Entretanto, essa configuração, ainda que gramatical, é estranha, porque o *que*, sendo um complementizador, deve seguir uma sentença matriz, o que não acontece na configuração, já que a sentença matriz foi imposta sobre a *mesa discursiva* e retomada, tão somente, após o próprio complementizador. Além desse estranhamento, o *que* em primeira posição pressupõe que o interlocutor da negação não apenas discorda do que está no *cg*, como insere questiona a afirmação prévia, estabelecida no *cg*, antes de negá-la com o *é ruim*. Assim, (88b) poderia ser lida como *Ana conta o meu segredo? É ruim, heim!*

Como posto, a expressão fixa *é ruim* é um marcador periférico de negação, que pode encabeçar a sentença quanto segui-la, sendo o último constituinte da sentença. Dependendo da posição, os constituintes que seguem o *é ruim* mudam sua configuração.

#### 3.1.4.2. ***É RUIM*: OCORRÊNCIA ISOLADA OU COM FRAGMENTOS NOMINAIS**

Se o marcador *é ruim* é um *MNM* periférico do *PB*, esperamos que ele tenha comportamento idêntico ao dos *MNM* periféricos *agora*, do *PE*, e *uma ova*, do *PE* e do *PB*, que podem ocorrer isoladamente ou com fragmentos nominais.

Aplicamos o teste da *Ocorrência Isolada ou com Fragmentos Nominais*, de Martins (2010, p. 572/573), às sentenças com *é ruim*, em (89) e (90), abaixo, para ver como esse marcador se comporta:

- (89) *Ele pagou o jantar, não pagou?*  
a. *É ruim, heim!*  
b. *\*O jantar é ruim, heim!*  
c. *\*É ruim, heim, o jantar!*
- (90) *Vamos comprar um carro vermelho/o vermelho.*  
a. *É ruim, heim!*  
b. *\*O vermelho é ruim, heim!*  
c. *\*É ruim, heim, o vermelho!*

Diferente do resultado dos *MNM* periféricos de Martins (2010), o marcador *é ruim* só é possível de se realizar como constituinte isolado, como mostram as sentenças (89a) e (90a), uma vez que quando realizado com um fragmento nominal, a sentença tornou-se agramatical.

#### 3.1.4.3. *É RUIM: COMPATIBILIDADE COM ADVÉRBIOS ENFÁTICOS*

Advérbios enfáticos são aqueles que se destituem do seu significado literal para atribuírem leitura enfática ao constituinte que imediatamente o antecede: o verbo. Advérbio como *logo*, por exemplo, perde seu valor temporal e adquire valor enfático, se pré-verbal.

Considerando a relação das *SNM* com *é ruim*, apresentamos, abaixo, uma *mesa discursiva* cujas sentenças foram extraídas de Martins (2010, p. 573), que tem, no *cg*, uma sentença declarativa com advérbio enfático:

- (91) *Ele logo nos paga. Não te preocupes.*  
a. *É ruim que logo nos paga!*  
b. *(Que ele) logo nos paga é ruim, heim!*

Em (91) o marcador *é ruim* é apropriado para negar a sentença com o advérbio enfático *logo*, tal qual aconteceu com os *MNM* *agora* e *uma ova*, do *PE*.

#### 3.1.4.4. *É RUIM: INTERAÇÃO COM A NEGAÇÃO*

Como mostramos, o *é ruim* não interage com *IPN*, uma vez que não pode *c-comandá-los*. De acordo com Martins (2010, p. 573), “[...] marcadores de negação metalinguística não estabelecem relações de concordância negativa, do que decorre a incapacidade [...] de legitimarem *IPN*”. Ou seja, quando realizado numa sentença com outro marcador de negação, o *MNM* e o outro marcador não efetivam negação única, pois não estabelecem *Concordância Negativa* (doravante, *NC*<sup>60</sup>). Contrário a isso, quando dois marcadores de negação são realizados na mesma sentença, e um desses marcadores é um *MNM*, acontece uma dupla negação, pois o *MNM* anula a negação do outro marcador.

Segundo Haegeman (2004, p. 116), “[...] *Negative Concord (NC)* [...] means that several negative constituents in a clause do not cancel each other out, but jointly express a single negation [...]”<sup>61</sup>. Ou seja, *NC* é uma só negação realizada por dois marcadores.

Matos (2006) diz que

[...] Concordância Negativa [...] ocorrência num mesmo domínio sintático de mais de um constituinte negativo, sem que [...] as diferentes instâncias de negação se cancelem umas às outras, e a expressão linguística passe a ser interpretada como positiva (MATOS, 2006, p. 789).

Observemos a sentença em (92):

- (92) *Ana e João não estão namorando?*  
a. *Não estão namorando não.*  
b. *É ruim que não estão namorando!*

Em (92), há uma *mesa* com duas situações comunicativas distintas, ambas realizadas por dois marcadores de negação: duplo marcador *não*, em (92a); o marcador *é ruim* antecedendo o *não*, em (92b).

Na perspectiva de Haegeman (2004) e Matos (2006), apenas a sentença em (92a) apresenta *NC*, pois ambos os marcadores equivalem a uma só negação. Em (92b) identificamos uma dupla negação, já que o marcador *é ruim* anula a negação realizada pelo *não*, invalidando-a.

Martins (2010) afirma que os diferentes *MNM* periféricos e internos não interagem da mesma forma com a negação. Segundo a autora,

---

<sup>60</sup> Do inglês, *Negative Concord*. (TRADUÇÃO MINHA).

<sup>61</sup> “[...] Concordância Negativa (*NC*) [...] significa que vários constituintes negativos numa sentença não se anulam, mas, em conjunto, expressam uma negação única [...]” (TRADUÇÃO MINHA).

[...] Enquanto *lá/cá* são incompatíveis com a negação proposicional e excluídos das frases negativas, *uma ova* e *agora* podem expressar discordância relativamente a uma proposição negativa (co-ocorrendo nesse caso com *não* e conduzindo a uma interpretação de aparente dupla negação) (MARTINS, 2010, p. 573).

Considerando, pois, a proposição de Martins (2010) e a classificação que damos ao *é ruim* de um *MNM* periférico, trazemos, em (93), esse constituinte nos exemplos de Martins (2010, p. 573), em comparação com os *MNM* da autora, para vermos como ele se comporta:

- (93) *Ele não pode estar bêbado. Ele não bebe.*  
a. *É ruim que não bebe!*  
b. *(Que) não bebe é ruim, heim!*  
c. *Não bebe uma ova!*

Tanto o *é ruim* quanto o *uma ova*, periférico, anulam a negação do *não*. Portanto, não estabelecem aquela *NC* apresentada em Haegeman (2004), mas configuram uma dupla negação, como acastelou Martins (2010) para os *MNM* do *PE*.

Com base no teste da *Interação com a Negação*, de Martins (2010), o marcador *é ruim* é um *MNM* do *PB*, idêntico aos marcadores periféricos *uma ova* e *agora*.

### 3.1.4.5. **É RUIM: COMPATIBILIDADE COM EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS**

Como já afirmamos, o *é ruim* é uma expressão cristalizada. Portanto, fixa.

De acordo com Martins (2010), *MNM* periféricos são compatíveis em sentenças com expressões idiomáticas, como *muita água sob a ponte*. Como os *MNM* do *PE*, também o *é ruim* é compatível com expressões idiomáticas. Senão, vejamos em (94), abaixo, uma *mesa discursiva* cujo *cg* trazemos o exemplo extraído do texto de Martins (2010, p. 574):

- (94) *Já correu muita água sob a ponte.*  
a. *É ruim que correu muita água sob a ponte! Há muito para acontecer ainda.*  
b. *(Que) correu muita água sob a ponte é ruim, heim! Há muito para acontecer ainda.*  
c. *Muita água sob a ponte uma ova! Há muito para acontecer ainda.*

Em (94), as *SNM* com *é ruim* e *uma ova* são aceitáveis com a expressão *água sob a ponte*, a qual é o único constituinte que é retomado na negativa.

Martins (2010) afirma que



[...] as frases idiomáticas têm uma flexibilidade estrutural reduzida e impõem limites à actuação de processos sintácticos comuns [...] apoiam a bipartição entre marcadores de negação metalinguística periféricos e marcadores internos: os primeiros, sendo menos “intrusivos”, articulam-se mais facilmente com as frases idiomáticas do que os segundos (MARTINS, 2010, p. 574).

Segundo a autora, como os *MNM* internos podem interferir na estrutura sintática de uma expressão idiomática, eles não são compatíveis em configurações com essas expressões. Já os *MNM* periféricos, que ocupam posições de extremidades, como acontece com o *é ruim*, são compatíveis com expressões idiomáticas.

#### 3.1.4.6. *É RUIM*: COMPATIBILIDADE COM ESTRUTURAS DE COORDENAÇÃO

Estruturas de coordenação referem-se àquelas proposições em que duas orações representam dois eventos, sendo que o segundo é sequência do primeiro. Martins (2010) afirma que em configurações dessa natureza apenas os *MNM* periféricos, como *uma ova* e *agora*, são compatíveis, sendo inaceitáveis os *MNM* internos. Martins (2010, p. 574) assegura que “os marcadores de negação metalinguística periféricos *uma ova* e *agora* podem expressar discordância relativamente à sequência de eventos denotada por uma estrutura coordenada”.

Como colocamos o *MNM é ruim* em posição periférica, defendemos que ele também é realizável em estruturas de coordenação, como mostra (95), abaixo, exemplo também extraído de Martins (2010, p. 574):

(95) *Eles casaram e tiveram um filho.*

a. *É ruim* que eles casaram e tiveram um filho. *Eles casaram porque tiveram um filho.*

b. *Eles casaram e tiveram um filho uma ova.* *Eles casaram porque tiveram um filho.*

*MNM* periféricos são compatíveis com sequência coordenada porque eles são marcadores que têm alcance sobre toda a sentença, de modo a retificá-la, o que se confirma na substituição da conjunção coordenativa, *e*, pela conjunção explicativa, *porque*.

#### 3.1.4.7. *É RUIM*: COMPATIBILIDADE COM *ELIPSE* DO VP

Como mostramos em testes anteriores, o *é ruim* pode ser realizado sozinho ou retomando a asserção que a precede. De acordo com esse último teste de Martins (2010) para identificação e classificação dos *MNM*, apenas os marcadores periféricos são compatíveis com *elipse do VP*. Como defendemos que o marcador *é ruim* é periférico, ele também tem realização possível, se o *VP* da configuração estiver *elipsizado*, conforme mostra (96), abaixo, adaptado, igualmente, de Martins (2010, p. 575):

- (96) *O João ofereceu um cão à filha.*  
a. ***É ruim*** *que ofereceu! Ela quem pediu para ele.*  
b. *Ofereceu uma ova!* *Ela quem pediu para ele.*

Tanto a sentença de negação com *é ruim* quanto com *uma ova*, em (96a) e (96b), respectivamente, o *VP* passou pelo processo de *elipse*, mas as sentenças não se tornaram agramaticais, o que corrobora que o *é ruim* é um marcador periférico e que os marcadores periféricos podem ocorrer apenas com o núcleo verbal da sentença.

Os testes de Martins (2010) são robustos e seguros, no sentido de permitirem desfazer dúvidas ou ambiguidades quanto ao tipo de sentença de negação, se *metalinguística* ou *regular/proposicional*, já que há constituintes que disparam leituras distintas entre um e outro tipo.

As sentenças com *é ruim*, submetidas aos testes de Martins (2010), apresentaram comportamentos semelhantes aos *MNM* periféricos do *PE*, *agora* e *uma ova*, sendo este último também do *PB*. Tendo em vista os testes da *Obrigatoriedade de Legitimação Discursiva*, da *Compatibilidade com IPP*, da *Incompatibilidade com IPN*, bem como da *Incompatibilidade com Sentenças Encaixadas*, *é ruim* se comportou de maneira equivalente aos *MNM* de Martins (2012). Outra evidência foi que, quando submetido aos testes que distingue os marcadores periféricos dos internos, o *é ruim* comportou-se como o *agora*, do *PE*, e o *uma ova*, do *PE* e do *PB*. Portanto, como um *MNM* periférico e não ambíguo.

Sendo *MNM*, o *é ruim*, independente da posição em que aparece, não depende da existência de outro marcador de negação, o que confirma que ele não é um *IPN*, pois não precisa estar sob o *c-comando* desse marcador. Além disso, o fato de o *é ruim* anular a negação feita por outro marcador de negação, quando realizado concomitantemente, e estabelecer com ele uma dupla negação, corrobora que, diferente dos *IPN*, não realizam *NC*.

Além do marcador *é ruim*, outro marcador de negação também é, para nós, um *MNM* do *PB*: o *nem a pau*, uma vez que, quando submetido aos testes de Martins, tem comportamento semelhante aos *MNM* do *PE*.

A partir deste ponto, falaremos sobre o marcador *nem a pau* do PB.

### 3.2. DAS SENTENÇAS COM *NEM A PAU*

Observemos, inicialmente, a *mesa discursiva* abaixo, em (97), na qual há diferentes configurações para uma mesma negação:

- (97) *O apagão elétrico de ontem atingiu todo o Brasil.*
- a. ***Nem a pau*** o apagão atingiu todo o Brasil! Atingiu apenas Norte e Nordeste.
  - b. O apagão ***nem a pau*** atingiu todo o Brasil! Atingiu apenas Norte e Nordeste.
  - c. O apagão não atingiu ***nem a pau*** todo o Brasil! Atingiu apenas Norte e Nordeste.
  - d. O apagão não atingiu todo o Brasil ***nem a pau***! Atingiu apenas Norte e Nordeste.

As sentenças de negação entre (96a) e (96d) são aceitáveis, independente da presença do marcador *não*. Essas negações, quando pronunciadas, têm ênfase prosódica, ênfase essa marcada, na escrita, pelo sinal de exclamação. No PB, como vemos, há mais uma forma de negar sentenças de um *cg*: com o marcador *nem a pau*.

Atentemos, agora, para a *mesa* (98), abaixo:

- (98) *O apagão elétrico de ontem atingiu todo o Brasil.*
- a. ?***Nem a pau*** eu fiquei sem internet! Ela funcionou enquanto eu tive bateria.
  - b. ?Eu ***nem a pau*** fiquei sem internet! Ela funcionou enquanto eu tive bateria.
  - c. ?Eu não fiquei ***nem a pau*** sem internet! Ela funcionou enquanto eu tive bateria.
  - d. ?Eu não fiquei sem internet ***nem a pau***! Ela funcionou enquanto eu tive bateria.

Em (98) a *mesa discursiva* traz a mesma pressuposição de (96). No entanto, as negações com *nem a pau* não são bem aceitas, apesar de gramaticais. Essa inaceitação acontece porque em (98) o *nem a pau* não consegue alcançar algo que tenha sido proferido concretamente, tampouco o que pode ser inferido da pressuposição.

Diante de *mesas* como (97) e (98), sentenças de negação com *nem a pau*, no PB, devem ser realizadas sobre um contexto apropriado, ou, do contrário, perdem sua finalidade comunicacional.

O marcador *nem a pau*, como o *é ruim*, sofre restrições que podem colocar essas sentenças no grupo das sentenças de *SNM*.

Não há, ainda, na literatura linguística, um estudo das sentenças com *nem a pau*, razão pela qual não encontraremos, nesta tese, referências de pesquisa referentes a esse

marcador de negação, o que vem a dar ao nosso trabalho um caráter pioneiro. No entanto, trabalhos importantes com os de *Horn* (1989), *Martins* (2010, 2012, 2014), *Pereira* (2010) e *Pinto* (2010), que estudam as *SNM* em diferentes língua naturais, são retomados sempre que necessário, para análise e classificação das sentenças com *nem a pau*, no *PB*.

Apesar de incluirmos as sentenças de negação com *nem a pau* no grupo das *SNM*, afirmamos que, pela possibilidade de realização em quatro posições distintas, o *nem a pau* sofre menos restrições de realização do que aquelas com o marcador *é ruim*.

A partir de agora, tal qual fizemos com o marcador *é ruim*, abordaremos do marcador *nem a pau*, que se concretiza em sentenças de negação. Cada uma das análises realizada visará mostrar que, a depender da posição em que se realize o marcador *nem a pau*, as sentenças podem ser classificadas em tipologias distintas.

### 3.2.1. NEM A PAU: EXPRESSÃO CRISTALIZADA

Diferente de outros marcadores negativos do *PB*, como o *é ruim*, apresentado anteriormente, o *nem a pau*, originalmente, transporta carga semântica negativa, de modo que pode ser interpretado como uma negação de imposição. Conforme o *Dicionário Informal*<sup>62</sup>:

Quando alguém não queria aceitar ou dizer algo (principalmente na época da ditadura), espancava-se o caboclo metiam-no no **pau de arara**. Quando ele voltava para a cela, perguntavam: “Você assinou a confissão? Falou algo?”, ele dizia: **nem a pau!** (pau de pauladas e ou pau de arara). Ou seja: Não aceitou ou falou”.

Ou seja, o *nem a pau* surgiu mediante uma situação real de violência, moral e física, às quais os interlocutores de asserções semelhantes eram submetidos, quando colocados no *pau de arara*. Como era uma situação degradante, o *nem a pau* foi se configurando como uma expressão de reação veemente, de rejeição e de não submissão a situações prévias.

Considerando esse contexto de reação, sua configuração sugere que houve *elipse* do termo modal *à base de*, como apresentamos em (99), abaixo:

- (99) *E aí? Como foi? Você falou?*  
a. **Nem a** (a base de) **pau** (eu falei)!

---

<sup>62</sup> Cf. [htTP://www.dicionarioinformal.com.br/nem+a+pau/](http://www.dicionarioinformal.com.br/nem+a+pau/).

Ainda que não efetivada, a intenção comunicativa do falante foi mostrar que sob nenhum aspecto, ainda que de maneira humilhante, ele respondeu ao que lhe foi questionado. Desde então, a expressão *nem a pau* adquiriu uma configuração única, além de, naturalmente, indicar rejeição enfática.

Como sofreu *elipse* do *à base de*, o *nem a pau* tornou-se uma expressão cristalizada e fixa, tanto que seus constituintes não podem ser suprimidos, invertidos, substituídos, tampouco intermediados por outros constituintes da sentença. A fim de assegurarmos essa afirmação, retomemos a *mesa discursiva* de (97), acima, em (100), abaixo, de modo que essa expressão não mantenha os seus constituintes na posição original.

(100) *O apagão elétrico de ontem atingiu todo o Brasil.*

- a. *\*Nem o apagão atingiu todo o Brasil a pau! Atingiu apenas Norte e Nordeste.*
- b. *?O apagão nem atingiu a pau todo o Brasil! Atingiu apenas Norte e Nordeste.*
- c. *?O apagão não atingiu a pau nem todo o Brasil! Atingiu apenas Norte e Nordeste.*
- d. *\*O apagão não atingiu todo o Brasil a pau nem! Atingiu apenas Norte e Nordeste.*

Em (100) temos quatro sentenças em que a estrutura do *nem a pau* foi alterada, o que comprometeu a gramaticalidade da sentença, em (100a) e (100d), ou atribuiu à configuração sentencial uma interpretação diferente de uma sentença de negação, em (100b) e (100c).

A agramaticalidade de (100a) foi estabelecida porque o entre o *nem* e o *a pau* foi entremeada toda a sentença que estava sendo negada. Em (100d), o que provocou a agramaticalidade foi a inversão dos constituintes da expressão no final da sentença, com o *a pau* antecedendo o *nem*. Em ambas as sentenças, o interlocutor não consegue identificar o comprometimento do falante com o que anuncia.

Afirmamos que (100b) e (100c) não são agramaticais, mas provocam estranhamento, porque a separação dos constituintes e sua realização em posições específicas permite que os interlocutores façam outra interpretação da sentença, não sendo uma negação do conteúdo proposicional da asserção prévia. Em (100b), por exemplo, depreendemos que *nada consegue atingir todo o Brasil a (a base de) pau, nem mesmo o apagão*. Por sua vez, em (100c), a leitura possível, semelhante a (100b), é que *o apagão atingiu apenas algumas partes do Brasil, mas nem todo ele*.

Diante do exposto, os constituintes que perfazem o *nem a pau*, se colocados separadamente sobre uma *mesa discursiva*, adquirem outra interpretação, na qual o *nem* assume uma função de conjunção aditiva, enquanto o *a pau* um constituinte que indica *modo*.

Assim, para que o *nem a pau* seja um marcador de negação, é indispensável que ele seja realizado numa configuração fixa, com o *nem* antecedendo sempre o *a pau*.

Como marcador de negação, o *nem a pau* também tem escopo que alcança alguns constituintes ou toda a sentença, do que trataremos na próxima subseção.

### 3.2.2. NEM A PAU: ESCOPO DA NEGAÇÃO

Como os demais marcadores de negação, o *nem a pau* tem escopo sobre um ou mais de um constituinte, sendo da esquerda para a direita, ou da direita para a esquerda, a depender da posição em que ele se realize.

Observemos a *mesa discursiva* em (101), abaixo:

(101) *Ana pediu demissão.*

- a. ***Nem a pau*** *ela pediu demissão. Ela foi demitida.*
- b. *Ela* ***nem a pau*** *pediu demissão. Ela foi demitida.*
- c. *Ela não pediu* ***nem a pau*** *demissão. Ela foi demitida.*
- d. *Ela não pediu demissão* ***nem a pau*** *. Ela foi demitida.*

A *mesa* de (101) tem como pressuposição a ideia de que *alguém está desempregado porque pediu para sair do emprego*, com a qual as asserções de negação se relacionam. Conforme a afirmação, *esse alguém é Ana*, e as sentenças de negação com *nem a pau* retificam a variável *pedir demissão*, da afirmação, substituindo por *foi demitida*.

Em (101a) e (101d), o *nem a pau* ocupa posição periférica, à esquerda e à direita, respectivamente. Quando realizado à esquerda, o seu escopo alcança toda a sentença. Por sua vez, quando realizado à direita, o escopo recai sobre o constituinte imediatamente à esquerda que, no caso, é *pedir demissão*.

Em (101b) e (101c), o *nem a pau* é um constituinte adjacente ao verbo, sendo realizado, respectivamente, em posições pré e pós-verbal. Em (101b), onde antecede o verbo, tem escopo sobre os constituintes que permanecem à sua direita. Em (101c), posposto ao verbo, tem escopo da direita para a esquerda, recaindo sobre o verbo que o antecede.

Observemos, agora, a *mesa* em (102), abaixo:

(102) *Ana pediu demissão.*

- a. **Nem a pau** Ana pediu demissão! Ela continua trabalhando.
- b. Ana **nem a pau** pediu demissão! Ela continua trabalhando.
- c. Ana não pediu **nem a pau** demissão! Ela continua trabalhando.
- d. Ana não pediu demissão **nem a pau**! Ela continua trabalhando.

Em todas as sentenças de negação de (102), o marcador *nem a pau* substituiu o valor de verdade *alguém pediu demissão* por *alguém continua trabalhando*, equivalente a *ninguém pediu demissão*. Nesse caso, diferente de (101), a sentença com *nem a pau* não corrigiu apenas uma variável da pressuposição, mas anulou todo o valor de verdade, o que nos permite afirmar que o *nem a pau* é um constituinte que pode anular um valor de verdade, como em (102), ou retificar alguma variável desse valor, como em (101), razão pela qual defendemos que no marcador *nem a pau* identificamos aquela ambiguidade apresentada em Horn (1989), quando afirma que não há marcadores exclusivos de *SNM*.

Tendo em vista o marcador *uma ova*, analisado como constituintes do *PE*, percebemos que ele também pode, além de retificar uma variável da pressuposição, anular um valor de verdade, substituindo-o por seu valor oposto, como mostramos na *mesa* em (103), abaixo:

(103) *Ana pediu demissão.*

- a. Ela pediu demissão **uma ova**! Ela foi demitida.
- b. Ela pediu demissão **uma ova**! Ela continua trabalhando.

Como mostra a sentença em (103a), o marcador *uma ova* corrigiu a variável *pedir demissão*, da pressuposição, e substituiu-a por *foi demitida*, na *asserção de justificativa*. Por sua vez, em (103b) esse mesmo marcador de negação anulou o valor de verdade *alguém pediu demissão* e substituiu por seu valor oposto: *ninguém pediu demissão*, também corroborando a possibilidade de dupla interpretação, correspondente àquela ambiguidade apresentada por Horn (1989), quando afirma que alguns marcadores de negação metalinguística podem, também, estabelecer negação regular.

Diferente do escopo do *é ruim*, como vimos, o escopo do *nem a pau* não é fixo, podendo ser amplo ou estreito, razão pela qual ele é um marcador de negação sentencial ou um marcador de negação de constituinte.

Considerando, portanto, a posição e o escopo do *nem a pau*, afirmamos que ele é um *MNM* do *PB*, conforme os *MNM* do *PE*, de Martins (2010), quando retifica qualquer variável de uma pressuposição, estabelecendo objeção entre o que é afirmado na asserção prévia e o

que é assegurado na sentença de negação. Além de ser um *MNM* do *PB*, o *nem a pau* se realiza também em *SNR*, quando anula um valor de verdade, atribuindo à sentença prévia um valor equivalente ao oposto do valor primeiro.

A fim de confirmarmos se o *nem a pau* ora é um *MNM* do *PB*, ora é um marcador de *SNM*, submeteremos o *nem a pau* a todos os testes de Martins (2010, 2012, 2014), para classificação das *SNM*. Além desses, faremos os testes dos *MNM* periféricos e internos, a fim de sabermos em qual grupo o *nem a pau* se encontra.

### **3.2.3. TESTES PARA IDENTIFICAÇÃO DAS *SNM* E CLASSIFICAÇÃO DOS *MNM*.**

Todas as *SNM*, quando submetidas aos testes de Martins (2010), têm comportamentos semelhantes, tanto em relação à necessidade de uma proposição efetivada previamente, à compatibilidade com *IPP* e à incompatibilidade com *IPN* ou com sentenças encaixadas, quanto em relação à distinção entre marcadores que se realizarem sozinhos ou com fragmentos nominais, à algumas posições na frase, à realização com advérbios enfáticos, com outra sentença de negação, com expressões idiomáticas, entre outros.

Como há comportamentos comuns entre as *SNM* e os *MNM*, sejam esses periféricos ou internos, aplicaremos, a partir de agora, os testes de Martins (2010) às sentenças com *nem a pau*, de modo que possamos confirmar se sentenças realizadas com eles são *SNM* do *PB*, ou se representam, também, *SNR*.

#### **3.2.3.1. *NEM A PAU*: OBRIGATORIEDADE DE LEGITIMAÇÃO DISCURSIVA**

Martins (2010) afirma que uma *SNM* só pode ser efetivamente realizada numa *mesa discursiva* em que, no *cg*, exista alguma asserção, de afirmação ou de negação, para ser retificada. Nós mostramos, inclusive, ao longo da seção anterior, que o valor negado da pressuposição, desde que possa ser recuperado pelos interlocutores, pode estar subentendido na asserção, sem necessariamente ter sido efetivado. A ausência de uma pressuposição faz com que as *SNM* não possam *estabelecer oposição/contraste a alguma declaração prévia*.

Para confirmarmos que o marcador *nem a pau* também depende de um contexto prévio, retomemos a mesma *mesa* de (67) em (104) e (105), abaixo:



- (104) *Amanhã vai ter show do Skank. Vai ser muito bom!*
- a. **Nem a pau** amanhã vai ter show do Skank. Será show do Jota Quest.
  - b. Amanhã **nem a pau** vai ter show do Skank. Será show do Jota Quest.
  - c. Amanhã não vai ter **nem a pau** show do Skank. Será show do Jota Quest.
  - d. Amanhã não vai ter show do Skank **nem a pau**. Será show do Jota Quest.

- (105) *Amanhã vai ter show do Skank. Vai ser muito bom!*
- a. **Nem a pau** o show vai ser muito bom! Eles conversam demais.
  - b. O show **nem a pau** vai ser muito bom! Eles conversam demais.
  - c. O show não vai **nem a pau** ser muito bom! Eles conversam demais.
  - d. O show não vai ser muito bom **nem a pau**! Eles conversam demais.

Em (104) e (105), as sentenças de negação com *nem a pau* corrigem afirmações distintas, sem, no entanto, provocarem agramaticalidade ou estranhamento, porque no *cg* as asserções prévias foram foneticamente realizadas. Essas *mesas* colocam as sentenças com *nem a pau* em consonância com o teste da *Obrigatoriedade de Legitimação Discursiva*, de Martins (2010).

Além das *mesas* (104) e (105), em que a pressuposição foi realizada, há situações como a *mesa* em (106), abaixo:

- (106) *Ana gosta muito de chocolate. Vou dar uma caixa de bombons para ela.*
- a. **Nem a pau** ela vai comer os chocolates! Ela está de dieta.
  - b. Ela **nem a pau** vai comer os chocolates! Ela está de dieta.
  - c. Ela não vai **nem a pau** comer os chocolates! Ela está de dieta.
  - d. Ela não vai comer os chocolates **nem a pau**! Ela está de dieta.

Como vimos com o marcador *é ruim*, uma *SNM* pode estar relacionada com um conteúdo implícito na pressuposição do *cg*, sem necessariamente ter sido efetivado. A possibilidade de realização com o que está implícito, no entanto, não afasta as *SNM* do teste da *Obrigatoriedade de Legitimação Discursiva*, uma vez que os interlocutores da *mesa* compartilham do comprometimento de cada falante. Como, em (106), pode ser inferido sobre a *mesa discursiva* que o chocolate oferecido será comido por Ana, a negação que o interlocutor usou com *nem a pau* tiveram alcance sobre o valor de verdade subentendido.

Observemos, agora, a *mesa discursiva* apresentada em (107), abaixo:

- (107) *Ana gosta muito de chocolate.*
- a. ?*Nem a pau* ela vai comer chocolate!
  - b. ?*Ela nem a pau* vai comer chocolate!
  - c. ?*Ela não vai comer nem a pau* chocolate!
  - d. ?*Ela não vai comer chocolate nem a pau*!

Em (107), apesar de gramaticais, as sentenças com *nem a pau* provocam estranhamento aos participantes da *mesa*, porque não podem estabelecer relação com o contexto precedente, nem mesmo com o que possa estar implícito. O problema identificado em (107) é que não podemos inferir que *alguém comerá chocolate*, apenas pelo fato de *gostar dessa iguaria*. Sendo assim, as sentenças com *nem a pau* perdem sua finalidade comunicacional, já que o marcador não encontra alvo para o seu escopo.

Outra forma de analisar a relação das sentenças com *nem a pau* e o contexto precedente pode ser verificado numa situação hipotética em que, numa discussão acalorada, um dos participantes, em tom alterado, convoca o outro para que se dirija ao carro com a seguinte ordem: *vamos, entre logo no carro!*. Receoso pelo estado de ânimo do motorista, o passageiro poderia reagir a essa ordem com sentenças de negação como as de (108), abaixo:

- (108) a. *Nem a pau eu saio com você nervoso desse jeito!*
- b. *Eu nem a pau saio com você nervoso desse jeito!*
- c. *Eu não saio nem a pau com você nervoso desse jeito!*
- d. *Eu não saio com você nervoso desse jeito nem a pau!*

Em (108), as sentenças com *nem a pau* são *sentenças-resposta* a uma asserção imperativa, e parecem estabelecer mudança de tópico da conversa, servindo para abrir uma *mesa discursiva*. Nesse contexto, essas sentenças poderiam ir de encontro ao teste que Martins (2010) apresenta para as *SNM*, quando aponta a *Obrigatoriedade de Legitimação Discursiva*.

No entanto, apesar de ser possível uma situação comunicacional como a que expressamos em (108), na qual sentenças com *nem a pau* sejam realizadas sem um contexto prévio claramente lançado sobre a *mesa*, nem com uma pressuposição implícita, essas sentenças não estabelecem, de fato, início de colóquio, tampouco mudam o tópico da conversa, uma vez que elas só podem ser realizadas se contradisserem alguma proposição, ainda que não estabeleça relação direta com ela.

A impossibilidade de iniciar uma conversação pode ser confirmada se considerarmos que, isoladas de um esclarecimento prévio nosso que apresentasse o fator hipotético que motivaria as negativas em (108), como apresentado previamente para o leitor, todas as sentenças apresentadas em (108) ficariam sem possibilidade de compreensão.

A fim de corroborar que outras sentenças também se realizam como o marcador *nem a pau*, em (108), imaginemos a mesma situação hipotética de (108), na *mesa* em (109), abaixo, e vejamos que as sentenças com *é ruim*, *uma ova* e *nada* também podem responder

uma asserção imperativa, ainda que não estabeleça relação direta com ela ou com o que possa estar implícito nela.

Assim, para o mesmo contexto de ordem, *vamos, entre logo no carro!*, o interlocutor poderia responder com as negativas abaixo:

- (109) a. *É ruim que eu saio com você nervoso desse jeito! Eu prefiro ficar em casa.*  
b. *Uma ova que eu saio com você nervoso desse jeito! Eu prefiro ficar em casa.*  
c. *Eu saio com você nervoso desse jeito uma ova! Eu prefiro ficar em casa.*  
d. *Eu saio nada com você nervoso desse jeito! Eu prefiro ficar em casa.*

Todas as sentenças de negação de (109) são possíveis o contexto em questão, confirmando, mais uma vez, que as características até aqui apresentadas para as sentenças com *nem a pau* não as afastam das *SNM* com *é ruim, uma ova* ou *nada*.

Apesar de as *mesas* em (108) e (109), não apresentarem uma pressuposição clara, continuamos defendendo que sentenças com *nem a pau* se comportam como *SNM* no *PB*, porque, quando submetidas ao teste da *Obrigatoriedade de Legitimação Discursiva*, reagem de forma equivalente às *SNM* com os marcadores *uma ova* e *nada*, também *MNM* do *PE*.

Sabendo que *SNM* dependem de um contexto precedente, elas podem ser realizadas numa *mesa* com tipos de sentenças diferentes, declarativas ou interrogativas, com polaridades distintas, de negação ou de afirmação.

Vejamos, agora, como sentenças com *nem a pau* se comportam com sentenças de polaridades absolutas distintas.

### 3.2.3.1.1. RESPOSTA A UMA DECLARATIVA DE AFIRMAÇÃO

As sentenças com *nem a pau*, realizadas numa *mesa* em que a pressuposição é uma sentença declarativa, têm comportamento como mostramos em (110), abaixo:

- (110) *Ana fez a atividade de casa.*  
a. *Nem a pau ela fez a atividade! Ela respondeu algumas questões e saiu.*  
b. *Ela nem a pau fez a atividade! Ela respondeu algumas questões e saiu.*  
c. *Ela não fez nem a pau a atividade! Ela respondeu algumas questões e saiu.*  
d. *Ela não fez a atividade nem a pau! Ela respondeu algumas questões e saiu.*

Em (110), a sentença com *nem a pau* se relaciona com uma sentença declarativa de afirmação, de modo que corrige o valor de verdade *alguém fez determinada atividade*,

presente na pressuposição, por *alguém fez parte de determinada atividade*. Esse comportamento é semelhante ao que acontece com os *MNM*, das *SNM*, como o *lá/cá*, o *agora* e o *é ruim*.

De outro modo, observemos a mesma *mesa* de (110) em (111), abaixo:

(111) *Ana fez a atividade de casa.*

- a. *Nem a pau ela fez a atividade! Ela passou a tarde brincando.*
- b. *Ela nem a pau fez a atividade! Ela passou a tarde brincando.*
- c. *Ela não fez nem a pau a atividade! Ela passou a tarde brincando.*
- d. *Ela não fez a atividade nem a pau! Ela passou a tarde brincando.*

Como mostra (111), o marcador *nem a pau* não se opôs a uma variável apenas da pressuposição, mas a anulou completamente. Ou seja, o valor *alguém fez determinada atividade* foi substituído por *alguém não fez determinada atividade*, contexto em que o *nem a pau* comportou-se como um marcador de *SNR*.

Como pode tanto corrigir a variável de uma pressuposição quanto pode anular todo um valor de verdade, o *nem a pau* é um marcador de negação que ora se comporta como um *MNM*, ora como um marcador de *SNR*, mais uma vez se comportando como um marcador de negação ambígua, na linha de Horn (1989).

### 3.2.3.1.2. RESPOSTA A UMA DECLARATIVA DE NEGAÇÃO

Quando a pressuposição é uma declarativa de negação, as sentenças com *nem a pau* comportam-se como mostramos em (112) e (113), abaixo:

(112) *Ana não fez a atividade.*

- a. *Nem a pau ela não fez! Ela deixou apenas duas questões sem respostas.*
- b. *Ela nem a pau não fez! Ela deixou apenas duas questões sem respostas.*
- c. *Ela não fez nem a pau (a atividade)! Brincou a tarde inteira.*
- d. *Ela não fez (a atividade) nem a pau! Brincou a tarde inteira.*

(113) *Ana não fez a atividade de casa.*

- a. *Nem a pau ela não fez a atividade! Eu vi todas as questões respondidas.*
- b. *Ela nem a pau não fez a atividade! Eu vi todas as questões respondidas.*
- c. *Ela não fez nem a pau a atividade! Eu não vi nenhuma questão respondida.*
- d. *Ela não fez a atividade nem a pau! Eu não vi nenhuma questão respondida.*

Sentenças de negação com *nem a pau* apresentam comportamentos diferentes, quando se relacionam com uma sentença de negação: 1) se se realiza acima do verbo, seja encabeçando a sentença ou imediatamente antes do verbo, como em (112a), (112b), (113a) e (113b), o marcador ora corrige uma variável da pressuposição, ora desfaz a negação feita pelo *não*, invalidando-a; 2) se aparece abaixo do verbo, pós-verbal ou no final da sentença, como em (112c), (112d), (113c) e (113d), ele é um constituinte que corrobora a negação realizada pelo *não pré-verbal*, ratificando seu o valor de verdade.

Em face do exposto em (112) e (113), quando o *nem a pau* é realizado acima do verbo, numa *mesa* em que o *cg* traz uma sentença de negação, ele estabelece dupla negação com o *não* da pressuposição, podendo corrigir uma variável ou anular todo o valor de verdade da pressuposição. Por sua vez, quando é realizado abaixo do verbo numa mesma *mesa* de negação, ele estabelece concordância negativa (NC) com o *não* pré-verbal, semelhante ao que acontece com os *IPN*.

Portanto, o *nem a pau* tem funções distintas numa *mesa* com sentença declarativa de negação, já que ele pode estabelecer dupla negação com o marcador *não*, retificando qualquer variável ou invalidando a negação primeira, como pode também se comportar como um *IPN*, realizando NC com o primeiro marcador de negação.

Como constatamos aqui, diferente dos *MNM* do *PE*, apresentados por Martins (2010, 2012, 2014), o *nem a pau* não é um marcador exclusivo das *SNM*, sentenças que estabelecem objeção a uma asserção prévia, uma vez que ele tanto pode corrigir uma variável qualquer da pressuposição, equivalente aos *MNM* das *SNM*, quanto pode, também, anular todo o valor de verdade da negação primeira, comportando-se como um marcador de *SNR*.

### 3.2.3.1.3. RESPOSTA A UMA INTERROGATIVA DE AFIRMAÇÃO

Vejamos, inicialmente, as *mesas discursivas* em (114) e (115):

(114) *Ana fez a atividade de casa?*

- a. *Nem a pau ela fez (a atividade)! Ela respondeu algumas questões e saiu.*
- b. *Ela nem a pau fez (a atividade)! Ela respondeu algumas questões e saiu.*
- c. *Ela não fez nem a pau (a atividade)! Ela respondeu algumas questões e saiu.*
- d. *Ela não fez a atividade nem a pau! ela respondeu algumas questões e saiu.*

(115) *Ana fez a atividade de casa?*

- a. *Nem a pau ela fez (a atividade)! Brincou a tarde inteira.*

- b. *Ela nem a pau fez (a atividade)! Brincou a tarde inteira.*
- c. *Ela não fez nem a pau (a atividade)! Brincou a tarde inteira.*
- d. *Ela não fez a atividade nem a pau! Brincou a tarde inteira.*

Todas as sentenças com *nem a pau*, tanto em (114) quanto em (115), respondem bem à asserção de interrogação afirmativa, uma vez que o alvo da negação consegue ser recuperado pelos interlocutores da *mesa*. No entanto, o tipo de negação que estabelecem sobre o valor de verdade da pergunta, *alguém fez determinada atividade*, é diferente: em (114), o *nem a pau* corrige uma variável desse valor, ao substituí-lo por *alguém fez parte de determinada atividade*. Em (115), por sua vez, o valor de verdade foi anulado, passando a valer o seu oposto, *alguém não fez determinada atividade*.

Considerando a relação entre sentenças de negação com *nem a pau* e sentenças prévias de afirmação, sejam declarativas ou interrogativas, as sentenças com *nem a pau* se comportam como *SNM*, como em (114), se interpuserem objeção ao que está posto como fato, ou como *SNR*, como em (115), se substituírem o valor de verdade da asserção prévia por seu valor oposto. Desse modo, são sentenças que, relacionando-se com asserções de afirmação, estabelecem aquela ambiguidade apontada por Horn (1989), permitindo que, apenas mediante o contexto, a sentença seja classificada como *SNM* ou *SNR*.

#### 3.2.3.1.4. RESPOSTA A UMA INTERROGATIVA DE NEGAÇÃO

Quando analisamos o marcador *nem a pau* numa *mesa* em que havia, já no *cg*, uma declarativa de negação, esse marcador comportou-se de maneira distinta, a depender da sua posição em relação ao verbo.

Para vermos como essas sentenças se comportam numa *mesa* em que já existe uma interrogativa de negação, vejamos as *mesas* em (116) e (117), abaixo:

(116) *Ana não fez a atividade?*

- a. *Nem a pau ela não fez! Ela deixou apenas duas questões sem respostas.*
- b. *Ela nem a pau não fez! Ela deixou apenas duas questões sem respostas.*
- c. *Ela não fez nem a pau (a atividade)! Brincou a tarde inteira.*
- d. *Ela não fez (a atividade) nem a pau! Brincou a tarde inteira.*

(117) *Ana não fez a atividade?*

- a. *Nem a pau ela não fez! Eu vi todas as questões respondidas.*
- b. *Ela nem a pau não fez! Eu vi todas as questões respondidas.*
- c. *Ela não fez nem a pau (a atividade)! Brincou a tarde inteira.*

d. *Ela não fez (a atividade) nem a pau! Brincou a tarde inteira.*

Como acontece com declarativas de negação, com interrogativas de negação o marcador *nem a pau* também tem interpretações distintas, podendo ser um *MNM*, ao estabelecer dupla negação com o constituinte negador da pressuposição, ou um *IPN*, porque estabelece *NC* com o marcador de negação que já o antecede, na pressuposição.

Como mostram as análises, o *nem a pau* pode ser classificado como um *MNM*, se realizar contraste entre variáveis da pressuposição e da negação com *nem a pau*, ou como um *MNR*, se anular todo um valor de verdade. Além disso, o *nem a pau* pode ser, também, um *IPN*, haja vista sua possibilidade de, numa *mesa* prévia de negação, estabelecer *NC* com o *não* pré-verbal.

Assim como todas as sentenças estabelecidas numa *mesa discursiva*, as sentenças com *nem a pau* também possuem polaridades absoluta e relativa, marcadas, respectivamente, na própria sentença ou na relação dela com sentenças anteriores. Mostraremos, a partir de agora, essas polaridades.

### 3.2.3.2. NEM A PAU: POLARIDADE DA SENTENÇA

Como temos defendido aqui, sentenças com *nem a pau* se relacionam com uma asserção prévia, de afirmação ou de negação, de modo a corrigir alguma variável dessa pressuposição, anular todo o valor de verdade ou, ainda, corroborar uma negativa primeira.

Como qualquer sentença, as sentenças com *nem a pau* também transportam constituintes que lhe atribuem *Polaridade Absoluta Positiva* [+] ou *Negativa* [-], na linha de Farkas e Bruce (2010). Como são lançadas numa *mesa* e estabelecem relação intersentencial com outras sentenças, elas adquirem traços de *Polaridade Relativa*, que pode ser [*Same*], de concordância, ou [*Reverse*], de discordância, conforme Farkas e Bruce (2010), além do traço [*Objection*], identificada em Martins (2012).

Vejamos as polaridades absoluta e relativa das sentenças com *nem a pau*.

#### 3.2.3.2.1. POLARIDADE ABSOLUTA

As sentenças com *nem a pau* não apresentam o marcador *não* em sua configuração, mas trazem o constituinte *nem a pau* que, por si só, exprime negação. Sendo assim, elas são sentenças de negação que têm *Polaridade Absoluta Negativa* [-].

Retomemos a *mesa* de afirmação de (104) em (118), abaixo:

(118) *Amanhã vai ter show do Skank. Vai ser muito bom.*

- a. *Nem a pau (o show) vai ser muito bom! Eles conversam demais.*
- b. *O show nem a pau vai ser muito bom! Eles conversam demais.*
- c. *O show não vai ser nem a pau muito bom! Eles conversam demais.*
- d. *O show não vai ser muito bom nem a pau! Eles conversam demais.*

Em (118), o marcador *nem a pau* nega o valor de verdade de que *o show de determinada banda será bom*, independente de ele ser realizado acima ou abaixo do verbo. Desse modo, todas as sentenças de (118) são sentenças de negação, distinguindo-se, somente, porque enquanto em (118a) e (118b) o *nem a pau* é o marcador único da negação, em (118c) e (118d) ele é antecedido do marcador *não*, pré-verbal. Sozinho ou com outro marcador de negação, no entanto, o *nem a pau* nega a pressuposição, como acontece com as sentenças com *é ruim*.

Contudo, a expressão *nem a pau*, diferente de *é ruim*, é sempre introduzida pelo constituinte *nem*, um prototípico marcador que exprime negação regular. Sendo assim, todas as sentenças com *nem a pau* têm *Polaridade Absoluta Negativa* [-], independente de ele ser constituinte único ou um segundo marcador de negação.

Observemos, agora, a negação com *nem a pau* realizada numa *mesa* cujo *cg* tem uma sentença negativa, como em (119) e (120), abaixo:

(119) *João não sabe da gravidez de Ana.*

- a. *Nem a pau ele não sabe (dessa gravidez). Quem não sabe é Joaquim.*
- b. *Ele nem a pau não sabe (dessa gravidez). Quem não sabe é Joaquim.*
- c. *Ele não sabe nem a pau (dessa gravidez). Ela não contou para ele.*
- d. *Ele não sabe (dessa gravidez) nem a pau. Ela não contou para ele.*

(120) *João não sabe da gravidez de Ana.*

- a. *Nem a pau ele não sabe (dessa gravidez). Ele quem me deu a notícia.*
- b. *Ele nem a pau não sabe (dessa gravidez). Ele quem me deu a notícia.*
- c. *Ele não sabe nem a pau (dessa gravidez). Ela não contou para ele.*
- d. *Ele não sabe (dessa gravidez) nem a pau. Ela não contou para ele.*

Em (119) e (120), o *nem a pau* se relaciona com uma sentença prévia de negação, cujo valor de verdade equivale a *um alguém não sabe da gravidez de outro alguém*. Enquanto em (119a) e (119b) o *nem a pau* retifica a variável *João*, substituindo por *Joaquim*, coerente com um *MNM*, em (120a) e (120b) esse mesmo marcador anula todo o valor de verdade da



pressuposição, ao assegurar que *o João quem tenha dado a notícia da gravidez*, compatível com os *MNR*. Logo, nas sentenças “a” e “b” de (119) e (120), o *nem a pau* realiza dupla negação com o *não* pré-verbal da pressuposição. Por outro lado, nas sentenças “c” e “d”, de (119) e (120), esse marcador de negação estabelece *NC* com o *não* pré-verbal, já presente na pressuposição, ao corroborar a pressuposição. Nessas sentenças, o *nem a pau* se caracteriza, pois, como um *IPN*.

Diante das *mesas* em (119) e (120), nas quais o *nem a pau* se comportou ora como *MNM*, das *SNM*, ora como *MNR*, das *SNR*, e ora como *IPN*, asseguramos que, independente de sua função na sentença, todas as sentenças com *nem a pau* apresentam sempre *Polaridade Absoluta Negativa* [-], haja vista que em todas as situações ele nega uma sentença prévia, ou mesmo corrobora uma negação primeira.

### 3.2.3.2.2. POLARIDADE RELATIVA

Sentenças com *nem a pau* também disparam traços de *Polaridade Relativa*, traços esse que dependem do tipo de sentença que as antecede na *mesa discursiva*: se uma sentença de afirmação, com *Polaridade Absoluta Positiva* [+], ou se uma sentença de negação, com *Polaridade Absoluta Negativa* [-].

A *Polaridade Relativa* das sentenças com *nem a pau* podem ter três traços distintos: [*Same*], de concordância e [*Reverse*], de discordância, na linha Farkas e Bruce (2010), ou, ainda, [*Objection*], de objeção, na perspectiva de Martins (2010).

Atentemos para as situações comunicacionais em (121), (122), (123) e (124), abaixo, semelhante às *mesas* (110), (111), (119) e (120):

(121) *Ana fez a atividade de casa.*

- a. *Nem a pau ela fez a atividade! Ela respondeu algumas questões e saiu.*
- b. *Ela nem a pau fez a atividade! Ela respondeu algumas questões e saiu.*
- c. *Ela não fez nem a pau a atividade! Ela respondeu algumas questões e saiu.*
- d. *Ela não fez a atividade nem a pau! Ela respondeu algumas questões e saiu.*

(122) *Ana fez a atividade de casa.*

- a. *Nem a pau ela fez a atividade! Ela passou a tarde brincando.*
- b. *Ela nem a pau fez a atividade! Ela passou a tarde brincando.*
- c. *Ela não fez nem a pau a atividade! Ela passou a tarde brincando.*
- d. *Ela não fez a atividade nem a pau! Ela passou a tarde brincando.*

(123) *João não sabe da gravidez de Ana.*

- a. *Nem a pau ele não sabe (dessa gravidez). Quem não sabe é o Joaquim.*
- b. *Ele nem a pau não sabe (dessa gravidez). Quem não sabe é o Joaquim.*
- c. *Ele não sabe nem a pau (dessa gravidez). Ela não contou para ele.*
- d. *Ele não sabe (dessa gravidez) nem a pau. Ela não contou para ele.*

(124) *João não sabe da gravidez de Ana.*

- e. *Nem a pau ele não sabe (dessa gravidez). Ele quem me deu a notícia.*
- f. *Ele nem a pau não sabe (dessa gravidez). Ele quem me deu a notícia.*
- g. *Ele não sabe nem a pau (dessa gravidez). Ela não contou para ele.*
- h. *Ele não sabe (dessa gravidez) nem a pau. Ela não contou para ele.*

As *mesas* (121) e (122) trazem uma asserção de afirmação no *cg*, enquanto as *mesas* (123) e (124) trazem sentenças de negação.

Em (121), as sentenças de negação com *nem a pau* estabelecem oposição a uma variável da pressuposição, independente de o marcador estar acima ou abaixo verbo. Em (122), a oposição do *nem a pau* se dá sobre toda a pressuposição, anulando o seu valor de verdade. Assim, o *nem a pau*, em (121), insere objeção à pressuposição, alterando o valor de verdade *alguém fez determinada atividade* para *alguém fez parte de determinada atividade*. Por sua vez, em (122) esse mesmo marcador anulou a pressuposição *alguém fez determinada atividade*, dando-lhe o valor oposto, *alguém não fez determinada atividade*.

Considerando as polaridades relativas de Farkas e Bruce (2010) e de Martins (2012), as sentenças com *nem a pau*, se numa *mesa* com sentenças de *Polaridade Absoluta Positiva* [+], podem apresentar dois traços de *Polaridade Relativa*: 1) *Polaridade Relativa* [*Objection*] ou *Polaridade Relativa* [*Reverse*], uma vez que são constituintes que tanto marcam objeção à parte de uma asserção pressuposta, estabelecendo relação entre os valores *correto/incorrecto*, quanto anulam a pressuposição, estabelecendo relação de valores dos tipos *falso/verdadeiro*.

Considerando (123) e (124), por sua vez, cujos *cg* contêm declarativas de negação, a *Polaridade Relativa* pode ser classificada conforme a posição do *nem a pau* em relação ao marcador de negação *não*, da pressuposição: 1) se aparece acima do *não*, a sentença com *nem a pau* pode ter *Polaridade Relativa* [*Objection*], de Martins (2012), como em (123), pois retifica uma variável da pressuposição, estabelecendo relação de valores *correto/incorrecto*, ou pode ter *Polaridade Relativa* [*Reverse*], de Farkas e Bruce (2010), pois transporta um valor de verdade oposto ao valor de verdade da pressuposição, mantendo relação de valores *falso/verdadeiro*; 2) se ocupa posição abaixo do *não*, da pressuposição, a sentença apresenta *Polaridade Relativa* [*Same*], de concordância, de Farkas e Bruce (2010), já que, numa *mesa*

de negação, se realizado abaixo do verbo, o *nem a pau* se comporta como um *IPN*, corroborando a negação realizada pelo marcador de negação da pressuposição.

Assim sendo, sentenças com *nem a pau* numa *mesa* com pressuposição de *Polaridade Absoluta Positiva* [+], apresentam *Polaridade Relativa* [*Objection*] ou *Polaridade Relativa* [*Reverse*]. Numa *mesa* com pressuposição de *Polaridade Absoluta Negativa* [-], apresentam *Polaridade Relativa* [*Objection*], de Martins (2012), ou *Polaridade Relativa* [*Reverse*], de Farkas e Bruce (2010), se ocupar posição acima do *não*, da pressuposição, ou *Polaridade Relativa* [*Same*], se o *nem a pau* aparecer abaixo desse *não*.

Diante do que apresentamos nesta subseção sobre os traços de polaridade das sentenças com *nem a pau*, definimos as polaridades absoluta e relativa das sentenças de negação com *nem a pau* no *PB* conforme o quadro abaixo:

<i>SENTENÇA DO COMMON GROUND</i>	<i>SENTENÇA COM NEM A PAU</i>	
	<i>Polaridade Absoluta</i>	<i>Polaridade Relativa</i>
<b>Declarativa de Afirmação – PA [+]</b>	[-]	[ <i>Objection</i> ] ou [ <i>Reverse</i> ]
<b>Interrogativa de Afirmação – PA [+]</b>	[-]	[ <i>Objection</i> ] ou [ <i>Reverse</i> ]
<b>Declarativa de Negação – PA [-]</b>	[-]	[ <i>Objection</i> ] ou [ <i>Reverse</i> ] Se acima do <i>não</i> , da pressuposição. [ <i>Same</i> ] Se abaixo do <i>não</i> , da pressuposição.
<b>Interrogativa de Negação – PA [-]</b>	[-]	[ <i>Objection</i> ] ou [ <i>Reverse</i> ] Se acima do <i>não</i> , da pressuposição. [ <i>Same</i> ] Se abaixo do <i>não</i> , da pressuposição.

### 3.2.3.3. NEM A PAU: COMPATIBILIDADE COM ITENS DE POLARIDADE POSITIVA (IPP)

Martins (2010) afirma que as *SNM* são realizáveis com *IPP*. Logo, realizáveis em sentenças que têm *Polaridade Absoluta Positiva* [+]. Como já revelamos, sentenças com *nem a pau*, a depender da posição que o marcador ocupe e da polaridade absoluta da sentença pressuposta, podem ter leitura de *SNM* ou de *SNR* do *PB*.

Observemos como o marcador *nem a pau* se comporta com *IPP do diabo* e *e tanto*, adaptados de Martins (2010, p. 570), conforme as *mesas* (125) e (126):

(125) *Tiveste uma sorte do diabo!*

- a. *Nem a pau tive uma sorte do diabo! Me dediquei e venci.*
- b. *Eu nem a pau tive uma sorte do diabo! Me dediquei e venci.*

(126) *Você fará uma prova e tanto!*

- a. *Nem a pau vou fazer uma prova e tanto! Vou é tirar zero.*
- b. *Eu nem a pau vou fazer uma prova e tanto! vou é tirar zero.*

As sentenças (125) e (126) trazem os *IPP do diabo* e *e tanto* negados pelo *nem a pau*. Apesar de possível, nessas configurações o *nem a pau* só se realiza antes do verbo, uma vez que em posição pós-verbal ele é um *IPN*. Logo, dependente de um marcador de negação pré-verbal, o que é incompatível com *IPP*, que se realizam exclusivamente em sentenças de afirmação.

### 3.2.3.4. NEM A PAU: INCOMPATIBILIDADE COM ITENS DE POLARIDADE NEGATIVA (IPN)

Outro seguro teste de Martins (2010) para classificar e distinguir as *SNM* de outra sentença de negação é a relação de incompatibilidade entre os *MNM* e o *IPN*, uma vez que estes, dependentes de um constituinte de negação que os *c-comande*, não encontram escopo no *MNM*.

Como Martins (2010) apresentou, nós mostraremos em (127), abaixo, com base na *mesa* encontrada em Martins (2010, p. 571), como se dá a relação entre o *nem a pau* e os *IPN*, de modo a corroborar que, como o *lá/cá* e *agora*, o *nem a pau*, ele também pode ser um *MNM*, como pode, igualmente, ser um *IPN*:

(127) *Tu é que conheces uma pessoa que sabe arranjar isto.*

- a. *Nem a pau eu conheço (alguém/\*ninguém) que saiba arranjar isso!*

- b. *Eu nem a pau conheço (alguém/\*ninguém) que saiba arranjar isso!*
- c. *Eu não conheço nem a pau (alguém/\*ninguém) que saiba arranjar isso!*
- d. *Eu não conheço (alguém/ninguém) que saiba arranjar isso \*nem a pau!*

Como um *MNM* do *PB*, o *nem a pau* é incompatível com *IPN*, se realizado acima do marcador de negação *não*, como mostram (127a) e (127b), posição em que são *MNM*.

Quando realizado após o verbo, como em (127c) e (127d), o *nem a pau* e o *ninguém* coocorrem são dois *IPN* numa mesma configuração sintática, sendo que ambos dependem de um marcador de negação pré-verbal que os *c-comande*, com o qual possam estabelecer *NC*. Sendo assim, a sentença (127c) é agramatical porque apenas o *nem a pau* é *c-comandado* pelo *não*, enquanto o *ninguém* fica sem um marcador de negação que o *c-comande*. Em (127d), por sua vez, o *ninguém* é *c-comandado*, e o *nem a pau* não.

A incompatibilidade, pois, de dois *IPN* numa mesma sentença com o *nem a pau* pós-verbal corrobora que ele, nessa posição, é um legítimo *IPN* no *PB*.

Diante do exposto, negação com o *nem a pau* antes do verbo pode ser *SNM* ou *SNR*, pois, estabelecendo dupla negação, corrige uma variável da pressuposição ou anula todo o valor de verdade desta. Por sua vez, depois do verbo, esse marcador se realiza apenas em *SNR*, porque sempre estabelece *NC* com o *não* pré-verbal, já que o *nem a pau* é um *IPN*.

### 3.2.3.5. NEM A PAU: INCOMPATIBILIDADE COM SENTENÇAS ENCAIXADAS

De acordo com esse teste adicional da Martins (2010) para classificação das *SNM*, os *MNM* do *PE* são incompatíveis com sentenças encaixadas.

Para verificarmos a relação do *nem a pau* com uma encaixada, vejamos a *mesa* em (128), retomada de (86), e (120), abaixo:

(128) *O Pedro disse que vendeu o carro.*

- a. *Nem a pau o Pedro disse que vendeu o carro! Ele disse que vendeu a moto / ele não disse nada.*
- b. *O Pedro nem a pau disse que vendeu o carro! Ele disse que vendeu a moto / ele não disse nada.*
- c. *O Pedro não disse nem a pau que vendeu o carro! Ele disse que vendeu a moto / ele não disse nada.*

(129) *O Pedro disse que vendeu o carro.*

- e. *O Pedro disse que nem a pau vendeu o carro! Ele tentou, mas não conseguiu.*

- f. O Pedro disse que não vendeu nem a pau o carro! Ele tentou, mas não conseguiu.  
g. O Pedro disse que não vendeu o carro nem a pau! Ele tentou, mas não conseguiu.

Em (128), o *nem a pau* provoca a ambiguidade apresentada por Horn (1989), no sentido de que ora pode corresponder a uma *SNR*, uma vez que estabelece relação entre os valores *falso/verdadeiro*, ora pode ser uma *SNM*, já que relaciona valores *correto/incorreto*.

Contrário ao que aponta o teste de Martins (2010, p. 571), sobre a *Incompatibilidade com Sentenças Encaixadas*, e ao que aconteceu com o marcador *é ruim*, o marcador *nem a pau*, em (129), pode aparecer na encaixada, sem tornar a sentença agramatical ou provocar estranhamento. No entanto, nessa posição, ele não estabelece a ambiguidade de Horn (1989), uma vez que ele sempre anula o valor de verdade da pressuposição. Ou seja, a pressuposição de (129) equivale a *alguém disse que vendeu determinado carro*, enquanto a negação com o *nem a pau* na encaixada pode ser interpretada como *alguém disse que não vendeu determinado carro*, valor de verdade oposto ao da pressuposição.

Considerando o teste da *Incompatibilidade com Sentenças Encaixadas*, de Martins (2010), a *Polaridade Relativa* do *nem a pau* com a sentença prévia tem traços [*objection*] ou [*Reverse*], se o *nem a pau* estiver na sentença principal, porque ele se comporta como um *MNM* ou como um *MNR*, respectivamente. Quando o *nem a pau* se realiza na sentença encaixada, ele tem sempre traços de *Polaridade Relativa* [*Reverse*], porque anula o valor de verdade da pressuposição.

Como existem *MNM* periféricos e internos, e o *nem a pau* é um marcador que pode se realizar em *SNM* ou *SNR*, sendo *MNM*, *MNR* ou *IPN*, apresentamos, a partir de agora, como esse marcador se relaciona com os testes de Martins (2010) que classificam os *MNM* em periféricos e/ou internos.

### 3.2.4. TESTES PARA DISTINÇÃO DOS *MNM* PERIFÉRICOS E INTERNOS

Além dos testes que mostraram que o *nem a pau* é um constituinte que também se realiza em *SNM*, apesar de ser um marcador de *SNR*, a partir deste ponto submeteremos esse marcador aos testes que Martins (2012) apresentou para distinção e classificação dos *MNM* do *PE* em constituintes periféricos ou internos, de modo que possamos confirmar se o *nem a pau* tem comportamento semelhante a esses marcadores ou apresentam traços distintos.

### 3.2.4.1. NEM A PAU: POSIÇÃO NA FRASE

O *nem a pau* tem ampla realização na sentença, podendo aparecer na parte mais alta, à esquerda, na parte mais baixa, à direita, ou entre os constituintes. Apesar dessa liberdade de posicionamento, o *nem a pau* adquire interpretações distintas, conforme as posições em que se efetive e à *polaridade absoluta* da sentença do *cg* que o antecipa.

Em (130), retomada daquela *mesa* em (88), o marcador *nem a pau* ocupa posições de extremidade. Ou seja, na periferia:

- (130) *Cuidado com Ana. Ela pode contar o seu segredo.*  
a. *Nem a pau ela conta o meu segredo! Ela é muito confiável.*  
b. *Ela não conta o meu segredo nem a pau! Ela é muito confiável.*

As duas posições periféricas vêm ocupadas pelo marcador *nem a pau*. No entanto, a configuração dos constituintes de ambas é diferente: 1) na periferia à esquerda, ele é um marcador único de negação e estabelece objeção à proposição prévia, semelhante a um *MNM*; 2) na periferia à direita, ele é realizado com o marcador *não*, com quem estabelece *NC* e ratifica sua negação. Nessa posição, o *nem a pau* é um *IPN*.

Analisemos a *mesa* equivalente a (130) em (131), abaixo, na qual o *nem a pau* ocupa posições internas:

- (131) *Cuidado com Ana. Ela pode contar o seu segredo.*  
a. *Ana nem a pau conta o meu segredo. Ela é muito confiável.*  
b. *Ana não conta nem a pau o meu segredo. Ela é muito confiável.*

Em (131), o *nem a pau* se comporta da seguinte maneira: 1) se *pré-verbal*, é o marcador único de negação e estabelece objeção à asserção prévia, coerente com um *MNM*. 2) se *pós-verbal*, aparece sob o domínio do *não* e estabelece *NC*, comportando-se como um *IPN*.

Como vemos, o *nem a pau*, se *pré-verbal* ou *pré-sentencial*, é marcador único da negação e se opõe à asseveração da pressuposição. Se ocupa posição *pós-verbal* ou *pós-sentencial*, ele é um *IPN*, porque estabelece *NC* com o marcador *não*, que o *c-comanda*.

Analisemos, ainda, a sentença em (132), abaixo, com uma asserção de negação:

- (132) *Ana não conta o segredo de ninguém. Ela é muito confiável.*  
a. *Nem a pau Ana não conta (o segredo de ninguém)!*  
b. *Ana nem a pau não conta (o segredo de ninguém)!*  
c. *Ana não conta nem a pau (o segredo de ninguém)!*  
d. *Ana não conta (o segredo de ninguém) nem a pau!*

Na *mesa discursiva* de (132), o *cg* tem na pressuposição uma sentença de negação. Nessa *mesa*, o *nem a pau* também tem leituras diferentes: 1) em (132a) e (132b), o *nem a pau* está acima do verbo e adquire aquela leitura ambígua de Horn (1989), uma vez que ele pode corrigir uma variável da pressuposição, substituindo o valor *alguém não conta segredos de ninguém* por *alguém só não conta o segredo de determinada pessoa*, equivalente aos marcadores das *SNM*, como pode substituir o valor de verdade *alguém não conta segredos de ninguém* por seu oposto: *alguém não guarda segredos*, equivalente aos marcadores das *SNR*.

Nas sentenças em (132c) e (132d), nas quais o *nem a pau* ocupa posição abaixo do verbo, ele estabelece *NC* com o *não* pré-verbal, porque é um *IPN*. Assim, a sentença de negação primeira é ratificada na negação com o *nem a pau*.

### 3.2.4.2. NEM A PAU: OCORRÊNCIA ISOLADA OU COM FRAGMENTOS NOMINAIS

O constituinte *nem a pau* pode ser realizado sozinho ou acompanhado de um fragmento nominal, conforme mostramos em (133) e (134), abaixo, retirados de Martins (2010, p.: 572/573):

(133) *Ele pagou o jantar, não pagou?*

- a. *Nem a pau (ele pagou o jantar)!*
- b. *Não pagou nem a pau (o jantar)!*
- c. *\*O jantar nem a pau!*

(134) *Vamos comprar um carro vermelho/o vermelho.*

- a. *Nem a pau (vamos comprar o vermelho)!*
- b. *Não vamos comprar nem a pau (o vermelho)!*
- c. *O vermelho nem a pau!*

De acordo com (133), o *nem a pau* pode ser realizado isoladamente ou acompanhado do predador, se antecedido do *não*. Em (133c), realizado com um fragmento nominal, a sentença é agramatical. Por sua vez, de acordo com (134), o *nem a pau* realiza-se bem isoladamente ou acompanhado dos predadores, como em (134b), ou com fragmento nominal, como em (134c).

A diferença de gramaticalidade entre (133c) e (134c) está relacionada ao tipo de pressuposição: enquanto a pressuposição de (133) não estabelece *crise conversacional*, mas exige uma resposta específica, para a qual (133c) não responde, em (134) há uma *crise*



*conversacional*, sobre a qual o interlocutor de (134c) reage, retomado o fragmento nominal como alvo de sua reação.

#### 3.2.4.3. NEM A PAU: COMPATIBILIDADE COM ADVÉRBIOS ENFÁTICOS

Outro teste de Martins (2010) para distinguir os *MNM* periféricos dos internos consiste em inseri-los numa sentença com advérbios enfáticos, aqueles que, em posição *pré-verbal*, adquirem outra função na sentença, que não seu papel original.

Retomemos a *mesa* de Martins (2010, p. 573):

- (135) *Ele logo nos paga. Não te preocupes.*  
a. *Nem a pau (ele) logo nos paga!*  
b. *(Ele) nem a pau logo nos paga!*  
c. *(Ele) logo nos paga nem a pau!*

Com advérbios enfáticos, independente da posição em que se realize, o *nem a pau* estabelece contraste com o *cg*. Em posição *pós* ele não depende a realização de outro marcador de negação porque aparece para anular o valor de verdade do advérbio enfático.

Portanto, *nem a pau* é compatível com os *MNM* periféricos de Martins (2010).

#### 3.2.4.4. NEM A PAU: INTERAÇÃO COM A NEGAÇÃO

Como mostramos, o *nem a pau*, quando inserido numa *mesa* com pressuposição negativa, ele estabelece corrige uma variável ou anula o valor de verdade, se acima do verbo, ou estabelece *NC*, quando abaixo do verbo.

Observemos a *mesa discursiva* em (136), abaixo, com o marcador *nem a pau*:

- (136) *Ana e João não estão namorando.*  
a. *Nem a pau eles não estão namorando! Não estão noivos / Vão se casar.*  
b. *Ana e João nem a pau não estão namorando! Não estão noivos / Vão se casar.*  
c. *Ana e João não estão nem a pau namorando! Eles nem se falam mais.*  
d. *Ana e João não estão namorando nem a pau! Eles nem se falam mais.*

Em (136a) e (136b), o *nem a pau* ora corrige uma variável da pressuposição, ora anula o valor de verdade do marcador *não*, substituindo-o pelo valor oposto: *Ana e João vão se casar*; em (136c) e (136d), o *nem a pau* corrobora a negação do *não*, estabelecendo *NC*.

Os diferentes comportamentos do *nem a pau* corroboram, mais uma vez, que ele pode ser realizado em *SNM* ou *SNR*, se realizado antes ou depois do verbo, numa *mesa* com *cg* negativo, ou apenas *SNR*, se realizado abaixo do verbo.

#### **3.2.4.5. NEM A PAU: COMPATIBILIDADE COM EXPRESSÕES IDOMÁTICAS**

Expressões idiomáticas, como *muita água sob a ponte*, são compatíveis com os *MNM* periféricos, como *agora* e *uma ova*, e incompatíveis com os *MNM* internos, como *lá/cá*.

Considerando o *nem a pau*, a *mesa discursiva* em (137), adaptada de Martins (2010, p. 574), mostra como eles se comportam com esses constituintes:

(137) *Já correu muita água sob a ponte.*

a. *Nem a pau correu muita água sob a ponte!*

b. *Não correu muita água sob a ponte nem a pau!*

De acordo com (137), *nem a pau* é realizável com expressões idiomáticas, como os *MNM* periféricos, o que confirma que ele também é um *MNM*, do *PB*.

#### **3.2.4.6. NEM A PAU: COMPATIBILIDADE COM ESTRUTURAS DE COORDENAÇÃO**

De acordo com esse teste, Martins (2010) afirma que apenas *MNM* periféricos são compatíveis com estruturas de coordenação, nas quais a segunda sentença é consequência lógica da primeira, como mostramos na *mesa* em (138), abaixo, de Martins (2010, p. 574):

(138) *Eles casaram e tiveram um filho.*

a. *Nem a pau eles casaram e tiveram um filho! Eles casaram porque tiveram um filho.*

b. *Eles nem a pau casaram e tiveram um filho! Eles casaram porque tiveram um filho.*

c. *Eles casaram e nem a pau tiveram um filho! Eles casaram, mas não tiveram nenhum filho/Eles casaram e tiveram três filhos*

d. *Eles casaram e não tiveram um filho nem a pau! Eles casaram, mas não tiveram nenhum filho/Eles casaram e tiveram três filhos.*

Com estruturas de coordenação, como (138), o *nem a pau* é bem realizado. No entanto, a depender da posição em que apareça, a sentença adquire interpretações distintas: em (138a) e (138b), quando surge na primeira oração, o escopo do *nem a pau* recai, da

esquerda para a direita, sobre ambas as declarações coordenadas, vindo a corrigir o valor de verdade que as interligam; em (138c) e (138d), nas quais o *nem a pau* é realizado dentro da segunda oração, o escopo desse marcador se dá apenas sobre a segunda oração, *eles tiveram um filho*. Nesse caso, toda a estrutura coordenada pode adquirir traços de *Polaridade Relativa* [*Objection*], se corrige alguma variável da segunda afirmação, ou pode adquirir traços de *Polaridade Relativa* [*Reverse*], anula o valor de verdade apenas desta.

Como mostra, pois, (138), o marcador *nem a pau* também é compatível com estruturas de coordenação, independente da posição em que se realize.

### 3.2.4.7. NEM A PAU: COMPATIBILIDADE COM *ELIPSE* DO VP

O último teste dos *MNN* de Martins (2010, p. 578) está relacionado à possibilidade de os *MNM* periféricos, mas não os internos, poderem se realizar numa sentença em que o *VP* tenha sido *elipsizado*.

Nesse teste, que reproduzimos em (139) e (140), o *nem a pau* se comporta como os *MNM* periféricos *uma ova e agora*:

(139) *O João ofereceu um cão à filha.*

- a. *Nem a pau ofereceu (um cão à filha)!*
- b. *Não ofereceu nem a pau (um cão à filha)!*

(140) *O João tem lido todos os dias.*

- a. *Nem a pau tem lido!*
- b. *Não tem lido nem a pau!*

Tanto (139) quanto (140) mostram compatibilidade com a *Elipse do VP*, o que confirma que o *nem a pau*, apesar de algumas posições o tornarem um *IPN*, é coerente com um *MNM* do *PB*, que estabelece contraste, oposição, objeção ao que está posto sobre o *cg*.

Como mostramos, os marcadores *é ruim* e *nem a pau* são constituintes de negação que se realizam sobre uma *mesa discursiva* em que tenha surgido alguma *crise conversacional*, motivada por alguma pressuposição do *cg*, sobre quem estabelecem objeção, correspondente à objeção estabelecida pelas *SNM*, estudadas por Martins (2010, 2012 e 2014), que contêm os marcadores *lá/cá*, *agora* e *uma ova*, internos e periféricos, ou discordância.

Apesar de algumas diferenças identificadas, tanto o *é ruim* quanto o *nem a pau* se mostraram compatíveis com os principais testes de Martins (2010), que classificam uma

sentença de negação como metalinguística e a distingue de uma sentença de negação regular. Desse modo, as sentenças deste trabalho são congruentes com os testes da *Obrigatoriedade de Legitimação Discursiva*, *Compatibilidade com Itens de Polaridade Positiva (IPP)* e *Incompatibilidade com Itens de Polaridade Negativa (IPN)*, além de sofrerem poucas implicações no teste adicional da *Incompatibilidade com Sentenças Encaixadas*. Logo, para nós, sentenças com *é ruim* estão, sempre, entre as *SNM* do *PB*, enquanto sentenças com *nem a pau*, considerando algumas posições e o *cg* com o qual se relaciona, se de afirmação ou de negação, pode estabelecer aquela ambiguidade apresentada por Horn (1989) e se realizar tanto numa *SNM* quanto numa *SNR*, haja vista ele ser também um *IPN*.

Dentre as características das sentenças com *é ruim* e *nem a pau* está a acentuação sonora sobre o constituinte que estabelece a negação, o que permite que, além de *SNM*, esses marcadores também venham a ser realizados em *Sentenças de Negação Anafórica* (doravante, *SNA*), apresentada em Cavalcante (2012), quando expôs a distinção entre as *Sentenças de Negação Enfática*, *Metalinguística* e *Anafórica*.

### **3.2.5. TESTES PARA IDENTIFICAÇÃO DAS SENTENÇAS DE NEGAÇÃO ANAFÓRICA (SNA) DO É RUIM E NEM A PAU**

Com base em Cavalcante (2012), as *SNA* são estabelecidas numa *mesa discursiva* em que o *cg* está preenchido. No entanto, sua relação com a pressuposição não se dá como a *SNM*, uma vez que as *SNM* estabelecem objeção e contraste ao *cg*, enquanto as *SNA* podem negar toda a asserção prévia, anulando o valor de verdade da mesma.

Eu seu trabalho, Cavalcante (2012), como Martins (2010), apresenta alguns testes que permitem distinguir uma *SNM* de uma *SNA*, haja vista ambas estarem associadas à relação que estabelecem com um contexto prévio.

Submeteremos, abaixo, as sentenças com os marcadores *é ruim* e *nem a pau* aos testes de Cavalcante (2012) para as *SNA*, a fim de confirmarmos se esses marcadores são *MNM* ou representam, apenas, *SNA*.

#### **3.2.5.1. CONTEXTO DE RESPOSTA**

Segundo Cavalcante (2012), o *Contexto de Resposta* é um excelente teste para classificar uma *SNA*, e evitar que ela seja confundida com outro tipo de sentença de negação.

Aplicamos os marcadores *é ruim* e *nem a pau* às sentenças que Cavalcante (2012, p. 32) apresentou para o teste do *Contexto de Resposta*, e obtivemos os resultados abaixo:

(141) *Você convidou João para a festa?* (Interrogativa Direta)

- a. *É ruim, hein, que convidei (João para a festa)!*
- b. *Nem a pau eu convidei (João para a festa)!*
- c. *Eu nem a pau convidei (João para a festa)!*
- d. *Eu não convidei nem a pau (João para a festa)!*

(142) *Ana convidou João para a festa.* (Declaração de afirmação)

- a. *É ruim, hein, que convidou (João para a festa)!*
- b. *Nem a pau ela convidou (João para a festa)!*
- c. *Ela nem a pau convidou (João para a festa)!*
- d. *Ela não convidou nem a pau (João para a festa)!*

Como mostram as sentenças em (141) e (142), *é ruim* e *nem a pau* são adequados às situações de *Contextos de Respostas*, como são as *SNA*, do *PB*.

### 3.2.5.2. CONTEXTO DE ORDEM NEGATIVA

O segundo teste apontado por Cavalcante (2012) para as *SNA* é o *Contexto de Ordem negativa*. O *Contexto de Ordem Negativa* é aquele em que a sentença do *cg* traz uma afirmação imperativa, de ordem e de determinação.

Aplicando as sentenças com *é ruim* e *nem a pau* a esse contexto, temos o que mostra a *mesa* em (143), abaixo, também baseado na *mesa* explícita em Cavalcante (2012, p 33):

(143) *Acho que vou convidar João para a festa.*

- a. *\*É ruim, hein, que convide ele (João para a festa)!*
- b. *Nem a pau convide ele (João para a festa)!*
- c. *Não convide ele nem a pau (João para a festa)!*

Na *mesa* (143), apenas o *nem a pau* é compatível. Essa compatibilidade se dá porque o *nem a pau* é um marcador que, originalmente, denota negação autoritária, impositiva, coerente com *Contextos de Ordem*.

### 3.2.5.3. CONTEXTO DE PERGUNTAS POLARES

*Perguntas Polares*, como vimos, são asserções que exigem respostas como *sim* ou *não*. Nesses contextos, segundo Cavalcante (2012), *SNA* são bem aceitas, mas *SNM* não são.

Vejamos a *mesa* em (144), adaptada de Cavalcante (2012)

(144) (*Acho que*) o João não veio para a festa.

- a. \**É ruim que convidou ele (para a festa)?*
- b. \**Nem a pau convidou ele (para a festa)?*
- c. \**Não convidou nem a pau (ele para a festa)?*
- d. \**Não convidou ele nem a pau (para a festa)?*

Tanto o *é ruim* quanto o *nem a pau* são incompatíveis em *Contextos de Perguntas Polares*, indo de encontro ao teste de Cavalcante (2012).

Se considerarmos, em (145), abaixo, os *MNM lá/cá* e *uma ova*, veremos a mesma incompatibilidade de (144). Defendemos que essa incompatibilidade é identificada porque as *SNM* corrigem alguma variável da pressuposição, normalmente retomada na negação, o que não acontece em *perguntas polares*, já que a pressuposição não é retomada.

(145) (*Acho que*) o João não veio para a festa.

- a. \**Convidou lá/cá ele (para a festa)?!*
- b. \**Convidou ele (para a festa) uma ova?!*

Considerando os primeiros testes de Cavalcante (2012), o *é ruim* foi compatível apenas em *Contextos de Resposta*, enquanto o *nem a pau* foi incompatível unicamente em *Contextos de Perguntas Polares*.

#### 3.2.5.4. INCOMPATIBILIDADE COM INTERROGATIVAS-QU

Para Cavalcante (2012), sentenças com [VP-Neg] e [Neg-VP-Neg] não são compatíveis com *interrogativas-QU*, que apresentam um pronome interrogativo, cujo significado deve ser preenchido pela resposta da pergunta, como em *O que (foi que) ele fez (\*não)?*, extraído do autor.

Aplicando os marcadores *é ruim* e *nem a pau* a *Interrogativas-QU*, temos os resultados exibidos em (146), abaixo, adaptados do autor, que mostram total incompatibilidade entre ambos os marcadores e o contexto que estamos considerando:

- (146) a. \**É ruim que o que (foi que) ele fez?!*
- b. \**Nem a pau o que (foi que) ele fez?!*
- c. \**O que nem a pau (foi que) ele fez?!*

- d. \*O que (foi) nem a pau (que) ele fez?!
- e. \*O que (foi que) ele fez nem a pau?!

A incompatibilidade com *interrogativas-QU* também é identificada nas *SNM* com *lá/cá*<sup>63</sup> e *uma ova*. Para mostrar, em (147), aplicamos às sentenças de Cavalcante (2012) esses marcadores:

- (147) a. \*O que (foi que) lá/cá ele fez?!
- b. \*O que (foi que) ele fez uma ova?!

Tanto os *MNM* quanto os marcadores deste trabalho são incompatíveis com *perguntas-QU*. Essa compatibilidade comum não nos permite, então, retirar o *é ruim* nem o *nem a pau* do grupo de *MNM* do *PB*.

### 3.2.5.5. INCOMPATIBILIDADE COM SENTENÇAS SUBORDINADAS

Além dos testes apresentados acima, Cavalcante (2012) analisou o *não final* em sentenças subordinadas e afirmou que “[...] é inaceitável em sentenças subordinadas de qualquer tipo” (p. 54).

Aplicaremos a sentenças subordinadas os marcadores *é ruim* e *nem a pau* às sentenças subordinadas entre (148) e (152), abaixo:

- (148) a. \*Ana constatou que é ruim que ela vai! (Objetiva Direta)
- b. Ana constatou que nem a pau ela vai!
- c. Ana constatou que ela nem a pau vai!
- d. Ana constatou que ela não vai nem a pau!

- (149) a. \*É bom que é ruim que Ana vai! (Subjetiva)
- b. \*É bom que nem a pau Ana vai!
- c. \*É bom que Ana nem a pau vai!
- d. \*É bom que Ana não vai nem a pau!

- (150) a. A verdade é essa: é ruim que Ana vai! (Apositivas)
- b. A verdade é essa: nem a pau Ana vai!
- c. A verdade é essa: Ana nem a pau vai!
- d. A verdade é essa: Ana não vai nem a pau!

<sup>63</sup> Como não tenho a língua nativa do PE, tomei a liberdade de abrigar os marcadores internos *lá/cá* numa posição interna da sentença. Essa sentença não é de Pereira (2010). É uma adaptação minha.

- (151) a. \*Saiu o resultado do jogo que é ruim que eu assisti?! (Relativa)  
 b. Saiu o resultado do jogo que nem a pau eu assisti?!  
 c. Saiu o resultado do jogo que eu nem a pau assisti?!  
 d. Saiu o resultado do jogo que eu não assisti nem a pau?!

- (152) a. \*Se é ruim a banda tocar, o show será cancelado! (Adverbial)  
 b. Se nem a pau a banda tocar, o show será cancelado!  
 c. Se a banda nem a pau tocar, o show será cancelado!  
 d. Se a banda não tocar nem a pau, o show será cancelado!

Entre as subordinadas de (148) a (152), o marcador *é ruim* só é aceitável com as apositivas. Nas demais, provoca agramaticalidade. Por sua vez, o *nem a pau* é incompatível, apenas, com a *subjativa*. Nas demais, mostrou-se convergente.

Diante do que expusemos e da submissão dos marcadores *é ruim* e *nem a pau* aos testes de Martins (2010), para as *SNM*, e aos testes de Cavalcante (2012), para as *SNA*, nos quais o *é ruim* e o *nem a pau* comportaram-se distintamente, aviltramos que, apesar dessas diferenças, ambos os marcadores, quando inseridos numa *mesa discursiva*, se opõem a uma asserção previamente ativada, seja ela declarativa ou interrogativa, de afirmação ou de negação.

Pelo traço de *Polaridade Relativa* [*Objection*] identificado em ambos os constituintes, bem como pela coerência com os principais testes de Martins (2010) e pela equivalência entre o *é ruim*, o *nem a pau* e alguns *MNM* do *PE*, acastelamos que, apesar de algumas diversidades nos testes, ambos os marcadores são *SNM* do *PB*. Defendemos, ainda, que o *nem a pau*, trazendo para a *mesa* aquela ambiguidade apontada por Horn (1989), é, também, um *MNM* do *PB*.

## RESUMO DO CAPÍTULO

Ao longo desta seção tratamos dos marcadores *é ruim* e *nem a pau*, de modo a mostrar suas semelhanças e diferenças, bem como os tipos de sentenças em que são realizados, além da configuração dos constituintes que tornam esses marcadores uma expressão fixa e cristalizada, haja vista eles serem configurados por mais de um termo.

Inicialmente falamos do marcador *é ruim*, assegurando que ela é uma expressão cristalizada, comumente utilizada entre os falantes do *PB*, constituída por termos que, sendo fixos, não podem ser entremeados ou invertidos. Como é um marcador periférico de negação,



afirmamos que ele se realiza na periferia à esquerda, posição em que vem, sempre, seguido do complementizador *que*, se entre ele e a expressão fixa, *é ruim*, não aparecer o marcador discursivo *heim*. Dissermos que o *é ruim* pode ocupar também a última posição da sentença, sendo que, nessa posição, ele é realizado com o marcador discursivo *heim*.

Além da posição, argumentamos que o *é ruim* tem escopo amplo sobre toda a sentença que segue o complementizador ou que precede o *é ruim*.

Como fizemos com o *é ruim*, mostramos que o *nem a pau*, comum na oralidade, é uma expressão fixa e cristalizada que não pode ser entremeada por nenhum outro constituinte, do mesmo modo que não pode ser invertida.

No entanto, diferente do *é ruim*, asseguramos que o *nem a pau* é um marcador periférico, podendo aparecer acima ou abaixo do verbo, ou interno, sendo pré ou pós-verbal.

Dependendo da posição em que se realize e da *Polaridade Absoluta* da pressuposição que está sobre a *mesa discursiva*, o *nem a pau* pode corrigir alguma variável do valor de verdade, coerente com os *MNM*, ou anular todo esse valor, como os *MNR*. Do mesmo modo, é um marcador que pode estabelecer concordância negativa, comportamento de um *IPN*.

Quanto ao escopo do *nem a pau*, acastelamos que, a depender da posição, ele pode ter escopo amplo, anulando o valor de verdade da asserção prévia, ou escopo estreito, que recai sobre alguns constituintes da sentença.

Como defendemos que ambos os constituintes são *MNM*, apesar de o *nem a pau*, em algumas situações comunicacionais, se comportar também como *MNR* ou um *IPN*, trouxemos, a fim de verificarmos como os marcadores deste trabalho se comportam, testes de Martins (2010, 2012, 2014) que classificam as *SNM* ou distinguem os *MNM*. Sendo assim, submetemos nossas sentenças a tais testes e confirmamos que o *é ruim* é, incondicionalmente, um *MNM* periférico, cujo comportamento é semelhante ao do marcador *uma ova*. Por sua vez, o comportamento do *nem a pau* é distinto e depende da posição em que ele se realize, bem como da *mesa* em que seja efetivado: se se realiza numa *mesa* com pressuposição de afirmação, com *Polaridade Absoluta Positiva* [+], a *Polaridade Relativa* da sentença em que o *nem a pau* se realiza tem traços [*Objection*] ou [*Reverse*], configurando-se, respectivamente, como um *MNM* ou um *MNR*, e confirmando a ambiguidade apresentada em Horn (1989); se se realiza numa *mesa* com sentença de negação, com *Polaridade Absoluta Negativa* [-], o *nem a pau* pode atribuir à sentença em que aparece *Polaridade Relativa* [*Objection*] ou [*Reverse*] ou, ainda, *Polaridade Relativa* [*Same*], uma vez que vem a estabelecer concordância negativa com o *não* pré-verbal, presente na pressuposição.

A fim de ratificarmos os apontamentos sobre ambos os marcadores, considerando os testes de Martins (2012), submetemos os mesmos marcadores a testes propostos por Cavalcante (2012) para classificação das *Sentenças de Negação Anafórica (SNA)*. Com todos os testes de Cavalcante (2012), o *é ruim* foi incompatível, confirmando que ele é um legítimo e exclusivo *MNM*. O *nem a pau*, por sua vez, mostrou-se ora compatível, ora incompatível, mais uma vez, dependendo da posição em que foi realizado.

Apesar das divergências identificadas no marcador *nem a pau* e da flexibilidade aos testes de Martins (2010) e aos de Cavalcante (2012), ratificamos que ambos os marcadores deste trabalho são, sim, *MNM* do *PB*, sendo que o *é ruim* é, exclusivamente, um *MNM*, que se realiza apenas em *SNM*, enquanto o *nem a pau*, além de um *MNM*, realizado em *SNM*, pode também ser também um *MNR*, estabelecendo o traço [*Reverse*], ou um *IPN*, se realizado abaixo do verbo numa *mesa* com *cg* negativo, onde atribui *Polaridade Relativa [Same]* à sentença.

Na próxima, e última seção, trazemos análises de Martins (2014) sobre a configuração sintática das *SNM*, de modo a apresentar a sintaxe de sentenças com *é ruim* e *nem a pau*. Nosso objetivo é mostrar onde os marcadores *é ruim* e *nem a pau* são gerados, se dependem ou não de processos de movimento e se ocupam, de fato, alguma projeção em *CP*.

## SEÇÃO 4

# CONFIGURAÇÃO SINTÁTICA DAS SENTENÇAS COM *É RUIM* E *NEM A PAU* NO *PB*

## INTRODUÇÃO

Nesta tese, vimos apresentando dois tipos de sentenças de negação no *PB* que são realizadas sem o marcador *não*, mas com os marcadores *é ruim* e *nem a pau*.

Como as sentenças da língua são formadas a partir de processos de origem, movimento e pouso de constituintes, esta quarta seção vem mostrar a configuração sintática dessas sentenças com *é ruim* e *nem a pau*, as quais estamos definindo como Sentenças de Negação Metalinguística.

A seção está dividida nas seguintes subseções:

Na subseção 4.1, mostramos como se configuram, sintaticamente, sentenças no *PB*, seguindo aquela linha de raciocínio da “estrutura arquitetônica”, apresentada em Rizzi (1997), de que o sistema configuracional de constituintes segue a ordem *CP-IP-VP*, dentre as quais o *CP* foi estendido em outras subcategorias.

Na subseção 4.2, trazemos as abordagens teóricas sobre as projeções disponíveis para os marcadores de negação. Nessa parte, mostramos a configuração sintática das sentenças de negação comum do *PB*, nas quais há uma projeção *NegP* no caminho do movimento dos constituintes. Nesse *NegP*, expomos que, além do *não*, aparecem outros constituintes que não são marcadores de negação, mas que, pela estreita relação com o *não* ou com o *Neg°*, pousam em *NegP*. Nessa seção, ainda, apresentamos a teoria de estudiosos como Pollock (1989), Laka (1990), Belletti (1990) e outros sobre a projeção *NegP*, de modo que evidenciemos que esse projeção está diretamente ligada à projeção ao *IP*, uma vez que os constituintes desse *IP* derivados pousam em *NegP*.

Como há sentenças de negação comum, marcadas, geralmente, pelo *não*, como as *SNP* e as *SNR*, e sentenças de negação não comuns, como as *SNM*, realizadas, normalmente, com expressões idiomáticas, exibiremos a projeção sintática das sentenças com o *não*, bem como daquelas com marcadores como *agora*, periférico, e *lá/cá*, interno, *MNM* do *PE*, estudados por Martins (2014).

Em 4.2, tratamos dos marcadores de negação do *PB* de diferentes tipos, para além do marcador canônico, *não*.

Por fim, na seção 4.3, propomos, exclusivamente, a configuração sintática das sentenças com os marcadores *é ruim* e *nem a pau*, analisados neste trabalho, sendo que, em 4.3.1, exibimos a estrutura da sentença com *é ruim*, pré-sentencial ou em posição final, enquanto em 4.3.2, abordamos a sintaxe do marcador *nem a pau*, que ora se configura como *MNM*, ora como *MNR* e ora como *IPN*, a depender da posição em relação ao verbo e da pressuposição que o anteceda.

## 4.1. SINTAXE DAS SENTENÇAS NO PORTUGUÊS

Quando sentenças são lançadas numa *mesa discursiva*, para se relacionarem com outras sentenças, concordando ou não com o que está posto no *cg*, elas passam por processos de organização e distribuição de constituintes, abrigados em posições específicas, para que adquiram e desempenhem funções exclusivas.

Como todas as sentenças de negação têm, em sua configuração sintática, um constituinte – geralmente, mas não exclusivamente, o *não* – cuja função, conforme apontou Peres (2013)<sup>64</sup>, é negar o conteúdo proposicional presente no *cg*, esse constituinte tem origem e pouso numa posição própria, destinada para receber marcadores de negação.

Considerando a configuração estrutural de constituintes de uma sentença, Rizzi (1997) afirma que, sintaticamente, ela se divide em três camadas distintas, a saber:

1. The lexical layer, headed by the verb, the structural layer in which theta assignment takes place.
2. The inflectional layer, headed by functional heads corresponding to concrete or abstract morphological specifications on the verb, and responsible for the licensing of argumental features such as case and agreement.
3. The complementizer layer, typically headed by a free functional morpheme, and hosting topics and various operator-like elements such as interrogative and relative pronouns, focalized elements, etc<sup>65</sup> (RIZZI, 1997, p. 281).

---

<sup>64</sup> Cf. introdução deste trabalho.

<sup>65</sup> “1. A camada lexical, nucleada pelo verbo, a camada estrutural em que a atribuição “theta” tem lugar.

2. A camada flexional, nucleada por núcleos funcionais, correspondendo a especificações morfológicas concretas ou abstratas no verbo, e responsável para licenciamento das características argumentais, tais como caso e concordâncias.

Desse modo, sempre em movimentos de baixo para cima, Rizzi (1997) acastela que os constituintes nascem na camada lexical, o *VP*, onde estabelecem relação semântica com os demais constituintes, porque descarregam traços semânticos. Do *VP*, eles sobem para a camada flexional, *IP*, na qual se ligam aos demais constituintes conforme a seleção categorial de cada um deles. Da camada flexional, alguns constituintes, se necessário, sobem para a projeção complementizadora, que está associada aos traços discursivos da sentença.

A abordagem de Rizzi (1997) refere-se às sentenças de afirmação, nas quais não há, necessariamente, marcadores exclusivos para classificar a sentença. Sendo sentenças de negação, no entanto, é indispensável que um marcador – ou mesmo dois marcadores de negação, como no *PB* – seja efetivado, de modo que atribua à sentença leitura negativa.

Como as sentenças de negação podem ser marcadas por diferentes marcadores, sendo o *não* o marcador canônico, apresentamos em que posições esses marcadores de negação, incluindo o *não*, o *é ruim* e o *nem a pau*, são realizados.

## 4.2. DOS MARCADORES DE NEGAÇÃO NO *PB*

Como já afirmamos, o *não* é o marcador canônico do *PB*, cuja posição de realização mais comum é a pré-verbal, imediatamente antes do verbo, apesar de aparecer, também, em posição pós-verbal e final, como nas asserções abaixo:

(153) *Vamos jantar?*

- a. *Não quero jantar.*
- b. *Quero não (jantar).*
- c. *Quero jantar não.*

Independente da posição em que o *não* se realize, estudiosos como Pollock (1989), Chomsky (1989), Belletti (1990) e outros afirmam que as sentenças dispõem de uma categoria funcional própria para receber o *não*: a projeção *Negational Phrase*<sup>66</sup> (doravante, *NegP*), enquanto outros, como Laka (1990), acastelam que, além da projeção *NegP*, existe a projeção *Polarity Phrase*<sup>67</sup> ( $\Sigma P$ ) que tanto pode receber marcadores de negação como de afirmação.

---

3. A camada complementizadora, tipicamente nucleada por um morfema funcional livre e hospedador de tópicos e vários elementos de operações semelhantes, tais como interrogativa e pronomes relativos, elementos focalizados, etc” (TRADUÇÃO MINHA).

<sup>66</sup> Do inglês, *Sintagma Negador*. (TRADUÇÃO MINHA).

<sup>67</sup> Do inglês, *Sintagma de Polaridade*. (TRADUÇÃO MINHA).

Zeijlstra (2013) afirma que

The idea that negative markers are hosted in some functional projection in the clausal spine has strongly shaped the study of the syntactic status of negative markers, the primary question being which particles may head such a negative phrase and which ones may not<sup>68</sup> (ZEIJLSTRA, 2013, p. 799).

Tendo em conta a realização dos marcadores de negação em *NegP*, apresentamos abaixo a visão dos autores sobre esse *NegP*.

#### 4.2.1. O MARCADOR DE NEGAÇÃO COMUM – NÃO

Para Pollock (1989), “[...] *the structure of (negative) sentences in English [...] aside from CP, TP, and AgrP there is also a NegP*<sup>69</sup>”. Assim, o autor, que subdivide a projeção *Inflectional Phrase*<sup>70</sup> (*IP*) em *AgrP* e *TP*, em que os constituintes descarregam as marcas morfológicas de *Número* e *Pessoa* e de *Tempo* e *Modo*, respectivamente, acastela que, sendo uma sentença de negação, para a projeção *NegP* os constituintes da negação são movidos.

Com a divisão do *IP* em duas subprojeções, Pollock (1989) defende que o *NegP* aparece abaixo do *TP* e acima do *AgrP*. Assim, *NegP* é argumento de *T°*, e *AgrP* é argumento de *Neg°*. Pollock (1989) justifica essa realização porque “*extending and modifying the Barriers framework to accommodate the richer structure of IP [...] not only VP but also NegP and TP are "inherent" barrier*<sup>71</sup>” (p. 397). Nesse caso, se *TP* ficasse abaixo de *NegP*, impediria o movimento de subida de determinados constituintes até a projeção *AgrP*. Assim, na configuração de Pollock (1989), os constituintes passam pelo *AgrP*, que, “[...] *because of its morphologically "defective" nature, AgrP can only be a barrier by inheritance*<sup>72</sup>” (p. 397), alcançam *NegP* e são finalizados em *TP*.

Segundo Pollock (1989), o movimento ocorre de maneira que

---

<sup>68</sup> “A ideia de que marcadores negativos são hospedados em alguma projeção funcional na sentença principal tem contribuído fortemente com o estudo do *status* sintático dos marcadores negativos, sendo a questão principal a de quais partículas podem nuclear uma frase negativa e quais não podem” (TRADUÇÃO MINHA).

<sup>69</sup> “Na estrutura de sentenças (negativas) em inglês [...], além de *CP*, *TP* e *AgrP*, tem também um *NegP*” (TRADUÇÃO MINHA)

<sup>70</sup> Do inglês, Frase da Flexão. (TRADUÇÃO MINHA)

<sup>71</sup> Estendendo e modificando a estrutura das Barreiras para acomodar a estrutura mais rica do *IP* [...], não só *VP* mas também *NegP* e *TP* são barreiras “inerentes”. (TRADUÇÃO MINHA).

<sup>72</sup> [...] por causa de sua natureza morfológicamente “defeituosa”, *AgrP* não pode ser um barreira por herança”. (TRADUÇÃO MINHA)

[...] V moves to Agr, thus forming the amalgamated V+Agr that L-marks VP, thus voiding barrierhood [...]. V+Agr next moves to T, forming the amalgamated constituent  $T_i$  [...]. If the sentence is negative, it L-marks NegP, thus voiding barrierhood, but does not L-mark AgrP. Not is not an L-marker either. This causes no harm since AgrP, being defective, does not count as a blocking category and is only a barrier by inheritance<sup>73</sup> (POLLOCK, 1989, p. 397).

Laka (1990), por sua vez, que analisa sentenças de negação em línguas como inglês, basco e espanhol, não subdivide o *IP* em duas subprojeções e afirma que *IP* domina *NegP*, no inglês, enquanto no basco e no espanhol, *NegP* domina *IP*. Desse modo, a marcação da negação, para Laka (1990), que varia de língua para língua, se dá de modo que, ou *NegP* domina o *IP*, ou o *IP* domina *NegP*.

Em sua abordagem, Laka (1990) afirma que marcadores de negação e de afirmação têm funções equivalentes. Assim,

[...] similarly to the way in which the head Neg can head its own functional projection, there is also a X aff, which projects na Affirmation Phrases. These two heads (Neg and Aff) are further argued to belong in the same syntactic category, I which will call  $\Sigma$ . Thus, both NegP and AffP are claimed to be different instantiations of a more abstract projection: the  $\Sigma$  phrases<sup>7475</sup> (LAKA, 1990, p. 88).

Ou seja, Laka (1990) admite que os marcadores de *NegP* e os de *AffP* são projetados na categoria  $\Sigma P$ , disponível para marcadores de afirmação e de negação, instâncias diferentes de projeções abstratas.

Laka (1990, p. 106), considerando os tipos de constituintes de  $\Sigma P$ , afirma que “[...] *the type of elements that constitute the category  $\Sigma P$  all relate to the true value of sentence: they either reverse the true value (neg), or they affirm it (aff), or they deny that it is falso ('so', 'ba')*”<sup>76</sup>. Desse modo, os constituintes responsáveis pela confirmação, anulação ou correção de um valor de verdade ou de parte desse valor são realizados em  $\Sigma P$ .

<sup>73</sup> “V se move para Agr, formando assim o V + Agr amalgamado que L-marca VP, anulando assim barreiras [...]. V+Agr seguem o movimento para T, formando o constituinte amalgamado  $T_i$  [...]. Se a sentença for negativa, L-marca NegP, anulando assim barreira, mas não L-marca AgrP. Não é um L-marcador também. Isso não causa dano, uma vez que AgrP, sendo defeituoso, não conta como uma categoria de bloqueio e é barreira por herança”.

<sup>74</sup> “[...] similarmente à maneira como o núcleo *Neg* pode coordenar sua projeção funcional, há também uma projeção X *Aff*, que projeta uma frase de afirmação. Esses dois núcleos (*Neg* e *Aff*) são pertencentes à mesma categoria sintática, a qual eu chamarei de  $\Sigma$ . Assim, tanto *NegP* quanto *AffP* são tratadas como instâncias diferentes de uma projeção mais abstrata:  $\Sigma P$ . (TRADUÇÃO MINHA).

<sup>75</sup> Cf. Laka, 1990, p. 101.

<sup>76</sup> “[...] o tipo de elementos que constitui a categoria  $\Sigma P$  se relaciona com o valor verdadeiro da sentença: eles invertem o valor verdadeiro (neg), ou o afirmam (aff), ou negam que seja falso ('so', 'BA'). (TRADUÇÃO MINHA).

Ouhalla (1990, p. 220), comparando o Árabe Marroquino com o Árabe Libanês, afirma que “*languages differ in how they mark sentence negation overtly*”<sup>77</sup>. Inicialmente, essa diferença pode ser identificada em línguas que cuja negação é realizada por um marcador único ou por dois marcadores, como o Árabe e, também, o *PB*, em que é identificada, igualmente, realização da negação com duplo marcador. Segundo Ouhalla (1990, p. 220), “*Languages which mark sentence negation with two elements played a major motivating role for the idea that negative sentences include a NegP in their structure (the NegP hypothesis)*”<sup>78</sup>.

Belletti (1990) segue Pollock (1989) e divide o *IP* em *AgrP* e *TP*. No entanto, a autora assume que *AgrP* domina *TP*, ficando o *NegP* acima do *TP* e abaixo do *AgrP*<sup>79</sup>. Ou seja, *NegP* é argumento de *Agr<sup>o</sup>*, e *TP* é argumento de *Neg<sup>o</sup>*. O movimento de subida do verbo, para Belletti (1990), se dá de modo que o verbo sai de *V<sup>o</sup>* e se move até *T<sup>o</sup>* e, em seguida, o complexo [*V+T*] sobe para *Agr<sup>o</sup>*, passando por *Neg<sup>o</sup>*, cujo marcador também sobe para a esquerda do complexo em *Agr<sup>o</sup>*.

Embora as análises de Pollock (1989) e de Belletti (1990) sejam amplamente difundidas, elas vão de encontro ao princípio da *Restrição de Movimento de Núcleo* (doravante, *HMC*<sup>80</sup>), sob a qual um núcleo deve se mover obrigatoriamente para outro núcleo, imediatamente adjacente. Nas análises de Pollock (1989) e Belletti (1990), o verbo não passa por *Neg<sup>o</sup>*, pois sobe diretamente para a posição de núcleo mais alta, acima de *Neg<sup>o</sup>*, seja *Agr<sup>o</sup>* ou *T<sup>o</sup>*. O constituinte em *Neg<sup>o</sup>* sobe, isoladamente, para a posição nuclear acima dele.

Zanuttini (1991) considera que as sentenças de negação se subdividem em duas categorias *NegP*: *NegP-1* e *NegP-2*, das quais *NegP-1* deve estar sob o domínio *T*, enquanto *NegP-2* não. A diferença principal entre *NegP-1* e *NegP-2*, é que *NegP-1* tem no núcleo um *X<sup>o</sup>* que bloqueia a subida do clítico. Já o núcleo de *NegP-2* é um *X<sup>máx</sup>* que não bloqueia a subida do afixo.

Para Miotto (1992), que segue a subdivisão do *IP* em *AgrP* e *TP*, de Pollock (1989), o *NegP* aparece acima de *AgrP*, que está, por sua vez, acima de *TP*. Sendo assim, o verbo sobe de *V<sup>o</sup>* para *T<sup>o</sup>* e de *T<sup>o</sup>* para *Agr<sup>o</sup>*. Chegado em *Agr<sup>o</sup>*, o verbo sobe para a direita do *não*, um

<sup>77</sup> “[...] as línguas diferem em como marcam a negação [...]”. (TRADUÇÃO MINHA).

<sup>78</sup> “Línguas que marcam a negação da sentença com dois elementos desempenharam um papel motivador para a ideia de que as sentenças negativas incluem um *NegP* em sua estrutura (a hipótese *NegP*)”. (TRADUÇÃO MINHA).

<sup>79</sup> Cf. Miotto, 1992, p. 28.

<sup>80</sup> Do inglês, *Head Movement Constraints*.



clítico em *Neg<sup>o</sup>*. Como *NegP* é a projeção mais alta, não há bloqueios que impeçam os movimentos de subida, nem do núcleo nem do especificador de *NegP*.

Como podemos constatar, pesquisadores abrigam o marcador *não* numa projeção específica, *NegP*, com a possibilidade de esse marcador poder, também, ser realizado em  $\Sigma P$ , conforme Laka (1990), categoria disponível para marcadores de negação e de afirmação. Eles divergem, no entanto, quanto à posição em que esse *NegP* é realizado.

Apesar de a projeção *NegP* estar disponível para os marcadores de negação, nem todo marcador de negação ocupa essa projeção. *MNM*, como os de Martins (2010, 2012 e 2014), por exemplo, são constituintes que, diferentes do *não*, não são realizados em *NegP*, mas em projeções específicas, como mostramos abaixo.

#### 4.2.2. OS MARCADORES DE NEGAÇÃO METALINGUÍSTICA

Como já apresentado, *Marcadores de Negação Metalinguística* são constituintes que interpõem objeção a uma asserção lançada sobre uma *mesa discursiva*. Portanto, transportam o traço de *Polaridade Relativa* [*Objection*], com base em Martins (2010), a qualquer asserção a que conteste. Como inserem objeção, esses marcadores têm elevação prosódica, o que os distingue do marcador de negação comum, o *não*, que tem leitura neutra. Como têm leitura enfática, esses *MNM* ocupam a parte mais alta da sentença: a projeção *CP*.

De acordo com Martins (2014, p. 636), “*there is nothing specifically syntactic in metalinguistic negation as the sentences display the usual syntax of ordinary negation*”<sup>81</sup>. Desse modo, as *SNM* não seguem um padrão sintático, como as *SNR*, mas dispõem da condição de que expressões idiomáticas, que constituem, normalmente, os *MNM*, são realizadas numa posição mais alta, acima do *IP*, e disparam leitura de negação. Em suas palavras, Martins (2014, p. 636) afirma que “[...] *languages also express metalinguistic negation through certain sentence-peripheral idiomatic expressions, which lexically vary from language to language but nonetheless display a similar syntax across languages*”<sup>82</sup>.

Como há dois tipos de *MNM*, internos e periféricos, ambos são realizados na periferia da sentença, divergindo-se, no entanto, na maneira como alcança o *CP*.

---

<sup>81</sup> “Não há nada especificamente sintático numa sentenças de negação metalinguística como há a sintaxe esperada que disparam as sentenças da negação ordinária”. (TRADUÇÃO MINHA).

<sup>82</sup> “[...] as línguas também expressam negação metalinguística através de certas expressões idiomáticas periféricas à sentença, que lexicalmente variam de língua para língua, mas, mesmo assim, exibem uma sintaxe similar entre as linguagens”. (TRADUÇÃO MINHA).

Martins (2014) apresenta a distinção da realização sintática entre *MNM* periféricos e internos. Independente, contudo, do tipo de marcador, a autora defende que ambos passam pelo processo de *merge*<sup>83</sup>, que se divide em *merge externo*, se se tratar de *MNM* periférico, os quais são fundidos no próprio domínio *CP*, e *merge interno*, se são *MNM* internos, que, sendo fundidos ao verbo em *IP*, sofrem movimento até o *CP*, onde são realizados.

Martins (2012) diz que

While [...] sentence-peripheral metalinguistic negation markers (such as [...] *uma ova* [...]), directly merge in the *CP* domain, the more unusual sentence-internal metalinguistic negation markers (like EP *lá, cá*) are rooted in the *TP* domain and reach *CP* by movement<sup>84</sup> (MARTINS, 2012, p. 228).

Assim, não é identificado movimento dos *MNM* periféricos de *IP* para *CP*, uma vez que eles são projetados e se realizam em alguma projeção do *CP*<sup>85</sup>. Por sua vez, os *MNM* internos são projetados em *IP* e sobem para o *CP*, via alçamento.

Segundo Martins (2014),

What crucially distinguishes the syntax of peripheral MN markers from the syntax of internal MN markers is that the former are directly merged in Spec,*CP* (that is to say, they undergo external merge) whereas the latter reach Spec,*CP* by syntactic movement (that is to say, they undergo internal merge)<sup>86</sup> (MARTINS, 2014, p. 651).

Os *MNM* internos, como mostram os testes de Martins (2012) para distinção dos dois tipos de marcadores, têm estreita adjacência ao verbo, pois não podem ser realizados sozinhos nem com fragmentos nominais. Por essa razão, sofrem *merge interno* com o verbo. Os *MNM* periféricos, por sua vez, são mais autônomos, o que os permite serem *mergidos* no próprio *CP* e serem realizados como constituintes únicos da sentença.

Sobre o *MNM* interno *lá/cá*, Martins (2014) afirma que

*Lá* is first merged in Spec,*TP* [...], from where it moves to Spec,*CP*. Moreover, there is verb movement to C [...] followed by morphological merger under adjacency between *V* and the *MN* marker, which accounts for

---

<sup>83</sup> Fusão, concatenação.

<sup>84</sup> “Enquanto marcadores periféricos de negação metalinguística (tal como *uma ova*) fundem-se diretamente no domínio *CP*, os mais incomuns marcadores internos de negação metalinguística (como *lá, cá*, do PE) estão enraizados no domínio *TP* e alcançam *CP*, por movimento.

<sup>85</sup> Por *CP* entendamos como um conjunto de subprojeções.

<sup>86</sup> “O que diferencia crucialmente a sintaxe de *MNM* periféricos da sintaxe dos *MNM* internos é que os externos são diretamente fundidos em Spec,*CP* (isto é, eles passam por mesclagem externa), enquanto os segundos alcançam Spec,*CP* pelo movimento sintático (isto é, eles sofrem fusão interna)”. (TRADUÇÃO MINHA).

the inseparability and strict adjacency between them<sup>87</sup> (MARTINS, 2014, p. 652).

Sendo assim, o marcador *lá* (como o *cá*, também *MNM* interno do *PE*) forma com o verbo, com quem sobe para o *CP*, uma espécie de *cluster*<sup>88</sup>, subindo para a periferia e pousando no especificador de *CP*, que se divide em *CP<sub>1</sub>* e *CP<sub>2</sub>*. Esse *cluster* é formado na projeção de polaridade,  $\Sigma P$ , apresentada, por Laka (1990), uma vez que, sendo uma categoria disponível para receber marcadores de afirmação e de negação, Martins (2014) assegura que os *MNM*, que inserem objeção à determinada proposição, também podem alcançar a  $\Sigma P$ <sup>89</sup>.

Os *MNM* periféricos, no entanto, segundo Martins (2014), são gerados e realizados diretamente em *CP*, de modo que não passam por  $\Sigma P$ . Apesar de não formarem *cluster* com nenhum outro constituinte do *IP*, também passam por *merge*, sendo que é diretamente em *CP*.

Consoante Martins (2014),

As for the peripheral MN marker *agora*, it externally merges in Spec,CP. Hence, it might be expected that *agora* would always appear in sentence-initial position [...]. However, other possibilities arise with respect to word order since IP-topicalization can derive sentences with *agora* placed in sentence-final position [...] and focus-movement followed by remnant IP-topicalization can derive sentences with *agora* placed in sentence-medial position<sup>90</sup> (MARTINS, 2014, p. 652).

Apesar de Martins (2014) não falar da proposta cartográfica de Rizzi (1997), a autora propõe que os *MNM* do *PE*, *agora* e *lá/cá*, respectivamente, periférico e interno, são realizados no especificador de *CP*, sendo, no entanto, o *Sintagma de Tópico* (doravante, *TP<sup>91</sup>*) e *Sintagma de Foco* (deste ponto em diante, *FocP<sup>92</sup>*), que se projetam acima dos *MNM*, responsáveis por receberem os demais constituintes da sentença, movidos do *IP* para o *CP*.

Além da maneira como surgem os marcadores periféricos e internos nas *SNM*, Martins (2014) assegura que outra diferença corrobora a origem desses marcadores: o escopo que eles inserem sobre os constituintes ou sobre a sentença. Segundo a autora, quando o

<sup>87</sup> “*Lá* é concatenado pela primeira vez em Spec,TP [...], de onde se move para Spec,CP. Além disso, há movimento de V para C [...] seguido por fusão morfológica sob adjacência entre V e o marcador MN, o que explica a inseparabilidade e a estreita adjacência entre eles”. (TRADUÇÃO MINHA).

<sup>88</sup> Do inglês, agrupamento. (TRADUÇÃO MINHA).

<sup>89</sup> Cf. Martins (2014, p. 651).

<sup>90</sup> “Quanto ao *MNM* periférico *agora*, ele se funde externamente em Spec,CP. Assim, pode-se esperar que *agora* sempre apareça na posição inicial da sentença [...]. No entanto, outras possibilidades surgem com relação à ordem das palavras, pois a topicalização do IP pode derivar sentenças com *agora* colocado na posição final [...], e o movimento de foco, seguido de topicalização IP remanescente, pode derivar sentenças com *agora* em posição mediana”. (TRADUÇÃO MINHA).

<sup>91</sup> Do inglês, *Topicalization Phrase*. (TRADUÇÃO MINHA)

<sup>92</sup> Do inglês, *Focalization Phrase*. (TRADUÇÃO MINHA)

marcador é periférico, esse constituinte pode ser gerado diretamente em *CP*, de onde seu escopo alcança toda a sentença. Se, por sua vez, o constituinte é um *MNM* interno, ele se origina na projeção mais próxima ao constituinte sobre o qual insere escopo, sendo dentro do próprio *IP*. Só depois o *MNM* interno sobe para o *CP*.

Martins (2014) afirma que

The distinct base generation of internal MN markers and peripheral MN markers [...] the contrasts with respect to scope. [...] Peripheral MN markers can take scope over high emphatic/modal adverbs, contrastive foci, whole coordinate structures and negative propositions, while internal MN markers cannot. The question is why the scope of internal MN markers would necessarily be established in their base position, not in the higher position where they normally move<sup>93</sup> (MARTINS, 2014, p. 658).

De acordo com Martins (2014), a impossibilidade de marcadores internos, como o *lá/cá*, terem escopo sobre advérbios modais/enfáticos e sobre focos contrastivos se dá porque, como *MNM* são movidos para *Spec/CP*, eles deixam vestígios. Se entre eles e o vestígio, portanto, intervêm advérbios enfáticos ou focos contrastivos, os *MNM* não podem estabelecer relação com o vestígio em sua posição de base.

Quanto à proposição negativa, os *MNM* nascem na projeção de polaridade, acima de *IP* e abaixo do *CP*, antes de subirem para o *CP*. Como o movimento do verbo para *CP* é necessário com *MNM* internos, este é bloqueado pelo *NegP*. Por fim, com estruturas de coordenação há violação, conforme Martins (2014, p. 659), “*because verb movement to C would still violate the Coordinate Structure Constraints*”<sup>94</sup>.

#### **4.3. PROJEÇÃO SINTÁTICA DOS MARCADORES É RUIM E NEM A PAU**

No *PB*, como já apresentamos, há constituintes, diferentes do *não*, que negam o valor de verdade de uma proposição prévia, desempenhando, portanto, o papel de legítimos

---

<sup>93</sup> “A distinção básica geral entre os marcadores MN internos e os periféricos [...] é o contraste dos seus escopos. Marcadores periféricos podem ter escopo sobre advérbios modais ou enfáticos, focos contrastivos, sentenças coordenadas inteiras e proposições negativas, enquanto marcadores internos não podem. [...] A questão é que o escopo dos marcadores internos deve ser estabelecido, necessariamente, em sua posição de base, e não na posição mais alta, para a qual ele normalmente se move”. (TRADUÇÃO MINHA).

<sup>94</sup> “porque o movimento do verbo para C ainda violaria a Restrição de Estruturas de Coordenação”. (TRADUÇÃO MINHA).

marcadores de negação. Os marcadores *é ruim* e *nem a pau*, analisados neste trabalho e definidos, por nós, como *MNM*, são constituintes do *PB* que desempenham bem essa função<sup>95</sup>.

Os marcadores *é ruim* e *nem a pau*, como já colocado nesta tese, têm escopos distintos, que dependem da posição em que sejam realizados: se acima ou abaixo do verbo, na periferia ou interno à sentença. Desse modo, considerando a projeção sintática das sentenças que apresentam *MNM*, corroboramos a proposta de Martins (2014), quando afirma que não há nada propriamente sintático que define a origem e a realização desses marcadores, como acontece com as sentenças de negação comum.

Apoiando-nos em Martins (2014), que coloca os *MNM* *agora* e *lá/cá*, do *PE*, no especificador de *CP*, defendemos que os constituintes *é ruim* e *nem a pau*, estando também em *CP*, são realizados em seu especificador, sendo que o *é ruim* sofre *merge externo* diretamente em *CP*, enquanto o *nem a pau* passa por processos distintos, até sua realização em *CP*, uma vez que ele ora é um *MNM*, ora é um *MNR*, ora é um *IPN*. Desse modo, o *nem a pau* pode surgir diretamente em *CP* ou, sendo gerado em *IP*, se mover para o especificador de *CP*, o que não acontece, se ele é um *IPN* e estabelece *NC* com o marcador *pré-verbal*.

Diante do exposto, nas próximas subseções apresentamos a configuração sintática das sentenças com o marcador *é ruim* e, posteriormente, com o marcador *nem a pau*, com o objetivo de corroborar que, mesmo que sejam *MNM* do *PB*, eles têm comportamentos distintos, a depender da posição em que ocupem na sentença e do escopo de sua negação. Pretendemos, também, evidenciar que, sendo *MNM*, eles passam por processos sintáticos de origem e movimento semelhantes ao dos *MNM* do *PE*, estudados por Martins (2014).

#### **4.3.1. DO MARCADOR *É RUIM***

O *é ruim* é um marcador periférico que se realiza, exclusivamente, em posições iniciais ou finais da sentença. Quando submetido aos testes de Martins (2010), esse marcador tanto apresentou autonomia de realização, confirmado no fato de poder ser realizado sozinho, como seu escopo mostrou-se amplo, alcançando toda a sentença. Como é autônomo, portanto,

---

<sup>95</sup> Além do *é ruim* e do *nem a pau*, dois outros constituintes desempenham o papel de marcador de negação: os constituintes *vírgula* e *breu*, sendo este há muito utilizado por falantes do estado do Rio Grande do Norte. Apesar de ambos os marcadores se assemelharem ao *é ruim* e ao *nem a pau*, enquanto *MNM* do *PB*, não trataremos, neste trabalho, de sentenças com esses dois marcadores, que acabam por configurarem constituintes de projetos para futuras pesquisas acadêmicas.

e insere objeção e contraste a uma afirmação do *cg*, propomos que *é ruim* nasce diretamente em *CP*, no seu especificador, sem passar por qualquer processo de movimento.

Além do *é ruim*, identificamos outros constituintes, quando na realização de sentenças com esse marcador: 1) o complementizador *que*, imediatamente após o *é ruim*, se este ocupar a posição inicial; 2) o marcador discursivo *heim*, entremeando o *é ruim* e o *que*, também se o *é ruim* estiver em posição inicial; 3) apenas o marcador discursivo *heim*, isoladamente, se o *é ruim* ocupar a posição final ou se forem *elipsizados* os demais constituintes da sentença.

Dito isto, vejamos a *mesa discursiva* em (154), abaixo:

(154) *Ana encerrou a discussão.*

- a. *É ruim que ela encerrou (a discussão)! Ela continua falando.*
- b. *É ruim, heim, que ela encerrou (a discussão)! Ela continua falando.*
- c. *(Que) ela encerrou (a discussão) é ruim, heim! Ela continua falando.*
- d. *É ruim, heim (~~que ela encerrou a discussão~~)! Ela continua falando.*

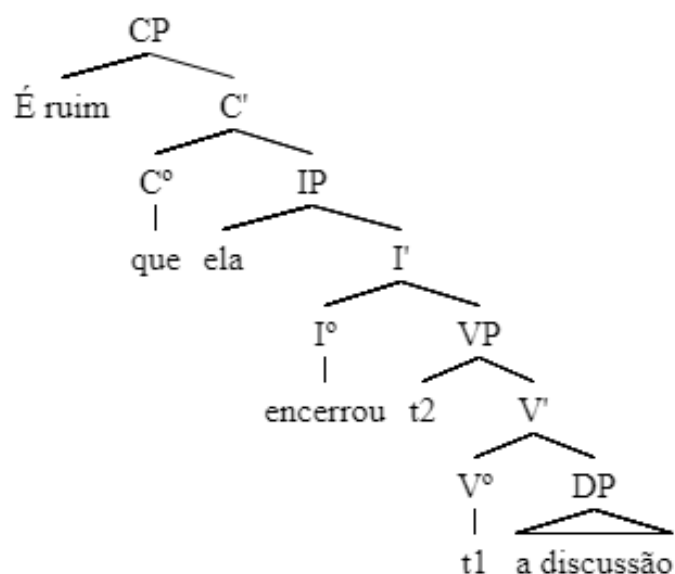
Em (154), o *é ruim* aparece no início ou no final de uma sentença, ou isoladamente. Se no início, ele ora é seguido do complementizador *que*, como em (154a), ora é seguido pelo marcador discursivo *heim*<sup>96</sup>, que entremeia o *é ruim* e o *que*, como em (154b). Se o *é ruim* ocupa posição final, ele é seguido, exclusivamente, pelo marcador discursivo *heim*, que se realiza à sua direita, como mostra (154c). Por fim, (154d) mostra que o *é ruim* pode, também, ser realizado isoladamente acompanhado apenas do marcador discursiva *heim*.

A partir deste momento, exporemos as configurações sintáticas de sentenças de negação como as de (154), iniciando pela sentença em (154a), que tem o *é ruim* como marcador de negação em posição inicial, seguido do complementizador *que*.

Vejamos, primeiramente, a sintaxe da sentença em (154a), acima, em (155), abaixo, seguida da respectiva árvore sintática:

(155) [<sub>CP</sub> *É ruim* [<sub>C'</sub> [<sub>C°</sub> *que*] [<sub>IP</sub> *ela* [<sub>I'</sub> [<sub>I°</sub> *encerrou*] [<sub>VP</sub> [<sub>t2</sub> [<sub>V'</sub> [<sub>V°</sub> *t1*]] [<sub>DP</sub> *a discussão*]]].

<sup>96</sup> Pelo fato de ser um mero marcador discursivo, não exploraremos o marcador *heim* na sintaxe dos constituintes da sentença.



De acordo com (155), o *é ruim* é um marcador de negação que se opõe à asserção de afirmação, imposta no *cg* e presente no *IP*. Como insere objeção, semelhante à polaridade [*Objection*], de Martins (2014), e ocupa a primeira posição da sentença, é realizado no especificador de *CP*, de onde estabelece contraste ao conteúdo proposicional do *IP*.

Uma vez que imediatamente após o *é ruim* é realizado o *que*, complementizador, esse aparece no núcleo *C°*, a quem o *IP*, com a proposição de afirmação inicial, imposta no *cg*, é encaixado. Desse modo, seguindo Martins (2014), que afirma não haver movimento dos *MNM* periféricos, assumimos que o *é ruim*, do *PB*, não sofre movimento até o *CP*, onde se realiza.

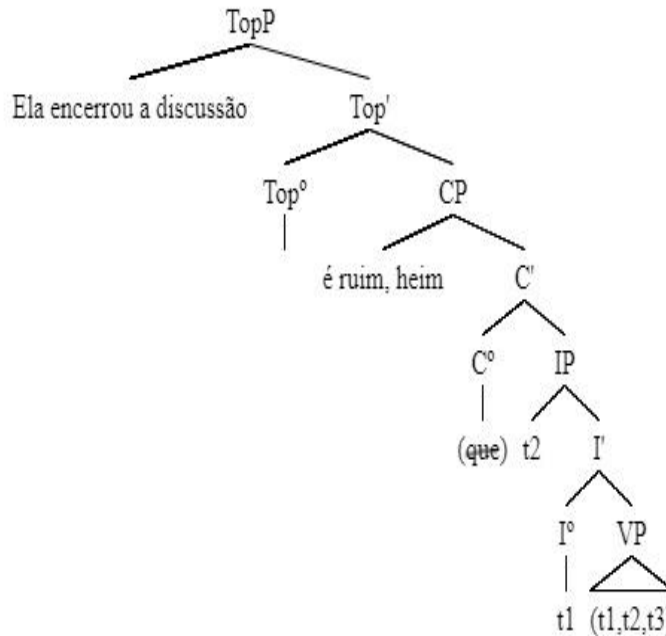
Em (154b), o marcador discursivo *heim*<sup>97</sup> é realizado entre o *MNM*, *é ruim*, e o complementizador, *que*. No entanto, consideramos que a projeção sintática de (154b) tem configuração semelhante à de (155), haja vista o *heim*, intermediário, não dispor de uma projeção sintática específica.

Como mostra (154c), o *é ruim* pode ser realizado em posição final. Nessa configuração, o *é ruim* também aparece no especificador do *CP*, sendo que o núcleo *C°* é foneticamente não realizado, e os constituintes do *IP* são movidos para a projeção *TopP*, acima do *CP*, uma vez que representam a informação já compartilhada.

Assim, vejamos, em (156), como se dá a configuração de sentenças como (154c):

<sup>97</sup> Como, para nós, esse marcador discursivo não ocupa uma projeção sintática específica, haja vista sua função de marcar, meramente, a elocução discursiva, não trataremos dele em nossas configurações sintáticas.

- (156) [<sub>TopP</sub> Ela encerrou a discussão [<sub>Top'</sub> [<sub>Top°</sub> []] [<sub>CP</sub> é ruim, heim [<sub>C'</sub> [<sub>C°</sub> (~~que~~)] [<sub>IP</sub> <sub>t2</sub> [<sub>I'</sub> [<sub>I°</sub> <sub>t1</sub>] [<sub>VP</sub> (<sub>t1,t2,t3</sub>)]



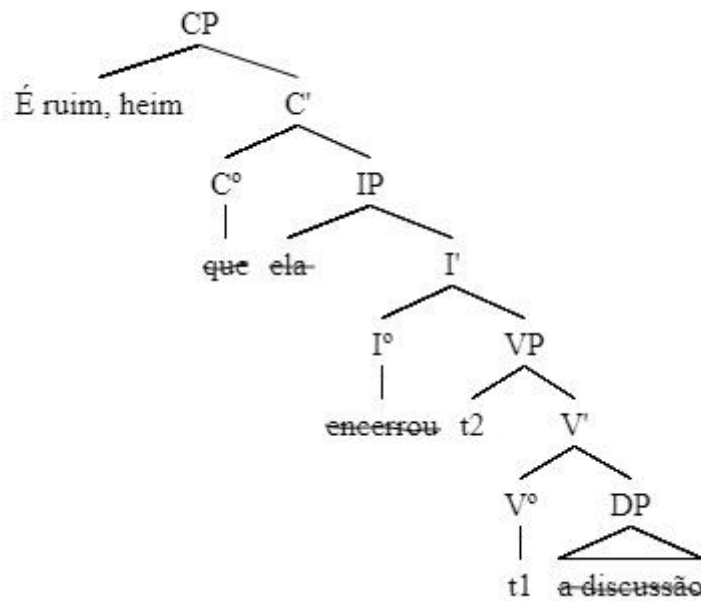
De acordo com (156), quando o *é ruim* ocupa a última posição, ele também sofre *merge externo* no especificador de *CP*. No entanto, a sentença inicial, a mesma que estabeleceu a *crise conversacional* da *mesa discursiva* foi retomada na negação, antes de ser corrigida, o que fez com que os constituintes do *IP* e do *VP*, num só movimento, subissem para a projeção *TopP*, acima do *CP* com o *é ruim*.

Por fim, aquela sentença em (154d) apresenta *elipse* de todos os constituintes da sentença, com exceção do *MNM é ruim* e do marcador discursivo *heim*. Essa realização do *heim* junto ao *é ruim* ratifica nossa proposta de que o *heim* ocupa a mesma projeção do *é ruim*.

De acordo com (157), abaixo, sentenças como (154d) apresentam a seguinte configuração sintática:

- (157) [<sub>CP</sub> É ruim, heim [<sub>C'</sub> [<sub>C°</sub> ~~que~~] [<sub>IP</sub> ~~ela~~ [<sub>I'</sub> [<sub>I°</sub> ~~encerrou~~] [<sub>VP</sub> <sub>t2</sub> [<sub>V'</sub> [<sub>V°</sub> <sub>t1</sub>] [<sub>DP</sub> ~~a discussão~~].





Como mostra (157), o *é ruim* sofre *merge externo* em *CP*. Os constituintes do *IP*, bem como o núcleo *C°*, devido à força elocucionária do *é ruim*, em *CP*, deixam de ser foneticamente pronunciados, provocando, portanto, sua *elipse*.

Nesta subseção, mostramos que o marcador *é ruim*, do *PB*, é um *MNM* periférico, que se origina e realiza diretamente na periferia da sentença, mais especificamente no especificador de *CP*, podendo ser foneticamente acompanhado dos constituintes que estabeleceram a *crise conversacional*, movidos para *TopP*, ou ser realizado sozinho.

#### 4.3.2. DO MARCADOR *NEM A PAU*

O marcador *nem a pau*, como vimos, pode aparecer na primeira ou na última posição da sentença, além de imediatamente acima ou abaixo do verbo, equivalente ao que acontece aos marcadores internos de negação.

Mesmo com essa flexibilidade de realização, a depender da sua posição em relação ao verbo e do tipo de asserção que esteja no *cg*, se de afirmação ou de negação, o *nem a pau* tem funções diferentes na sentença da negação, podendo retificar alguma variável do valor de verdade, anular esse valor ou, inclusive, corroborar uma asserção negativa pressuposta.

Consideremos as *mesas discursivas* em (150) e (151), abaixo:

(158) *Ana usou minha roupa.*

a. *Nem a pau ela usou (sua roupa)! Ela só usou sua calça/A roupa era dela.*

- b. *Ela nem a pau usou (sua roupa)! Ela só usou sua calça/A roupa era dela.*
- c. *Ela não usou nem a pau (sua roupa)! Ela só usou sua calça/A roupa era dela.*
- d. *Ela não usou (sua roupa) nem a pau! Ela só usou sua calça/A roupa era dela.*

(159) *Ana não encontrou a roupa.*

- a. *Nem a pau ela não encontrou (a roupa)! Ela não encontrou o sapato/Ela encontrou (a roupa) sim.*
- b. *Ela nem a pau não encontrou (a roupa)! Ela não encontrou o sapato/Ela encontrou (a roupa) sim.*
- c. *Ela não encontrou nem a pau (a roupa)! Ela continua procurando.*
- d. *Ela não encontrou (a roupa) nem a pau! Ela continua procurando.*

O *cg* de (158) traz uma asserção de afirmação, ao passo que o de (159), uma asserção de negação, o que mostra que sentenças de negação com *nem a pau* podem se estabelecer sobre *mesas discursivas* com sentenças afirmativas ou negativas. A relação que o marcador *nem a pau* estabelece com essas *mesas de Polaridades Absolutas* opostas pode ser distinta, a depender da posição em que esse marcador *nem a pau* se encontre, considerando o verbo.

Numa *mesa discursiva* em que todas as sentenças são de afirmação, portanto, de *Polaridade Absoluta Positiva* [+], como em (158), o *nem a pau* estabelece objeção a alguma variável do conteúdo proposicional do *cg* ou anula o valor de verdade da pressuposição.

Quando, por sua vez, o *nem a pau* está sobre uma *mesa* cuja pressuposição é outra sentença de negação, com *Polaridade Absoluta Negativa* [-], como (159), ele pode ter duas interpretações, a depender de sua posição em relação ao verbo. Assim, pode: 1) se opor ao conteúdo proposicional da pressuposição, como os *MNM*, ou 2) anular o valor de verdade da pressuposição, como os *MNR*, se o *nem a pau* for realizado acima do *não*, da pressuposição; 3) estabelecer *NC* com o *não* que precede o verbo, quando realizado abaixo do *não* prévio.

Como vemos, o *nem a pau* é um marcador de negação do *PB* que não pode ser tratado como um exclusivo *MNM*, como o *agora*, periférico, ou como o *lá/cá*, interno, de Martins (2010), uma vez que pode ser interpretado como *MNR* ou *IPN*. Sendo assim, a depender do tipo de *Polaridade Absoluta* do *cg* sobre a *mesa*, a *Polaridade Relativa* da sentença com *nem a pau* pode ter traços [*Objection*], de oposição, na linha de Martins (2014), [*Reverse*], de discordância, ou [*same*], de concordância, na linha de Farkas e Bruce (1997). Desse modo, a configuração sintática de sentenças com *nem a pau* tem constituintes gerados em posições diferentes.

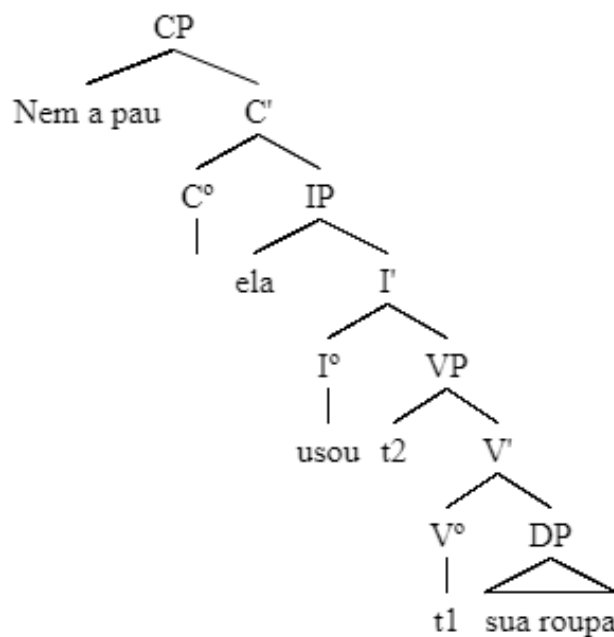
Vejamos como se projetam os constituintes das sentenças com *nem a pau*, considerando o tipo de *mesa* em que são inseridas e a posição em que o *nem a pau* se realiza.

#### 4.3.2.1. COM SENTENÇAS DE AFIRMAÇÃO

Em sentenças como (158a), o *nem a pau* ocupa a posição mais alta da sentença e tem como pressuposição uma sentença de afirmação. Nessa posição, como o *é ruim*, o *nem a pau* sofre *merge externo*, sendo concatenado no especificador *CP*. A projeção de sentença de negação com *nem a pau* em posição inicial é semelhante àquela projeção em que o *é ruim* ocupa a primeira posição da sentença.

A configuração sintática de (158a) está representada em (160), abaixo:

(160) [<sub>CP</sub> *Nem a pau* [<sub>C'</sub> [<sub>C°</sub> []] [<sub>IP</sub> *ela* [<sub>I'</sub> [<sub>I°</sub> *usou*] [<sub>VP</sub> *t*<sub>2</sub> [<sub>V'</sub> [<sub>V°</sub> *t*<sub>1</sub>] [<sub>DP</sub> *sua roupa*]]]]].



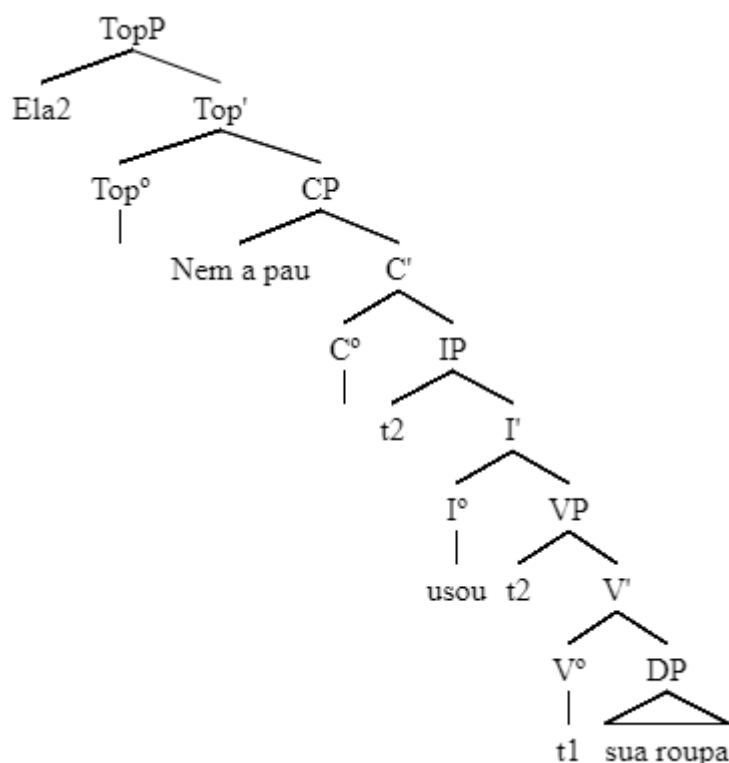
Como mostra (160), o *nem a pau* é o constituinte mais alto da periferia. Nessa posição, é um marcador que pode estabelecer objeção a qualquer variável da pressuposição, como pode anular todo o valor de verdade desta. Em ambos os casos, sendo *MNM* ou *MNR*, ele é gerado no especificador de *CP*, de onde altera o *IP* que contém os constituintes da sentença prévia.

Quando o *nem a pau* está em posição imediatamente acima do verbo, ele também sofre *merge externo* em *CP*. Logo, é um marcador periférico. Como nessa posição o seu escopo alcança os constituintes à sua esquerda, mas não o especificador do *IP*, este sobe para

cima do *CP* e pousa em *TopP*, de modo que não há constituintes que interfiram a negação do *nem a pau* sobre o verbo e os seus constituintes argumentais, se existirem.

Sendo assim, sentenças como (158b), em que o *nem a pau* é pré-verbal, têm a configuração que mostramos em (161), abaixo:

- (161) [<sub>TopP</sub> Ela<sub>2</sub> [<sub>Top'</sub> [<sub>Top°</sub> []] [<sub>CP</sub> Nem a pau [<sub>C'</sub> [<sub>C°</sub> []] [<sub>IP</sub> t<sub>2</sub> [<sub>I'</sub> [<sub>I°</sub> usou] [<sub>VP</sub> t<sub>2</sub> [<sub>V'</sub> [<sub>V°</sub> t<sub>1</sub>] [<sub>DP</sub> sua roupa].



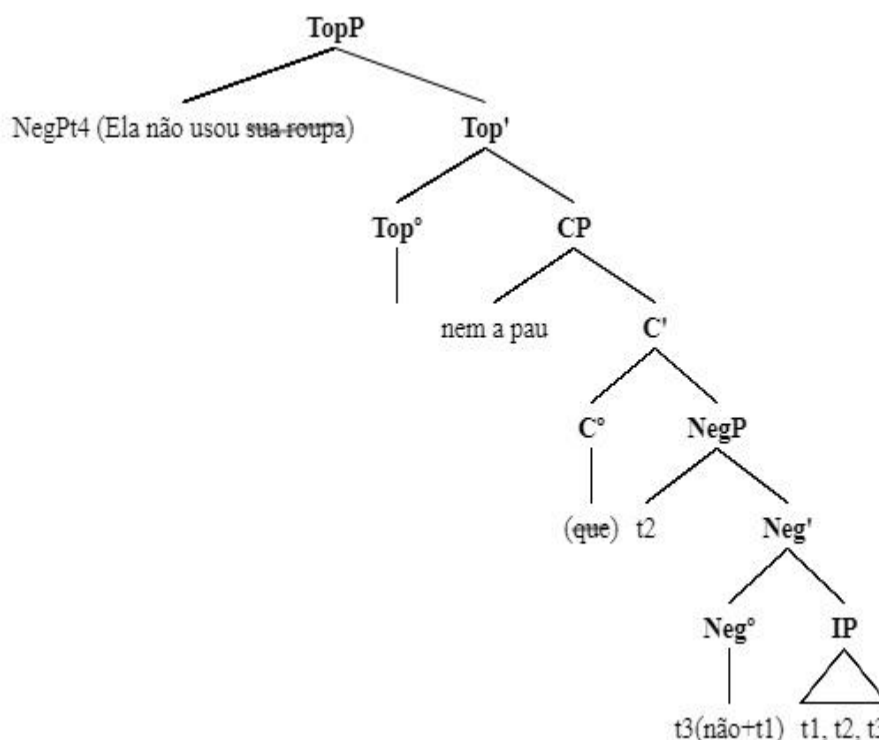
Em (161) mostramos que o *nem a pau* sofre *merge externo* no especificador de *CP*. Como é preciso respeitar o princípio *HMC*, e o especificador do *IP* não pode ocupar o especificador do *CP*, haja vista ele está preenchido pelo *nem a pau*, esse constituinte sobe para o especificador do *TopP*, imediatamente acima do *CP*, de modo que entre o *nem a pau* e o verbo não há nenhum constituinte interveniente.

Além de ocupar posições que antecedem o verbo, na periferia ou interno à sentença, o *nem a pau* também é realizado em posições abaixo do verbo, seja em posição pós-verbal ou final, como mostram as sentenças “c” e “d”, de (158). Mesmo que sentenças como (158c) e (158d) se oponham ao *cg* de uma *mesa discursiva* com *Polaridade Absoluta Positiva* [+], o *nem a pau*, se abaixo do verbo, só se realiza sob o domínio do marcador de negação *não*, comportando-se como um *IPN*, ainda que negue a pressuposição.

Considerando (158c), defendemos que o *nem a pau* também passa por *merge externo* em *CP*, cujo argumento é um *NegP*. Esse *NegP* surge na configuração porque a pressuposição de afirmação é inicialmente negada pelo *não*, sendo, em seguida, reforçada pelo *nem a pau*. Como a informação partilhada é retomada antes da negação com *nem a pau*, o *NegP* sobe para a projeção *TopP*, acima do *CP*, pousando em seu especificador, haja vista ser uma projeção que configura um único constituinte. Após alcançar *TopP*, ocorre *elipse* dos argumentos internos ao verbo, se houver.

Sentenças como (158c) se realizam como mostra (162), abaixo:

- (162) [<sub>TopP</sub> NegP<sub>t4</sub> (Ela não usou ~~sua-roupa~~)] [<sub>Top'</sub> [<sub>Top°</sub> []] [<sub>CP</sub> *nem a pau* [<sub>C'</sub> [<sub>C°</sub> (~~que~~)] [<sub>NegP</sub> <sub>t2</sub> [<sub>Neg'</sub> [<sub>Neg°</sub> <sub>t3(não+t1)</sub>] [<sub>^IP</sub> <sub>t1, t2, t3</sub>].



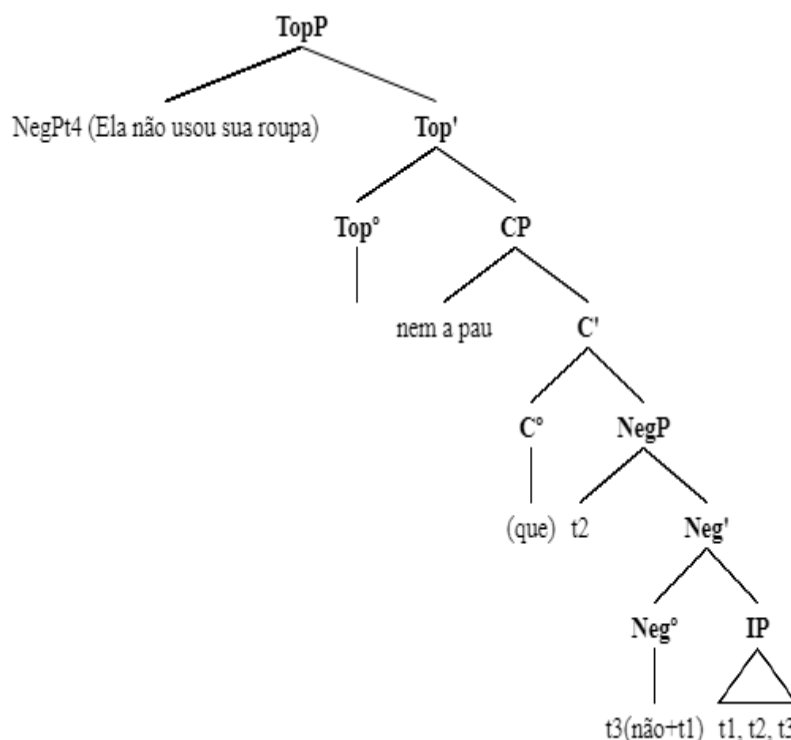
Conforme (162), uma projeção *TopP* surge acima de *CP*, para receber o *NegP*. Os constituintes do *VP*, argumentos de *IP*, são foneticamente *elipsados*, apesar de também estarem em *TopP*, permitindo que o escopo do *nem a pau* alcance o *não* e o verbo.

Analisando a sentença em (158d), em que todos os constituintes são foneticamente realizados, e o *nem a pau* ocupa a última posição, defendemos que a configuração sintática da sentença é a mesma que apresentamos em (162). No entanto, não ocorre *elipse* dos argumentos internos do verbo, ou do *VP*, como aconteceu em (162). Assim, a sintaxe de

sentenças com *nem a pau* em posição abaixo do verbo é equivalente, distinguindo-se, apenas, pela *ellipse* de alguns constituintes, se ele é pós-verbal, e pela realização de todos os constituintes, se ele é um marcador final.

Mostramos a sintaxe de sentenças como (158d) em (163), abaixo:

- (163) [<sub>TopP</sub> NegP<sub>t4</sub> (Ela não usou sua roupa) [<sub>Top'</sub> [<sub>Top°</sub> []] [<sub>CP</sub> *nem a pau* [<sub>C'</sub> [<sub>C°</sub> (~~que~~)] [<sub>NegP</sub> <sub>t2</sub> [<sub>Neg'</sub> [<sub>Neg°</sub> <sub>t3(não+t1)</sub>] [<sub>IP</sub> <sub>t1, t2, t3</sub>].



A estrutura arbórea de sentenças como (158c) e (158d) revelam que a sintaxe de ambas as sentenças se distingue, apenas, pela *ellipse* de alguns constituintes em uma, mas não em outra configuração. Excetuando-se o processo da *ellipse*, todo o processo sintático de movimento e pouso de constituintes segue o mesmo padrão, se o marcador de negação *nem a pau* ocupa posição abaixo do verbo.

Apresentamos, até o momento, sentenças de negação com *nem a pau* que são realizadas sobre uma *mesa* em que há, no *cg*, uma pressuposição de afirmação, com *Polaridade Absoluta Positiva* [+]. Nesse tipo de *mesa*, o *nem a pau* pode: 1) corrigir uma variável, como os *MNM*, e estabelecer *Polaridade Relativa* [*Objection*] à afirmação; 2) anular um valor de verdade, substituindo-o por seu valor oposto, como os *MNR*, e estabelecer *Polaridade Relativa* [*Reverse*]. Além disso, o *nem a pau* pode ser um *IPN*, se for realizado abaixo do verbo. Ainda que um *IPN*, se relacionado com uma sentença de afirmação, o *nem a*

*pau* estabelece *Polaridade Relativa* [*Objection*] ou [*Reverse*], mas não *Polaridade Relativa* [*Same*].

A partir de agora, analisaremos a sintaxe das sentenças com *nem a pau*, quando estas são estabelecidas numa *mesa* cujo *cg* traz uma sentença de negação.

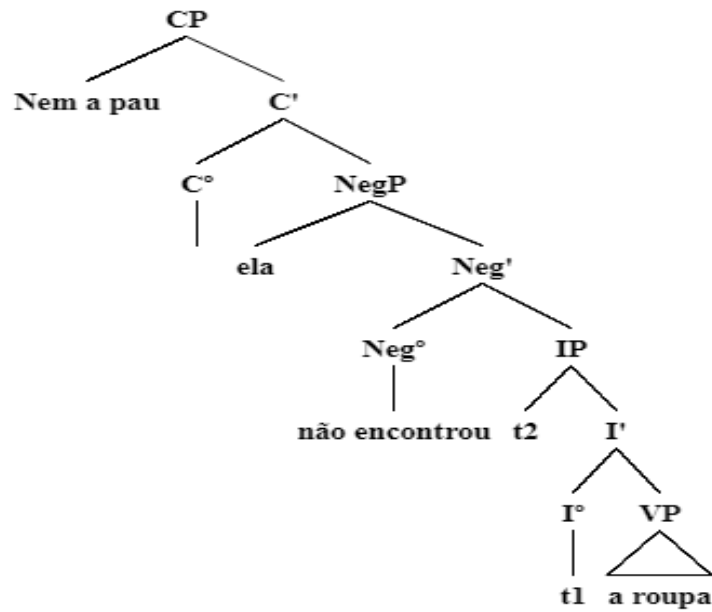
#### 4.3.2.2. COM SENTENÇAS DE NEGAÇÃO

Além de negar uma pressuposição afirmativa, sentenças com *nem a pau* também são estabelecidas com uma sentença prévia de negação, situação em que pode ser, igualmente, interpretado como *MNM*, *MNR*, se realizado acima do verbo, ou *IPN*, se abaixo do verbo.

No entanto, em *mesas discursivas* cuja pressuposição é uma sentença de *Polaridade Absoluta Negativa* [-], o *nem a pau*, quando *IPN*, corrobora a negação feita pelo primeiro marcador *não*, diferente do que ocorre quando ele é um *IPN* que se estabelece numa *mesa* com sentença prévia de afirmação, em que ele reforça a negação feita pelo *não*, sobre a afirmação. Em ambas as *mesas*, sendo *IPN*, o *nem a pau* estabelece *NC* com o *não*, sendo que, se no *cg* há uma sentença de afirmação, a *NC* se dá com a negação dessa pressuposição, enquanto se o *cg* é uma sentença de negação, a *NC* é estabelecida com a negação pressuposta.

Considerando aquela *mesa* em (159a), cuja pressuposição é uma sentença de negação, temos a configuração sintática que exibimos em (164), abaixo:

(164) [<sub>CP</sub> *Nem a pau* [<sub>C'</sub> [<sub>C°</sub> []] [<sub>NegP</sub> *ela* [<sub>Neg'</sub> [<sub>Neg°</sub> *não encontrou*] [<sub>IP</sub> <sub>i2</sub> [<sub>I'</sub> [<sub>I°</sub> <sub>i1</sub>] [<sub>VP</sub> *a roupa*]].



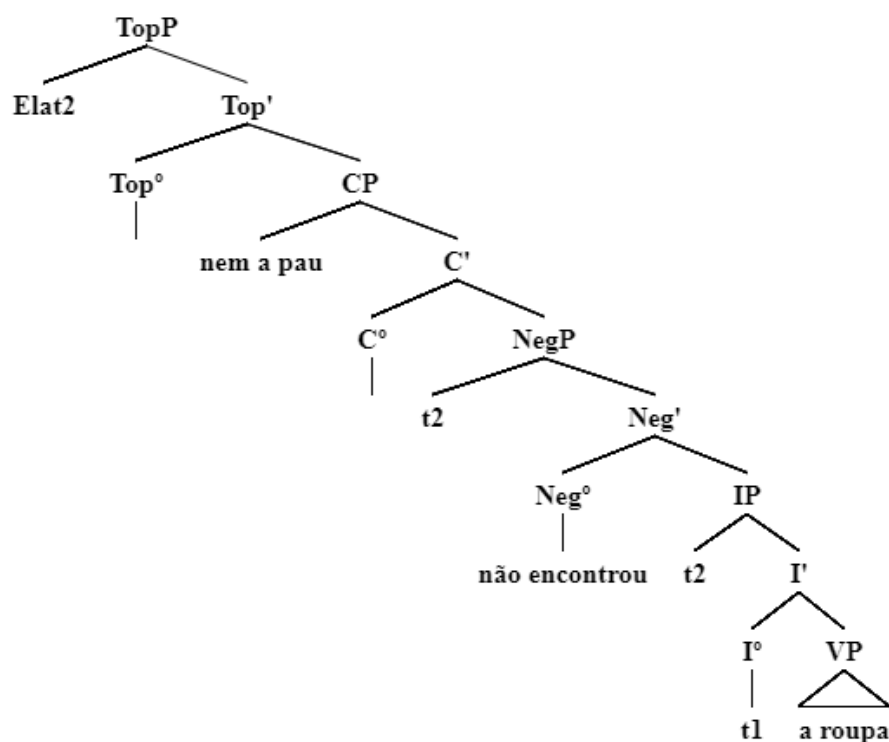
De acordo com (164), o *nem a pau* é concatenado diretamente em *espec/CP*, de onde nega a negação em *NegP*. Dessa posição, o *nem a pau* pode corrigir apenas alguma variável do *NegP* ou anular todo o seu valor de verdade, equivalente ao que aconteceu quando ele se relacionou com uma sentença de afirmação. Porém, em (164) há o *NegP* que não há (152).

Além de ocupar a posição inicial, o *nem a pau* pode aparecer imediatamente antes do verbo. Ou seja, em posição *pré-verbal*. Como mostramos em (161), quando em posição *pré-verbal*, o *nem a pau* continua sendo um constituinte periférico. No entanto, por seu escopo incidir sobre o verbo, o especificador do *NegP* sobe para a posição de especificador imediatamente acima de si, que, não podendo ser o especificador do *CP* por já estar preenchido pelo *nem a pau*, ele sobe para o especificador de *TopP*.

A árvore de (165), abaixo, mostra a sintaxe de sentenças como (159b), acima:

- (165) [<sub>TopP</sub> Ela<sub>t2</sub> [<sub>Top'</sub> [<sub>Top°</sub> []] [<sub>CP</sub> *nem a pau* [<sub>C'</sub> [<sub>C°</sub> []] [<sub>NegP</sub><sub>t2</sub> [<sub>Neg'</sub> [<sub>Neg°</sub> *não encontrou*] [<sub>IP</sub> <sub>t2</sub> [<sub>I'</sub> [<sub>I°</sub> <sub>t1</sub>] [<sub>VP</sub> *a roupa*]].





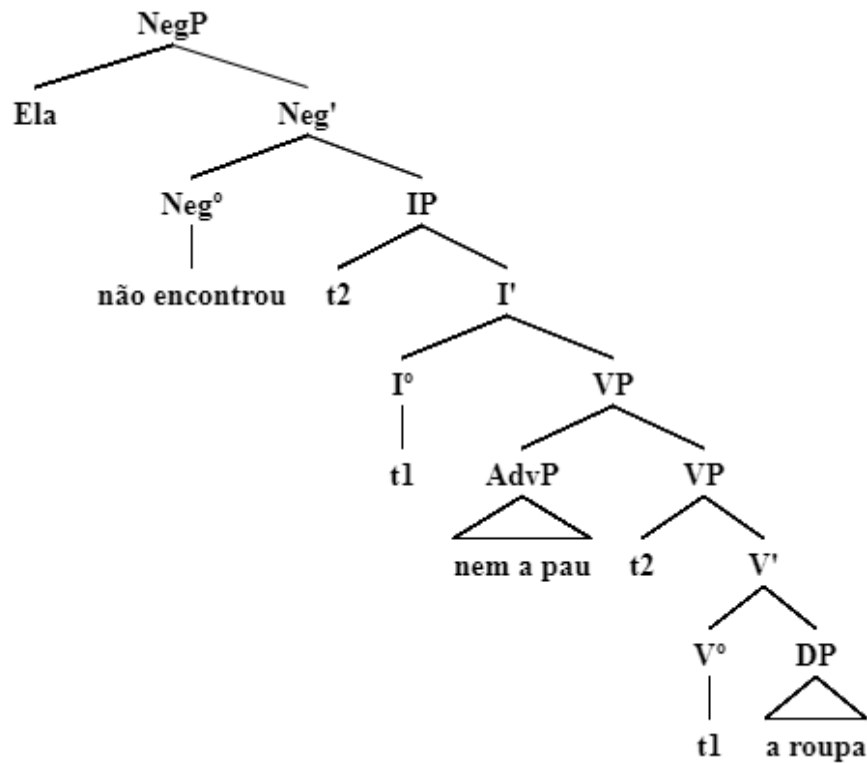
Na configuração de (165), o *nem a pau* sofre *merge externo* no especificador de *CP*. Como tem escopo sobre o núcleo *Neg°*, o especificador de *NegP* sobe para a projeção *TopP*, acima do *CP*, de modo que não há constituinte entre o *nem a pau* e o núcleo *Neg°* e seus respectivos argumentos internos, se houver. Nesse caso, entre o *nem a pau* e o verbo não há interferências ou bloqueios.

Mediante uma *mesa* com sentença prévia de negação, o *nem a pau* é um marcador de negação que pode não negar a pressuposição presente na *mesa discursiva*, mas corroborá-la, estabelecendo *NC*. Nesse caso, ele é um *IPN*.

Como um *IPN*, o *nem a pau* reforça a negação realizada pelo *não* pré-verbal, como (159c) e (159d). Como estabelece *NC* com o *não* da pressuposição, ele não ocupa a projeção *CP*, mas uma posição adjunta.

Aquela sentença em (159c), em que o *nem a pau* ocupa posição *pós-verbal*, está sintaticamente representada em (166), abaixo:

- (166) [<sub>NegP</sub> Ela [<sub>Neg'</sub> [<sub>Neg°</sub> não encontrou] [<sub>IP</sub> <sub>t2</sub> [<sub>I'</sub> [<sub>I°</sub> <sub>t1</sub>] [<sub>VP</sub> [<sub>AdvP</sub> nem a pau] [<sub>VP</sub> <sub>t2</sub> [<sub>V'</sub> [<sub>V°</sub> <sub>t1</sub>] [<sub>DP</sub> a roupa].

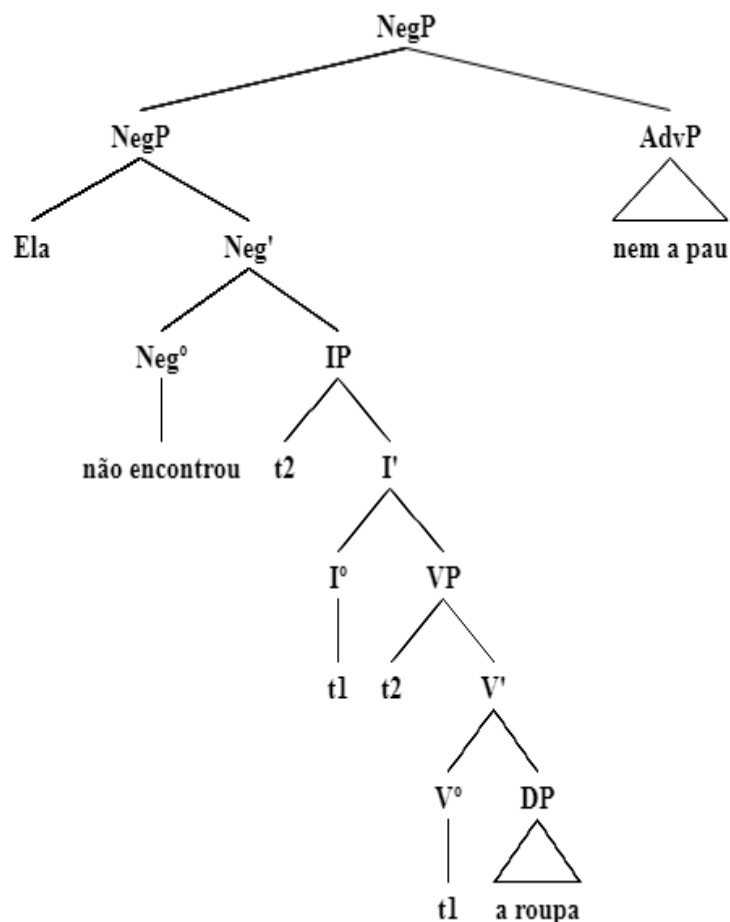


Como mostra (166), o *nem a pau* é um *AdvP* que se adjunge ao *VP*, de onde estabelece *NC* com o núcleo *Neg°*. Nessa configuração, em que a *mesa discursiva* apresenta uma sentença de negação como pressuposição, o *nem a pau* ocupa uma projeção *AdvP* adjunta como ocupariam os marcadores *nada*, *de jeito nenhum*, *jamais* e *nunca*, por exemplo.

Quando o *nem a pau* é o último constituinte da sentença e corrobora a asserção de negação presente no *cg*, ele também é um constituinte adjunto. No entanto, o *AdvP nem a pau* se adjunge ao *NegP*, projeção mais alta, uma vez que o escopo do reforço de sua negação recai sobre toda a sentença de negação primeira e não apenas sobre os constituintes do *VP*.

A sintaxe de sentenças como (159d) tem a configuração de (167), abaixo:

- (167) [*NegP* [<sub>*NegP*</sub> *Ela* [*Neg'* [<sub>*Neg°*</sub> *nã o encontrou*] [*IP* <sub>*t2*</sub> [*I'* [<sub>*I°*</sub> <sub>*t1*</sub>] [*VP* <sub>*t2*</sub> [*V'* [<sub>*V°*</sub> <sub>*t1*</sub>] [<sub>*DP*</sub> *a roupa*]]]]]] [<sub>*AdvP*</sub> *nem a pau*].



Em (167), o *nem a pau* tem o mesmo comportamento de um *AdvP*, só que, como é o último constituinte da proposição, ele aparece adjungido á direita do *NegP*, de onde não só estabelece NC, como também insere amplo escopo sobre toda a pressuposição de negação.

Como vimos, o marcador de negação *nem a pau* é um constituinte que pode ter três leituras possíveis: de um *MNM*, de um *MNR* ou de um *IPN*, dependendo da posição em que esse marcador se encontre e do tipo de Polaridade Absoluta da sentença pressuposta que apareça na *mesa discursiva*: se numa *mesa* com sentença de *Polaridade Absoluta Positiva* [+] ou numa *mesa* com sentença de *Polaridade Absoluta Negativa* [-]. Além disso, se aparece acima do verbo ou abaixo do verbo.

A sintaxe das sentenças de negação com *nem a pau*, como mostramos, apresenta posições distintas para esses marcadores. Quando ele é um *MNM* ou um *MNR*, ele sempre é realizado na periferia à esquerda, em *CP*, podendo ser o único marcador de negação ou um constituinte de reforço, se a *mesa* pressuposta contiver uma sentença de negação.

Por sua vez, quando o *nem a pau* se comporta como um *IPN* e é realizado sobre uma *mesa* de negação, ele é um constituinte adjunto ao *VP*, se seu escopo recair sobre o núcleo *Neg°*, ou adjunto ao *NegP*, se sua negação alcança toda a sentença pressuposta.

## RESUMO DO CAPÍTULO

Ao longo deste capítulo, mostramos que as sentenças de negação no *PB* são motivadas por realizações sintáticas de constituintes que ocupam projeções específicas, sendo algumas delas exclusivas para marcadores de negação, como o *não*, ou de afirmação, como o *sim*, não necessariamente realizado.

Para autores como Pollock (1989), o *não* ocupa, necessariamente, a projeção *NegP*, enquanto para Laka (1990), o *não* e os marcadores de afirmação, como o *sim*, ocupam a projeção  $\sum P$ , responsável por receber esses dois tipos de constituintes. Para a autora, constituintes de negação e de afirmação são categorias abstratas de uma mesma projeção.

Além da projeção *NegP*, afirmamos que Martins (2014) coloca os *MNM* no *CP*, sendo que, se o *MNM* é periférico, ele sofre *merge externo* diretamente em *CP*. Se, por sua vez, ele é interno, sofre *merge interno* em  $\sum P$ , onde realiza *cluster* com o verbo e sobe para dois *CP* distintos, um *CP<sub>2</sub>*, que recebe o verbo, e um *CP<sub>1</sub>*, que recebe o *MNM*.

Como acastelamos que o marcador *é ruim* é sempre um *MNM*, ao passo que o *nem a pau* ora é *MNM*, ora é *MNR*, ora é *IPN*, acompanhamos a projeção sintática que Martins (2014) apresentou para os *MNM* *agora*, periférico, e *lá/cá*, interno, do *PE*, defendendo, desse modo, que os constituintes *é ruim*, sempre *MNM*, e *nem a pau*, se *MNM* ou *MNR*, são realizados em *CP*, motivados por *merge externo*, enquanto o marcador *nem a pau*, quando *IPN* de uma *mesa discursiva* de negação, é um constituinte adjunto ao *VP* ou ao *NegP*, a depender do escopo que estabeleça sobre a sentença.

Na configuração sintática do *é ruim*, ele sempre aparece no especificador de *CP*, podendo, eventualmente, ter acima dele uma projeção *TopP*, para onde são movidos os demais constituintes da sentença prévia, se o *é ruim* aparecer em posição final. Quando há *elipse* dos constituintes e apenas o *é ruim* é foneticamente realizado em *CP*, e a *elipse* dos constituintes ocorre no próprio domínio *IP*, sem que haja movimento para a projeção *TopP*.

A sintaxe do *nem a pau* apresentou algumas variações, considerando as diferentes leituras que esse marcador pode apresentar: *MNM*, *MNR* ou *IPN* e as *mesas* pressupostas.

Sabendo que o *nem a pau* se realiza numa *mesa* com pressuposição afirmativa, ele pode ser um *MNM* ou um *MNR*, independente da posição em que ele se realize. Entretanto, quando o *nem a pau* ocupa a primeira posição, ele passa por *merge externo* em *CP*, e os demais constituintes permanecem em *IP*. Quando está imediatamente acima do verbo, em posição *pré-verbal*, ele também sofre *merge interno CP*, sendo que há uma projeção *TopP*, acima do *CP*, para onde se move o especificador do *IP*, para não ficar entre o marcador de negação *nem a pau* e o verbo. Quando o *nem a pau* aparece imediatamente abaixo do verbo, ou *pós-verbal*, ele nega a pressuposição, mas fica sob o domínio de um *NegP*, o faz derivar o seguinte processo sintático: há *merge externo* do *nem a pau* em *CP*. Os constituintes do *IP* pressuposto sobem para o *NegP* e, em seguida, como constituinte único, para o especificador de *TopP*, acima de *CP*, incluindo o argumento interno *VP*. Em *TopP*, acontece *elipse* do argumento interno do verbo, de modo que entre ele e o *nem a pau* não aparece nenhum constituinte foneticamente realizado, e o escopo do *nem a pau* pode alcançar o *não* e o verbo, em *TopP*. Por fim, quando o *nem a pau* é o último constituinte da sentença, ele é um marcador de negação que também sofre *merge externo* em *CP*. Do mesmo modo, os constituintes da pressuposição, presentes no *IP*, sobem para o *NegP* e, de lá, para *TopP*. No entanto, nesse caso, não há *elipse* de nenhum dos constituintes em *TopP*, e o escopo do *nem a pau* alcança toda a sentença em *TopP*.

Quando o *nem a pau* é estabelecido sobre uma *mesa discursiva* com uma pressuposição de negação, ele também apresenta leituras distintas: de *MNM*, de *MNR* ou de *IPN*, leituras essas disparadas pela posição em que se realize. Desse modo, as configurações sintáticas dessas sentenças também são distintas. Se o *nem a pau* aparece acima do verbo, ele sofre *merge externo* em *CP* e os demais constituintes permanecem em *IP*. Se ele é um constituinte *pré-verbal*, o especificador do *IP* sobe para o especificador de *TopP*, acima do *CP*, de modo que entre o *nem a pau* e o verbo não existem constituintes.

De outro modo, sempre que o *nem a pau* aparece abaixo do verbo numa *mesa discursiva* com pressuposição de negação, ele é um *IPN*. Logo, um constituinte adjunto. Dependendo da posição, ele pode ser adjungido ao *VP* ou ao *NegP*. Se o *nem a pau* aparece numa *mesa* de negação e é realizado imediatamente após o verbo, em posição *pós-verbal*, ele é adjungido à esquerda do *VP*, onde estabelece *Concordância Negativa (NC)* com o *Neg<sup>o</sup>*, composto pelo *não* e pelo verbo. Se, contudo, ele ocupa a última posição da sentença, numa *mesa discursiva* com pressuposição de negação, ele é adjunto ao *NegP*, sobre quem insere seu escopo.

Assim sendo, se estabelecido sobre uma *mesa* com *cg* negativo, o *nem a pau*, só é um adjunto se ocupa posições abaixo do verbo. Nesse caso, ele não é um constituinte da periferia à esquerda, como acontece quando ele é um *MNM* ou um *MNR*, ainda que numa *mesa* de negação.

Diante do exposto, pois, concluímos que o marcador *é ruim*, do *PB*, é sempre um *MNM*, uma vez que, em qualquer posição que se realize e independente do *cg* que o preceda, ele sempre estabelece oposição ao que está posto no *cg*. Por outro lado, o marcador *nem a pau* pode ser um *MNM*, um *MNR* ou um *IPN* do *PB*, a depender do tipo de sentença que configure a pressuposição, bem como da posição que se realize, em relação ao verbo.

## CONCLUSÕES DE TRABALHO

Os constituintes *é ruim* e *nem a pau* representam duas expressões linguísticas do *PB* que se estabelecem numa *mesa discursiva* em que foi estabelecida uma *crise conversacional*. Desse modo, ambas as expressões funcionam como legítimos marcadores de negação que se realizam em *asserções responsivas*.

Como no *PB* há diferentes tipos de negação, e esses marcadores atribuem à sentença leituras distintas, nesta tese nos propomos a analisar o tipo de negação que é identificado em sentenças em que o *é ruim* e o *nem a pau*. Considerando isso, visamos a apresentar diferentes aspectos desses marcadores de negação, desde a leitura semântica que esses constituintes transportam para a sentença, além de explicar a configuração sintática de todos os constituintes que se realizam nessas sentenças, uma vez que, dependendo da posição em que o *é ruim* e o *nem a pau* apareçam, a sintaxe da sentença é distinta.

Inicialmente, defendemos que sentenças de negação com *é ruim* e com *nem a pau* não podem ser estabelecidas numa *mesa discursiva* – com base em Farkas e Bruce (2010) – em que no *common ground* não exista nenhuma sentença pressuposicional. Logo, sentenças com *é ruim* e com *nem a pau* não podem iniciar uma conversa ou mudar o tópico da mesma. Além disso, afirmamos que esses marcadores expressam reação a uma *crise conversacional* que se estabelece sobre essa *mesa*. Portanto, sentenças com eles se configuram como *sentenças-resposta*, ou *asserções responsivas*, nas palavras de Farkas e Bruce (2010). Sendo *asserções responsivas*, dependem da existência de um contexto prévio.

Como o *é ruim* e o *nem a pau* são marcadores de negação realizados com mais de um constituinte, afirmamos que eles representam uma expressão fixa e já cristalizada no *PB*. Sendo assim, mostramos que há impossibilidade de eles serem entremeados por outros constituintes, bem como de terem suas posições alteradas. Asseveramos, ainda, que o escopo da negação desses marcadores é distinto, tendo em vista a posição que eles se realizam: sempre que periféricos, como o marcador *é ruim* e, algumas vezes, o marcador *nem a pau*, o escopo é amplo; se interno, o escopo do *nem a pau* pode ser estreito, recaindo sobre alguma variável da pressuposição ou sobre todo o valor de verdade que essa pressuposição apresenta. Dependendo, pois, do alcance do escopo, esses marcadores podem realizar negação sentencial, em que anula um valor de verdade, ou negação de constituintes, que corrige/retifica uma variável apenas do valor de verdade da pressuposição.

Na seção 2, mostramos que Martins (2010, 2012, 2014) estuda as *Sentenças de Negação Metalinguística (SNM)* no *PE* e apresenta alguns testes que classificam e distinguem as *SNM* das *Sentenças de Negação Regular (SNR)*, além de testes que dividem os *Marcadores de Negação Metalinguística (MNM)* periféricos dos internos. Para os testes, Martins (2010, 2012, 2014) apresenta os *MNM* periférico, *agora* e *uma ova*, e interno, *lá/cá*, do *PE*, de modo a evidenciar que eles são marcadores não ambíguos, pois não deixam dúvidas de que só são realizados em *SNM*.

Também na segunda seção, apresentamos os testes de Cavalcante (2012) que identificam e classificam as *Sentenças de Negação Anafórica (SNA)*, de modo a distingui-las das *SNM*, haja vista tanto as *SNM* quanto as *SNA* representarem negações de retomada. Nesses testes, confirmamos que as *SNA* são sentenças que podem anular ou retificar o conteúdo proposicional de uma sentença prévia, enquanto as *SNM* expõem objeção a esse conteúdo, de modo a retificar alguma variável deste. Portanto, os testes de Cavalcante (2012) foram essenciais para separar esses dois tipos de sentenças.

Além dos testes de Martins (2010, 2012, 2014) e de Cavalcante (2012), na segunda seção abordamos, também, os conceitos de Polaridade. Dissemos que existem as sentenças de *Polaridade Absoluta Positiva* [+] e *Polaridade Absoluta Negativa* [-], seguindo Farkas e Bruce (2010), que são identificadas nos constituintes presentes na sentença em si, além do conceito de *Polaridade Relativa* com traços [*Same*], de concordância, ou com traços [*Reverse*], de discordância, as quais são reconhecidas pela relação estabelecida entre duas sentenças. Quanto à *Polaridade Relativa*, afirmamos que, além do que definiram Farkas e Bruce (2010), Martins (2012) apresenta o traço de *Polaridade Relativa* com traços [*Objection*] para as *SNM*, uma vez que essas sentenças não estabelecem relação entre valores *falso/verdadeiro*, mas relação entre valores *correto/incorreto*.

As sentenças com *é ruim* e *nem a pau*, que são estabelecidas numa *mesa discursiva* como *asserções responsivas*, também apresentam *polaridade absoluta* e, por serem *asserções responsivas*, estabelecem, também, *polaridade relativa*. Asseguramos que, dependendo do tipo de *Polaridade Absoluta* da sentença prévia, essa *asserção-responsiva* pode ter *Polaridade Relativa* com traço [*Same*], de concordância, com traço [*Reverse*], de discordância, ou com traço [*Objection*], se atribuir oposição a parte de uma verdade que está colocada sobre a *mesa*, não vindo a invalidá-la.



A fim de corroborarmos esses traços de polaridade, realizamos testes que confirmaram que *SNR* podem ter traços de *Polaridade Relativa* [*Same*] ou [*Reverse*], enquanto as *SNM* apresentam tão somente *Polaridade Relativa* [*Objection*].

Na terceira seção, ou seção 3, submetemos os marcadores *é ruim* e *nem a pau* aos testes de Martins (2010, 2012, 2014), para as *SNM*, e de Cavalcante (2012), para as *SNA*, e constatamos algumas particularidades: 1) o *é ruim* é sempre um *MNM*, uma vez que, independente de sua posição ou da polaridade absoluta da sentença prévia, ele sempre retifica alguma variável do valor de verdade da pressuposição, corrigindo-a; 2) o marcador *nem a pau*, entretanto, tem diferentes leituras, dependendo da posição em que se realize e do tipo de polaridade absoluta da sentença pressuposta no *cg*: 2.a) se o *nem a pau* se realiza numa *mesa* com sentença de afirmação, logo com *Polaridade Absoluta Positiva* [+], ele pode ser um *MNM*, com traços de *Polaridade Relativa* [*Objection*], ou ser um *MNR*, com traços de *Polaridade Relativa* [*Reverse*], independente de estar acima ou abaixo do verbo; 2.b) se, por seu turno, o *nem a pau* se realiza numa *mesa* com sentença pressuposta de negação, com *Polaridade Absoluta Negativa* [-], ele pode ser um *MNM* ou um *MNR*, se realizado acima do verbo, respectivamente com traços de *Polaridade Relativa* [*Objection*] ou [*Reverse*], ou pode ser um *IPN* com traços de *Polaridade Relativa* [*Same*], se realizado abaixo do verbo.

Na última seção, seção 4, mostramos a configuração sintática das sentenças com *é ruim* e com *nem a pau*, que corroboram e explicam as diferentes interpretações desses marcadores no *PB*. Afirmamos que o marcador *é ruim* é um constituinte exclusivamente periférico, uma vez que aparece sempre na periferia à esquerda, local em que sofre *merge externo* no especificador de *CP*. Se for o constituinte mais alto ou se houver *ellipse* dos demais constituintes, o *é ruim* é o único elemento que aparece em *CP*. Se ele aparece em posição final, os demais constituintes da sentença são movido para a periferia à esquerda, sendo que ocupam uma projeção mais alta, *TopP*, acima do *CP*.

Sopesando o *nem a pau*, mostramos que ele ocupa projeções sintáticas para além daquelas que ocupa o *é ruim*, uma vez que sua interpretação está associada, inicialmente, ao tipo de pressuposição que está exposta na *mesa discursiva* em que ele seja efetivado: se de afirmação ou de negação, além de estar associada à posição em que esse marcador se realize, se acima ou abaixo do verbo principal. Assim, se o *nem a pau* for um *MNM* ou um *MNR* que se estabelece numa *mesa* com pressuposição de afirmação, ele aparece no especificador de *CP*, sendo o único constituinte realizado, se ocupar a posição mais alta, ou pode ter realizado, acima de si, na projeção *TopP*, o especificador do *IP*, que sobe para a periferia a fim de não

intervir entre o *nem a pau* e o verbo. Quando numa *mesa* de afirmação esse marcador *nem a pau* ocupa posições abaixo do verbo, ele também sofre *merge externo* no especificador de *CP*, sendo que os demais constituintes, que alcançam *NegP*, argumento do *CP*, que sobe como constituinte único para o especificador de *TopP*, podendo ter o argumento interno do verbo *elipsizado*, caso o *nem a pau* ocupe a posição *pós-verbal*, ou ser totalmente realizado, caso ele apareça no final da sentença. Apesar de em posições abaixo do verbo o *nem a pau* ser um *IPN*, ele corrobora a negação da afirmação, não a negação imposta sobre a *mesa discursiva*.

Tendo em vista que o *nem a pau* também pode ser realizado numa *mesa discursiva* com pressuposição de negação, mostramos que se ele aparece acima do verbo, a configuração sintática da sentença é a mesma que se efetiva se a pressuposição é de afirmação. No entanto, se ele ocupa posição abaixo do verbo numa *mesa* de negação, posição em que é sempre um *IPN*, ele corrobora a negação que está sobre o *cg* da *mesa* e não uma negação da afirmação, como acontece se o *cg* da *mesa* traz uma sentença de afirmação. Nesse caso, o *nem a pau* é um constituinte adjunto a duas projeções distintas: é adjunto a *VP*, se ele for um marcador *pós-verbal*, ou é adjunto a *NegP*, se for um marcador final.

Respondendo aos questionamentos que nós levantamos no início deste trabalho, afirmamos que o *é ruim* é um *MNM* periférico do *PB*, sendo realizado sempre no especificador do *CP*, seja o único constituinte da periferia ou não. O *nem a pau* ocupa projeções sintáticas que dependem da pressuposição que o antecede e da sua posição em relação ao verbo. Desse modo, ele pode ser ora um *MNM*, ora um *MNR*, ora um *IPN*, ratificando aquela ambiguidade apontada por Horn (1989), quando diz que não há marcadores exclusivos de Negação Metalinguística.

Apesar de essa flexibilidade de realização do *nem a pau* e da dependência dele com o contexto que o antecede, quando ele é um *IPN* em uma *mesa* de afirmação, ele é um marcador de reforço da negação que é realizado na periferia. De outro modo, se aparece em posição abaixo do verbo numa *mesa* com *cg* negativo, ele é um constituinte adjunto de uma projeção *VP* ou de uma projeção *NegP*.

Independente de serem marcadores periféricos ou adjuntos, se forem *MNM*, tanto o *é ruim* quanto o *nem a pau* sofrem *merge externo* no especificador de *CP*, uma vez que, sendo expressão fixa e cristalizada, não pode aparecer no núcleo *C°*.

Mediante as análises desta tese, as línguas dispõem de recursos diversos para estabelecerem relação de negação com outras proposições, o que permite que elas abriguem

diferentes marcadores em diferentes projeções sintáticas, como acontece com o marcador *é ruim*, sempre periférico, e com o *nem a pau*, ora periférico, ora adjunto.

Apesar de este nosso trabalho ser “pioneiro”, acreditamos que ele trouxe contribuições que poderão colaborar para que a teoria linguística confirme que há, de fato, no *PB* e em outras línguas naturais, sentenças de negação cuja configuração sintática independe de uma projeção específica, como o *NegP* ou  $\Sigma P$ , por exemplo, em que os marcadores de negação sejam realizados. Além disso, esse trabalho mostrou que as negações não são concretizadas, necessariamente, somente se tiver um marcador canônico, como o *não*, do *PB*, o *not*, do inglês, ou de outros marcadores canônicos de outras línguas, uma vez que sentenças com *é ruim* e *nem a pau* foram muito bem efetivadas como constituinte único da negação, de modo que tanto foram capazes de interpor objeção à parte de uma afirmação prévia qualquer, sem necessariamente anulá-la, semelhante aos *MNM*, como puderam anular um valor de verdade ou, no caso do *nem a pau*, ratificar esse valor de verdade, sendo um marcador de reforço da negação.

É certo que no *PB* há ainda outras sentenças de negação que também dispensam o marcador *não* e utilizam outros marcadores de negação. Como exemplo podemos apresentar os marcadores *breu*, do *RN*, e *vírgula*, já apontados em notas de rodapé deste trabalho, além do marcador *já* (constituente interno *pós-verbal*, semelhante ao *lá/cá*, de Martins (2010, 2012, 2014)), os quais estabelecem discordância de uma proposição prévia que está no *cg* de uma *mesa discursiva*. Esses constituintes nós deixamos como objetos de futuras pesquisas, tanto no campo da configuração sintática em si, quanto no campo da análise pragmática e semântica que essas sentenças permitem realizar.

## BIBLIOGRAFIA

AUGUSTO, Marina Rosa Ana. *Distinções entre movimento A e A-barra na computação on-line: QU e passiva*. Revista ABRALIN, v. 7, n. 1, p. 69-73, jan/jul. 2008.

BIBERAUER, Theresa e Sonia CYRINO. 2009. *Negative Developments in Afrikaans and Brazilian Portuguese*. Comunicação apresentada em: *19th Colloquium on Generative Grammar*. University of the Basque Country. Vitoria-Gasteiz. April 1-3, 2009.

BOŠKOVIĆ, Željko e Jairo NUNES. 2007. *The Copy Theory of Movement: A View from PF*. In: *The Copy Theory of Movement*. N. Corver e J. Nunes (orgs.). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 13-74.

BRITO, Duarte e Matos. *Estrutura da Frase Simples e Tipos de Frases*. In MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho. 2003. (p. 433-506).

\_\_\_\_\_. KATO, Mary Aizawa. *As construções-Q no Português Brasileiro falado*. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (; KATO, Mary Aizawa; NASCIMENTO, Milton do. **Gramática do Português Culto falado no Brasil**. São Paulo/SP: Editora Unicamp, 2009.

BURTON-ROBERTS, N. *On Horn's Dilemma: Presupposition and Negation*. *Journal of Linguistics* 25. 1989. (p. 95-125).

CAVALCANTE, Rerisson. *A Negação Pós-verbal no Português Brasileiro: análise descritiva e teórica dos dialetos rurais de afro-descendentes*. Dissertação de Mestrado. UFBA – Universidade Federal da Bahia. Salvador/BA, 2007. (Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ilza Maria de Oliveira Ribeiro).

\_\_\_\_\_. *Negação Anafórica no Português Brasileiro: negação sentencial, negação enfática e negação de constituintes*. Tese de Doutorado. USP–Universidade de São Paulo. São Paulo/SP, 2012. (Orientador: Prof. Dr. Jairo Morais Nunes).

CHOMSKY, Noam. *The Minimalista Program*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1995.

DROZD, Kenneth F. *Metalinguistic Sentence Negation in Child English*. In Jack Hoeksema, Hotze Rullmann, Victor Sanchez-Valencia e Ton van der Wouden (orgs.). **Perspectives on Negation and Polarity Items**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001. (p. 49-78).

DUARTE, Inês. *A Construção de Topicalização na Gramática do Português: Regência, Ligação e Condições sobre Movimento*. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa. 1987.

EMBICK, David e NOYER, Rolf. *Movement Operations after Syntax*. *Linguistic Inquiry* 32:4. Cambridge/Massachusetts: MIT Press. 2001. (p. 555-595).

FARKAS, Donka e BRUCE, Kim B.. *On Reacting to Assertions and Polar Questions*. *Journal of Semantics* 27.1. 2010. (p. 81-118).

GIVÓN, Talmi. *Negation in Language: Pragmatics, Function and Antology*. In.: COLE, Peter (ed.). **Syntax and Semantics 9: Pragmatics**. New York: Academics Press, 1978, p. 69-112.

GONÇALVES, Fernanda. *Negação Frásica em Português: Caracterização com Referência ao Processo de Aquisição*. Dissertação de Mestrado. Lisboa. FLUL. 1995.

GONÇALVES, Jussara Regina. *Considerações sobre a flutuação no emprego do subjuntivo em contextos orais do português do Brasil*. Rio de Janeiro/RJ: PUC, 2003. 100f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Letras do Departamento de Letras da PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: [http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0115426\\_03\\_pretextual.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0115426_03_pretextual.pdf).

HAEGEMAN, Liliane M. V. *The W-Criterion and the Neg-Criterion*. In HAEGEMAN, Liliane. **The syntax of Negation**. Cambridge Press. New York, United States, 1995. (p. 70-111).

\_\_\_\_\_. *Neg-Movement and Neg-Criterion*. IN: HAEGEMAN, Liliane. **The syntax of Negation**. Cambridge Press. New York, United States, 1995 (p. 112-162).

HORN, Laurence R. *Metalinguistic Negation*. In: HORN, Laurence R. *A Natural History of Negation*. CSLI Publications: United States, 1989. (p. 362-434).

\_\_\_\_\_. *Metalinguistic Negation and Pragmatic Ambiguity: some comments on a proposal by Laurence Horn*. International Pragmatics Association. *Pragmatics*: 1:2.217-237 (p. 217-237).

MARCELINO, Nara Juscely M. de C. *As sentenças com é ruim que no Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2014. (Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins).

MARTINS, Ana Maria e NUNES, Jairo. *Syntactic change as chain reaction: the emergence of hyper-raising in Brazilian Portuguese*. In: CRISMA, Paola e LONGOBARDI, Giuseppe (editores). **Historical Syntax and Linguistic Theory**. Oxford/New York: Oxford University Press. 2009. (p. 144-157).

\_\_\_\_\_, Ana Maria. *Negação metalinguística (lá, cá e agora)*. Actas do XXV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, ed. Ana Maria Brito, Fátima Silva, João Veloso e Alexandra Fiéis. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística. 2010.

\_\_\_\_\_, Ana Maria 2012. *Deictic Locatives, emphasis and metalinguistic negation*. In: GALVES, Charlotte; CYRINO, Sônia; LOPES, Ruth; SANDALO, Filomena e AVELAR, Juanito (editores). **Parameter Theory and Linguistic Change**. Oxford/New York: Oxford University Press. (p. 213-236).

\_\_\_\_\_, Ana Maria 2014. *How much syntax is there in Metalinguistic Negation?*. *Natural Language and Linguistic Theory* 32.2: 635-672. DOI: 10.1007/s11049-013-9221-9.

MARTINS, Marco Antonio; QUAREZEMIN, Sandra; MARCELINO, Nara Juscely M. de C. *Análise Sintática das Sentenças Copulares Complexas com É RUIM QUE no Português Brasileiro*. *Revista da ABRALIN*, v. 14, p. 263-291, 2015.

MATOS, Gabriela. *Aspectos Sintáticos da Negação*. In MATEUS, Maria Helena Mira; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub; BRITO, Ana Maria. **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo/SP: Caminho, 2006.

MEDEIROS, Vanise Gomes de. *Princípios Norteadores da Ocorrência do Subjuntivo em Orações Relativas de SN em Posição de Sujeito*. Rio de Janeiro/RJ: PUC, 1996. 144f. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

MIOTO, Carlos. *Negação Sentencial no Português Brasileiro e Teoria da Gramática*. Tese de Doutorado. UNICAMP. Campinas/SP, 1992. (Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Charlotte Chambelland Galves).

\_\_\_\_\_. *Sobre o sistema CP no Português Brasileiro*. *Revista Letras*, Curitiba, n<sup>o</sup>. 56, p. 97-139, 2001.

\_\_\_\_\_. *Focalização e Quantificação*. *Revista Letras*, Curitiba, n<sup>o</sup> 61, especial, p. 169-189, 2003.

MUNGUBA VIEIRA, Marta Mara. *Alternância no uso dos modos indicativo e subjuntivo em orações subordinadas substantivas: uma comparação entre o português do Brasil e o francês do Canadá*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal/RN, 2007. (Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Maria Angélica Furtado da Cunha). Disponível em: [http://bdtd.ufrn.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1532](http://bdtd.ufrn.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1532).

OUHALLA, J. (2009). *Sentential Negation, Relativised Minimality and The Aspectual Status of Auxiliaries*. *The Linguistic Review*, 7(2), pp. 183-231. Retrieved 5 Nov. 2017, from doi:10.1515/tlir.1990.7.2.183.

PEREIRA, Sílvia. *O Marcador de Negação Metalinguística Àgora nos Dialectos do Português Europeu*. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa. Lisboa/Portugal, 2010. (Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Maria Martins).

PERES, João Andrade. *Negação*. In RAPOSO, Eduardo Bozaglo P; NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar do; MOTA, Maria Antônia Coelho da; SEGURA, Luísa; MENDES, Amália. **Gramática do Português**. Volume I. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa/Portugal, 2013.

PINTO, Clara. *Negação Metalinguística e Estruturas com Nada no Português Europeu*. Dissertação de mestrado. Universidade de Lisboa. Lisboa/Portugal, 2010. (Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Maria Martins).

QUAREZEMIN, Sandra. *Paralelismo das periferias CP/VP/DP na focalização do sujeito*. Revista GELNE, 2012. Disponível em: <http://www.gelne.org.br/Site/arquivostrab/519-artigoSandraQ..pdf>.

\_\_\_\_\_. *Foco e Tópico nas Línguas Naturais*. In.: CRUZ, Ronald Teixeira da. (org.). *A interface da gramática*. Editora CRV, 2012.

\_\_\_\_\_. GUESSER, Simone Lúcia. *Focalização, Cartografia e Sentenças Clivadas do Português Brasileiro*. Revista Linguística: Sintaxe e semântica formais, v. 9, nº 01, junho/2013.

RIZZI, Luigi. *The Functional Structure of the Sentence, and Cartography*. IN: DIKKEN, Marcel den. *The Cambridge Handbook of Generative Syntax*. Cambridge University Press: New York/United States, 2013. (p. 425-457).

\_\_\_\_\_. *The Fine Structure of the Left Periphery*. In HAEGEMAN, Liliane (org.). ***Elements of grammar: Handbook in generative syntax***. Dordrecht, Kluwer Academic Publishers: Países Baixos, 1997, p. 281 - 337.

SANTOS, Ana Lucia. *The Acquisition of Answers to yes/no Questions in Portuguese: Syntactic, Discourse and Pragmatic Factors*. In.: **Journal of Portuguese Linguistics**, 2.1. 2003, p. 61-91.

SEDRINS, Adeilson Pinheiro. *Movimento*. In FERRARI-NETO, José e SILVA, Cláudia Roberta T. (org). **Programa Minimalista em Foco: princípios e debates**. Curitiba/PR: Editora CRV, 2012.

SILVEIRA, Vítor Luiz da. *A emergência de estruturas A-barra no contexto da aquisição do português brasileiro como língua materna*. Dissertação de Mestrado. UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro/RJ, 2011. (Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Maria Damaso Vieira).

STORTO, Luciana R. *Copular Constructions in Karitiana: a case against case movement*. In **University of Massachusetts Occasional Papers 41**. Amherst: GLSA/The University of Massachusetts. 205-226 (2010).

ZANFELIZ, Agnes. *Foco no português brasileiro*. IV Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul – CELSUL. Universidade Federal do Paraná – UFPR. Curitiba - PR, 16 e 17 de novembro de 2000. Anais do evento. (<http://www.celsul.org.br/Encontros/04/artigos/003.htm>).

ZEILJSTRA, Hedde. *Negation and Negative Polarity*. In DIKKEN, Marcel den. **The Cambridge Handbook of Generative Syntax**. Cambridge University Press: New York/United States, 2013. (p. 793-826).



# ANEXOS

01. Letra de música da dupla César Menotti e Fabiano:

***É ruim que doi ficar sem o teu amor***  
(César Menotti e Fabiano)

*O meu coração não para de chorar  
a falta e o vazio que você deixou.  
Seduziu, me conquistou, depois me abandonou.  
**É ruim que doi ficar sem o teu amor.**  
**É ruim que doi ficar sem teu beijo, teu calor.**  
**É ruim que doi sofrer por uma paixão.***

02. Letra de música da cantora Giselle Dell:

***É ruim que cê me pega***  
(Gizely Dell)

*Sábado, na balada,  
eu estava dançando num bar,  
e passou um carinha bombado,  
dando cantada e já me ouviu falar:  
'aff, se acha a última bolacha,  
**é ruim que cê me pega,**  
**ah, é ruim que cê me pega.**  
Cai fora, cai fora  
que eu não vou te dar bola.  
**É ruim que cê me pega.***